



**Ministério da Educação**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS – IGEO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**



**DAIANA DE ANDRADE MATOS**

**A BACIA HIDROGRÁFICA VIVIDA:  
SUJEITOS E EXPERIÊNCIAS NA BACIA DO RIO UNA,  
BAHIA**

**Salvador, BA**  
**Julho 2025**

**DAIANA DE ANDRADE MATOS**

**A BACIA HIDROGRÁFICA VIVIDA:  
SUJEITOS E EXPERIÊNCIAS NA BACIA DO RIO UNA,  
BAHIA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia para Banca, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Geografia.

Orientador: Dr. Marco Antonio Tomasoni

**Salvador, BA  
Julho 2025**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universitária de  
Ciências e Tecnologias Prof. Omar Catunda, SIBI – UFBA.

M433 Matos, Daiana de Andrade

A bacia hidrográfica vivida: sujeitos e experiências na Bacia do Rio  
Una, Bahia / Daiana de Andrade Matos. – Salvador, 2025.

238 f.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Tomasoni

Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Instituto de  
Geociências, 2025.

1. Geociências. 2. Bacia hidrográfica. 3. Bacia vivida. 4.  
Geograficidade. I. Tomasoni, Marco Antonio. II. Universidade Federal  
da Bahia. III. Título.

CDU: 556.51


DAIANA DE ANDRADE MATOS

## **A bacia hidrográfica vivida: Sujeitos e experiências na Bacia do Rio Una, Bahia**

Trabalho final apresentado a Universidade Federal da Bahia, como parte das exigências para a obtenção do título de Doutor em Geografia.


Salvador, 11 de junho de 2025.

### **BANCA EXAMINADORA**

Documento assinado digitalmente  
 **MARCO ANTONIO TOMASONI**  
Data: 11/06/2025 19:43:02-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


---

**Dr. Marco Antonio Tomasoni (Orientador)**  
**Universidade Federal da Bahia (UFBA)**

Documento assinado digitalmente  
 **ANGELO SZANIECKI PERRET SERPA**  
Data: 12/06/2025 13:20:46-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


---

**Dr. Angelo Szaniecki Perret Serpa**  
**Universidade Federal da Bahia (UFBA)**

Documento assinado digitalmente  
 **HAMILTON RIBEIRO DE SOUZA**  
Data: 12/06/2025 15:51:45-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


---

**Dr. Hanilton Ribeiro de Souza**  
**Universidade Estadual de Campinas**

Documento assinado digitalmente  
 **JULIANA MADDALENA TRIFILIO DIAS**  
Data: 12/06/2025 20:11:48-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Dr<sup>a</sup> Juliana Maddalena Trifilio Dias**  
**Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)**

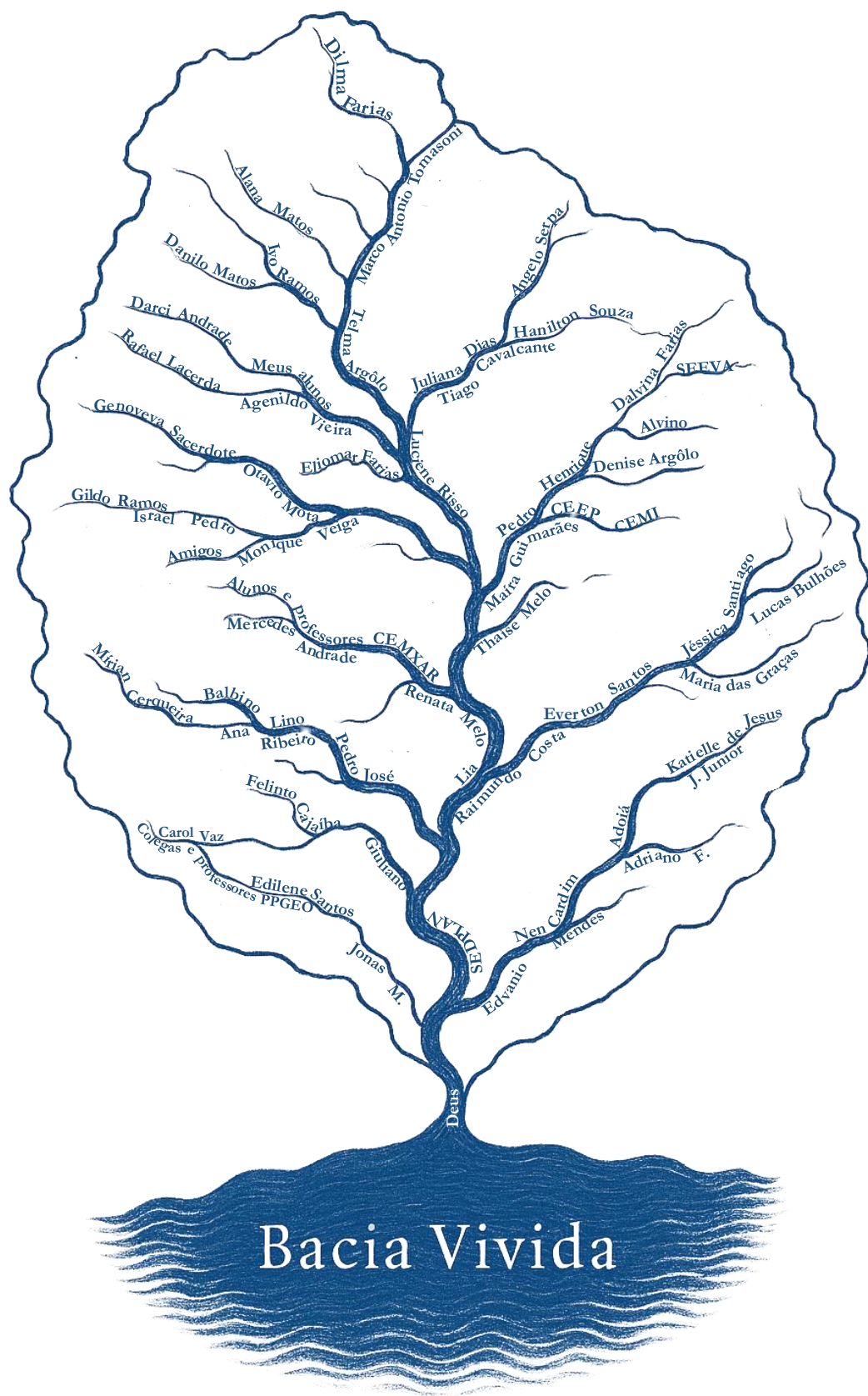
Documento assinado digitalmente  
 **LUCIENE CRISTINA RISSO**  
Data: 13/06/2025 10:30:30-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Dr<sup>a</sup> Luciene Cristina Risso**  
**Universidade Estadual Paulista (UNESP)**



*À Marina, minha sobrinha,  
que chegou enquanto eu meandrava— e me  
deu alegria e coragem para chegar até aqui.*



*A todos que, como rios generosos, doaram suas águas e me permitiram seguir mais forte,  
para que eu pudesse desaguar nesta foz. Meu profundo agradecimento.*

## RESUMO

Esta tese propõe investigar a Bacia do Rio Una, na Bahia, a partir das experiências dos sujeitos que nela habitam, buscando compreender de que maneira essas vivências situadas contribuem para a construção do conceito de bacia viva. Para tanto, desenvolve-se uma metodologia de trabalho de campo voltada a revelar a dimensão experiencial da bacia hidrográfica. A pesquisa, de caráter qualitativo e fundamentada na fenomenologia como método, investiga, descreve e interpreta como a experiência de lugar influencia a construção dessa noção. O percurso metodológico foi organizado em seis etapas articuladas: construção do referencial teórico, levantamento de dados, trabalho de campo, sistematização das informações, escrita e avaliação dos resultados. Em um dos capítulos, o trabalho de campo é apresentado como um encontro entre pesquisadora, sujeitos, lugares e paisagens. A metodologia construída propõe uma escuta atenta, ética e sensível, capaz de apreender a bacia em sua vivência cotidiana. Em outro momento, percorremos a Bacia do Rio Una guiados pelas narrativas dos sujeitos. Nessa travessia, participaram 180 pessoas- entre adultos e crianças-, cujas contribuições evidenciam a geograficidade presente nas formas de nomear o relevo, nas observações meteorológicas, na leitura dos caminhos da água, na organização das lavouras e na memória coletiva sobre os lugares. Esse movimento culmina na elaboração de um glossário da bacia viva: um esforço de tradução que busca evidenciar os modos próprios de explicar o mundo vivido. Ao final, a escuta se volta às crianças. Suas falas, desenhos e gestos revelam formas potentes de compreender o espaço, especialmente os rios, tratados como personagens vivos de suas histórias, e ilustram a força de um saber geográfico que se constrói com o corpo em movimento, com o olhar atento e com a liberdade de imaginar. Em síntese, a bacia hidrográfica viva não se reduz a um recorte físico ou a um elemento isolado da natureza. Ela é um emaranhado de experiências, onde tudo está conectado: rios, ventos, plantas, solos, animais, pessoas, memórias e sentidos. A Bacia Viva ao reunir múltiplas vozes e modos de ver o mundo, pode enriquecer as análises ambientais e fortalecer os processos decisórios. O conhecimento científico, nesse contexto, oferece o amparo e a medida para esse saber vivido, ampliando os modos de ler o mundo. Reconhecer a bacia como viva é reafirmar que o conhecimento geográfico não se limita à técnica ou ao conceito: ele se funda na experiência, no corpo que habita, na escuta do lugar e na capacidade de atribuir sentidos às paisagens.

**Palavras-chave:** bacia hidrográfica; bacia viva; geograficidade; experiência; lugar; paisagem.

## ABSTRACT

This thesis proposes an investigation of the Una River Basin, located in Bahia, through the lived experiences of the people who inhabit it, aiming to understand how these situated experiences contribute to the construction of the concept of a lived basin. To achieve this goal, a fieldwork methodology was developed to reveal the experiential dimension of the hydrographic basin. This is a qualitative research grounded in phenomenology as its methodological approach. It investigates, describes, and interprets how the experience of place influences the construction of the concept in question. The methodological path was organized into six interconnected stages: construction of the theoretical framework, data collection, fieldwork, systematization of information, writing, and evaluation of results. One of the chapters presents fieldwork as an encounter between the researcher, subjects, places, and landscapes. The proposed methodology emphasizes attentive, ethical, and sensitive listening, enabling an understanding of the basin through its everyday lived experiences. In another chapter, we traverse the Una River Basin guided by the narratives of its inhabitants. This journey involved the participation of 180 people — both adults and children — whose contributions reveal the presence of geographicity in the naming of landforms, meteorological observations, the reading of water pathways, the organization of crops, and the collective memory of places. This process culminated in the development of a glossary of the lived basin — a translational effort to highlight the unique ways of explaining the lived world. In the final section, the focus shifts to children. Their words, drawings, and gestures reveal powerful ways of understanding space, especially rivers, which are portrayed as living characters in their stories. These expressions illustrate the strength of a geographic knowledge constructed through movement, attentive observation, and the freedom to imagine. In summary, the lived hydrographic basin is not limited to a physical delineation or an isolated element of nature. It is a web of experiences where everything is connected: rivers, winds, plants, soils, animals, people, memories, and meanings. The Lived Basin, by gathering multiple voices and worldviews, can enrich environmental analyses and strengthen decision-making processes. In this context, scientific knowledge can offer both support and scale to this lived wisdom, broadening the ways in which we read and interpret the world. Recognizing the basin as lived reaffirms that geographic knowledge is not confined to technique or concept: it is rooted in experience, in the body that inhabits, in the attentive listening to place, and in the ability to assign meaning to landscapes.

**Keywords:** watershed; lived basin; geographicity; experience; place; landscape.

*Minha mãe achava estudo a coisa mais fina do mundo. Não é.  
A coisa mais fina do mundo é o sentimento.  
Aquele dia de noite, o pai fazendo serão,  
ela falou comigo:  
“Coitado, até essa hora no serviço pesado”.  
Arrumou pão e café, deixou tacho no fogo com água quente.  
Não me falou em amor.  
Essa palavra de luxo.*

*PRADO, Adélia. Bagagem. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986, p. 124.*

*“[...] O dia que eu vi esse acontecimento, **eu aprendi** mais sobre o amor, do que todo curso, todo livro, toda doutrina sobre o amor, porque foi, exatamente, **a partir de uma experiência.**”*

*PRADO, Adélia. XIX Encontro comunitário de saúde mental-  
“Experiências eternas”, 19, novembro, 2016. Grifos meus.*

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Localização da Bacia Hidrográfica do Rio Una .....	28
Figura 2- Ilustração aquarelada: Reflexos nas águas do Rio Una .....	62
Figura 3- Citação-foto: Sítio Capixaba, Laje, Bahia .....	72
Figura 4- Citação-foto: Gildo Ramos explicando as características do relevo no Sítio Capixaba .....	73
Figura 5- Citação-foto: Deputado Federal Raimundo Costa em canoa ancorada no Rio Una .....	74
Figura 6- Citação- foto: Pedro José em sua Fazenda na Região da Pedra, Pres. Tancredo Neves .....	75
Figura 7- Citação-foto: Balbino Lino tocando pandeiro na Praça da Feira, Pres. Tancredo Neves, Bahia .....	76
Figura 8- Mosaico com fotografias de alguns dos entrevistados durante a pesquisa .....	82
Figura 9 - Mosaico de imagens registrando as atividades realizadas com os estudantes ao longo da pesquisa.....	83
Figura 10- Citação-foto: Região rural de Presidente Tancredo Neves, Bahia .....	84
Figura 11- Ilustração aquarelada: As formas do campo.....	87
Figura 12- Citação-foto: Viagem de Alexander von Humboldt ao Chimborazo, Equador, 1802 .....	88
Figura 13- Modelo Digital do Terreno e Perfil topográfico da Bacia Hidrográfica do Rio Una, Bahia .....	90
Figura 14- Citação-foto: Vista do entorno paisagístico de Presidente Tancredo Neves, Bahia .....	91
Figura 15- Citação-foto: Fotografia da entrevistada e vista da comunidade de Tesoura 01, localizada em Presidente Tancredo Neves, Bahia.....	92
Figura 16- Desenho em nanquim retratando o horizonte visto da casa do artista .....	94
Figura 17- Declividade da Bacia do Rio Una, Bahia.....	96
Figura 18- Citação-foto: Relato de Everton Santos e imagem de Jonas Mascarello Trabalhando em relevo tabular no município de Pres. Tancredo Neves .....	97
Figura 19- Relevo do alto curso da Bacia do Rio Una, caracterizado por elevados índices de declividade.....	99
Figura 20- Entorno paisagístico da cidade de Presidente Tancredo Neves .....	99
Figura 21- Citação-foto: Felinto Dias Neto na Comunidade Quilombola do Alto Alegre .....	101
Figura 22- Outras linguagens para explicar a bacia hidrográfica.....	102
Figura 23- Ilustração aquarelada: Céu aquarelado .....	104
Figura 24- Dona Adoiá em seu Terreiro, no município de Presidente Tancredo Neves, Bahia .....	105
Figura 25- Citação-foto: Assentamento do tempo no Terreiro Ilê Axé .....	106
Figura 26- Citação-foto: A constância da presença da água .....	108
Figura 27- Florada de espécies variadas .....	110
Figura 28- Citação foto: Colheita do inhame .....	111
Figura 29- Citação-foto: Cachoeira na Região da Tesoura 01, Presidente Tancredo Neves .....	115
Figura 30- Citação-foto: Consequências das fortes chuvas na Bacia do Rio Una, 2016 ....	116
Figura 31- Trecho da rede de drenagem da Bacia do Rio Una e áreas adjacentes em escala detalhada.....	119
Figura 32- Poço artesiano em meio a lavoura de cacau na Rua Maria Rosa, Presidente Tancredo Neves, Bahia.....	121
Figura 33- Furna da fazenda da Pedra .....	122

Figura 34- Nascentes da Bacia do Rio Una localizadas no município de Presidente Tancredo Neves .....	123
Figura 35- Elenita Santos bebendo água no Chafariz da cidade.....	124
Figura 36- Vários ângulos da Cachoeira Alta – Presidente Tancredo Neves/Mutuípe .....	127
Figura 37- Hidrografia da Bacia do Rio Una.....	129
Figura 38- Citação-foto: Maria Sousa em sua propriedade .....	130
Figura 39- Ilustração aquarelada: movimento das águas .....	132
Figura 40- Encontro das águas com o homem .....	134
Figura 41- O homem e o Rio. Orla da cidade de Valença .....	137
Figura 42- Citação-foto: Dona Maria das Graças mariscando no mangue .....	138
Figura 43- Citação-foto: Raimundo Costa pescando em embarcação da sua família.....	139
Figura 44- Raimundo Costa segurando um peixe .....	140
Figura 45- Citação-foto: Nen Cardim recebendo premiação no Museu de Arte da Bahia ...	141
Figura 46- Escultura utilizando restos de embarcações do Rio Una .....	142
Figura 47- Obra Asa 1.....	142
Figura 48 - Obra Asa 2.....	143
Figura 49- De Valença ao mar, o Rio Una segue seu caminho fluido e contínuo.....	145
Figura 50- O peixe que vem de fora (do mar) até chegar à mesa. ....	146
Figura 51- Citação-foto: Nos Altares de Dona Adoiá: A Água como Elemento Sagrado ....	147
Figura 52- Citação-foto: Dona Adoiá e os Ritos de Candomblé à Beira-Mar .....	148
Figura 53- Orla da cidade de Valença.....	150
Figura 54- Fachada adornada com plantas.....	152
Figura 55- Ilustração aquarelada: Flores do campo ( <i>Viguiera</i> ).....	153
Figura 56- Visão interna da vegetação da Mata Atlântica, densidade e diversidade. ....	154
Figura 57-Fragmentos de Remanescente de Floresta Atlântica .....	155
Figura 58- Ilustração aquarelada: Sabiá-laranjeira ( <i>Turdus rufiventris</i> ) .....	159
Figura 59- Piau (espécie do gênero <i>Leporinus</i> , da família Anostomidae).....	160
Figura 60- Plantas, animais e gente.....	161
Figura 61- Sabores da Bacia .....	162
Figura 62- Ilustração aquarelada: Frutas da Bacia e do mundo à mesa: banana, limão e maçã.....	164
Figura 63- Ocupação e uso das terras da Bacia Hidrográfica do Rio Una.....	166
Figura 64- Ilustração aquarelada: Casa no campo.....	167
Figura 65- Diversidades de frutos da Bacia .....	168
Figura 66- Classes de solos da Bacia do Rio Una .....	171
Figura 67-Mecanização da agricultura na Bacia do Rio Una.....	172
Figura 68-Ilustração aquarelada: Cacau. ....	173
Figura 69- Zambiapunga Valença e Maricoabo.....	177
Figura 70- Festa e lavagem do Amparo- Valença- BA.....	177
Figura 71- Abertura de Barragens na Bacia do Rio Una .....	178
Figura 72- Alunos e professora do SEEVA, Valença. ....	193
Figura 73- Alunos e professora do CEMI .....	193
Figura 74- Citação-foto: O rio que conheço .....	196
Figura 75- Os rios que conhecemos- alunos do SEEVA .....	197
Figura 76- Os rios que conhecemos- alunos do CEMI .....	197
Figura 77- O rio que conheço- Rainara, CEMI .....	198
Figura 78- O rio que conheço- Samuel, CEMI.....	199
Figura 79- O rio que conheço- Julia, SEEVA.....	199
Figura 80- O rio que conheço- Rodrigo, CEMI .....	200

Figura 81- O rio que conheço- Samuel, SEEVA.....	201
Figura 82- O rio que conheço- Uemerson, SEEVA.....	202
Figura 83-Caminhada com alunos do SEEVA em torno do Rio do Braço, Valença .....	204
Figura 84- Meu Rio do Braço- Davi, SEEVA .....	205
Figura 85- Capivara as margens do Rio do Braço e Davi brincando com o/no rio.....	206
Figura 86- Ilustração aquarelada: a paisagem espelhada. ....	221



## LISTA DE SIGLAS

ANA – Agência Nacional de Águas  
BHRU – Bacia Hidrográfica do Rio Una  
CEEPS – Centro de Educação Profissional em Saúde do Leste Baiano  
CEMAN – Colégio Municipal Aécio Neves  
CEMI – Centro de Ensino Mundo Infantil  
CEMXAR – Colégio Estadual Maria Xavier De Andrade Reis  
CEPLAC – Comissão Permanente para a Lavoura Cacaueira  
CONAMA – Conselho Nacional de Meio Ambiente.  
CONDER– Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia  
CONERH – Conselho Estadual de Recursos Hídricos  
DERBA – Departamento de Infraestrutura de Transportes da Bahia  
DNOCS – Departamento Nacional de Obras Contra a Seca  
EMBASA – Empresa Baiana de Águas e Saneamento S.A.  
EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária  
GPS – Global Position System  
IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
INEMA – Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos  
INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira  
INMET – Instituto Nacional de Meteorologia  
INPE – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais  
MDS – Modelo digital de superfície  
MMA – Ministério do Meio Ambiente  
NASA – National Aeronautics and Space Administration  
PANCS – Plantas Não Convencionais Alimentícias  
PERH – Plano Estadual de Recursos Hídricos  
RPGA – Região de Planejamento e Gestão das Águas  
SEEVA – Escola M. José Farias Campos, Subsistema Ed. Entroncamento de Valença  
SEI-BA – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia  
SEMA – Secretaria de Meio Ambiente  
SIG – Sistema de Informação Geográfica  
SNRH – Sistema Nacional de Recursos Hídricos  
SUDENE – Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste  
UE – Unidade Escolar  
UFBA – Universidade Federal da Bahia

## SUMÁRIO

<b>CRÔNICA DE UMA BACIA ANUNCIADA</b>	14
<b>1 O QUE É UMA BACIA HIDROGRÁFICA?</b>	23
1.1 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA	30
1.2 CAMINHOS PARA O MÉTODO	34
<b>2 TRABALHO DE CAMPO COMO ENCONTRO</b>	39
2.1 COM QUEM ENCONTRAMOS: SUJEITOS DE PESQUISA	43
2.2 COMO NOS COMUNICAMOS: LINGUAGENS UTILIZADAS	44
2.2.1 Entrevistas não estruturadas	48
2.2.2 Entrevistas em movimento: A Experiência da paisagem na Construção do Conhecimento	50
2.2.3 Entrevistas semiestruturadas	53
2.2.4 Grupos Focais	54
2.3 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA: LEGISLAÇÃO, TRANSCRIÇÃO, CITAÇÃO E ILUSTRAÇÃO	55
2.3.1 Transcrição e interpretação	57
2.3.2 Citação-foto	59
2.3.4 Ilustração aquarelada	61
2.4 SÉRIE INFINITA DA BACIA DO RIO UNA	64
2.4.1 Entrevistas com público geral	66
2.4.2 Experiências com estudantes	69
<b>3 A BACIA HIDROGRÁFICA VIVIDA</b>	72
3.1 DA EXPERIÊNCIA TELÚRICA A BACIA HIDROGRÁFICA	80
3.2 O CHÃO SOB NOSSOS PÉS	84
3.3 O TEMPO ATMOSFÉRICO E O TEMPO DA EXPERIÊNCIA	103
3.4 A PERCEPÇÃO VIVIDA DAS ÁGUAS	118
3.5 PLANTAS, ANIMAIS E GENTES	152
3.6 VIVER, CUIDAR E COMPARTILHAR A TERRA	167
3.7 GLOSSÁRIO DA BACIA VIVIDA	184
3.8 AS CRIANÇAS E OS RIOS	192
<b>4 A BACIA, POR FIM, VIVIDA</b>	213
<b>REFERÊNCIAS</b>	222

## CRÔNICA DE UMA BACIA ANUNCIADA

Inspirada em *Crônica de uma Morte Anunciada*, de Gabriel García Márquez (1981), apresento a Bacia do Rio Una, conjunto de lugares de águas que desenham histórias e memórias. Como na obra de Márquez, esta narrativa se constrói sob o signo de um presságio: a Bacia, suas paisagens e seus habitantes sussurram um futuro incerto, à medida que os vínculos entre o homem e a terra se fragilizam. Há algo que se anuncia — não como sentença, mas como chamado. Mas, ao contrário do destino selado no romance, minha intenção é escutar o rio, à terra e aos que dela/nela vivem, para que suas histórias não se percam.



O sol começa a surgir no horizonte e inicio a caminhada. Passos largos, médios, curtos... quem define o ritmo é o fôlego e o relevo. A cada passo, o silêncio do lugar evidencia a respiração, o ruído dos pensamentos e o atrito dos pés no chão. Uma vegetação densa envolve-me. Não há um caminho traçado, não é possível avistar muito adiante. Gramíneas, arbustos, árvores altas, copas entrelaçadas, folhas, flores e frutos de tamanhos e formas variadas. Um aroma de mata, de infância, que me agrada. A iluminação realça os contornos da vegetação, sombreando meu rosto em forma de renda. Por entre as frestas de luz, partículas em suspensão se tornam visíveis. A temperatura amena, o canto de pássaros e os sons de bichos da mata completam a atmosfera desse instante.

O chão está coberto de folhas, algumas secas, outras esverdeadas. Olho para cima, o vento balança as copas e uma chuva de folhas pequenas desce lentamente em direção ao solo, enquanto os raios de sol que penetram na mata tornam as folhinhas secas brilhantes. Capturo o momento e tento amparar algumas folhas, como se pudesse guardar o que vi. No entanto, é preciso prosseguir.

Mais adiante, ouço um som de água. Eu caminho em direção a ele e, gradualmente, o som se intensifica, revelando um olho d'água que forma uma pequena lagoa e escorre em forma de córrego. Sobre ele, galhos, troncos retorcidos e cipós. Embora a mata fechada projete uma atmosfera sombria, a transparência da água que flui me conforta. Ela revela o que transporta ou com o que entra em atrito: folhas secas, pedaços de madeira, fragmentos de rochas escuras, claras, pequenas, pontiagudas e algumas arredondadas.

Enquanto observava o riacho, na outra margem, percebo um som diferente, um ruído que sugere que algo está se aproximando. Passos, estalidos de folhas, galhos que se rompem. Surpresa, localizo um animal coberto de pelos, com o rosto e as patas claras; um animal grande, ereto e verticalmente posicionado sobre um tronco. Ele também estava assustado e olhava fixamente para mim. Espanto, medo e um sentimento de encantamento me paralisam; permanecemos ali, eu e ele, por alguns segundos intermináveis, até que ele foge mata adentro.

A jornada ainda está no início. O pequeno córrego me convida a seguir com ele. Em meio a mata, em todo percurso, a água rompe a terra, levantando as folhas e escorrendo pelas vertentes e alimentando o pequeno córrego que vai ganhando força. Subo e desço morros tentando acompanhar as águas. Avisto uma área descoberta de onde posso contemplar o horizonte e tentar ver para onde o córrego quer me levar.

Daqui de cima, vejo um mar de morros, onde as ondas são mais altas onde estou e atrás de mim, enquanto diminuem à medida que se afastam no horizonte. Entre esses morros, visualizo povoados, comunidades, pequenas casas isoladas e plantações, todos equilibram-se em superfícies íngremes. E lá ao longe, enxergo a cidade de onde parti. Percebo que o caminho do rio me levará em direção ao povoado mais próximo. A mata densa gradativamente se dilui em pequenas plantações de cravo, cacau, guaraná, banana, mandioca e outros cultivos.

Prossigo em direção à propriedade de um amigo, deparo-me com homens e mulheres debaixo de pés de cacau, ao redor de montes das frutas recém-colhidas. Uma faca bem apoiada na mão de Seu Valdo é rápida em cortar os frutos, um som indica a ruptura da casca. Com sua outra mão, ele retira ligeiramente os caroços da casca e os deposita em um cesto de cipó. Os gestos são incessantes e repetitivos. Entre os cortes e separação das amêndoas, cantigas, conversas e risadas. Junto-me

a eles. Rapidamente, os montes de frutas desaparecem, reduzidos a amêndoas e cascas.

Colho um cacau clonado vermelho-amarelado. A textura ondulada da fruta a faz repousar suavemente em minha mão. Com um golpe firme em uma raiz próxima, abro o fruto com uma divisão irregular. A polpa, de cor branca opaca, revela-se divisível, enquanto os caroços se equilibram em uma espécie de coluna flexível que os sustenta. A primeira mordida traz à boca um misto de acidez e doçura, evocando memórias da vida inteira. A polpa derrete e restam apenas as amêndoas, abro-as com os dentes, e o que antes era branco, transforma-se em um lilás-amarronzado ligeiramente amargo.

À beira das casas, vislumbro algumas árvores frutíferas, galinhas, jumentos e poços que fornecem água para as casas, além de barcaças aquecidas a lenha, onde as amêndoas de cacau são fermentadas e depois secas. Ali também o guaraná, cravo-da-índia, castanha de caju, a pimenta do reino e café são secos. Despeço-me e continuo minha jornada margeando o riacho.

Daqui de cima, avisto outro riachinho que desce o morro rapidamente para se encontrar com este e seguirem viagem juntos. O barulho que ele faz é como se gritasse: "Me espera! Não vá sem mim!". As águas são assim: vão fazendo amizades até se transformarem em outra coisa. À medida que as águas se encontram, misturam suas cores e características – que contam as histórias dos muitos lugares por onde passaram.

O sol queima minha pele e ilumina a estrada enladeirada, avermelhada e pedregosa. As rochas são pesadas. À medida que me afasto de onde parti, a respiração fica mais confortável, as irregularidades do terreno suavizam.

Chego à casa do Senhor Grande Val e, em seu entorno, uma área coberta de gramíneas, repleta de árvores em suas bordas que me conduzem à beira do riacho que agora está mais cheio. As águas são assim: possuem a vocação de ser-com, pois sabem que acompanhadas o caminho é mais prazeroso e que as barreiras podem ser superadas com mais facilidade. É assim que as nascentes, córregos convergem para formar um riacho. Esse, ao atingir tal estágio, passa a merecer um nome próprio. Portanto, a partir deste ponto, ele é conhecido como Riacho de Grande Val, em referência ao dono da propriedade que presencia, continuamente, tal união das águas.

Numa espécie de balé, as águas encontram seu destino traçado pela natureza. As chuvas dançam e desaguam sobre as inclinações das superfícies, enquanto a vegetação, densa ou dispersa, tece um tapete verde para os seus passos. Os solos, porosos, argilosos ou pedregosos, compõem a partitura onde cada gota encontra seu ritmo. Assim, em uma sinfonia fluida, a natureza orchestra o encontro das águas, permitindo que sejam absorvidas e conduzidas em harmonia para os seus destinos morfológicamente predeterminados, porém mutáveis. Foi assim que o córrego se tornou Riacho de Grande Val.

Do lado oposto de onde me encontro, vislumbro uma densa mata que acompanha as margens do riacho. Barragens erguidas no leito do Riacho interrompem o curso das águas, formando represas em pontos estratégicos. A água represada é então direcionada por dutos, canais e mangueiras para dentro da floresta, descendo o morro para abastecer a cidade de Presidente Tancredo Neves.

Logo após a represa, onde as águas oscilam entre tons escuros e amarelados, refletindo os arredores como um espelho, uma pequena cachoeira se forma. Entro no Riacho e me posiciono em meio à queda. Uma cortina branca e borbulhante cai sobre mim, gelada e refrescante. Um cheiro de rio toma conta, o sabor de água ferruginosa misturada com folhas. Não existem limites entre meu corpo e o rio, somos um. Me refresco e me hidrato para seguir viagem.

Após a queda d'água, o terreno plano, que parecia contínuo, falha bruscamente. Dali, vislumbro um vale profundo e uma paisagem revelada logo abaixo. Olho para trás e avisto lá no alto o lugar de onde parti. Olho para a frente e observo que as silhuetas onduladas gradualmente perdem sua imponência e se aplainam, até onde a vista alcança.

Com a ajuda de cordas, desço pela lateral da cachoeira. O caminho é perigoso, mas as águas se lançam, sem medo, no abismo. Rochas de vários tamanhos, algumas enormes e firmes, outras rolando com a velocidade da água, compõem a paisagem. Após essa descida, a paisagem se transforma; daqui de baixo percebo que os morros se tornam mais arredondados, suas curvas mais suaves. Entre um ponto e outro, o Morro do Ipiranga aparece. Esse é composto por fragmentos enormes de rochas, circundados por fragmentos menores, vestígios de épocas passadas, distintas das nossas. Esta é a paisagem que se descortina diante de minha janela, sob um ângulo diferente.

Para o riacho a experiência de lançar-se no abismo é transformadora, de modo que passa a ser chamado de Ipiranga. Contudo, nós que conhecemos suas origens sabemos que é o mesmo Riacho que, a poucos quilômetros atrás, nomeávamos e atribuíamos posse ao senhor Grande Val. No entanto, talvez caiba justificar que ele se modificou, não apenas pela coragem de saltar 80 metros, mas também pelo fato de inúmeros córregos, vindos de outras direções, se juntarem a ele.

Enquanto segue seu curso, o Riacho do Ipiranga encontra muitos outros riachos que surgem das estradas, da mata, dos anfiteatros e, aos poucos, os convida a se unirem com um objetivo maior: deixar de ser riachos e tornar-se um rio. Essas águas vêm de regiões distantes e até de um município vizinho, Teolândia. A ele somam-se rios e riachos importantes, como o Riacho da Batateira, o Rio de Valdo, o Riachão do Meio, o Rio do Rolo, o Esplanada e o Caranguejo, além de outros córregos que alimentam e fortalecem esse conjunto de águas. Com isso, torna-se expressivamente maior, muda de cor e de comportamento.

O Riacho do Ipiranga, ao ter suas águas represadas — histórias que agora carrega consigo —, desacelera entre os morros, já não corre com a mesma impetuosidade de sua juventude. À medida que perde velocidade, suas margens se alargam, formando várzeas. Assim, o riacho já não se reconhece como tal e se transforma em rio. A abundância de peixes piau, que outrora povoavam suas águas, dá origem ao seu novo nome: Rio Piau. Um rio é, portanto, a soma de inúmeros encontros, pequenos e grandiosos, que modificam sua essência ao longo do caminho.

Às margens do Rio Piau, outra paisagem se dispõe: flores de jasmim, pastagens e cultivos permanentes e temporários. A agricultura se apresenta de maneira variada, desde métodos rudimentares até o uso de maquinários pesados e pivôs de irrigação. Sacos plásticos recobrem as frutas, ocultando-as sob o pretexto de protegê-las das pragas, que se multiplicam devido aos monocultivos e à supressão da vegetação nativa.

Tudo ecoa ao longo do Rio que prossegue. Sua essência profunda, sua habilidade e sua conduta, frente aos ventos adversos, sofrem transformações marcantes. As margens, ora adornadas por plantas errantes, ora desnudas. Ele se torna cada vez mais raso, mais tépido, suas águas outrora carregando seixos e desfazendo as folhas da mata, agora dissolvem mistérios indescritíveis. Em tempos de tormenta, ele se desequilibra, arrastando consigo tudo em seu caminho. O

descontrole é tal que invade terras não suas. Como resultado, suas águas já não conseguem sustentar a vida que outrora florescia, e os habitantes que o batizaram desaparecem de algumas margens, rareando-se.

Embora triste com a constatação, continuo a caminhada. Estou no meio da travessia. O sol atinge o zênite, iluminando meus cabelos; o calor permeia a paisagem. Próximo a um povoado, paro em uma casa de farinha, onde encontro Deni, Seu Neto, Seu Nino, Dona Terezinha e muitas outras pessoas compartilhando a casa e repartindo o trabalho. Cumprimento-os e adentro a casa. À minha esquerda, um grupo de mulheres descasca mandiocas, enquanto à direita, homens as ralam, prensam e dividem a massa em um líquido amarelado e azedo, que flui para um cocho. Lentamente, a goma se deposita no fundo do cocho, enquanto o líquido escorre pelas valas em direção aos campos. As pessoas manipulam a massa prensada e o cheiro forte me embriaga.

Em uma chapa quente de metal, a massa é torrada. A fina poeira em suspensão cobre tudo, pele, cabelos, superfícies... Inspiro tudo aquilo, sinto a goma e os grãos à medida que passo minhas mãos pela minha pele. A massa crua é torrada no arguidá, movimentada a todo tempo com uma espécie de rodo. Os grãos dançam sobre a chapa quente até que a farinha fique pronta.

Já passa de meio-dia e, ainda na casa, utilizando água fria e a farinha recentemente torrada, faz-se uma farofa de água. Jabá, aipim e banana-da-terra assam na brasa. A refeição é compartilhada com todos. Ali ao lado da casa de farinha, colhe-se uma pimenta malagueta e limão rosa, ingredientes que temperam a comida. Dou uma garfada generosa. Na boca, diferentes texturas, umidades, acidez, picância, salgado e doçura se entrelaçam em uma festa de sabores. A comida me transporta para a infância que vivi naquele lugar. Saciada, passo para outra chapa onde mulheres preparam beijus recheados com coco, enquanto outras colocam mandioca fermentada em folhas de banana. A casa de farinha é uma fusão de pessoas e corpos em movimento constante.

Me despeço e prossigo na jornada. O ar torna-se pesado, minha respiração fica ofegante e o céu escurece enquanto o perfume das flores de café anuncia a proximidade da chuva. Repentinamente, a chuva desaba intensamente sobre mim, árvores e riachos. Debaixo de uma árvore, espero a chuva passar, observando. A água escorre pelas vertentes e estradas, carregando folhas, partículas e alguns fragmentos



de rochas, fluindo até o ponto mais baixo do terreno e unindo-se ao Piau. A chuva vai se aquietando e eu retomo minha jornada.

O caminho, mais plano e menos extenuante, segue seu curso. Por ora, deixo o Piau e aceito o convite de outro Rio conhecido para seguir viagem. O Piau ainda passeará por outros lugares; em breve, nos reencontraremos.

Esse rio, assim como o Piau, já foi nascente, córrego, riacho e recebeu diversos nomes ao longo de sua trajetória por Presidente Tancredo Neves e Mutuípe: Cachoeira Alta, Três Saltos, Gervásio, Riachão, Lava Siri — nomes que indicam suas localidades, “donos”, feições e atitudes. Mais adiante, instalaram uma roda d’água diante de uma bela cachoeira para gerar energia, e o lugar-rio passou a ser conhecido como Roda D’Água. Com o tempo, o rio recebeu outros nomes, mas ainda continua sendo o mesmo. Assim se constroem as toponímias dos rios: no encontro das pessoas com a paisagem.

O sol reaparece, agora no horizonte. Nesses lugares pelos quais passo, os povoados ganham vida, a criação de gado é evidente, e muitas pessoas trabalham na lavoura. De repente, um corte na paisagem e no Rio: uma estrada movimentada, a BR-101, veículos de todas as formas e placas que indicam suas origens. Os sons dos carros se mesclam aos cantos de pássaros, aos sons dos riachos e ao movimentar das copas das árvores. Uma ponte leva os viajantes por cima do Rio que agora recebe o nome de Braço. Assim como tantos córregos, uno-me a Ele. Eu caminho com o Rio.

Carros carregados de frutas, polpas de frutas, goma, farinha, e outros produtos da região (cravo, cacau, guaraná, açaí...) seguem seu curso. O Rio passa por baixo da ponte em forma de "Braço". Sigo-o, como a estrada que se divide para margeá-lo, BA-542. O caminho é bastante sinuoso, mas vai se tornando mais suave. No meio do Rio, formam-se ilhas que as pessoas aproveitam para o lazer. Os cultivos mudam: pés de café, dendê e outras variedades preenchem essas localidades.

Em uma casa, próximo a um fogão de lenha, as pessoas colhem os cocos do dendê e fazem um processo trabalhoso e artesanal para extrair o azeite no pilão de madeira. Aos poucos, garrafas transparentes são preenchidas por um líquido alaranjado que se divide em duas partes dentro dos recipientes. O azeite colore as moquecas, a farinha, o feijão e tudo que a criatividade e o paladar permitir.

Mais à frente, um reencontro: Rio Piau reaparece, quase não o reconheço. Gentilmente Ele segura o Braço e juntos seguem conversando, compartilhando as

histórias dos trajetos que cada um percorreu até ali, meandram para alongar a viagem, aos poucos o Rio do Braço vai desaparecendo.

O Piau, ao receber as águas do Rio do Braço, fica maior e cede suas águas para o abastecimento da cidade de Valença. Antes de entrar na cidade, eles, ou melhor, Ele, o Piau, se encontra com o Una Mirim. Um outro amigo que veio drenando uma porção do município de Laje e região rural de Valença. Apesar de suas origens serem distintas, sua história é igual a de todos os rios: são uma soma de pequenos e médios córregos que emprestam suas águas, perdem seus nomes, com o objetivo de chegarem mais adiante.

Na trama dos rios, é preciso tecer um esquecimento sutil, onde os nomes dos riachos menores se dissolvem nos abraços dos rios mais imponentes. Em uma escala pequena, somos compelidos a hierarquizar suas histórias para que seja possível compreender uma dinâmica maior. No entanto, ao traçarmos essa jornada, arriscamos nos a relegar ao esquecimento a importância de cada nascente e riacho, que generosamente contribuem não só com suas águas, mas também com a perda de seu próprio nome. Assim, numa dança de entrega e renovação, eles se esvaem para que outros possam seguir ou surgir.

Chegamos a um ponto de certa melancolia da travessia: o encontro do Piau com o Una Mirim. Permita-me explicar: nem todos os encontros são marcados pela alegria, porém, todos eles provocam alguma mudança. Aqui, ao testemunhar o enlace de dois grandes Rios, observo que ambos desaparecem. Não é fácil observar o fim de alguém tão familiar, alguém que vi nascer, crescer e, de repente, desaparecer... Observo-os tentando identificar algumas de suas características e não os reconheço em suas essências. Por assim ser, eles abdicam de seus nomes para dar lugar às suas novas narrativas, tornando-se um só, um rio chamado Una. Um nome que parece dar conta das inúmeras junções que se sobrepõem desde a nascente mais longínqua.

Agora, o imponente Rio Una se endireita para adentrar a cidade de Valença. É impossível não notá-lo. Na ânsia por uma nova perspectiva, me deparo com um morro e subo-o em busca de uma vista ampla do Rio. Na ladeira, um movimento intenso de pessoas daquele lugar, de cidades vizinhas e até mesmo de países distantes, que sobem e descem o morro. Barracas vendem alimentos, roupas, lembranças, flores... Fragrâncias se espalham pelo ar. Um parque de diversões temporário proporciona entretenimento constante. Os Zambiapungas pintam a paisagem com cores vibrantes,

destacando-se no meio da multidão. Músicas mundanas ressoam e convidam as pessoas para dançar.

Dirijo-me a uma igreja antiga, azul e branca, no topo do morro, a Igreja de Nossa Senhora do Amparo. Transito do profano para o sagrado. Mesmo não sendo uma pessoa religiosa, sou envolvida pela atmosfera festiva ao ouvir os cânticos e as palavras pronunciadas durante a cerimônia. No pátio da igreja, que também funciona como mirante, testemunho um ritual. Flores adornam uma mulher em destaque. As mesmas pessoas que estavam no parque participam da missa.

Apoio-me na balaustrada do mirante e contemplo a cidade lá embaixo, em um ângulo de 180°. Edifícios antigos mesclam-se com construções modernas, formando uma trama urbana que acompanha o Una, como se estivesse seguindo seu curso. Às margens do rio não há vegetação, apenas uma cobertura escura, através da qual uma agitação constante de pessoas, bicicletas, motos e carros flui. Daqui percebo que o volume de água do Rio agora é impressionante; não se assemelha em nada com a nascente observada no amanhecer do dia.

Descendo o morro, chego à margem do rio. A visão é diversa: comércios, barracas de frutas e um fluxo incessante de pessoas, barcos e água. Às vezes, o rio parece se encolher, revelando o que os seres humanos deixaram em suas margens. Em outras ocasiões, ele cresce ainda mais, ondas se formam e os barcos se movimentam.

Entro em um barco para navegar até onde o Una vai, queria saber a sua história até o seu fim. Fui atenta em busca do ponto final, mas não encontro nenhum limite à vista. Não consigo mais distinguir onde termina e onde começa. Nessa perspectiva, o Rio parece não ter fim, e na verdade, seu começo também é incerto. A bacia, seus habitantes, a fauna, a flora e os cultivos formam uma grande cena contínua e agitada, que se interconecta e se alimenta de outras fontes e dinâmicas.

Assim, nós, como presenças imediatas no mundo, um mundo único, nos representamos, como uma única luz que somos, vivenciando a Bacia sem dividi-la. O sol agora se põe, e tons de azul, amarelo e vermelho formam um degradê no céu. Daqui, no meio do rio-mar, vislumbro a paisagem como uma unidade indissolúvel, uma paisagem Una.

## 1 O QUE É UMA BACIA HIDROGRÁFICA?

Em qualquer trabalho que se pretenda discutir a temática de bacias hidrográficas, mostra-se pertinente analisar uma primeira questão: o que é uma bacia hidrográfica? Obviamente, poderia respondê-la de forma direta, por meio de uma citação que traduzisse a compreensão de bacia. No entanto definir ou conceituar algo não é uma tarefa tão simples e a solução para o problema proposto não consiste em reunir meia dúzia de referências sobre o tema. Por conta dessa problemática, parto do pressuposto de que há muitas formas de compreender um mesmo fenômeno. No caso da bacia hidrográfica, a depender do viés adotado e da finalidade do estudo, as conceituações podem variar.

A título de primeiro exemplo, pelo prisma dos estudos hidrológicos, a bacia hidrográfica seria uma área drenada por um rio ou por um sistema fluvial (Tucci, 1997). Já para os estudos geomorfológicos, o conceito de bacia estaria relacionado com a ideia de um conjunto de terras topograficamente drenadas por um curso d'água (Guerra; Guerra, 1997; Christofolletti, 1980), ou seja, uma área que possui um limite geográfico nítido, marcado pelo relevo.

Para os legisladores, a bacia hidrográfica é uma unidade territorial para implementação da Política Nacional de Recursos Hídricos e atuação do Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos, pois a gestão dos recursos hídricos tem como base de atuação a bacia hidrográfica, porquanto representa uma dimensão espacial de “produção” de água (Lei nº 9433/97).

Para o geógrafo, “uma bacia hidrográfica é muito mais do que um mero conceito morfológico, ela é um produto de uma simbiose histórica: um conjunto complexo de transformações em múltiplas escalas” (Tomasoni, 2008, p. 85).

Dessa forma, ao analisar as referências acima, percebe-se que cada área de estudo enfatiza um aspecto distinto da bacia. Para a hidrografia, a água é o elemento central; para a geomorfologia, o relevo; para o direito, as relações de poder; e para a geografia, a totalidade espacial. Embora em muitos momentos esses pontos de vista converjam, há especificidades que são trazidas pelo olhar de cada observador.

Poderia trazer outras muitas perspectivas sobre o tema, para reforçar que cada campo de estudo explica a bacia com maior enfoque naquilo que lhe interessa. No entanto, apenas sinalizo-as para dizer que todas elas servem, de algum modo, na

construção do conhecimento. Contudo, por mais integrador ou sistêmico que o conceito pareça, ele nunca dará conta da totalidade de uma bacia hidrográfica. Há sempre uma fragmentação. Isso ocorre, pois a multiplicidade de pontos de vistas citados corresponde a estudos científicos especializados e, portanto, conceituações técnicas, distantes das experiências vividas.

Na vida, a compreensão das coisas não é dada por limites georreferenciados. A experiência espacial não é fragmentada por temas. Vivenciamos, a um só tempo, as dinâmicas das águas, da atmosfera, os comportamentos das superfícies, as distribuições das composições florísticas, os animais e, sobretudo, as relações que estabelecemos no espaço. Transitamos entre bacias, cidades, países, sem precisar seus limites.

Apesar de não científica, a experiência espacial não é destituída de códigos e formas de interpretá-la. Como nos lembra Dias (2022), individualmente olhamos para os lugares e os identificamos a partir de uma marca que possa servir de referência para nós, e que, ao repassá-la para outros, seja possível que estes também a identifiquem. Desta forma, criamos nossos próprios códigos e conceitos para explicar o nosso mundo vivido.

Esse fato me leva ao seguinte questionamento: as vivências espaciais nos permitem construir outras marcas e códigos que ajudam a explicar o mundo? No contexto que nos interessa, será que nossa experiência de lugar contribui para a construção de noções sobre bacias hidrográficas? Na crônica que abre esta tese, exploro, a partir da narrativa da minha vivência nos diversos lugares da Bacia do Rio Una, como minha experiência cotidiana, situada contribui para construir a ideia de uma bacia hidrográfica, não apenas como um conceito, mas como algo fundamentado na experiência vivida. Acredito que essas questões são essenciais e direcionam os temas centrais que esta pesquisa busca abordar.

Se não hierarquizamos os saberes, científicos e populares, e compreendermos que as diferenças de apreensão das coisas podem contribuir na construção de novos e renovados conteúdos (Serpa, 2007), as apreensões e representações populares de bacia hidrográfica podem nos ajudar a formular outros conceitos, talvez melhores.

Para Heidegger (*apud* Saramago, 2014, p. 205), “o limite não é onde uma coisa termina, mas, como os gregos reconheceram, de onde uma coisa dá início à sua essência”. Assim, ele não se interessa pelo espaço da geometria pura, mas sim pelo

espaço da subjetividade, que possibilita compreender as coisas por outras vias. O ser-no-mundo e seus espaços habitados, vividos são o que realmente importa (Heidegger, 2012, p. 165). O espaço vivido envolve um passado e um presente, configurando o mundo de nossa cotidianidade, onde nos orientamos dentro de um horizonte e, por meio dele, tecemos as relações sociais nas quais nos interagimos uns com os outros (Goto, 2013, p. 44).

Nesse sentido, onde a Bacia começa e termina? O próprio recorte da paisagem utilizado se constitui um problema, pois a bacia hidrográfica, nas geociências, é delimitada a partir da topografia e, a partir daí, os seus limites passam a existir no papel, como algo dado, naturalizado para o pesquisador, mas pouco inteligível, nesses moldes, para as pessoas em geral.

Na busca por entender como as pessoas podem compreender uma bacia hidrográfica, como professora, recorri inicialmente à memória das respostas de meus alunos, minha primeira experiência de testagem nas aulas sobre recursos hídricos. Quando os questionava sobre a definição de bacia hidrográfica, poucos alunos conseguiam citar exemplos de bacias que estivessem próximas a sua realidade, a maioria mencionando bacias distantes, como a do Nilo ou a Amazônica. Diante dessas respostas, incentivava-os a definir o conceito, em vez de apenas exemplificar, e não raro, a resposta mais comum era: "é o que minha mãe usa para lavar roupa!"

Ao analisar as respostas, a partir dos estímulos citados, poderia constatar, de modo simplório, que há um desconhecimento, por parte dos alunos, do que é uma bacia hidrográfica. Porém, como Eric Dardel (2015), acredito que todo homem é geógrafo e, por assim ser, há sempre uma experiência de mundo que aponta conhecimentos sobre tudo o que nele há. Isso, evidentemente, inclui as bacias hidrográficas, mesmo que não saibam nomear como tal e apreendê-las em todas as suas facetas de interpretação/análise. Para Dardel,

O Geógrafo que mede e calcula vem atrás: à sua frente, há um homem que se descobre a "face da Terra"; há o navegante vigiando as novas terras, o explorador na mata, o pioneiro, o imigrante, ou simplesmente o homem tomado por um movimento insólito da Terra, tempestade, erupção, enchente. Há uma visão primitiva da Terra que o saber, em seguida, vem ajustar (Dardel, 2015, p. 7).

Nesse mesmo sentido, nos lembra Merleau-Ponty:

Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor,

apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é a expressão segunda. (Merleau-Ponty, 2011, p. 3).

Em síntese, o geográfico é constitutivo do ser humano e é por meio da experimentação do mundo que é possível atribuir sentidos às noções científicas. Como exemplo,

A floresta é experimentada como ‘espessa’, a Amazonia sentida como “quente”, antes que essas qualidades sejam conceituadas em noções aprendidas. A despeito dessa referência a um projeto ou a uma experiência vivida, esses conceitos de amplitude, de altura, de espessura ou de calor não têm sentido (Dardel, 2015, p. 8).

Assim, em minha crônica, ao narrar os lugares da Bacia do Rio Una, procuro captar as experiências cotidianas que moldaram minha compreensão sobre bacias hidrográficas, seja pela vivência na roça, na cidade ou pelas observações feitas durante o trabalho de campo. Essas vivências são essenciais para a construção de um conceito de bacia hidrográfica mais profundo e autêntico, que transcende a definição científica tradicional e se fundamenta nas experiências reais, pessoais e sensoriais que permeiam nosso contato com o mundo.

Portanto, a experiência vivida é o que dá amparo e medida. No que concerne às bacias hidrográficas, a experiência do rio, da roça, da cidade, dos alagamentos de uma cidade, as visões que temos em pontos de maiores altimetrias e, também, a falta de horizonte a ser observado em determinados lugares, o exercício do trabalho, as relações afetivas, os nossos sentidos... podem nos ajudar a construir os conceitos de bacia hidrográfica. Para que essas experiências vividas apareçam, é necessário que façamos perguntas melhores do que: “O que é uma bacia hidrográfica?”.

Isso me lembra Paulo Freire (2005), quando nos orienta sobre o ensino contextualizado, com exemplos próximos da realidade do aluno. Acredito que, quando Freire traz a questão da uva que Ivo não viu, é muito mais profundo do que o desconhecimento dos símbolos (Jung, 2016). Freire (2005) fala sobre as impossibilidades que a falta de vivência e experiência da “uva” impõe para traduzi-la em outros conhecimentos/significados. Partir dos conhecimentos vividos é importante, não apenas em função do letramento/alfabetização, mas para despertar a compreensão do mundo e senso crítico.

Em resumo, esta pesquisa parte da premissa de que para se compreender uma bacia hidrográfica a partir da experiência é preciso, antes, questionar: A experiência de lugar constrói na vida desses sujeitos a percepção de bacia? b) Caso construa,

quais os significados/conceitos? E, como resultados dessas discussões, verificar: d) Quais as aberturas para a construção de outras experiências de bacia, pautadas na geograficidade?

Tudo isso nos conduz à **tese** central de que a bacia hidrográfica não deve ser compreendida apenas como um conceito técnico ou científico, mas também como um espaço vivido, enraizado no cotidiano e nas experiências dos sujeitos que nele e dele fazem parte.

Entretanto, esses questionamentos só podem ser respondidos de forma adequada por meio de um recorte específico do fenômeno em questão (Castro, 2010). Sabe-se que nenhuma experiência é de um sujeito desencarnado (Merleau-Ponty, 2006); pelo contrário, tudo o que é descrito é resultado da vivência em uma realidade específica, em um determinado tempo e sobre um lugar, e cada lugar possui suas especificidades. Então, de que lugar estamos falando?

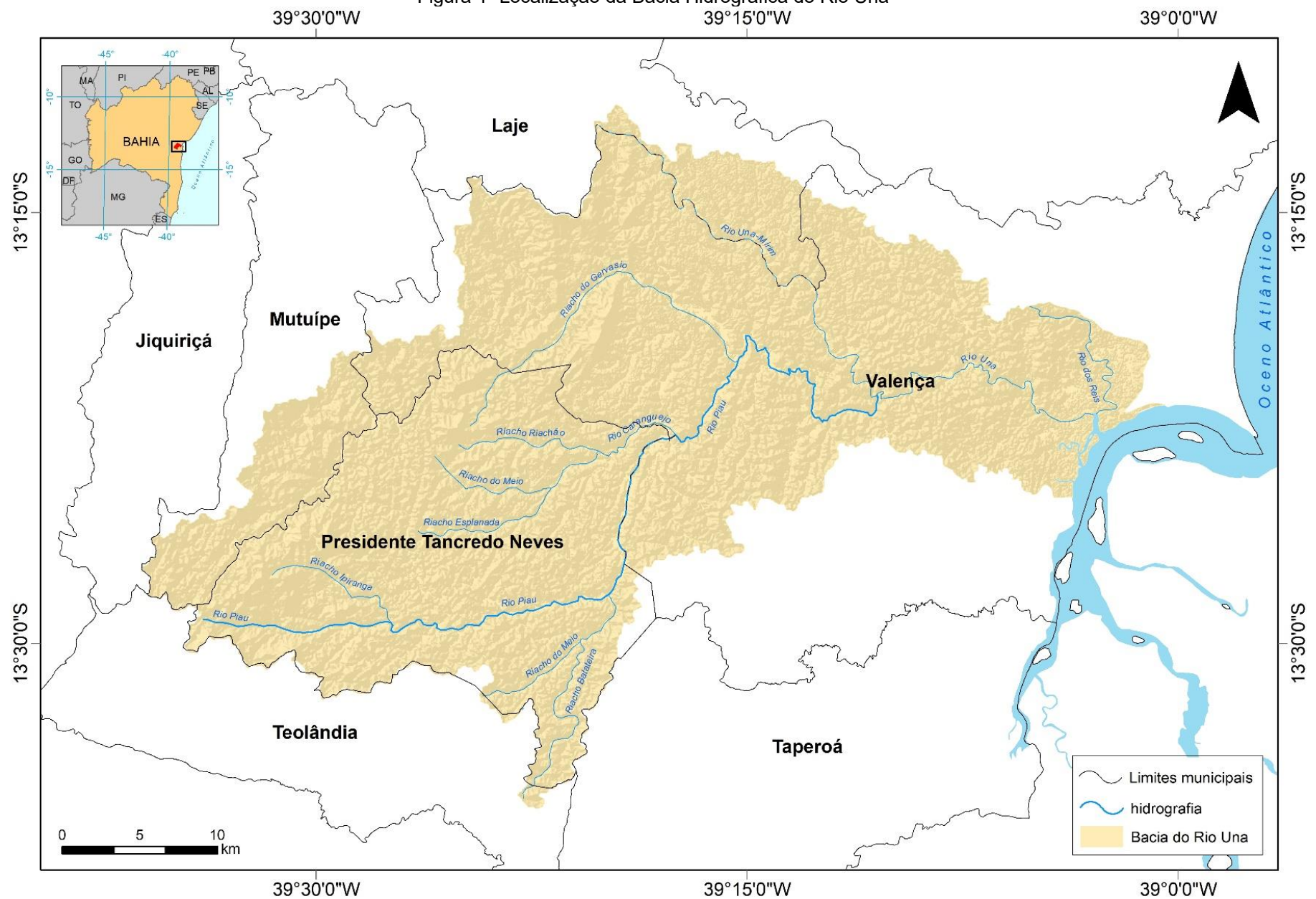
Ao transpor os preceitos freirianos para a compreensão vivida da bacia hidrográfica, primeiro, creio que é preciso partir de bacias locais. Em minha experiência enquanto docente, compreendi que os meus “Ivos”, até então, não viram a Bacia Amazônica, nem tampouco a do Nilo, mas vivenciam, cotidianamente, bacias, sub-bacias e microbacias, e essas podem ser exploradas a partir das suas experiências vividas.

Nesse diapasão, como recorte para a pesquisa, escolho a Bacia do Rio Una (Valença), Bahia, meu lugar de vivência e docência (Figura 01). Meu espaço vivido, meu lugar, a paisagem que me mobiliza, me pertence. Foi aqui que nasci, tive meus primeiros contatos atentos com a terra e me formei enquanto gente, de onde parti e para onde sempre retornei. Caminhar pela Bacia é também passear pela minha história e geografia.

Além dessa ligação afetiva com o referido espaço, cabe salientar que o estudo desta Bacia me acompanha desde a especialização (Matos, 2014; 2015a; 2015b; 2015c; 2017a; 2017b; 2019; 2023; 2025). Enquanto pesquisadora e professora de Geografia, das redes municipal e Estadual de ensino no município de Presidente Tancredo Neves - BA, sei das carências de trabalhos sobre a temática, de materiais contextualizados e de pesquisas sobre este lugar: A Bacia do Rio Una, e das transversalidades desta pesquisa.



Figura 1- Localização da Bacia Hidrográfica do Rio Una



Hidrografia: Agência Nacional de Águas (ANA, 2017). Sistema de Coordenadas: SIRGAS 2000. Datum: SIRGAS 2000. Referencial geodésico e limites municipais atualizados conforme IBGE (2022).

Fonte: Autora, 2025.

Portanto, este trabalho pode contribuir para as redes locais de ensino, os comitês de bacia, órgãos públicos e gestores ambientais, ao atualizar informações sobre a área e produzir materiais científicos. Além disso, pode auxiliar agricultores e comunidades locais na compreensão dos impactos das práticas agrícolas sobre os rios e solos, bem como fornecer subsídios para movimentos socioambientais em suas ações de conservação. A pesquisa também tem relevância para a defesa civil, contribuindo para o monitoramento de eventos extremos, e para pesquisadores e universidades, enriquecendo o conhecimento sobre a dinâmica ambiental. Além disso, constitui-se enquanto uma experimentação de como se trabalhar questões físicas-ambientais a partir da fenomenologia e traz reflexões sobre a temática.

Para viabilizar a tese proposta, foram estabelecidos alguns objetivos. O objetivo central desta tese é investigar a Bacia do Rio Una, na Bahia, a partir das experiências dos sujeitos que nela habitam, com o intuito de compreender de que maneira essas vivências contribuem para a construção do conceito de bacia hidrográfica, conduzindo à ideia de uma bacia vivida.

Para alcançar esse objetivo, esta pesquisa se propõe, inicialmente, a elaborar uma metodologia de trabalho de campo que permita revelar a bacia hidrográfica vivida. A partir dessa metodologia, será investigado como a experiência de lugar influencia a construção da noção de bacia hidrográfica vivida. Além disso, pretende-se descrever e interpretar as experiências dos sujeitos de pesquisa, buscando compreender os sentidos e significados que eles atribuem à Bacia do Rio Una. Por fim, a pesquisa visa evidenciar as possibilidades e aberturas para a construção e ampliação da noção de bacia hidrográfica, levando em consideração a perspectiva vivida e experienciada pelos sujeitos dos diversos lugares que compõem a Bacia.

Como forma de compreender como as experiências desse lugar, a Bacia hidrográfica do Rio Una, podem construir noções de bacia hidrográfica, entrevistei um público diverso da Bacia, levando em consideração seus endereços, profissões, gêneros, etnias e idades. A diversidade foi priorizada em detrimento da quantidade. As entrevistas foram realizadas utilizando técnicas adaptadas para cada situação (Bourdieu, 1997; Brandão, 2000; Becker, 1997). Também verifiquei, a partir de grupos focais, com alunos do fundamental 01, 02 e ensino médio, de escolas localizadas nos municípios de Presidente Tancredo Neves e Valença, na tentativa de compreender suas experiências vividas na Bacia do Rio Una.

Haja vista, como posto por Dardel (2015), que é pelo habitat que o homem exterioriza sua relação fundamental com a terra, foi por esse caminho que percorreremos a Bacia enquanto espaço habitado, vivido, um “onde” particular, a qual é partilhada estreitamente com os entes que nela se encontram.

Na crônica que abre esta tese, apresento uma bacia hidrográfica que atravesso, da nascente mais distante até a foz, seguindo uma trama de canais que se avolumam até desaguar no mar. Como pode ser lido e visto em minhas ilustrações, essa é uma travessia de paisagens e encontros com os sujeitos que habitam os diversos lugares que compõem a Bacia do Rio Una—uma bacia hidrográfica vivida e viva.

As experiências que descrevo podem ser inteligíveis ou até mesmo familiares tanto para o homem do campo, quanto para citadinos, estejam eles na Zona da Mata, como eu, ou nos sertões. Isso porque a vivência do espaço é inerente ao ser-no-mundo. Embora, em muitos momentos, as singularidades dos lugares e paisagens nos desafiem a compreender a realidade do outro, a experiência espacial é embebida de geograficidades que nos permitem ler o mundo, mesmo aquele que nos é distante.

Ao fim de todo esse percurso, a pesquisa pode, assim, responder à pergunta: as experiências de lugar ajudam a construir noções sobre bacias hidrográficas?

## 1.1 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

No que diz respeito aos procedimentos, este estudo se caracteriza como pesquisa-ação, definida como a investigação de uma situação social com o objetivo de melhorar a qualidade da ação dentro dela (Elliott, 1991). Esta abordagem metodológica coletiva favorece discussões e geração colaborativa de conhecimentos específicos a partir da realidade vivida, o que evita a fragmentação causada por estruturas hierárquicas e divisões por especialidades no cotidiano (Gil, 2010; Minayo, 2007; Severino, 2007). Dessa forma, neste estudo, a pesquisa-ação é concebida como uma prática que busca a des-hierarquização (Serpa, 2007), alinhando-se à perspectiva fenomenológica, a qual parte do convite para ser-com-o-outro (Sartre, 2011).

O percurso metodológico segue a abordagem qualitativa e emprega-se o método de observação participante. Dado o caráter qualitativo desta pesquisa, Bodgan e Biklen (1994) ressaltam que a essência dessa metodologia reside na investigação do fenômeno tal como percebido pelos sujeitos da pesquisa, indo além de uma análise puramente estatística. Nesse sentido, desenvolvemos categorias fundamentadas nas representações do fenômeno pelos participantes, provocadas em um conjunto de significados que possibilitam a compreensão e percepção do mundo-vida dos envolvidos.

A escolha por essa metodologia favorecerá a descrição do fenômeno que envolve os sujeitos dessa pesquisa, voltando-se para a realidade dos seus mundos-vividos. Ao descrever e interpretar as experiências vividas por esses sujeitos será possível compreender a bacia hidrográfica vivida e verificar as aberturas dessas vivências para a Geografia.

Com o propósito de facilitar a leitura e compreensão deste estudo, os procedimentos para o desenvolvimento da pesquisa foram divididos em seis etapas: Construção do referencial teórico, levantamento de dados, etapas do trabalho de campo, organização e sistematização das informações, escrita, avaliação dos resultados. Importante destacar que a elaboração deste estudo não seguiu uma trajetória linear, pois as etapas conversam entre si e estão sempre em vias de construção.

O início da pesquisa deu-se com a **construção do referencial teórico**, uma etapa fundamental e contínua. O principal objetivo dessa fase foi identificar, revisar e sistematizar as referências que contribuíssem para o desenvolvimento da tese. Conforme o trabalho avançava, buscaram-se referências que pudessem auxiliar na fundamentação teórica, na reflexão sobre as ações futuras e na escrita. Essas referências estão distribuídas ao longo de todas as seções do trabalho.

Além das referências gerais, realizou-se um Estado da Arte com o intuito de não apenas mapear as contribuições existentes, mas também evidenciar as lacunas que podem ser exploradas na presente pesquisa. Para isso, foi conduzida uma pesquisa em bases de dados, repositórios e periódicos científicos. Os trabalhos encontrados podem ser agrupados em duas principais categorias.

A primeira reúne estudos sobre a Bacia do Rio Una, incluindo Martins *et al.* (2004), que apresentam uma caracterização física e socioeconômica da bacia; Silva

(2016), com foco na Sub-Bacia do Rio Una Mirim; Andrade (2015), que analisa aspectos agroclimatológicos do cultivo de *Phaseolus vulgaris* (feijão) na região; Alves e Pereira (2019a, 2019b), que discutem os aspectos pluviométricos e fluviométricos, além da necessidade de conservação da unidade; e Guedes e Jesus (2019), que, ainda que de forma superficial, abordam o planejamento das atividades antrópicas e o manejo adequado dos recursos naturais da bacia. Além disso, destaca-se o Projeto *Expedição Territorial pela Bacia do Rio Piau/Una*, desenvolvido em parceria com o NUGEA (Núcleo Local de Gestão de Resíduos Sólidos e Educação Ambiental) e o curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do IF Baiano, campus Valença, que vem promovendo diversas atividades na referida Bacia (IF Baiano, 2023).

A segunda categoria engloba estudos na fenomenologia que dialogam com o tema. Entre os principais trabalhos, destacam-se aqueles relacionados ao Rio São Francisco, como os de Almeida (1994), Vargas (1999), Fernández e Almeida (2010) e Silva (2024). No caso do Rio de Contas, há as pesquisas de Chiapetti (2009) e Chiapetti e Gratão (2010). Sobre o Rio Amazonas, pode-se citar Nogueira (2014), enquanto Bernal Arias (2022) se debruça sobre o Rio Cauca. Por fim, Gleizer (2018) apresenta um estudo voltado para as experiências de vulnerabilidades e atitudes ambientais no povoado de Cachoeira das Araras.

Além da revisão teórica conceitual, fez-se um **levantamento de dados** sobre a Bacia Hidrográfica do Rio Una e seus municípios. A saber, foram levantados dados referentes a:

1) Fatores físicos: cobertura vegetal, hidrografia, nascentes, dados pluviométricos; cobertura e uso da terra, infraestrutura viária, legislações, planejamento territorial e ambiental. Esses dados foram perscrutados junto às secretarias/diretorias de meio ambiente municipais, Comitê de Bacia do Recôncavo Sul, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia (CONDER) e Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (INEMA).

2) Fatores humanos: Dados referentes à matriz populacional dos municípios que compõem a Bacia Hidrográfica do Rio Una (BHRU) – quilombolas, indígenas, ribeirinhos, agricultores, cidadãos. Dados econômicos e sociais: planos diretores municipais, dados sobre suas formações, estrutura socioeconômica. Estes foram obtidos nas prefeituras, Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

(SEI) e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Também foram examinados aspectos culturais e outros temas relevantes para a compreensão da dinâmica da Bacia do Una.

3) Dados geoespaciais: Etapa da pesquisa de informações cartográficas como: imagens de satélites, mapas e outros dados para a elaboração de materiais cartográficos tanto para o desenvolvimento da pesquisa quanto para a execução de atividades nas Unidades Escolares. A base cartográfica e de fotografias aéreas foi pesquisada na Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia (Conder), as imagens de satélite no Instituto Nacional de Pesquisa Espacial (INPE) e United States Geological Survey (USGS). Os dados topográficos, por ora, serão provenientes do *Shuttle Radar Topography Mission* (SRTM) da *National Aeronautics and Space Administration* (NASA).

Essa primeira etapa foi de suma importância para o amadurecimento da pesquisa, somando às minhas experiências vividas na BHRU e conhecimentos científicos, informações que me ajudam a estruturar as etapas que seguem.

Para a construção dos conhecimentos objetivados neste trabalho, diversas **etapas do levantamento de dados** foram realizadas. O processo iniciou-se com o pré-campo, fase de planejamento das atividades externas, identificação e organização dos recursos necessários para a execução das ações. Importante ressaltar que esse planejamento não ocorreu apenas uma vez; a cada saída de campo, foi necessário um replanejamento para ajustar as estratégias conforme as demandas emergentes.

Na sequência, desenvolveu-se o trabalho de campo, uma etapa extensa e estreitamente articulada ao método adotado. Dada sua complexidade, senti a necessidade de detalhá-la no capítulo “Trabalho de campo como encontro”.

Após a coleta de dados, seguiu-se a **organização e sistematização das informações**. Esse momento, também denominado pós-campo, envolveu a classificação e categorização dos dados de acordo com os temas e questões de pesquisa. Na seção dedicada à discussão do trabalho de campo, as metodologias utilizadas nessa fase são descritas e justificadas.

A **escrita** foi um processo contínuo, focado na elaboração do texto da pesquisa conforme as normas e padrões acadêmicos. Buscou-se organizar as informações de maneira coerente com os objetivos propostos, garantindo uma apresentação detalhada e fundamentada dos resultados.

Por fim, a **avaliação dos resultados** consistiu na análise dos processos da pesquisa e dos achados à luz dos objetivos e questões investigadas. Esse momento permitiu verificar as contribuições do estudo, refletindo sobre seus impactos e possíveis desdobramentos.

## 1.2 CAMINHOS PARA O MÉTODO

Na tentativa de escrever os procedimentos metodológicos do meu trabalho, que se pretende fenomenológico, buscava resolver um problema a fim de atender a um dos objetivos de pesquisa: quais estratégias utilizar para capturar a experiência da bacia dos sujeitos de pesquisa? Formulava perguntas que pudessem trazer à tona descrições das paisagens que revelassem a Bacia e recordava das orientações do Professor Angelo Serpa (Notas de aula, 2023), quanto ao método fenomenológico: “Você precisa deixar as coisas acontecerem no presente, em ato, em situação, sem tantos pressupostos. Para isso, as coisas não podem ser tão planejadas, com uma metodologia tão amarrada [...]”. Evidentemente, isso configurava um desafio para mim, que, diante da minha ansiedade, tentava antecipar todas as situações que eventualmente poderiam surgir. Elaborava roteiros prévios, perguntas e imaginava situações para não ter que lidar com o imprevisto.

Durante uma conversa casual de final de semana com amigos e familiares, surgiu a seguinte questão a ser resolvida: havia uma propriedade de herança onde a família herdeira precisava decidir entre vender o terreno ou investir nele. Como a propriedade estava localizada a muitos quilômetros de distância de Presidente Tancredo Neves, onde ocorria a conversa, meu irmão, Danilo Matos, aspirante a agricultor de 30 anos, tentando compreender as características do local para opinar e aconselhar, fez a seguinte pergunta:

*-Como é o terreno do sítio?*

*O questionamento me interessou e passei a prestar mais atenção na conversa. O indagado, ao tentar descrever o terreno, começou a falar sobre a localização, as características climáticas e os cultivos praticados na região. No entanto, a narrativa não respondia à pergunta do meu irmão, e ele insistiu:*

*- Você não entendeu o que eu perguntei! Eu quero saber como é o terreno em si: Tem ladeira? É plano?*

*A conversa ficou ainda mais interessante. Entendi que ele queria uma descrição do relevo, mas o “entrevistado” não conseguia precisar, pois havia*

*muito tempo que tinha ido a tal propriedade. Meu irmão, para exemplificar a resposta que desejava obter, começou a descrever a roça do meu avô:*

*- O terreno da roça é todo cheio de ladeira e com um buraco no meio. É uma bacia!*

*Diante da conclusão dele, não pude conter minha surpresa e perguntei:*

*-Não compreendi o que você quis dizer. Você pode repetir?*

*Ele respondeu novamente, coordenando gestos e palavras:*

*-Um monte de ladeira e um buraco no meio!*

*Curiosa, perguntei:*

*-O que tem no meio?*

*Ele respondeu:*

*-O rio, né?! (Como se dissesse, óbvio!)*

*Para tentar verificar se ele conseguia extrapolar essa percepção para outras localidades, eu perguntei:*

*-Você consegue perceber uma bacia, tal como a do sítio, na cidade?*

*Ele rapidamente apontou para a rua e disse:*

*- Nós estamos em um ponto alto da cidade. Descendo essa ladeira vai dar na baixada do Aécio, lá é o buraco da bacia. É para lá que a água da chuva vai. Então, aqui é uma bacia também.*

*Diante de tal formulação, fiquei curiosa para saber se ele sempre teve essa percepção ou se ela foi aumentada com sua vivência no campo no período da pandemia. Ele relatou:*

*- Se você perguntar a qualquer pessoa, que viva na cidade, quais são os pontos de alagamento, em um episódio de chuva forte, eles saberão apontar. Mas eu tenho certeza de que o período que vivi na roça me ajudou a prestar mais atenção nas coisas (Diálogo com Danilo Matos, 2023).*

Essas declarações despertaram minha curiosidade e ofereceram algumas possibilidades metodológicas. A partir desse momento, compreendi que para revelar as experiências geográficas, era necessário envolver os sujeitos de pesquisa em seus próprios contextos. Como resultado, dediquei o restante do final de semana a criar estímulos que pudessem fazer emergir as vivências relacionadas à bacia nos relatos de meus familiares, tanto da área rural quanto da urbana.

Realizei vários testes, dos quais concluí como é desafiador obter respostas sem influenciá-las. Não existe uma metodologia ou estímulo padrão; cada situação é única e a facilitação depende também da minha relação com o entrevistado e do local da entrevista. De fato, as coisas precisam acontecer naturalmente.

Outro aspecto observado é que os resultados desses testes geraram respostas e observações significativas para o desenvolvimento amplo da minha pesquisa, não apenas no aspecto metodológico. A conversa casual que originou a discussão não planejada trouxe à tona as experiências de bacias vivenciadas por meu irmão, despertando em mim o desejo de ampliar meu estudo para além das questões educacionais, que foram o pontapé para esta pesquisa, abrindo espaço para uma pesquisa mais abrangente. Em relação ao problema da propriedade rural que originou a conversa, o assunto nunca mais foi abordado e o aconselhamento não foi dado.



Início este capítulo de método neste ponto, não seguindo uma abordagem histórica linear, mas sim a partir do momento em que minha pesquisa começou a se aproximar da fenomenologia, não somente na intenção, mas também na abordagem.

A fenomenologia é um fazer científico que possui seus caminhos e que tento percorrê-los. Como método científico, foi inicialmente proposta pelo filósofo Edmund Husserl na década de 1850. Husserl (2000) incomodou-se ao perceber que a ciência estava se tornando abstrata e, portanto, afastada do mundo vivido pelos indivíduos. A partir dessa percepção, ele propôs que a ciência deveria trilhar o caminho oposto: se aproximar do mundo vivido para compreendê-lo.

Erick Dardel (2015) retoma a inquietação de Husserl ao discutir as diferenças entre o pensamento concreto, que ocorre em um lugar e momento específicos (conhecimento vivenciado), e o pensamento real, abstrato e universal (método científico). Ele apresenta questões que nos ajudam a refletir sobre o que é verdadeiramente real, usando o seguinte exemplo:

Em que nível da realidade as águas marinhas são verdadeiramente reais? No nível do fenômeno, lá onde suas transparências, reflexos, suas ondulações agem sobre nossos sentidos e nossa imaginação? Ou no nível do esquema que provém a análise físico-química? É a onda que vemos ou a molécula, é o átomo que “concebemos” que devemos atribuir valor essencial? (Dardel, 2015, p. 96-97).

Quando se trata da nossa experiência com o mar, o que é real são as sensações proporcionadas pelos nossos sentidos ou as formulações físico-químicas das águas? Com base em minha própria vivência, afirmo: as sensações das águas do mar são reais, pois foram experimentadas. Assim, a realidade reside no nível do fenômeno, das sensações que precedem o pensamento e, por isso, a realidade é pré-científica.

Mas o que exatamente caracteriza um fenômeno? Para respondê-lo, precisamos primeiramente compreender o significado do termo. "Fenômeno" (do grego *φαινόμενο*), vocábulo que origina o termo fenomenologia, refere-se ao que se mostra, ao que se manifesta ou aparece. Em resumo, é uma observação pura das coisas em si, sem a interferência de interpretações ou medições (Husserl, 2000).

A fenomenologia, portanto, dedica-se à investigação da essência dos fenômenos e da maneira como são vivenciados. Seu foco está na compreensão dos significados subjacentes e nas experiências subjetivas associadas a esses fenômenos. Segundo Relph (1979), tais experiências envolvem aspectos como ansiedade, comportamento, religião, lugar e topofilia, os quais não podem ser

compreendidos apenas por meio da observação e da análise quantitativa, mas exigem vivência direta.

Essas vivências constituem a base do nosso envolvimento com o mundo e sustentam o corpo de conhecimento que chamamos de Geografia (Relph, 1979). A partir delas, emergem padrões que configuram o "mundo vivido geográfico" – um cenário que, ao ser experimentado e percebido, não se reduz a uma simples soma de objetos, mas se traduz em um sistema de relações entre o ser humano e seu entorno, onde seus interesses se concentram (Relph, 1979). Como afirma Dardel (2015), trata-se de uma Geografia que é mais vivida do que expressada.

Sob a perspectiva fenomenológica, essa realidade geográfica se fundamenta em três pilares: espaço, paisagens e lugares, todos experienciados diretamente como elementos do mundo vivido. A interação entre esses elementos dá origem ao que Eric Dardel (2015) denomina geograficidade (*geographicité*), ou seja, o vínculo profundo entre o homem e a terra. Esse vínculo, no entanto, não deve ser visto como uma mera relação romântica entre o ser humano e a natureza, mas sim como a totalidade da experiência espacial, abrangendo tanto os espaços rurais quanto urbanos.

Embora pareça intuitivo, como aponta Relph (1979), o mundo vivido não se apresenta de forma imediata e evidente; seus significados precisam ser desvelados. Nesse sentido, um fenômeno, como as águas do mar ou a Bacia do Rio Una, pode ser descrito de maneiras distintas, dependendo da perspectiva do observador. Afinal, cada indivíduo possui sua própria forma de perceber e interpretar as coisas, o que transforma seu mundo vivido em um campo essencial de investigação.

Neste estudo, à luz da fenomenologia, busco apresentar minha percepção sobre os relatos das experiências vividas pelos participantes da pesquisa. O objetivo é compreender as vivências nos diversos lugares da Bacia do Rio Una e reinterpretá-las sob diferentes perspectivas, enriquecendo nossa visão sobre o lugar e suas interações.

Para alcançar esse propósito, no Capítulo 2, **"Trabalho de campo como encontro"**, desenvolvo uma metodologia de campo, fundamentada na fenomenologia, onde reflito sobre a operacionalização de um trabalho que transcende o mero registro técnico. Encaro-o como um encontro profundo com o espaço, pessoas e a própria essência da pesquisa geográfica. Para isso, discuto aspectos fundamentais da interação com os sujeitos da pesquisa, metodologias de

comunicação e técnicas de entrevistas, transcrição e organização estética dos dados, de modo que possibilite a verdadeira apreensão do vivido.

No Capítulo 3, "**A Bacia hidrográfica vivida**", aplico a metodologia desenvolvida a partir das entrevistas para explorar os conhecimentos experienciados nos lugares que compõem a bacia. A partir das narrativas dos participantes, percorremos as superfícies irregulares da Bacia, analisamos as dinâmicas atmosféricas e suas influências na vegetação, culminando em uma abordagem integrada dos lugares e paisagens vividos. O objetivo desse capítulo é delinear e revelar as diversas "Bacias Vividas", sintetizando as múltiplas perspectivas e experiências que compõem essa bacia.

Ao longo da pesquisa, os autores que dialogam com os temas abordados são constantemente referenciados, em conexão direta com os conhecimentos vivenciados. Dessa forma, a teoria não se restringe a um capítulo específico, mas se entrelaça com a narrativa ao longo de todo o trabalho, permeando a análise e enriquecendo a compreensão das experiências descritas.

## 2 TRABALHO DE CAMPO COMO ENCONTRO

*Viver é ir ao encontro.  
Não se pode viver em estado de contemplação.  
Tudo está a nossa espera  
É uma questão de coragem e amor.  
(Cacilda Becker)*

A palavra “encontro” pode ser compreendida como o “ato de chegar um diante do outro ou uns diante de outros” (Encontro, 2025). Também pode significar uma “junção de pessoas ou coisas que se movem em vários sentidos ou se dirigem para o mesmo ponto” (Encontro, 2025). Essa definição dialoga diretamente com uma das metodologias mais fundamentais da Geografia: o trabalho de campo. Ele representa um movimento em busca de paisagens, pessoas e situações. Mais do que uma simples aplicação da teoria, o trabalho de campo possibilita uma transição daquilo que nos é apresentado pelos autores e suas lentes para uma experiência em que o próprio pesquisador se coloca como autor, como observador ativo da realidade.

Apesar de seu poder enquanto ferramenta de investigação, o trabalho de campo nem sempre atinge o seu potencial. Como disse a atriz Cacilda Becker: “Tudo está à nossa espera”, mas se não descobrirmos o que procurar, como encontrar e, sobretudo, como observar e nos inserir na cena científica, corremos o risco de transformar essa experiência em um procedimento mecânico. Nesse caso, ele se restringe a um exercício de verificação de pontos, coordenadas, descrições superficiais da paisagem, coletas de dados e deslocamentos entre locais de interesse. Dessa forma, perde-se o que está além do objeto imediato de estudo: o entorno, os fluxos, as dinâmicas e até mesmo a experiência do retorno.

Todo o movimento envolvido na realização de um trabalho de campo traz informações valiosas para a construção do conhecimento científico. No entanto, mais do que apenas descrever um processo, acredito que é necessário pensar o trabalho de campo como um encontro. Isso significa ampliar a experiência para além da posição física e da observação pontual, compreendendo-o como uma prática, um momento de troca e construção de significados. É essa abordagem que proponho aqui: um trabalho de campo que não se limita ao registro técnico, mas que se

estabelece como um encontro no espaço, com as pessoas e com a própria essência da pesquisa geográfica.

Em primeiro lugar, é crucial ressaltar que a prática de campo possui uma especificidade dentro da Geografia, pois serve como base para a pesquisa e a produção do conhecimento geográfico (Serpa, 2006). Segundo o referido autor, o trabalho de campo é fundamental para superar dicotomias, já que, na experiência espacial, somos imersos em múltiplas dimensões simultaneamente: fatores físicos e humanos coexistem e se entrelaçam. Portanto, durante o trabalho de campo, essa totalidade espacial deve ser buscada “[...] sem esquecer as configurações específicas que tornam cada lugar, cidade, bairro ou região uma combinação única de fatores físicos e humanos em um mundo fragmentado, mas (cada vez mais) interconectado” (Serpa, 2006, p. 4).

Além dessas observações, Yves Lacoste (2006), em seu artigo sobre pesquisa e prática de campo, destaca que cabe ao pesquisador não apenas evidenciar os aspectos que pretende investigar, mas também compartilhar os resultados com a comunidade/localidade envolvida após a conclusão da pesquisa (Lacoste, 2006). Algumas dessas perspectivas também estão expressas em seu influente livro *A Geografia - Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra* (Lacoste, 1988), o que reforça ainda mais a necessidade de reflexão sobre o impacto e a responsabilidade da produção do conhecimento geográfico.

No entanto, em muitos estudos, o trabalho de campo é limitado à mera coleta de dados. Deslocamo-nos até comunidades e territórios com o intuito de adquirir conhecimento, mas, nessas incursões, as experiências, os processos e as pessoas muitas vezes são negligenciadas. Entretanto, todos esses elementos influenciam diretamente a construção do que observamos e relatamos.

Outro aspecto que merece destaque é a forma como as áreas e recortes de pesquisa são escolhidos. Muitas vezes, essa seleção ocorre por diferentes razões: a) para integrar uma pesquisa mais ampla, que pode ou não ser financiada; b) por interesse do orientador; c) devido à relevância acadêmica da área ou do tema, entre outros fatores. Em muitos casos, o pesquisador não possui uma conexão intrínseca com o que está investigando e, em diversas abordagens metodológicas, essa distância é encorajada, uma necessidade metodológica (Marconi; Lakatos, 2003).

Porém, numa pesquisa de natureza fenomenológica, essa ausência de envolvimento constitui um problema central. O pesquisador precisa se questionar antes mesmo de iniciar seu estudo: o que me motiva a investigar esse tema em detrimento de outro? Por que escolhi esta área? Ao definir esse recorte, o que desejo tornar visível e o que, eventualmente, será deixado à margem? (Castro, 2010).

Na pesquisa fenomenológica, é essencial explicitar tanto o envolvimento do pesquisador quanto os fatores que o mobilizam, assim como tornar evidente sua presença no processo investigativo. Isso não se trata de um exercício narcisista, mas de confiança que, mesmo quando tentamos "sair da ilha para observar a ilha" (Saramago, 1998), nossa percepção é necessariamente mediada por quem somos, pelas experiências que moldaram nossas perspectivas e pelas lentes que, consciente ou inconscientemente, destacam determinados aspectos em detrimento de outros.

Com essas reflexões, construo um caminho para discutir as formas de conduzir o trabalho de campo como um encontro. Um encontro entre mim e o sujeito da pesquisa, entre mim e a paisagem e os lugares, permeado pela negociação da intersubjetividade. Mas, afinal, o que significa esse encontro?

Maria Homem (2020) em seu livro *Lupa da alma: Quarentena-revelação*, me indica um percurso para compreensão do que seria um encontro:

O que será que acontece quando algo acontece? Uma mudança subjetiva tal que nós não somos os mesmos que fomos antes, mesmo que numa parcela mínima. Algo em mim agora sente e pensa de forma diferente. A aula, a palestra, o congresso foram ótimos. Tudo o que ouvi reverbera em mim de tal forma que não sou mais o mesmo que era antes de escutar essas coisas e ter esses insights. Como quando se vê um filme ou se lê um livro que nos faz perceber o novo, ter a consciência de algo, ou nos dá o direito de pensar alguma coisa que antes estava numa zona um pouco nebulosa ou mesmo recalçada. Tudo isso é encontro. Encontro com o outro vivo, com o corpo do outro, a palavra do outro; sendo palavra falada ou escrita, e esse outro estando vivo ou morto. Encontro é quando o eu não é mais o mesmo depois de ter esbarrado em algo e ter se deixado penetrar por essa experiência (Homem, 2020, p. 40).

Por meio desse trecho, Homem (2020) nos dá alguns indícios do que é preciso para que o encontro ocorra. Um destes requisitos é a existência do outro. Sob essa perspectiva, Sartre (2011) nos lembra que sou somente na presença do outro, ou seja, minha existência é condicionada à existência do outro, uma relação de ser-para-ser. Essas presenças, nossas intersubjetividades, tanto minha quanto do outro, formam a base essencial para que o encontro seja possível.

Além disso, essa relação com o outro, com o corpo do outro, enfatiza que não somos entidades desencarnadas (Merleau-Ponty, 2006); em outras palavras, ao estar-

com alguém, estamos em algum lugar. Essa informação não é trivial, especialmente no contexto da Geografia. Os lugares também revelam coisas, não são cenários de um encontro, mas uma relação entre os fatos físicos exteriores e interiores ao corpo que possuem um poder simbólico real e ao mesmo tempo emocional (Oliveira, 2014). Portanto, avanço na compreensão de que o encontro ocorre entre indivíduos, em um local e tempo específicos.

Ao voltarmos à definição de encontro proposta por Homem (2000), percebemos que a simples coexistência e estar em um local não garantem a concretização do encontro. Observamos que quando o encontro se concretiza alguma transformação ocorre. A autora sugere uma interação intrínseca entre esses elementos. Essa é uma das perspectivas intrigantes para análise.

Ao transportar essas premissas do encontro para a pesquisa fenomenológica, remeto-me às observações de Serpa (2007) acerca da pesquisa sem hierarquia. Para ele, o pesquisador deve se aproximar do conhecimento popular, não para impor ensinamentos ou coletar dados, mas para engajar-se em um diálogo com os sujeitos da pesquisa, fazendo da interação o próprio objeto. Os resultados dessa interação, desse encontro e da experiência resultante são a fonte de novos e renovados conteúdos. A transformação instigada pelo encontro é o resultado dessa interação.

Para que essa interação ocorra, é necessário “[...] des-hierarquizar os conhecimentos para adentrar no terreno das diferenças [...]” (Serpa, 2007, p. 137), ou seja, reconhecer que o conhecimento acadêmico não é superior nem inferior ao conhecimento popular. Nessa perspectiva, o saber popular deixa de ser visto apenas como objeto de estudo, abrindo espaço para um aprendizado mútuo e uma construção conjunta à medida que interagimos.

As reflexões até este ponto me remetem à obra de Nurit Bensusan (2019), *Do que é feito o encontro*. Nesse livro, a autora discute os encontros e desencontros entre nossa sociedade e o conhecimento das comunidades indígenas e locais. Bensusan traz relatos de diversas violências resultantes da apropriação e do uso indevido dos saberes tradicionais, o que me proporcionou valiosas lições. A leitura dessa obra influenciou diretamente minha prática de campo e pesquisa, marcando-me com ensinamentos sobre como posso me encontrar de maneira mais ética com o outro e com seu saber. Acredito que as reflexões apresentadas no livro, somadas aos diálogos com os autores citados e ainda a citar, podem sugerir caminhos para uma

prática de campo em Geografia que vá além da simples coleta de dados, transformando-se em uma possibilidade de verdadeiro encontro.

Nesse sentido, esta pesquisa parte de uma perspectiva que nos convoca a ser-com-o-outro (Sartre, 2011), abordagem que busquei intencionalmente aplicar na prática. Tal postura exige uma postura ética do pesquisador na relação com o entrevistado, tanto durante o encontro quanto após ele, especialmente no tratamento dos resultados dessas interações. Dessa forma, ampliamos as reflexões de Lacoste (2006), enfatizando que a responsabilidade com os envolvidos não deve ser uma preocupação apenas posterior, mas sim uma dimensão presente em todo o processo. Para isso, é necessário estar presente, em ato e situação, vivenciando um encontro.

No entanto, se nos encontramos, como o que exatamente nos encontramos? Com quem? Quem é esse "outro"? Como interagimos com aqueles que encontramos? Como processamos os resultados dessa interação? Como divulgamos/perpetuamos essas informações? A seguir, apresentarei alguns apontamentos dos encontros ocorridos durante a pesquisa de campo.

## 2.1 COM QUEM ENCONTRAMOS: SUJEITOS DE PESQUISA

Antes de abordar as pessoas que foram entrevistadas neste estudo, é relevante destacar o motivo pelo qual as nomeio como sujeitos. De acordo com Araújo, Oliveira e Rossato (2017), a concepção de sujeito se contrapõe vigorosamente às visões reducionistas que enxergam o sujeito como fechado em si mesmo, isolado e desconectado da realidade. Nesta pesquisa, a compreensão do sujeito se manifesta no diálogo: tanto com os outros quanto consigo mesmo, dentro de uma dinâmica complexa e entrelaçada, que se desenrola no tempo e no espaço, sempre mediada por símbolos culturais (Araújo; Oliveira; Rossato, 2017). Nesse processo, reconhece-se o pesquisador como parte da realidade investigada, sendo ele próprio um sujeito em constante desenvolvimento.

A presença do sujeito de pesquisa na Geografia emerge tardiamente. A Geografia Humanista é quem introduz, nas preocupações geográficas, a noção de sujeito, através de abordagens psicológicas, fenomenológicas e existencialistas (Dias,



2019). Segundo Serpa (2007, p. 139), "[...] adotar uma perspectiva fenomenológica sobre o mundo e suas manifestações implica em reconhecer o outro como sujeito, como um ser-no-mundo, desmontando hierarquias, buscando incessantemente o diálogo e a interação como foco [...]".

Na pesquisa fenomenológica, o envolvimento do entrevistado é crucial para o trabalho, visto que o método pressupõe uma imersão e comprometimento, um verdadeiro encontro. Conhecer quem são essas pessoas e suas histórias é fundamental para que eu possa desenvolver minha relação intersubjetiva com esses sujeitos e tratá-los devidamente. Durante o trabalho de campo, conduzo diversas conversas com esses participantes da pesquisa, assim como com outros autores.

Para explicitar os processos desses muitos encontros e justificar as escolhas de abordagens, preciso, antes, tocar em alguns pontos. Como já foi dito, para que o encontro aconteça é preciso que haja interação, e essa ocorre por meio do diálogo. E para que esse diálogo exista, é importante desenvolver a habilidade de comunicação. Embora possa parecer simples, como uma mera troca de palavras, a pesquisa revelou que essa dinâmica é consideravelmente mais complexa. Portanto, discutirei a comunicação e as linguagens utilizadas nesta pesquisa.

## 2.2 COMO NOS COMUNICAMOS: LINGUAGENS UTILIZADAS

A palavra "comunicar" deriva da ação comum - "comum" + "ação"-, indicando algo a ser compartilhado entre as consciências que se encontram (Camargo, 2012). O resultado desse encontro é a informação, entendida como "[...] o rastro deixado por uma consciência sobre um suporte material, para que outra consciência possa recuperá-la" (Martino, 2005, p. 17). Nesta pesquisa, a informação emerge do encontro, ou seja, da interação entre o pesquisador e o sujeito entrevistado, sendo moldada pelas formas de comunicação presentes nesses diálogos.

A comunicação se dá por meio da linguagem e de seus códigos. Enquanto os códigos se referem às características sonoras do idioma, aos aspectos gráficos, à organização das letras e à formação das palavras (Camargo, 2012), a linguagem é o meio pelo qual os indivíduos expressam suas ideias e sentimentos. Ela pode ser

dividida em três categorias: verbal (fala e escrita), não verbal (imagens, placas, linguagem corporal, desenhos, gestos) e híbrida ou mista (que combina elementos das duas primeiras) (Camargo, 2012).

Durante as entrevistas realizadas nesta pesquisa, percebi a importância de explorar todas as formas de linguagem para desvelar as geografidades, ou seja, as relações que os sujeitos estabelecem com os espaços que habitam e experienciam (Dardel, 2015). Embora a linguagem verbal seja a mais utilizada em entrevistas, notei que a linguagem não verbal e a híbrida ocorrem frequentemente e de forma simultânea. Desconsiderar essas formas de comunicação não apenas limitaria a profundidade da análise, mas também comprometeria a fidelidade das informações resultantes desses encontros. A seguir, discutirei as teorias e abordagens que fundamentaram a comunicação na construção desta pesquisa.

Vamos começar com a comunicação pela **palavra**. Dias (2022; 2024), ao se apoiar na psicanálise, propõe uma Geografia da Escuta, na qual afirma que a comunicação verbal é uma forma de compreender o ser humano em sua dimensão geográfica.

A palavra também se apresenta como uma tentativa de verbalizar imagens, sensações e afetos vividos em outros tempos e lugares, o que a faz mediar entre estes registros mnêmicos e o instante do dizer. [...] por meio dela podemos nos aproximar da geograficidade de cada um de nós e do registro psíquico da experiência (Dias, 2022, p. 46).

Ao desenvolver essa Geografia da Escuta (2024), Dias explora o inconsciente, as digressões e os relatos sobre sensações e afetos, oferecendo uma perspectiva rica para compreender as dimensões geográficas das experiências. À luz de suas reflexões, tais aspectos se revelaram essenciais durante a realização desta pesquisa. Notavelmente, quando os entrevistados se deixaram envolver por outros assuntos, eles não apenas compartilharam informações além dos objetivos da pesquisa, mas também apontaram novas abordagens e possibilidades de interpretação de seus lugares e vivências.

Ainda no que concerne ao dizer pela palavra, como pesquisadora, percebi que a comunicação nunca é livre de ruídos (Dias, 2022, p. 46), mas ao longo das entrevistas, compreendi que alguns desses ruídos podem ser identificados e minimizados quando estamos em uma posição de escuta atenta e comprometida. Um dos primeiros pontos a considerar é que não devemos nos limitar às palavras

conhecidas e audíveis, pois existem outras maneiras de dizer, o que se revelou claramente durante o processo de pesquisa.

Uma dessas observações surgiu durante as entrevistas, nelas, os entrevistados frequentemente utilizavam de neologismos para descrever seus lugares e paisagens. Essa subversão ao vocabulário normativo despertou a necessidade de criar um Glossário (p. 184), que reúne palavras presentes nos dialetos populares. Ao explorar essas expressões, percebi que muitas delas possuíam significados equivalentes aos encontrados nos manuais técnicos de geomorfologia (Guerra, 1987) e nos dicionários da língua portuguesa. Essas palavras passaram a fazer parte da minha própria prática, sendo incorporadas às entrevistas, aos grupos focais e às aulas, funcionando como uma ponte entre as vivências locais e o conhecimento técnico.

No que diz respeito às outras formas de dizer, que não envolvem o uso de palavras, percebi essas formas de expressões no processo das entrevistas. Um exemplo marcante ocorreu durante a entrevista com meu avô, Ivo Ramos (2023). Ao solicitar que ele descrevesse o terreno de seu sítio, enfrentei dificuldades ao tentar registrar uma conversa por meio de filmagens e fotografias. Nesse momento, a timidez dele se tornou evidente, prejudicando o andamento da conversa. A pergunta equivocada, o local inadequado e o uso de registros interferiram na fluidez do relato, que certamente teria sido mais espontâneo em um contexto mais descontraído.

Diante dessa situação, senti uma certa frustração, pois as palavras não transmitiam o que eu procurava — os *a priori* continuavam comigo. No entanto, por conhecer bem o meu avô, sabia que ele possuía um conhecimento profundo sobre a sua propriedade e que, em outras circunstâncias, poderia me responder com mais tranquilidade. Ao revisar os vídeos em casa, no entanto, percebi que, embora as palavras parecessem falhar em transmitir o esperado, os **gestos** de meu avô estavam continuamente comunicando e expressando mais do que as palavras hesitantes conseguiram captar. Ele usava as mãos abertas para indicar a amplitude de alguns vales e as juntava para simbolizar o estreitamento de outros. Alinhava os dedos verticalmente no ar para traçar o percurso do rio e unia as mãos em formato de concha para representar os morros e suas variações de altitude.

Essa observação posterior me fez perceber que, embora a entrevista com meu avô tivesse parecido, à primeira vista, infrutífera, ela foi, na verdade, uma comunicação predominantemente gestual, com poucas palavras. Apesar das

dificuldades iniciais, a comunicação aconteceu de forma eficaz. Ele, mesmo intimidado pela presença da câmera, gostaria de compartilhar seu conhecimento comigo, sua neta, com quem mantém uma relação de confiança e cumplicidade. Mais do que isso, entendi que observar os dados obtidos durante o trabalho de campo com atenção e cuidado pode revelar muito mais do que é fornecido em um primeiro momento. O revelar do fenômeno é um processo contínuo.

Além dos gestos, outras formas de comunicação também surgiram durante a pesquisa, como a **comunicação imagética**. Em diversas entrevistas, ao tentar descrever um lugar ou uma situação, os entrevistados rabiscavam um papel, desenhavam no chão de terra, recorriam a fotografias ou vídeos em seus celulares, apontavam para a paisagem e até utilizavam massa de modelar para ilustrar formas e características das paisagens. Dessa forma, à medida que as palavras não conseguissem expressar plenamente o que eles queriam comunicar, recorriam a gestos, desenhos ou imagens como uma ponte que possibilitava uma comunicação mais clara e eficaz.

Com essas percepções, avancei na pesquisa ao entender que, para algumas pessoas, outras formas de linguagem são essenciais para expressar plenamente o que desejam comunicar. Caso não saibamos explorar e interpretar essas diversas formas de expressão, corremos o risco de tirar conclusões equivocadas sobre o conhecimento de um indivíduo sobre um determinado tema ou questão. Assim, nesta pesquisa, o diálogo não se limita apenas às palavras. Como bem destacou Marandola Jr. (2014), podemos revelar as coisas por outros meios que não pelas palavras, isso inclui gestos, imagens, músicas, poesias, artes e outras formas de expressão, que estão presentes em toda a pesquisa.

Para além de observar a maneira de comunicação do outro, em uma pesquisa de caráter fenomenológico, essa observação recai também sobre o próprio pesquisador. Nesse sentido, no processo de pesquisa, me esforcei para compreender o outro, que é diferente de mim. Em muitos momentos, adaptei minha linguagem à situação, buscando uma forma de me aproximar dos assuntos da pesquisa. Essa tarefa não foi difícil, considerando minha trajetória de vida e os lugares que percorro, a maioria dos quais coincidem com os dos sujeitos pesquisados. Como vivi em quase todos os municípios da área de estudo, exceto Teolândia, conheço bem as expressões, muitos lugares, paisagens, aspectos culturais e, acima de tudo, a maioria

das pessoas entrevistadas, no contexto da Bacia pesquisada. A escolha desses entrevistados, somada à minha vivência na região, me proporcionou um repertório que facilitou uma comunicação mais assertiva.

Vale destacar que, ao entrevistar pessoas com baixa escolaridade, optei por uma linguagem mais simples e uma comunicação direta. Com grupos de professores, políticos e técnicos, utilizei uma linguagem mais formal. Com as crianças, recorri às brincadeiras, desenhos e a uma linguagem mais acessível. Essas abordagens foram fundamentais para que eu pudesse compreender e ser compreendida de forma mais eficaz.

Durante as entrevistas, sempre mantinha à mão papel, lápis, massa de modelar, lápis de cor, canetas hidrográficas, aplicativos, imagens de satélite, mapas temáticos e outros materiais que pudessem contribuir para o processo. Esses recursos estavam disponíveis tanto para meu uso quanto para o dos entrevistados.

Ao final dessa jornada, percebi que minha linguagem havia evoluído e que meu repertório sobre a Bacia estava mais enriquecido. Ao trabalhar com os alunos, comecei a perceber que não me baseava mais apenas em exemplos técnicos, mas em exemplos vivos, imagens e relatos meus e dos participantes da pesquisa. Nesse momento, senti que o trabalho de campo, como um encontro genuíno, estava realmente acontecendo, pois algo em mim havia se transformado (Homem, 2020).

Em resumo, esta pesquisa também aponta para os mundos semânticos que são criados durante o processo, ou seja, as possibilidades de compreensão dos discursos dos sujeitos da pesquisa. Para detalhá-los, dividi as entrevistas em duas categorias: Entrevista não estruturada, semiestruturada, em movimento e grupos focais. As entrevistas, nesse contexto, assumem o caráter de uma **conversa** — um ato recíproco e contínuo que pressupõe uma disposição diferente do pesquisador diante do informante, pois a conversa permite a construção de laços, para além de uma simples lista de perguntas (Marandola Jr., 2014; 2008).

### **2.1.1 Entrevistas não estruturadas**

As conversas informais predominaram nas entrevistas realizadas. Para facilitar esses encontros, inicialmente, entrava em contato com os entrevistados, seja por telefone ou por meio de pessoas com maior proximidade. Uma vez estabelecido o

contato, agendava a entrevista em um horário e local definido pelo próprio entrevistado, sempre buscando adaptar-me às suas preferências.

Essas conversas frequentemente começavam com uma abordagem de temas situacionais, relacionados ao contexto imediato e ao ambiente em que estávamos. De forma espontânea, seguia o fluxo da conversa com base nas questões colocadas pelo entrevistado, aos poucos introduzia elementos pertinentes aos objetivos da pesquisa, de modo a fomentar a discussão. É digno de nota que muitos dos tópicos surgiram espontaneamente e trouxeram dados importantes para o desenvolvimento da investigação.

Minha abordagem não seguiu um roteiro rígido; para cada entrevistado, elaborava perguntas com o intuito de estimular uma discussão livre, que dialogasse com os objetivos da pesquisa, sem, no entanto, direcioná-lo para respostas específicas. Contudo, muitas vezes, percebia que as questões previamente formuladas não eram suficientes para alcançar temas correlatos, o que me obrigava a criar novas perguntas ao longo da conversa. Em determinadas entrevistas, elaborava antecipadamente os estímulos, mas as situações exigiam outras discussões, diante disso, o roteiro se construía em ato. Em alguns casos, o próprio entrevistado explorava o tema central, sem qualquer provocação da minha parte.

Outra situação comum era quando o entrevistado, mesmo após as perguntas formuladas, se desviava do tema central e se aprofundava em histórias tangenciais. Na maioria das vezes, escutava essas narrativas com atenção, às vezes participando das discussões sobre aspectos aparentemente fora do escopo da pesquisa. Quando o tempo do entrevistado possibilitava maior flexibilidade, permitia que essas histórias se demorassem.

Nesse processo, percebi que a liberdade e a flexibilidade, aliadas ao afastamento da tensão em relação ao tempo e ao tema, permitiram que o entrevistado se expressasse com maior fluidez e naturalidade, criando um ambiente de confiança e cumplicidade. Isso, por sua vez, tornou as entrevistas mais descontraídas e facilitou a introdução de novos tópicos. Além disso, observei que, após essas digressões, os entrevistados frequentemente retornavam ao tema central de forma espontânea. Vale ressaltar que, ao longo dessa dinâmica, as questões que surgiam, embora afastadas do foco inicial, acabaram por revelar outras camadas igualmente importantes, enriquecendo profundamente a pesquisa.

### **2.2.2 Entrevistas em movimento: A Experiência da paisagem na Construção do Conhecimento**

A entrevista em movimento, seja por meio de caminhada ou deslocamentos em veículos, revelou-se uma estratégia essencial no trabalho de campo, possibilitando uma compreensão mais profunda da paisagem e das narrativas que a envolvem. Diferente de um encontro estático, essa abordagem amplia as formas de comunicação, permitindo que certos aspectos do espaço sejam mais bem expressos e compreendidos na experiência corporal do deslocamento. Foi nesse processo que percebi a importância de percorrer determinados caminhos para acessar conhecimentos que não podem ser compreendidos, traduzidos apenas por palavras e gestos. Certas formas e características da paisagem só se revelam à medida que são vivenciadas no percurso, quando nos tornamos parte dela.

O movimento, portanto, não apenas facilita a expressão dos entrevistados, mas também constrói conexões entre memória, percepção e lugar, tornando a pesquisa um processo dinâmico e imersivo, no qual o conhecimento se dá no próprio ato de percorrer e experimentar as paisagens. As entrevistas em movimento ocorreram desde o início da pesquisa e se repetiram com diferentes entrevistados, emergindo de maneira espontânea a partir da abordagem metodológica adotada. A ausência de roteiros rígidos e a valorização da liberdade na condução das conversas permitiram que esses encontros ocorressem de forma natural, potencializando a expressão dos participantes e ampliando as possibilidades de investigação.

Um exemplo marcante ocorreu ao visitar meu tio Gildo, na Fazenda Capixaba, localizada no município de Laje, Bahia, nas proximidades do divisor de águas entre a Bacia do Jiquiriçá e a do Rio Una, um lugar profundamente ligado à minha infância. Como parte da experimentação metodológica, pedi que ele descrevesse o relevo da propriedade. Diante da dificuldade de expressar certas formas apenas com palavras ou gestos, ele, sem hesitação, me convidou a acompanhá-lo, por vezes de carro e outras a pé, tal como fazia quando eu era criança, para que eu pudesse visualizar diretamente o que ele desejava explicar.

Essa experiência revelou a importância da caminhada e de outros deslocamentos espaciais (como de carro) para ir de encontro a pessoas, aspectos da

paisagem ou situações que pudessem comunicar aspectos que não podem ser plenamente traduzidos apenas por palavras e gestos. Certas formas e fenômenos somente podem ser compreendidos na medida em que caminhamos por eles, os vivenciamos (Onfray, 2009), quando somos-na-paisagem (Heidegger, 2012).

As imagens obviamente completam os sentidos de coisas que buscamos explicar, pois exemplificam o(s) objeto(s) em questão. Porém a imagem congelada, plana, não permite apreender outros aspectos que só são percebidos à medida que experimentamos espacialmente, de forma multidimensional suas altimetrias, profundidades, cheiros, sons, com o corpo (Merleau-Ponty, 2006).

Contemplar as paisagens desempenha um papel essencial na construção do conhecimento, pois exemplifica e ilustra os objetos em questão de maneira vivida, experimentada. Diferente de uma imagem estática e bidimensional, que não consegue capturar completamente as dimensões sensoriais da experiência. O relevo de um terreno, por exemplo, só pode ser verdadeiramente compreendido quando o percorremos e sentimos suas altimetrias, profundidades, cheiros e sons com o corpo (Merleau-Ponty, 2006). Nem mesmo um vídeo é capaz de evocar essa sensação na totalidade.

Esse ponto se confirma na prática: é comum que, ao mostrar fotografias ou vídeos de um local, as pessoas afirmem que a imagem não faz justiça à beleza do lugar ou que não transmite a dimensão real de um fenômeno. Há elementos que só podem ser compreendidos na vivência do espaço.

Ao caminhar junto com alguém e convidá-lo a compartilhar seu conhecimento espacial, abrem-se novas possibilidades de compreensão, especialmente no que diz respeito ao pertencimento e às experiências individuais com o lugar. Por essa razão, atividades de campo são fundamentais para a formação geográfica. Segundo Dardel (2015), Careri (2009; 2017), Souza (2020) e Vaz (2022), a caminhada é um dos principais elementos balizadores da experiência espacial, pois constitui simultaneamente uma ferramenta de autoconhecimento e um instrumento transformador (Labbucci, 2013).

A entrevista em movimento se revela, então, como um método valioso para a pesquisa geográfica, especialmente sob a ótica fenomenológica. Em muitos casos, ao abordar questões acadêmicas ou escolares com pessoas sem educação formal, percebi que os entrevistados não dominavam os termos científicos ou as medidas



técnicas. No entanto, suas vivências espaciais e seu vínculo com os lugares lhes permitiram compreender a natureza e desenvolver formas próprias de explicação, mesclando palavras, gestos e deslocamentos para ilustrar suas ideias.

Nesse contexto, o movimento vai além de um simples deslocamento de um ponto a outro. Ele se torna um estímulo para o pensamento e a reflexão, um meio de apreender conhecimentos e percepções que emergem tanto do entrevistado quanto do pesquisador.

A maioria dos deslocamentos aconteceram por convite dos entrevistados, e apenas em algumas situações, solicitei que me mostrassem algo específico. Ao longo desses percursos, eles compartilharam histórias de vida, narraram suas relações com os animais e com os aromas da paisagem, expressaram perspectivas sobre a conservação da natureza, explicaram os fluxos da água e refletiram sobre as transformações da paisagem ao longo do tempo. Nessas experiências, suas sensações afloravam, revelando encantamentos, memórias e aspirações – aspectos que dificilmente emergiriam com a mesma intensidade em entrevistas conduzidas em ambientes fechados.

Um exemplo significativo foi a entrevista com a presidente da Colônia de Pesca Z-15, Dona Maria das Graças. Inicialmente, uma conversa aconteceu de maneira formal dentro das dependências da Colônia. No entanto, conforme ela narrava sua trajetória, começou a mencionar paisagens específicas do Rio Una, descrevendo-as com detalhes que eu, por nunca ter vivido à beira de seus canais, não consegui visualizar de forma completa. Ao perceber minha dificuldade, ela facilmente me convidou a acompanhá-la até o cais da Colônia. Foi nesse momento, diante do rio, dos barcos e dos pescadores em ação, que a entrevista, de fato, aconteceu.

Essa experiência evidencia o potencial das entrevistas em movimento como método de pesquisa. Ao possibilitar que o entrevistado se expresse para além das palavras, em movimento e interação direta com o ambiente, elas revelam dimensões do conhecimento que não emergiram apenas em uma conversa estática. Dessa forma, caminhar, percorrer um trajeto com o outro se torna uma forma de compreender o mundo a partir de sua perspectiva, ampliando as possibilidades de investigação e enriquecendo a produção do conhecimento geográfico.

### 2.2.3 Entrevistas semiestruturadas

Algumas entrevistas exigiram maior formalidade tanto na programação quanto na execução, especialmente aquelas realizadas com representantes públicos, como deputados federais, vereadores, secretários de meio ambiente e empresários. Desde o agendamento, essas entrevistas exigiram ofícios e solicitações formais, muitas vezes intermediadas por assessores. Além disso, por se tratar de pessoas que falam em nome de uma instituição, exigiu-se um maior rigor na formulação das perguntas e estímulos.

É importante ressaltar que, por não ter um envolvimento com alguns desses entrevistados, a elaboração dos estímulos tornou-se um desafio adicional. No caso de figuras públicas, busquei informações em jornais, redes sociais e blogs sobre suas atuações e cargos ocupados. No entanto, nada substitui o encontro presencial. Muitas nuances se revelam no tom de voz, na postura, na maneira como nos recebem – elementos que influenciam diretamente os rumos da conversa e tornam a entrevista um acontecimento que se dá essencialmente no presente.

À medida que os diálogos se desenvolviam, procurava estimular relatos de caráter intersubjetivo, que evidenciassem a relação do entrevistado com os lugares. Nessas narrativas, foi possível identificar não apenas suas percepções e experiências, mas também os objetivos e as prioridades desses representantes públicos em relação às questões abordadas nesta pesquisa.

Além disso, como pesquisadora, nunca adotei uma postura inquisitiva que buscasse expor falhas ou contradições dos entrevistados como forma de provocar o debate. Ao longo das conversas, sempre que divergências ou pontos de desacordo surgiam, fazia questão de apresentar minha perspectiva e explorar, junto ao entrevistado, outras possibilidades de reflexão. Essa abordagem remete a um desafio fundamental: aprender a ser-com-o-outro (Sartre, 2011), mesmo diante de divergências (Bertrand, 2010).

#### **2.2.4 Grupos Focais**

Os grupos focais, enquanto técnica de pesquisa qualitativa, foram fundamentais no desenvolvimento da presente investigação, especialmente no trabalho com estudantes. Segundo Kitzinger (2000), o grupo focal é uma forma de entrevista em grupo baseada na comunicação e interação, cujo objetivo é reunir informações detalhadas sobre um tópico específico por meio de um grupo de participantes selecionados. Trad (2009) complementa que essa técnica permite compreender percepções, crenças e atitudes em relação a um tema, produto ou serviço.

Na pesquisa aqui apresentada, os grupos focais foram utilizados tanto com funcionárias da Secretaria Municipal de Planejamento Urbano e Meio Ambiente de Presidente Tancredo Neves (SEDPLAM), quanto com estudantes de escolas públicas. Sua adoção foi decisiva para criar ambientes de escuta coletiva e partilha de experiências, nos quais crianças, adolescentes e jovens puderam expressar-se de forma espontânea e relacional.

No caso das crianças, conforme destacam Koller e Cerqueira-Santos (2008), essa abordagem favorece a construção de vínculos entre os participantes e respeita suas formas próprias de expressão. A interação entre pares contribui para que se sintam mais à vontade ao compartilhar vivências, o que amplia a riqueza dos dados coletados. Além de sua dimensão metodológica, o grupo focal se alinha à perspectiva fenomenológica adotada nesta pesquisa, pois permite que o fenômeno da relação com o rio se revele em sua singularidade e temporalidade próprias.

No tocante à realização dos grupos focais com crianças, como aponta Sarmiento (2004), considerá-las como sujeitos sociais e de direitos exige metodologias que favoreçam sua participação ativa na produção do conhecimento. Nesse sentido, o uso desta metodologia não apenas enriqueceu os dados obtidos, mas também reafirmou o compromisso ético-político com uma escuta sensível e respeitosa das formas de ser, sentir e conhecer da infância.

A adoção da técnica de grupo focal nas atividades com estudantes foi fundamental. Essa estratégia favoreceu o protagonismo dos sujeitos, ao estimular a produção coletiva de sentidos e fortalecer vínculos entre os participantes, respeitando

suas formas próprias de expressão. Conforme aponta Sarmento (2004) e Koller (2004), o grupo focal é especialmente eficaz em pesquisas com públicos infantojuvenis, pois amplia a escuta e considera os contextos afetivos e sociais nos quais estão inseridos.

### 2.3 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA: LEGISLAÇÃO, TRANSCRIÇÃO, CITAÇÃO E ILUSTRAÇÃO

Os princípios éticos de uma pesquisa não se limitam à questão burocrática, no entanto, esta etapa representa um compromisso fundamental que orienta o rigor científico (Mainardes, 2022) e viabiliza o próprio encontro. Goergen (2015) refere-se a essa abordagem como "boa pesquisa", destacando a importância de considerar o bem-estar dos participantes. Segundo o mesmo autor, uma pesquisa de qualidade é aquela que respeita e reflete os princípios éticos, garantindo os direitos dos indivíduos e gerando conhecimento relevante, livre de pressões mercadológicas. Essa é a perspectiva que busco adotar neste trabalho.

Para tanto, alguns documentos legais norteiam e amparam a pesquisa de caráter qualitativo, entre eles: a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 (Brasil, 2013), a Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016 (Brasil, 2016) – ambas do Conselho Nacional de Saúde (CNS) – e a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) – Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018 (Brasil, 2018). Todos esses preceitos foram observados e seguidos no desenvolvimento desta pesquisa.

Nos encontros de campo, no início de cada entrevista, explicava ao entrevistado o seu propósito, suas implicações e intencionalidades, esclarecendo quaisquer dúvidas sobre a atividade. Deixava claro que a participação era voluntária e que, caso desejasse interromper a entrevista a qualquer momento, poderia fazê-lo sem qualquer problema.

Para documentar as atividades realizadas e garantir o uso autorizado dos dados provenientes das conversas, solicitava ao entrevistado permissão para a utilização dos relatos, imagens e áudios por meio do Termo de Consentimento Livre e

Esclarecido (TCLE). Esse documento era assinado por mim e pelo entrevistado ao final da entrevista, sempre deixando uma cópia com o participante.

Nos casos de entrevistados com baixa escolaridade, solicitava que um parente ou pessoa de confiança lesse o documento para assegurar a compreensão do seu conteúdo. Durante toda a pesquisa, não houve qualquer dificuldade em obter os consentimentos necessários.

Para as caminhadas com os alunos, além de solicitar autorização à Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC), ao NTE 06 e às escolas participantes, entregava um termo de autorização para a saída de campo. Nesse documento, os responsáveis pelos alunos eram informados sobre a atividade, os riscos envolvidos e a necessidade de consentimento para a participação. Em algumas escolas, essa autorização já era concedida no momento da matrícula, de modo que solicitava à escola um documento que garantisse a regularidade dessas saídas. Essa precaução era essencial, pois, ao sair do ambiente escolar, os riscos aumentavam, exigindo um cuidado redobrado.

Para registrar as conversas, sempre pedia autorização para gravação, pois considero desafiador anotar tudo durante a entrevista sem comprometer a atenção ao entrevistado. Acredito que manter-me presente e atenta facilitou a comunicação e abriu novas possibilidades de análise, para além da comunicação verbal, observando elementos como postura, expressões faciais, gestos e outras formas de linguagem.

Apesar de priorizar as gravações, sempre estive disposta a adaptar a abordagem e os meios de registro caso o entrevistado demonstrasse desconforto. Ressaltei constantemente que a prioridade era minimizar qualquer desconforto e favorecer a comunicação. É fundamental ter sensibilidade para perceber possíveis desconfortos gerados por gravação de áudio ou vídeo. Um exemplo disso foi a situação anteriormente mencionada com meu avô Ivo (p. 46), que, embora não configurasse uma falta de ética do ponto de vista legal, exigia um posicionamento mais cuidadoso enquanto prática de pesquisa.

### 2.3.1 Transcrição e interpretação

O mundo-vivido não é absolutamente óbvio, e os seus significados não se apresentam por si mesmo, mas têm de ser descobertos. A dificuldade é como fazer isso sem destruir a riqueza e a complexidade dos significados. A descrição e a interpretação fenomenológicas oferecem métodos bem desenvolvidos para se realizar essa tarefa (Relph, 1979, p. 7).

O processo de compreensão do mundo-vivido exige uma abordagem cuidadosa e atenta, pois os significados não são imediatamente evidentes, mas devem ser desvendados por meio de uma análise sensível e interpretativa. Nesse sentido, a fenomenologia surge como um caminho metodológico que permite acessar as experiências e percepções dos indivíduos sem reduzir sua complexidade. A interpretação desses significados requer uma postura reflexiva, que considera tanto os elementos explícitos quanto os sutis, como gestos, pausas, silêncios e variações na entonação. Dessa forma, ao investigar a experiência humana em sua totalidade, é possível captar as camadas mais profundas de sentido que permeiam as interações e narrativas.

Transcrever entrevistas e interpretá-las não é uma tarefa simples. Além de ser extremamente trabalhoso, especialmente diante de um grande volume de gravação, essa etapa exige técnica e intencionalidade. Para a realização das transcrições, baseei-me nos ensinamentos de Bourdieu (1997) e Relph (1974), que nos auxiliam a revelar, descrever e interpretar por meio das palavras, dos silêncios, das pausas e das mudanças de alternância vocal, levando em consideração o lugar e as relações interpessoais. Esses elementos são essenciais para interpretar com precisão o que o entrevistado deseja expressar.

Para compreender plenamente um fenômeno, é fundamental afastar-se de explicações prévias e crenças estabelecidas, buscando reduzir a influência de concepções pré-concebidas. Isso exige um esforço para enxergar a experiência sob a ótica daqueles que a vivenciam, evitando interpretações enviesadas. “Contudo, isso não envolve necessariamente idealismo nem a recusa de nossas próprias experiências, mas sim um retorno a elas, examinando-as sob uma perspectiva de semi-consciência não envolvida[...]” (Relph, 1974, p. 5).

Além disso, como a experiência não é apenas variada, mas também dotada de imagem e forma, é necessário buscar consistências e estruturas nos significados dos fenômenos. Essas estruturas são estabelecidas por meio da

interpretação da evidência disponível, ou seja, por meio de um relato que se ajusta aos dados observados, de maneira semelhante ao trabalho de um advogado ou historiador ao descrever um evento. Dessa forma, uma interpretação está sempre aberta à reinterpretação, à medida que novos esclarecimentos surgem ou novas evidências se tornam disponíveis. Se elas são encontradas em toda parte, essas estruturas são claramente importantes. Mas elas não precisam ser universais para serem significantes. Elas podem ser encontradas apenas em um estágio do desenvolvimento humano, em uma cultura específica ou mesmo em uma única pessoa. No entanto, nesse caso, elas ainda devem trazer significância para todos os homens (Relph, 1979, p. 5).

Para alcançar essa compreensão aprofundada, é fundamental adotar um olhar investigativo que vá além da simples transcrição textual. Isso implica um esforço para desvendar os sentidos ocultos na fala dos entrevistados, buscando identificar padrões, contradições e significados implícitos. Ao interpretar um relato, deve-se levar em conta não apenas o conteúdo verbal, mas também o contexto sociocultural em que a comunicação ocorre, as emoções envolvidas e os fatores que podem influenciar a forma como as experiências são narradas. Dessa maneira, a transcrição torna-se uma ferramenta essencial para acessar as múltiplas camadas do discurso e revelar as complexidades da experiência humana.

Essa constante abertura à reinterpretação reforça a importância de métodos rigorosos na coleta e análise dos dados, especialmente quando se trata de registros orais. A transcrição, nesse contexto, não é um mero ato mecânico de converter fala em texto, mas um processo interpretativo que exige atenção às nuances do discurso. Isso envolve a memória do momento da entrevista, a rememoração durante a escuta e a reflexão sobre como a comunicação reverberou no pesquisador, resultando na construção da informação.

A escolha do método de transcrição, portanto, deve levar em conta não apenas a fidelidade ao conteúdo falado, mas também a capacidade de preservar as dinâmicas comunicativas e os sentidos subjacentes à fala dos entrevistados. Diante desse desafio, foi necessário adotar uma abordagem que equilibrasse precisão e eficiência na transcrição das entrevistas realizadas. Para isso, optei pela transcrição automática supervisionada, que permitiu maior agilidade sem comprometer a qualidade do material transcrito.

Diante do volume significativo de horas gravadas – um total de 23 horas, 59 minutos e 4 segundos de áudios –, utilizei o recurso de comando de voz do programa de edição Microsoft Word (2024), permitindo que a digitação ocorresse de forma automatizada. Enquanto o programa transcrevia, realizava correções em tempo real,

ajustava a pontuação, organizava os parágrafos e acrescentava elementos necessários para garantir uma transcrição fidedigna, conforme as diretrizes de Bourdieu (1997). Além disso, categorizava as transcrições por temas e as direcionava, em cópia, para os arquivos correspondentes aos capítulos em que poderiam ser evidenciados (André; Lüdke, 1986).

Apesar da facilidade proporcionada pela transcrição automática supervisionada, em muitos casos não foi possível utilizá-la. Devido à diversidade de dialetos apresentados nas entrevistas, os programas de transcrição frequentemente não reconhecem termos específicos, neologismos e variações de entonações distintas da norma culta. Diante desse desafio, optei por transcrever manualmente algumas entrevistas e, como já mencionado, desenvolvi um Dicionário Popular da Bacia do Rio Una. Esse recurso tem o objetivo de registrar e traduzir expressões regionais, garantindo que as palavras transcritas sejam compreensíveis para qualquer leitor.

### **2.3.2 Citação-foto**

A fotografia desempenha um papel essencial nos estudos geográficos, devido à sua capacidade de ilustrar, enriquecer e aprofundar o significado das narrativas expressas por meio do texto. Nesse sentido, destaco a centralidade das imagens em pesquisas como a de Pinder (2019), que introduz o conceito de Geo-foto-grafia, e no artigo de Aragão, Oliveira e Cavalcante (2021), que exploram a ideia de Fotograficidade, utilizando fotopoemas ao longo de suas análises. Pinder, em sua tese, baseia-se nas composições fotográficas de Sebastião Salgado para criar um diálogo entre Geografia e Arte, abordando a fotografia como uma forma de cartografia espacial que amplia horizontes interpretativos sobre o espaço. Já Aragão, Oliveira e Cavalcante intercalam imagens e textos poéticos, buscando revelar a geograficidade intrínseca a essas narrativas visuais.

Embora essas obras tenham contribuído significativamente para minha compreensão do papel da imagem na pesquisa geográfica, é a partir das especificidades do meu campo empírico e do meu compromisso com a escuta sensível dos sujeitos que desenvolvo uma proposta conceitual: o que denomino de



**citação-foto.** Trata-se de uma criação metodológica desta pesquisa, pensada para integrar texto e imagem de modo a proporcionar uma representação mais rica, contextualizada e sensorial das falas dos entrevistados.

A citação-foto é, portanto, um recurso metodológico, concebido para preservar a força expressiva da fala dos sujeitos ao mesmo tempo em que reinsere essa fala no espaço vivido em que ela foi proferida. Ao contrário das citações diretas tradicionais, que isolam o relato verbal do ambiente, a *citação-foto* estabelece uma relação intrínseca entre as palavras e as paisagens, pessoas, objetos ou situações descritas, criando uma leitura mais imersiva e afetiva. Essa abordagem parte do entendimento de que a experiência humana - especialmente em contextos geográficos e culturais - é inseparável do espaço em que ocorre. A imagem, nesse caso, não atua como simples ilustração, mas como amplificadora de sentidos, reforçando a interação entre narrativa, narrador e paisagem.

Ao longo da redação deste trabalho, percebi a necessidade de adaptar as normas da ABNT (NBR 10520, 2023) para algumas citações diretas dos entrevistados. Essa adaptação é justificada pela estreita conexão entre os relatos e as paisagens em que ocorrem, pois essas paisagens aprofundam e ampliam o entendimento das falas. Como mencionei anteriormente, diversas entrevistas foram realizadas durante caminhadas, permitindo que os entrevistados mostrassem visualmente o que relatavam. Nesse contexto, tornou-se evidente que, em determinados casos, o sistema tradicional de citação precisava ser ajustado para garantir maior fidelidade entre o conteúdo verbal e seu contexto visual.

Essa decisão resultou de um processo de experimentação prática ao longo da pesquisa. Inicialmente, testei a abordagem convencional prevista pela ABNT - com a inserção da citação textual seguida da imagem -, mas, na prática, essa estrutura se mostrou insuficiente para captar a complexidade da relação entre fala e paisagem. Foi nesse processo de tentativa e erro que a citação-foto se consolidou como uma alternativa metodológica mais adequada aos objetivos deste trabalho. Ao unir, de forma simultânea, a fala do sujeito e o registro visual do espaço vivido, esse formato potencializa a compreensão da narrativa, respeitando sua inteireza espacial e afetiva.

Por esse motivo, opto por utilizar o recurso da citação-foto em determinados trechos do texto, sempre que a imagem for indispensável para a leitura completa da fala registrada. Essa escolha visa garantir uma relação mais direta, sensível e

profunda entre palavras e imagens, contribuindo para uma narrativa mais fiel às experiências compartilhadas ao longo do trabalho de campo.

#### **2.3.4 Ilustração aquarelada**

[...]um leitor desatento poderá ver aí apenas uma imagem desgastada. É que ele não desfrutou genuinamente da deliciosa opticidade dos reflexos. É que ele não viveu o papel imaginário dessa pintura natural, dessa estranha aquarela que dá umidade às mais brilhantes cores. Como, então, poderia tal leitor seguir o contista em sua tarefa de materializar o fantástico? [...]Um leitor realista recusa-se a aceitar o espetáculo dos reflexos como um convite onírico: como sentiria ele a dinâmica do sonho e as espantosas impressões de leveza? Se o leitor percebesse todas as imagens do poeta, se fizesse abstração de seu realismo, sentiria enfim, fisicamente, o convite à viagem, seria também "envolvido por uma deliciosa sensação de estranheza. A idéia da natureza subsistia ainda, mas já alterada e sofrendo em seu caráter uma curiosa modificação; era uma simetria misteriosa e solene, uma uniformidade comovente, uma correção mágica nessas obras novas. [...] Aqui a imagem refletida está submetida a uma idealização sistemática: a miragem corrige o real, faz cair suas rebarbas e misérias. A água dá ao mundo assim criado uma solenidade platônica. Dá-lhe também um caráter pessoal que sugere uma forma schopenhaueriana: num espelho tão puro, o mundo é a minha visão. Pouco a pouco, sinto-me o autor do que vejo sozinho, do que vejo do meu ponto de vista. [...]Se prosseguirmos a viagem pelo rio de inumeráveis meandros que conduz ao domínio de Arnheim, teremos uma nova impressão de liberdade visual. Isso porque chegamos a uma bacia central em que a dualidade do reflexo e do real vai se equilibrar completamente. (Bachelard, p.51-52, 1997)

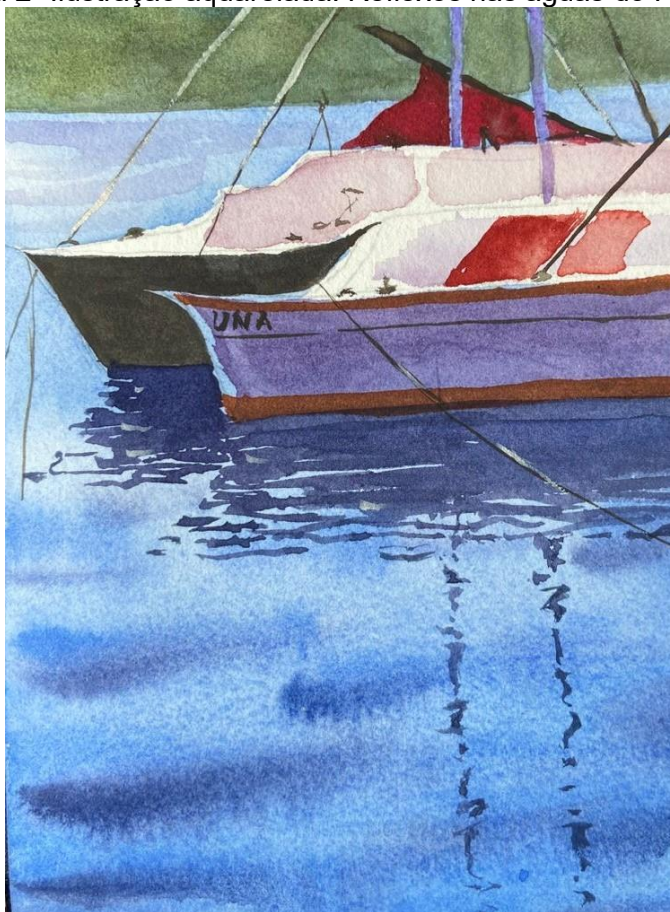
No decorrer da pesquisa, senti a necessidade de traduzir visualmente algumas das paisagens e percepções que emergiram dos relatos e das minhas próprias experiências de campo. Dentre as técnicas exploradas, a aquarela se revelou particularmente adequada, tanto pela sua relação simbólica com a água quanto pela sua capacidade de capturar a fluidez e a subjetividade do olhar sobre as paisagens e lugares.

A técnica da aquarela, que consiste em uma mistura fluida de água e pigmento, tem total relação com o trabalho, pois dialoga diretamente com o tema da pesquisa: a água. Assim como os rios desenham suas margens em processos contínuos de transformação, uma aquarela se constrói em camadas sobrepostas, permitindo que a cor se mova livremente pelo papel, sem prejuízo. Essa técnica, de contornos indefinidos, exige planejamento, leveza e fluidez – características que também se

encontram no processo de campo. Como na pesquisa, a aquarela envolve uma escolha sobre o que destaca e o que esmaece, o que permanece e o que se dissolve.

Bachelard (1997), ao tratar da água e dos sonhos, nos lembra dos reflexos e dos espelhos da água (Figura 2). Esses, ao refletirem o ambiente, criam uma outra cena, que pode ser interpretada de forma diferente por cada observador. Na minha jornada durante a pesquisa, senti a necessidade de desenhar paisagens vividas, tanto por mim quanto pelos entrevistados. Inicialmente, foram esboços desprezíveis que ajudaram a ordenar e sistematizar meu pensamento: mapas pictóricos, modelos de bacias hidrográficas a partir de uma perspectiva vivida. Em um desses esboços, acabei ilustrando com lápis aquarelável um trecho da crônica que abre a tese.

Figura 2- Ilustração aquarelada: Reflexos nas águas do Rio Una



Fonte: A autora (2025).

O incentivo de pessoas próximas me levou a considerar a possibilidade de incluir essas ilustrações na pesquisa, resgatando, assim, meu antigo gosto pela pintura. Essas imagens revelam minha visão do mundo e da bacia hidrográfica – um ponto de vista subjetivo que compartilho com o leitor, transitando entre os reflexos e a realidade (Bachelard, 1997). Quero ressaltar que as aquarelas aqui apresentadas são

de uma pesquisadora que foi uma criança amante das artes e que reencontrou seu brinquedo, voltando a brincar. Portanto, as imagens são totalmente amadoras, sem a pretensão de atingir o status de arte, mas sim de compartilhar um olhar sobre o mundo.

A Geografia, há muito tempo, se utiliza das artes para representar e interpretar paisagens. Desde Humboldt (Wulf, 2016) até o geógrafo brasileiro Carlos Augusto Figueiredo Monteiro (2001), é possível encontrar desenhos, esquemas, croquis e blocos-diagramas que ajudam a expressar aquilo que o texto, por vezes, não consegue precisar. Dessa forma, as aquarelas aqui apresentadas não são apenas ilustrações, mas registros sensíveis de lugares e paisagens vividas e experimentadas. A inclusão dessas ilustrações na pesquisa, portanto, vai além de uma simples representação visual; ela se torna um meio de aprofundar a interpretação e de trazer à tona a subjetividade que perpassa as minhas vivências e observações.

O exercício de aquarelar é, de certo modo, um retorno às próprias coisas. Ao tentarmos interpretar o que vemos, seja por meio de uma fotografia, seja "*en plein air*", desmontamos a imagem que se forma em nossas retinas para reconstruí-la sobre novas óticas – do devaneio, da criatividade ou da objetividade. Nesse processo, uma planta nunca será apenas verde; há nuances de verdes, azuis, vermelhos, marrons, amarelos... Não procuramos apenas o formato da folha, mas as geometrias que nos ajudam a chegar até ela. A sombra, a luz, a estação do ano, a posição do sol, o que está no entorno – tudo é levado em consideração. A pincelada será precisa ou daremos mais abertura para a imaginação? E quando planejamos algo e o movimento da água sobre o papel subverte nossa ideia inicial, apontando para outro caminho? A aquarela, assim como o próprio funcionamento de uma bacia hidrográfica, nos ensina que a água procura naturalmente os seus caminhos. Isso nos impõe o desafio de lidar com o imprevisto e com as transformações que ocorrem à medida que a paisagem se revela para nós.

A aquarela, portanto, não é apenas uma técnica; ela é uma metáfora para o processo de construção do conhecimento. Ela abre espaço para a imaginação e, ao mesmo tempo, exige uma atenção ao que está sendo observado, ela nos ensina a ver. Como no trabalho de campo, há uma negociação constante entre a objetividade da pesquisa e a subjetividade da experiência. A prática da aquarela contribui para o entendimento mais profundo das paisagens e permite que elementos invisíveis,

intangíveis ganhem forma e cor. Essa fusão de técnica e intuição revela as múltiplas dimensões do olhar geográfico.

## 2.4 SÉRIE INFINITA DA BACIA DO RIO UNA

Esta trajetória tem como objetivo específico investigar se a compreensão da bacia hidrográfica é construída no cotidiano. Para isso, selecionei um público diversificado, incluindo escolas da Bacia do Rio Una, na busca por compreender como a experiência desses indivíduos em seus lugares molda sua percepção da natureza. Além disso, procurei entender se eles percebem a existência das bacias hidrográficas e suas interconexões ou se, ao contrário, possuem uma visão fragmentada da natureza.

Sob uma perspectiva sartriana, o conceito desta pesquisa parte da ideia da Bacia como o finito no infinito. Nesse sentido, a bacia deixa de ser apenas um recorte técnico e passa a integrar uma série infinita, não apenas de conexões, mas também de maneiras de experimentá-la e interpretá-la. Como afirma Sartre:

O existente, com efeito, não pode se reduzir a uma série finita de manifestações, porque cada uma delas é uma relação com um sujeito em perpétua mudança. [...] somente o fato de tratar-se aqui de um sujeito implica a possibilidade de multiplicar os pontos de vista [...]. É o bastante para multiplicá-los ao infinito (Sartre, 2011, p. 17).

Para esta pesquisa, multiplicar os pontos de vista significa observar a Bacia Hidrográfica do Rio Una a partir de uma diversidade de perspectivas, ou seja, compreender como os habitantes da Bacia experienciam-na, para evidenciar a inesgotabilidade dos fenômenos (Sartre, 2011).

Esse movimento implica também um compromisso com a cocriação de sentido entre o pesquisador e os participantes, onde o conhecimento não é apenas extraído de forma passiva, mas construído conjuntamente. O pesquisador, em sua interação, se posiciona como um ator ativo, e a dinâmica de pesquisa não se resume ao ato de colher dados, mas à troca mútua de saberes. Esse processo, por sua vez, amplia a compreensão do conhecimento, revelando várias camadas de sentidos, que só podem ser acessadas por meio da interseção de diversas perspectivas.

Com esse propósito, pretende-se trazer à luz as vivências de diversas pessoas que residem na Bacia, reconstruindo-as em novas bases. Isto não implica diminuir o conhecimento existente, mas sim valorizá-lo e reelaborá-lo através de diferentes óticas. Busca-se, sobretudo, “[...] sabedoria e as experiências populares, com as filosofias espontâneas e as histórias vividas, buscando prospectar outros mundos e futuros possíveis” (Serpa, 2019, p. 32).

Através da lente fenomenológica, procuramos identificar nos discursos dos sujeitos os sentidos e significados que a bacia hidrográfica carrega. Isso ocorre através da intersecção entre minhas próprias experiências e as experiências dos outros (Merleau-Ponty, 2006, p. 18), o que possibilita uma compreensão mais profunda da relação deles com o mundo. Ao escutar de forma atenta e sensível os participantes, não apenas conhecemos suas histórias, mas também nos tornamos coautores de um entendimento mais complexo e plural sobre a Bacia.

Milton Santos (1996b) registra que existem várias maneiras de observar uma mesma paisagem ou objeto, enfatizando a multiplicidade de perspectivas. Cada ângulo de observação revela algo novo, como na obra *Relatividade* (1953) do gravurista Escher, ou como Claval (2004) nos lembra ao enfatizar a importância das diferentes perspectivas para uma melhor percepção/compreensão do nosso entorno. Conforme Claval (2004), a multiplicidade de pontos de vista auxilia na aproximação da realidade, e é exatamente isso que buscamos fazer ao observar a bacia de múltiplos ângulos e por meio das diferentes vozes que a habitam.

Com fins práticos, priorizou-se a diversidade dos participantes entrevistados, em vez de apenas a quantidade. Foram selecionadas pessoas de diversas idades, etnias, gêneros, profissões, religiões e lugares da Bacia, com o objetivo de permitir a emergência de uma variedade de experiências e percepções. Com esses indivíduos, foram realizadas entrevistas e grupos focais.

Naturalmente, a seleção dos participantes foi influenciada pelas relações que fui cultivando ao longo da minha trajetória. Isso fez com que eu me lembrasse de algumas pessoas ou, durante o processo de pesquisa, recebesse indicações dos próprios entrevistados ou de pessoas próximas. Essas sugestões ajudaram a ampliar o campo de participantes, e, em certos casos, até mesmo possibilitaram que as entrevistas seguintes fossem intermediadas por quem já havia sido entrevistado.

Assim, a pesquisa se desenvolveu de maneira interativa e contextual, em constante evolução, ancorada nas situações concretas e nas relações possíveis.

Esta etapa da pesquisa foi composta por dois eixos principais: entrevistas com o público geral e experiências com estudantes.

#### **2.4.1 Entrevistas com público geral**

Para esta etapa, entrevistei 40 pessoas (Quadro 01). Mas quem são exatamente esses entrevistados? Como e por que entrei em contato com eles? Na tentativa de responder a essas questões, e considerando o número de entrevistados, o Quadro 01 (p. 68) apresenta uma descrição sucinta de cada um. No entanto, à medida que avanço na pesquisa e trago suas falas, busco apresentá-los ao leitor de maneira mais aprofundada.

A partir da análise do Quadro 01, também será possível identificar os vínculos estabelecidos com cada entrevistado. Esses envolvimento pré-existent permitiram-me criar uma relação mais estreita com os participantes, uma relação que não foi construída exclusivamente para os fins da pesquisa, mas que se estende à minha vida cotidiana. Essa relação de confiança, proximidade e permanência foi essencial para que eu pudesse tratá-los como sujeitos da pesquisa, viabilizando um diálogo genuíno, conforme os pressupostos da pesquisa fenomenológica.

Além disso, essas relações não representaram um obstáculo ético ou de interesse, mas sim um elemento fundamental para a construção de um vínculo de confiança. Esse pacto foi crucial para que as entrevistas e relatos fluíssem de maneira respeitosa e sincera. O ato de dizer, como sabemos, está sempre condicionado pelo "para quem", e o contexto emocional e relacional da pesquisa exerce grande influência sobre a disposição dos participantes em compartilhar suas histórias, experiências, percepções e lugares.

Os laços estabelecidos facilitaram o acesso a lugares – casas, propriedades – e conversas que, de outra forma, seriam inacessíveis. Esse componente subjetivo e afetivo foi essencial para a pesquisa de campo, pois me permitiu transitar pelos lugares e paisagens dos sujeitos. Isso não só ampliou meu entendimento sobre a

Bacia, mas também me permitiu ler e observar as geograficidades inerentes aos entrevistados. Como pode ser visto no Quadro 01, as entrevistas ocorreram em diferentes locais da Bacia e em diversos horários, o que me exigiu estar em movimento e observar as cenas com diferentes luminosidades e perspectivas.

Os quarenta entrevistados listados no Quadro 01 contribuíram de diferentes maneiras ao longo desta pesquisa. Alguns tiveram suas falas diretamente citadas, enquanto outros influenciaram indiretamente a construção das ideias desenvolvidas a partir das conversas. Além disso, certas contribuições aparecem na forma de referências a imagens ou reflexões embasadas nos diálogos realizados. Mesmo aqueles que não são mencionados explicitamente desempenharam um papel essencial na construção deste conhecimento. Afinal, a pesquisa não se resume apenas aos caminhos percorridos, mas também aos que foram descartados.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> As atividades desenvolvidas ao longo da pesquisa envolveram não apenas alunos, mas também escolas, professores e os próprios entrevistados do público geral, constituindo um ponto de partida para a formulação de diversas questões e a identificação de novas possibilidades de investigação. Parte dessas experiências foi registrada no artigo Utilização de práticas artísticas no ensino de Geografia, publicado na Revista Estudos Geográficos da UNESP (v. 21, n. 3, 2023). Os demais dados obtidos fornecem subsídios para desdobramentos futuros, voltados à construção de uma proposta de educação ancorada na geograficidade — compreendida em sentido amplo, para além dos espaços formais de ensino. Por essa razão, muitas das experiências de campo não foram incluídas nesta pesquisa; assim como os rios, às vezes é necessário abandonar certos meandros para melhor definir o curso a seguir.



## Quadro 1- Entrevistas realizadas

ENTREVISTADO	PROFISSÃO	ESCOLARIDADE	GENERO	ETNIA	IDADE	MUNICIPIO	NATURALIDADE	VINCULO	LOCAL DA ENTREVISTA	DATA	HORA
1 Gildo Ramos de Andrade	Agricultor, professor, aposentado	Magistério	M	BRANCO	81	Laje	Colatina, ES	Tio	Fazenda Capixaba, Laje, Bahia.	20/03/2023	15:00-17:30
2 Ivo Ramos de Andrade	Mecânico aposentado	Analfabeto	M	BRANCO	84	Pres. Tancredo Neves	Colatina, ES	Avô	Sítio Capixaba	18/03/2023	16:00-17:00
3 Danilo de Andrade Matos	Técnico em sistemas fiscais	Graduando em Contabilidade	M	BRANCO	30	Pres. Tancredo Neves	Valença	Irmão	Minha casa	19/03/2023	19:00-20:00
4 Dalvina Farias de Andrade	Dona de casa, aposentada	Analfabeta	F	PARDA	74	Pres. Tancredo Neves	Valença	Avô	Sítio Capixaba	07/04/2023	15:00-16:00
5 Edvânio Mendes da Silva	Vereador	Administrador, especialista em gestão pública e graduando de Direito.	M	PARDO	40	Pres. Tancredo Neves	Feira de Santana - Ba	Conhecido desde a infância	Sindicato dos Trabalhadores Rurais da agricultura Familiar de PTN ( SINTRAF)	04/04/2023	8:00-9:30
6 Maria Sousa da Silva Santos	Agricultora	Ensino fundamental II	F	NEGRA	54	Pres. Tancredo Neves	Mutipe	Amiga da família.	Minha residência	03/04/2023	8:00-10:00
7 Eunice Novais Sampaio	Mãe de Santo	Analfabeta	F	PARDA		Pres. Tancredo Neves	Cachoeira de São Felix	Avô de uma ex aluna e parceira de projetos meus na escola.	Terreiro Iê Axé de Iansã da Mãe Adôli, Bairro Nova Esperança	02/04/2023	9:00-12:00
8 Pedro José de Oliveira	Agricultor	Analfabeto	M	PARDO	74	Pres. Tancredo Neves	Santo Antonio de Jesus	Amigo e vizinho.	Fazenda da Pedra, Região da Pedra.	01/04/2023 e 04/04/2023	15:00-16:00; 10:00-12:00
9 Balbino Lino dos Santos	Comerciante, agricultor e cantor de samba de roda.	Ensino fundamental I	M	NEGRE	71	Pres. Tancredo Neves	Fazenda Ipiranga, Pres	Vizinho, parceiro de outros projetos já realizados.	Barraca do Balbino, Praça Duque de Caxias, Centro, Pres. Tancredo Neves, Ba.	31/03/2023	9:00-10:30
10 Edlene de Jesus dos Santos	Vereadora e professora	Graduada em História, Pós graduada em gestão e coordenação pedagógica	F	PARDA	45	Pres. Tancredo Neves	Valença	Colega de Trabalho.	Pátio do Colégio Alcino Neves.	11/abr	11:00-12:00
11 Maria das Graças Silva Santos	Presidente da Colônia de pescadores, pescadora, marisqueira	Ensino fundamental I	F	PARDA	68	Valença	Maricabo, Cajaiba	Conheci a partir da pesquisa.	Salão de atendimento da Colônia de pescadores e Cais do Tênto, Valença, BA.	14/04/2023	9:00-10:30
12 Raimundo Magalhães Costa	Deputado federal	Contador	M	PARDO	61	Valença	Valença, Bahia	Conheci a partir da pesquisa.	Casa do Deputado, Tênto, Valença, BA.	14/04/2023	12:00-13:30
13 Alvino de Jesus Santos	Agricultor e Presidente da Associação de produtores Rurais da Comunidade do Novo Horizonte ( ASCON)	Segundo Grau completo	M	PARDO	38	Sítio Cosme e Damião, No Horizonte I, Pres. Tancredo Neves	Valença	Amigo de Lia( Entrevistada nº9)	Minha residência	20/05/2023	08:30-10:30
14 Jonas Natã Mascarello	Agricultor	Ensino Médio completo	M	BRANCO	23	Fazenda Vitafruit, Moenda	Dois Vizinhos, Paraná	Ex-aluno	Minha residência	17/05/2023	18:00-20:30
15 Otávio Campos Mota Nunes	Poeta	Ensino médio		BRANCO	75	Valença	Amargosa, Bahia	Conheci a partir da pesquisa. Amigo de Nem Cardim.	Centro de Cultura, valença, Bahia.	14/04/2023	15:00-15:30
16 Jefferson	Pescador e reparador de barcos	8 Série	M	NEGRE	04/02/1900	Valença	Valença, Bahia	Conheci a partir da pesquisa. ( Amigos de Maior Entrevistado nº 19)	Leito do Rio Una, Tênto, Valença, BA.	14/04/2023	14:00-15:00
17 Edmilson F. de Aquino	Pescador e reparador de barcos	8 Série	M	NEGRE	-	Valença	Valença, Bahia	Conheci a partir da pesquisa ( Amigo de Maior)	Leito do Rio Una, Tênto, Valença, BA.	14/04/2023	15:40-16:10
18 Florisvaldo Cardim do Nascimento Filho ( Nen Cardim)	Artista /escultor	Ensino médio	M	INDIGENA	49	Valença	Valença, Bahia	Amigo.	Centro de Cultura, valença, Bahia.	14/04/2023	15:40-16:10
19 Jailton Batista de Souza (Maior)	Pescador aposentado	-	M	PARDO	02/03/1900	Valença	Valença, Bahia	Conheci a partir da pesquisa de campo.	Área de beneficiamento da Colônia de pescadores e Cais do Colônia de pescadores, Tênto, Valença, BA.	14/04/2023	10:30-11:00
20 Israel Pedro Dias Ribeiro	Advogado	Bacharel em direito, Espec. Direito Público, Mestrando em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente(UESC)	M	PARDO	33	Teolândia	Santo Antonio de Jesus, Bahia	Amigo e pesquisador do PSA	Minha residência	10/05/2023	13:00-15:00
21 Elenita de Jesus Santos	Dona de Casa	-	F	PARDA	-	Pres. Tancredo Neves, Bairro do Chafariz.	-	Tive o privilégio de conhecê-la durante uma das minhas atividades de campo.	Chafariz, Bairro do Chafariz, Pres. Tancredo Neves, BA.	24/04/2023	10:00-10:30
22 Jildes Geminiano de Souza	Agricultor	-	M	PARDO	-	Bairro do lançamento de efluentes do hospital. Pres.	-	Tive a oportunidade de conhecer essa pessoa durante a fase de trabalho.	Roa de cacau no Bairro Maria Rosa, PTN.	08/05/2023	10:00-10:20
Equipe da Secretaria Municipal de desenvolvimento, Planejamento e Meio Ambiente (SEDPLAN) de Presidente Tancredo Neves.											
23-Lais Wenceslau	1-Secretária da pasta.	1. Arquiteta e urbanista, Especialista em Gestão Pública.	F	BRANCA	31	Praça Duque de Caxias, Centro, Presidente Tancredo Neves.	Santo Antonio de Jesus	Amiga da família	SEDPLAN, Praça Duque de C	28/04/2023	10:00-11:30
24-Lusitânia de Jesus Silva	2-Fiscal de Vigilância Ambiental	Bacharela em Administração. 2.Especialista em gestão pública eMicropolítica do trabalho e gestão em saúde.	F	BRANCA	34		Valença, Bahia	Ex colega de escola.	SEDPLAN, Praça Duque de C	28/04/2023	10:00-11:30
25-lane Santos Bulhões	3-Engenheira sanitaria e ambiental (Consultora)	3 Engenheira Sanitarista e ambiental. Especialista em mineração e segurança do trabalho. Mestranda.	F	BRANCA	33		Santo Antonio de Jesus	Conhecida, parceira de outros projetos da escola.	SEDPLAN, Praça Duque de C	28/04/2023	10:00-11:30
26- Ritaine Santos	4- Secretária de Meio Ambiente	Ensino Médio	F	PARDA	45		-	Conhecida, parceira de outros projetos da escola.	SEDPLAN, Praça Duque de C	28/04/2023	10:00-11:30
27 Adriano Fonseca Santana	Professor de Artes e Artista Visual	Licenciado em desenho e plástica, Mestre	M	NEGRE	40		Avenida Sete de Setembro, Salvador	Vice Diretor da Escola que trabalho, sou Madrinha de casamento.	Casa de Adriano, Av. Sete de Setembro	02/04/2023	17:00-19:30
28 Ana Ribeiro Santana	Psicologa	Psicologia e Letras vernáculos	F	PARDA	38	Avenida Sete de Setembro	Mutipe	Amiga	Casa de Ana, Av. Sete de Setembro	02/04/2023	17:00-19:30
29 Clara Santos Guerra	Estudante	Segundo ano do ensino médio	F	PARDA	16	Bairro Colina Verde	-	Ex-aluna	Biblioteca do CEMXAR	18/04/2023	15:00-15:45
30 Beatriz Andrade Gomes	Estudante	Segundo ano do ensino médio	F	NEGRA	16	Rua Santo André, Ser	-	Participante do projeto	Biblioteca do CEMXAR	18/04/2023	15:00-15:45
31 Everton Eonides Oliveira Santos	Comerciante e agricultor. ( Ponto de interesse na entrevista, relato sobre o sequestro.)	Administrador com ênfase em agronegócio.	M	PARDO	37	Praça Welington Nunes	Valença	Amigo	Minha residência	12/04/2023	14:00-15:20
32 Felinto Cajaiba Dias Neto	Pedreiro de Fogão e Agricultor	4ª série	M	PARDO	50	Comunidade Quilombola do Alto Alegre	Pres. Tancredo Neves	Projetos ambientais na comunidade quilombola	Minha residência e Alto Alegre	05/04/2024	14:00-15:45
33 Dilma Farias de Andrade Matos	Comerciante	Ensino médio	F	BRANCA	55	Pra Duque de Caxias	Pres. Tancredo Neves	Mãe	Minha residência		
34 Katiele de Jesus dos Santos	Estudante e Agricultora	Graduanda	F	PARDA	21	Tesoura 01, Sítio Dois irmãos	Pres. Tancredo Neves	Ex Aluna	Minha residencia	08/04/2024	10:40
35 Aurelino Rodrigues Matos	Agricultor		M	PARDO	50	Pra Duque de Caxias	Pres Tancredo Neves	Pai			
36 Valdomiro Góis dos Santos	Agricultor	Terceira série- Ensino básico incompleto	M	Negro	50	Comunidade Quilombola	Pres. Tancredo Neves	Auxiliar de pesquisa de campo	Região do alto alegre- Ipiranga	2017-2024	
37 Eliomar Farias Café	Agricultor e mecânico	Ensino médio	M	Branco	41	Sítio Água Sumida, Te	Pres. Tancredo Neves	Primo	Minha residência	17/06/2024	18:00-19:00
38 Luciene Argolo	Dona de Casa	Ensino médio	F	Branca	50	Terra Preta, Valença	Valença	Tia	Internet	19/30-20:30	
39 Jainan Santos	Estudante	ensino médio incompleto	M	Pardo	18	Pres. Tancredo Neves	Presidente Tancredo Neves	Aluno	CEMXAR	20/09/2025	09:40
Mercedes Ramos de Andrade	Dona de casa	Ensino fundamental completo	F	Branca	92	Fazenda Capixaba	Laje	Tia	Fazenda capixaba e internet	26/08/2026	17:00

Fonte: Trabalho de campo (2023). Elaboração: A autora (2025).

### **2.4.2 Experiências com estudantes**

Esta etapa de pesquisa apresenta as experiências metodológicas desenvolvidas com crianças, adolescentes e jovens da Bacia do Rio Una. Cada etapa foi planejada respeitando as especificidades dos lugares em que vivem e os diferentes momentos formativos dos participantes. Todas as atividades foram realizadas em formato de grupo focal, o que permitiu aprofundar os diálogos e compreender os significados compartilhados pelos sujeitos. Ao todo, 141 estudantes participaram das atividades, representando diferentes escolas, faixas etárias e lugares. Essa abordagem foi essencial para compreender a diversidade de relações entre os participantes e a Bacia do Rio Una.

As atividades com crianças ocorreram em duas escolas dos municípios de Presidente Tancredo Neves e Valença. A primeira atividade foi desenvolvida no dia 30 de março de 2023, na Escola Municipal Manoel José Farias Campos, situada na zona rural do município de Valença, Bahia. A turma foi selecionada com apoio da professora Telma Argolo, levando-se em conta o perfil participativo dos alunos e seus relatos frequentes sobre experiências próximas ao Rio do Braço. A atividade foi estruturada em três etapas: apresentação, grupo focal e caminhada pelos arredores da escola, culminando em uma explicação lúdica sobre bacias hidrográficas. Foram utilizados materiais como papel ofício, lápis de cor, massa de modelar e uma caixa de som, o que favoreceu uma abordagem sensível e espontânea.

A segunda atividade ocorreu no dia 03 de abril de 2023, no Centro Educacional Mundo Infantil, localizado na zona urbana do município de Presidente Tancredo Neves, Bahia. A proposta teve como objetivo promover o diálogo com alunos citadinos e estabelecer correlações com as experiências das crianças da comunidade rural de Valença. A metodologia foi a mesma utilizada na escola anterior, com exceção da etapa de campo. A professora Denise Argolo atuou como mediadora em todas as fases do grupo focal e também sugeriu uma escuta individual com um aluno no turno da tarde, cujos relatos contribuíram significativamente para a pesquisa.

Na etapa correspondente aos anos finais do Ensino Fundamental, as atividades foram desenvolvidas no Colégio Municipal Aécio Neves (CEMAM), localizado em Presidente Tancredo Neves. Com o apoio da colega Genoveva Sacerdote, estudantes

de diferentes turmas e turnos participaram de três encontros presenciais e interações via WhatsApp. Os grupos focais propiciaram a partilha de memórias, percepções e reflexões sobre os rios conhecidos, suas origens e destinos. A experiência contribuiu para o aprimoramento de mapas, ilustrações e estratégias metodológicas da pesquisa.

No Ensino Médio e na Educação Profissional, as atividades ocorreram em duas instituições. Em Valença, o trabalho foi realizado no Centro Estadual de Educação Profissional do Leste Baiano (CEEP), com turmas dos cursos de Segurança do Trabalho e Avaliação Ambiental. Os encontros foram conduzidos com apoio da professora Maíra Silveira Guimarães, em articulação com a coordenadora Jéssica Santiago. Após os grupos focais iniciais, os estudantes realizaram um percurso investigativo pelo Rio Una na área urbana da cidade, com fichas de observação, GPS, cartas temáticas e imagens de satélite. A experiência despertou sensibilidades geográficas e afetivas, e os materiais produzidos (relatos, registros fotográficos, vídeos) integram o corpus de análise da pesquisa.

Em Presidente Tancredo Neves, a experiência aconteceu no Colégio Estadual Maria Xavier de Andrade Reis (CEMXAR), onde leciono há mais de 16 anos. As atividades foram realizadas com dois grupos formados com apoio da professora Monique Veiga, totalizando 25 estudantes. Os encontros ocorreram na biblioteca, onde os estudantes construíram coletivamente itinerários com base em seus conhecimentos, pesquisas e reflexões sobre os cursos d'água locais.

A diversidade de espaços, momentos formativos e contextos escolares contribuiu para uma compreensão plural das relações dos estudantes com os rios da Bacia do Una. As diferentes experiências – da infância à juventude – revelaram dimensões sensoriais, afetivas e cognitivas que enriquecem a análise proposta.

A ausência de padronização entre os grupos, longe de ser uma limitação, reflete a natureza da pesquisa fenomenológica: aberta ao presente, marcada pelo contexto e pela espontaneidade. Como destaca Vaz (2002), essa abordagem exige que o fenômeno se revele em sua temporalidade própria, o que desafia o planejamento rígido, mas oferece revelações profundas e genuínas.

Parte dessas vivências é apresentada em uma seção específica dedicada à relação das crianças com os rios, enquanto as demais contribuíram significativamente para a construção e reflexão da tese como um todo. Ainda que algumas experiências

não tenham ganhado destaque no trabalho final, é importante ressaltar que integraram o processo investigativo e foram fundamentais para alcançar os resultados obtidos.

Além dos procedimentos metodológicos adotados, é importante destacar uma decisão ética tomada ao longo da pesquisa: a opção por não socializar informações específicas sobre os dados dos estudantes e das turmas participantes. Na seção que apresento os relatos das crianças, utilizei apenas os primeiros nomes, ocultando os sobrenomes com o objetivo de proteger suas identidades. Embora todas as autorizações legais e documentações necessárias tenham sido obtidas – como termos de consentimento livre e esclarecido e autorizações institucionais –, optei por não publicizar esses dados a fim de preservar a identidade e a privacidade dos sujeitos envolvidos, sobretudo por se tratar de crianças, adolescentes e jovens em contextos escolares. Essa escolha reafirma o compromisso com uma escuta sensível, cuidadosa e respeitosa, que considera não apenas as exigências legais, mas também os valores éticos que sustentam uma pesquisa comprometida com os sujeitos e seus lugares.

Para cada entrevistado e grupo focal, foram cuidadosamente planejados estímulos específicos, com o objetivo de explorar as experiências e percepções dos sujeitos em relação aos lugares onde vivem. A água, como elemento central e simbólico, serviu frequentemente como ponto de partida para o processo de elicitação dos relatos. A partir dela, buscamos compreender não apenas a nascente, o rio e a bacia, mas também a relação dos participantes com a natureza em suas diversas dimensões. Essa abordagem propôs um caminho para expandir a reflexão sobre o meio ambiente e, por extensão, para o entendimento das interconexões que moldam suas vidas e o próprio mundo em que habitam.

### 3 A BACIA HIDROGRÁFICA VIVIDA

Figura 3- Citação-foto: Sítio Capixaba, Laje, Bahia



Fonte: A autora (2025).

Em uma tarde ensolarada de 20 de março de 2023, eu e meu tio Gildo conversamos em frente à casa da minha tia Mercedes (Figura 03). Na tentativa de me aproximar de seus saberes sobre bacias hidrográficas, pedi que ele descrevesse o relevo da Fazenda Capixaba, onde estávamos. Até aquele momento, minha compreensão sobre bacias hidrográficas estava pautada por uma visão positivista. Acreditei que, partindo dos princípios científicos – ou seja, da forma da superfície –, poderia alcançar uma compreensão mais enraizada na experiência vivida.

Ao longo da conversa, encontramos uma dificuldade linguística para nomear e descrever as formas do relevo. Como adverte Berque (2023, p. 15), “podemos sentir as coisas por outros meios que não pelas palavras”, e essa percepção se confirmou naquele instante. No entanto, ao contemplar o Lamarão, que serpenteava à nossa direita e marcou minha infância, um questionamento surgiu espontaneamente: "Tio, de onde vem o Lamarão? Passei boa parte da minha infância explorando suas águas, mas desconheço sua nascente". Essa indagação serviu como um estímulo para que

ele começasse a traçar, com base na memória, tanto o curso do riacho quanto a história de nossa família.

Para ampliar essa experiência, meu tio me convidou a percorrer o caminho do Riacho. Como nos ensina poeticamente Adélia Prado (1986), não há nada mais didático do que aprender a partir de uma experiência. Enquanto observávamos o percurso do Lamarão, ele o descrevia com palavras e gestos, delineando não apenas sua trajetória e a paisagem ao redor, mas também os usos e ocupações das margens e sua própria coleção de plantas. Nesse processo, ele resgatou histórias vividas de familiares e amigos, conectando memórias e paisagem. Sua narrativa transcendeu a mera descrição física do espaço, articulando esses elementos de forma coesa e envolvente, mostrando que, além de não serem antagônicos, se complementam na construção do significado do lugar.

Figura 4- Citação-foto: Gildo Ramos explicando as características do relevo no Sítio Capixaba

Aqui a gente tem a  
visão do relevo. Só de  
olhar, a gente sabe -  
porque é o meu  
caminho desde  
criança.

**Gildo Ramos, 81 anos. Professor  
aposentado e agricultor,  
residente em Laje – BA, 2023.**



Fonte: Imagem – Giildeny Andrade (2025). Elaboração: A autora (2025).

Essa frase revelou a conexão íntima que ele construiu com aquele espaço desde a infância, justificando seu conhecimento do lugar como fruto de sua vivência e permanência nele (Dardel, 2015). Essa pausa em um determinado espaço é o que “permite marcar o lugar na experiência; deformá-lo, senti-lo de forma específica, significá-lo” (Marandola Jr., 2013, p. 8). A partir dessa entrevista, percebi que a



experiência de lugar, especialmente a partir do rio da infância, poderia me levar a conhecer a bacia vivida por meu tio.

De modo semelhante, os conhecimentos hidrográficos apareciam nas entrevistas a partir dos relatos das experiências situadas, indicando que as experiências de lugar configuravam o caminho mais profícuo para chegar aos conhecimentos vividos sobre a Bacia Hidrográfica do Rio Una.

A título de exemplo das situações que me levaram a essa escolha, no início da minha entrevista com o Deputado Federal Raimundo Costa, ao perguntá-lo sobre sua trajetória ligada à pesca, ele me disse:

Figura 5- Citação-foto: Deputado Federal Raimundo Costa em canoa ancorada no Rio Una

No final das contas: do pó vieste, ao pó voltarás. É... eu não tenho dúvida disso! Eu sempre digo: no dia em que eu deixar de ser deputado, eu volto pra minha origem principal, que é a colônia de pescadores, que é a razão da existência da minha família [...]. É como quando você vai pra capital, faz uma graduação, resolve sua vida econômica. Mas você sabe que tem uma ligação - o seu cordão umbilical tá ali. Tem alguma coisa que te amarra, que liga sua mente. A pessoa pode ter o mundo lá fora, mas tendo a nossa cidade, que é a família, o nosso aconchego... a gente vive mais e melhor, até com menos. Até com menos, porque se a gente tá mais satisfeito, mais realizado, a autoestima melhora. Enfim, hoje a capital já não oferece tanta segurança - claro, lugar seguro mesmo não tem - mas é uma coisa do psicológico. Parece que aqui tem menos perigo, comparado com outros lugares.

**Raimundo Costa, 63 anos. Deputado Federal, natural de Valença – BA, 2023.**



Fonte: Imagem - Assessoria do Deputado (2024). Elaboração: A autora (2025).

A sua ligação com a cidade de Valença e a Colônia de Pescadores Z-15 é explicitada a partir da expressão “cordão umbilical”; essa conexão denota um vínculo materno, orgânico e que, pelo relato, permanece íntegro, não foi cortado. Os lugares citados pelo deputado fazem parte da sua geobiografia (Cavalcante, 2022), pois ele cresceu às margens e nas águas do Rio Una, em Valença. Filho de pescador, ele se reconhece como pescador e foi eleito a partir de pautas ligadas às atividades da pesca.

Em outra entrevista realizada, a intimidade com o espaço também é evidenciada por Pedro José. Inicialmente, tentamos conduzir uma entrevista na sede

municipal de Presidente Tancredo Neves, mas sempre que ele tentou relatar algo, faltava-lhe a imagem, a vista de sua propriedade; ele se sentiu deslocado do seu lugar de experiência. Diante do desejo de se manifestar plenamente, ele sugeriu que a continuação da entrevista só poderia acontecer em sua fazenda, onde me mostraria tudo que considerava importante. Assim, fomos até lá. Ao chegarmos, ele me chamou a caminhar pela propriedade. Enquanto andávamos, da casa até uma estrada com uma das vistas mais bonitas do lugar, ele falou:

Figura 6- Citação- foto: Pedro José em sua Fazenda na Região da Pedra, Pres. Tancredo Neves

Olha, Daiana, eu adoro isso aqui! (diz isso enquanto gira e aponta para a paisagem). Aqui eu fico no meio do mato, o dia todo pra lá e pra cá - um bicho doido! Acendo meu fogão de lenha às quatro, faço meu café preto daquele jeito, entro no pasto, venho pelas estradas, vou pra roça. Um bicho doido que eu sou! Os passarinhos ficam tudo cantando atrás de mim, tá vendo aí? Piu, piu, piu, piu, piu! Tem sabiá, tem bacurau, tem andorinha, tem rolinha... é essa festa todo dia! Aí eu vejo as flores, eu vejo a mata, a represa, olho pra essa vista que você tá vendo! Por isso eu queria que você viesse, pra eu te mostrar. Olha que coisa linda! Olha pra essas flores... isso me alegra! É diferente da agonia da rua. Eu vou pra lá pra passar uma semana... no segundo dia, eu já tô pedindo pra me trazerem de volta. Eu amo isso aqui! Queria que meus filhos tivessem o mesmo gosto que eu, porque eu tô ficando velho - apesar de não parecer (risos). Eu tenho 75 anos! Um dia, isso aqui vai ficar pros meus filhos... e eu sei que eles não têm o mesmo carinho por aqui que eu. Eu não queria vender.

**Pedro José, Pedra 90, 75 anos, Agricultor, Região da Pedra, Pres. Tancredo Neves, 2023.**



Fonte: A autora (2025).

As declarações de bem-estar e encantamento com a natureza de sua propriedade revelam sua relação com o lugar para além do valor mercadológico e para seu trabalho enquanto agricultor. É explícito o valor subjetivo, a conexão com a paisagem e as situações que o fazem se sentir em casa. O relato “da festa” que os passarinhos fazem ao encontrá-lo todos os dias já é suficiente para imaginarmos as tramas inconscientes e subjetivas que o ligam àquela terra.

De modo análogo, os relatos de Balbino Lino sugerem que o lugar o escolheu, o adotou:



Figura 7- Citação-foto: Balbino Lino tocando pandeiro na Praça da Feira, Pres. Tancredo Neves, Bahia



Fonte: A autora (2025).

Minha “cumade” Adélia falou assim: “Ô meu ‘cumpade’ Olavo” - (meu pai se chamava Olavo) - “tem que ‘rezistrar’ Balbino, porque Balbino chegou aqui pequenininho, com quatro anos de nascido, hoje já tá com dez anos. Coloca esse menino como ‘fi’ de Tancredo Neves”. Hoje eu tenho meu ‘rezistro’ como filho de Tancredo Neves - mas eu vim de Amargosa, é perto. Sempre, sempre a gente passa lá. Tenho parente lá. E a vida continua aqui [...] Tem setenta anos que eu moro nessa região - e moro até hoje. Quer dizer, tem 56 anos que eu convivo nessa cidade direto. As coisas e as pessoas antigas que você me perguntar aqui, nessa cidade, eu vou saber falar de todas.

**Balbino Lino, 63 anos. Cantador de samba de roda, comerciante e agricultor, residente em Presidente Tancredo Neves – BA, 2023.**

As itinerâncias da vida levaram Balbino, dentre tantos outros sítios, a construir uma ligação com Presidente Tancredo Neves. Por meio de sua história, ele nos ajuda a compreender que o lugar é mais que um espaço físico; é uma construção que se dá com o tempo, sem relação com a naturalidade, mas com as afinidades que se estabelecem, de tal modo que decidimos ficar mesmo possuindo outros lugares para onde ir. É o lugar enquanto circunstancialidade (Marandola Jr., 2012).

Em resumo, as quatro entrevistas – com Gildo Ramos, Raimundo Costa, Pedro José e Balbino Lino – me ajudaram a compreender que compartilhar as experiências de lugar poderiam me aproximar das compreensões e noções de bacia hidrográfica desses sujeitos. Nos relatos, não foram as geometrias, disposições de objetos ou dinâmicas dos fluxos que me aproximaram da compreensão de uma bacia hidrográfica vivenciada pelos sujeitos de pesquisa. Em vez disso, foram as sensações, simbolismos e intersubjetividades associados à experiência espacial que me permitiram acessar seus conhecimentos geográficos. Em decorrência dessa constatação,

Busquei fortalecer o sentido de lugar (e sua relevância não como sítio, mas como circunstancialidade e abertura), articulando tanto experiência de campo quanto as variadas escalas de construção do conhecimento em uma perspectiva que se pretende fundada na facticidade cotidiana da vida (Marandola Jr., 2021, p. 26).

Cabe destacar que, no presente trabalho, a palavra "lugar" representa a reunião de experiências e significados que qualificam nossa vivência (Relph, 2012, p. 22). Como exemplificado nas entrevistas, o lugar aparece quando as pessoas descrevem o que aquele espaço reúne em termos de objetos e acontecimentos que o tornam único, imprescindível para elas. Por isso, as narrativas revelam os sentimentos topofílicos dos sujeitos (Tuan, 1980).

Ao vivenciarem lugares, os sujeitos não se limitam a uma escala local, mas mobilizam sentidos e experiências que atravessam diversas escalas geográficas — como a bacia e até o mundo — reafirmando a complexidade do lugar como dimensão experienciada, e não como mera delimitação espacial. Relph (1979) nos lembra que: Essas tradições e práticas solidárias demonstram como a cultura e o trabalho se entrelaçam à natureza da bacia, criando uma identidade regional única

Não há limites precisos a serem traçados entre espaço, paisagem e lugar, como fenômenos experienciados. Nem a relação entre eles é constante - lugares têm paisagens, e paisagens e espaços têm lugares. Culturalmente, lugar talvez seja o mais fundamental dos três, porque focaliza espaço e paisagem em torno das intenções e experiências humanas. Conhecemos o mundo pré-conscientemente através e a partir dos lugares nos quais vivemos e temos vivido, lugares que clamam nossas afeições e obrigações (Relph, 1979, p. 16).

Dada a centralidade do conceito de lugar neste trabalho, partimos dos lugares vivenciados pelos sujeitos de pesquisa e transitamos entre seus espaços e, sobretudo, suas paisagens. Como nos lembra Marandola Jr. (2014), é pela paisagem que inicialmente nos relacionamos com os lugares. Isso fica evidente nos relatos: Gildo descreve o relevo, a vegetação e os rios; Pedro revela uma paisagem dinâmica, com movimentos, sons, cheiros, profundidade e texturas; Raimundo fala de sua relação topofílica e nos faz imaginar uma cidade pequena ou média, além de um lugar que propicia a reunião de pessoas ligadas à sua história; e Balbino evidencia seu conhecimento espacial e histórico das paisagens e pessoas de Pres. Tancredo Neves.

É preciso também salientar que a significação do termo "paisagem" neste trabalho não se restringe àquilo que se capta com o olhar, em um só golpe, de forma bidimensional. Nem tampouco à mera disposição de objetos sob o espaço, ou às características físicas. Aqui, a paisagem está no observador, dispõe-se ao redor de modo tridimensional, possui profundidade, podendo ser percorrida, sentida, visualizada, experimentada e repartida. Ela segue os limites da vivência e das percepções. Ela é “muito mais que uma justaposição de detalhes pitorescos; a

paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma ‘impressão’ que une todos os elementos” (Dardel, 2015, p. 30). Além disso é uma paisagem ancestral (Krenak, 2022; Risso, 2023), pois existe muito antes de nós. A título de exemplo, Saramago (2012), em seu livro *Levantado do Chão*, narra um pouco do que seria essa paisagem que tentamos conceituar:

O que mais há na terra, é paisagem. Por muito que do resto lhe falte, a paisagem sempre sobrou, abundância que só por milagre infatigável se explica, porquanto a paisagem é sem dúvida anterior ao homem, e apesar disso, de tanto existir, não se acabou ainda. Será porque constantemente muda: tem épocas no ano em que o chão é verde, outras amarelo, e depois castanho, ou negro. E também vermelho, em lugares, que é cor de barro ou sangue sangrado. Mas isso depende do que no chão se plantou e cultivava, ou ainda não, ou não já, ou do que por simples natureza nasceu, sem mão de gente, e só vem a morrer porque chegou o seu último fim. [...] Não faltam cores a esta paisagem. Porém, nem só de cores. Há dias tão duros como o frio deles, outros em que se não sabe de ar para tanto calor: o mundo nunca está contente, se o estará alguma vez, tão certa tem a morte. E não faltam ao mundo cheiros, nem sequer a esta terra, parte que dele é e servida de paisagem. [...] Tanta paisagem. Um homem pode andar por cá uma vida toda e nunca se achar, se nasceu perdido (Saramago, 2012, p. 11-12).

Dessa forma, os relatos sobre as memórias dos lugares e paisagens não apenas delinearam os mapas das geograficidades dos sujeitos, mas também revelaram uma bacia vivida como um conjunto de lugares entrelaçados por histórias e vivências compartilhadas. Esses lugares possuem escalas variadas: um sítio, uma fazenda, uma pequena cidade, uma cidade média, uma colônia de pesca, a Bacia do Rio Una, dentre outros que serão aqui apresentados. A escala do lugar será mensurada a partir do fenômeno, pelo acontecimento que marca a experiência (Tuan, 2013).

Como disse Krenak (2022, p. 31-32), “Os antigos diziam que, quando a gente botava um mastro no chão para fazer nossos ritos, ele marcava o centro do mundo. É mágico que o centro possa estar em tantos lugares [...]”. Esses lugares, na presente pesquisa, possuem nome próprio (Dardel, 2015) e se multiplicam pelas pessoas que neles vivem: Valença, Presidente Tancredo Neves, Mutuípe, Teolândia, Laje, Tendo, Bolívia, Baixada do Aécio, Jacaré, Km 01, Abiá, Várzea, Roda D’água, Três Saltos, Grande Val, Lava Siri, Pitanga, Km 02, 55, Toca da Onça, Macaco, Ipiranga, Tabuleiro, Entroncamento, Terra Preta, Batateira, Baixão, Julião, Gendiba, Derradeira, Formiga, Café, Orobó, Santa Galo, Tesoura 1 e 2, Baixa Alegre, Cachoeirinha, Cachoeira Alta, Lontra, Gereba, Rafael...

Alguns desses lugares sequer são registrados, mapeados, existem apenas para uma pessoa, ou grupo de pessoas, subvertem as toponímias e regionalizações oficiais e “[...] revela[m] a instância pessoal, individual. [...]. Daí ele[s] estar[em] embaralhado[s], como no jogo de cartas, misturando o real ao imaginário. O físico ao metafísico” (Monteiro, 2020, p. 47).

Assim como os acidentes topográficos, os lugares para sair do nível coreográfico e atingir o "geográfico" - o jogo de interações e correlações - os símbolos ou signos (nível imaginário) estão articulados também num "sistema" o qual é preciso descobrir, conhecer. Tarefa nem sempre fácil já que a simbologia admite um jogo de antitéticos, contrários que cumpre decifrar. O Homem, ser social, vivendo num dado espaço, num certo tempo, em sua travessia lida com a realidade - moldura de sua identidade - e o metafísico (a sobre-coisa) que lhe traça o destino (Monteiro, 2020, p. 47).

Ciente do meu ponto de partida, o lugar dos sujeitos, reconheci, desde o início, que meu caminho de pesquisa apresentava uma bifurcação na tentativa de acessar e interpretar a leitura de mundo dos entrevistados. A primeira possibilidade se ancorava em uma experiência positivista, fundamentada na lógica formal e na objetividade, em que o narrador descreve o mundo tal como se apresenta à razão, com base em um realismo estático e descritivo. A segunda via, por sua vez, exigia uma abertura ao devaneio criador, buscando uma escuta que comungasse com o inconsciente e as subjetividades, tal como propõe Bachelard (1997, p. 52–53).

Diante das entrevistas realizadas - marcadas, em sua maioria, por narrativas que emergiam do sensível, do simbólico e do afeto -, não foi possível seguir outro caminho senão o segundo. Esse trajeto, mais próximo da escuta fenomenológica e poética, se impôs ao longo da pesquisa e, ao final, revelou-se o mais fecundo, pois me permitiu acessar um mundo que não se reduz à materialidade das coisas, mas que se estende às terras incógnitas da Bacia do Rio Una (Wright, 2014), onde a paisagem se revela também como imaginação, memória e presença.

Assim, nesta pesquisa, será sobretudo pelos lugares da Bacia do Rio Una que poderemos conhecer um conjunto de paisagens que podem nos levar à compreensão de uma bacia que é, antes de tudo, vivida. As histórias dos homens em seus lugares nos indicarão a compreensão dessa Bacia que se constrói a partir da experiência telúrica. Para tanto, dividi essas experiências por categorias, onde explorarei os saberes vividos relacionados às formas do relevo, ao clima, à hidrografia, à vegetação, além dos aspectos socioambientais, econômicos e culturais. Finalmente, todas essas dimensões convergirão na compreensão de uma Bacia Vivida.

### 3.1 DA EXPERIÊNCIA TELÚRICA A BACIA HIDROGRÁFICA

O espaço geográfico não é só superfície. Sendo matéria ele implica numa profundidade, numa espessura, numa *solidez* ou numa plasticidade que não são dadas pela percepção interpretada pelo intelecto, mas centrada numa experiência primitiva: resposta da realidade geográfica a uma imaginação criativa que, por instinto, procura algo como uma substância terrestre ou que se contradizendo, a 'irrealiza' em símbolos, em movimentos, em prolongamentos, em profundidades. A experiência telúrica coloca em jogo ao mesmo tempo, como nos mostra bem Bachelard, uma estética do sólido ou do pastoso e uma certa forma da vontade do sonho (Dardel, 2015, p. 15).

A experiência telúrica mencionada por Dardel (2015) refere-se à conexão profunda e visceral que os seres humanos podem estabelecer com a terra ou com um local específico. Essa experiência transcende a mera observação ou interação superficial com o ambiente. A palavra "telúrica" deriva de "Terra" (do latim "*terra*") e está relacionada à ideia de uma ligação íntima com o planeta, podendo ser vivenciada de diversas formas, como através da contemplação da paisagem, da participação em práticas tradicionais ligadas a terra ou da presença simples e interação com ambientes naturais, como um rio e seu entorno – uma bacia hidrográfica. Aqui, o termo telúrico abará todos os elementos das paisagens, os sólidos e líquidos.

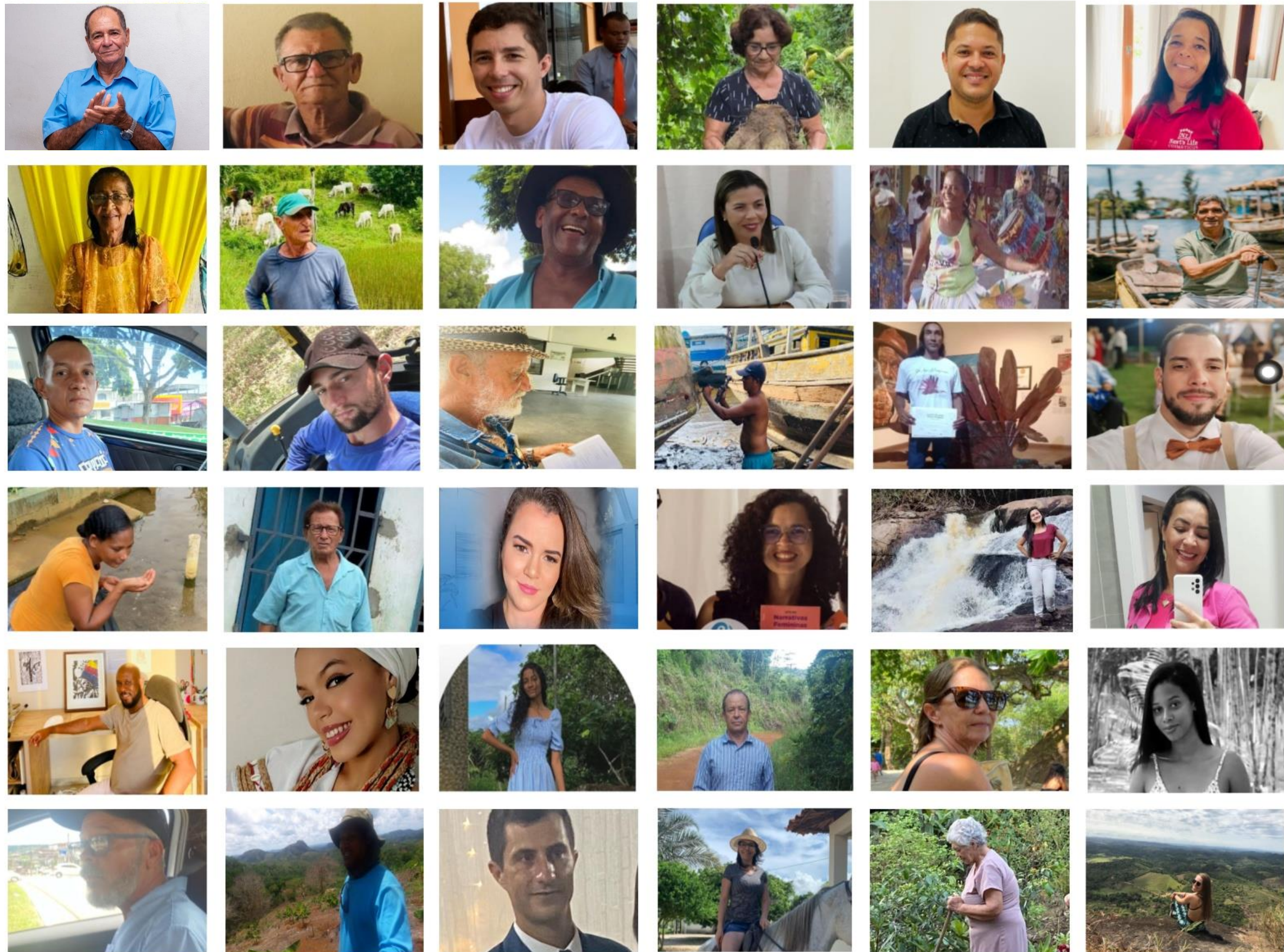
Sabemos que a bacia hidrográfica, tal como definida nos manuais técnicos e institucionais, é um recorte construído a partir de uma lógica cartográfica e racionalista, baseada em critérios físicos e hidrológicos. Essa abordagem, influenciada por uma tradição cartesiana de pensamento - que valoriza a fragmentação e a mensuração objetiva -, tende a afastar-se da experiência vivida. Para aqueles que não se dedicam ao estudo desse tema ou de áreas correlatas, essa concepção pode soar abstrata, distanciada do cotidiano e da memória dos lugares.

No entanto, a vivência nos lugares que compõem a bacia pode contribuir para a construção de um conhecimento mais sensível e situado, que denomino bacia vivida. Nesse conceito, os limites rígidos e as cartografias convencionais deixam de ser a referência principal, cedendo lugar à experiência direta nos lugares, cujos vínculos se entrelaçam e transcendem as fronteiras hidrológicas. A "bacia vivida" reconhece que a ciência não precisa, necessariamente, estar atrelada a modelos formais e descritivos; ela pode emergir da escuta, da presença e da relação entre corpo, paisagem e narrativa - caminhos que também produzem conhecimento e fazem ciência.

Assim como os muitos rios da Bacia do Rio Una que convergem para um só, me uni a diversas pessoas (Figuras 08 e 09) que compartilham comigo os lugares que a compõem. O objetivo é compreender como essas múltiplas experiências telúricas nos lugares podem contribuir para a construção das noções de bacia hidrográfica.



Figura 8- Mosaico com fotografias de alguns dos entrevistados durante a pesquisa



Fonte: A autora (2025). Alguns dos participantes da pesquisa. Da esquerda para direita, de cima para baixo: Gildo Andrade, Ivo Andrade, Danilo Matos, Dalvina Andrade, Edvanio Mendes, Maria Santos, Eunice Sampaio, Pedro de Oliveira, Balbino dos Santos, Edilene dos Santos, Maria das Graças Santos, Raimundo Costa, Alvin Santos, Jonas Mascarello, Otávio Mota, Jeferson S., Florisvaldo Cardim, Israel Pedro Dias, Elenita de Santos, Jildes de Souza, Laís Wenceslau, Lusitânia Silva, Iane Bulhões, Ritaline Santos, Adriano Santana, Clara Guerra, Beatriz Gomes, Felinto Cajaíba, Dilma Matos, Katiele de Jesus, Aurelino Matos, Valdomiro Gois, Eliomar Café, Luciene Argolo, Mercedes Andrade e Daiana Matos.



Figura 9 - Mosaico de imagens registrando as atividades realizadas com os estudantes ao longo da pesquisa



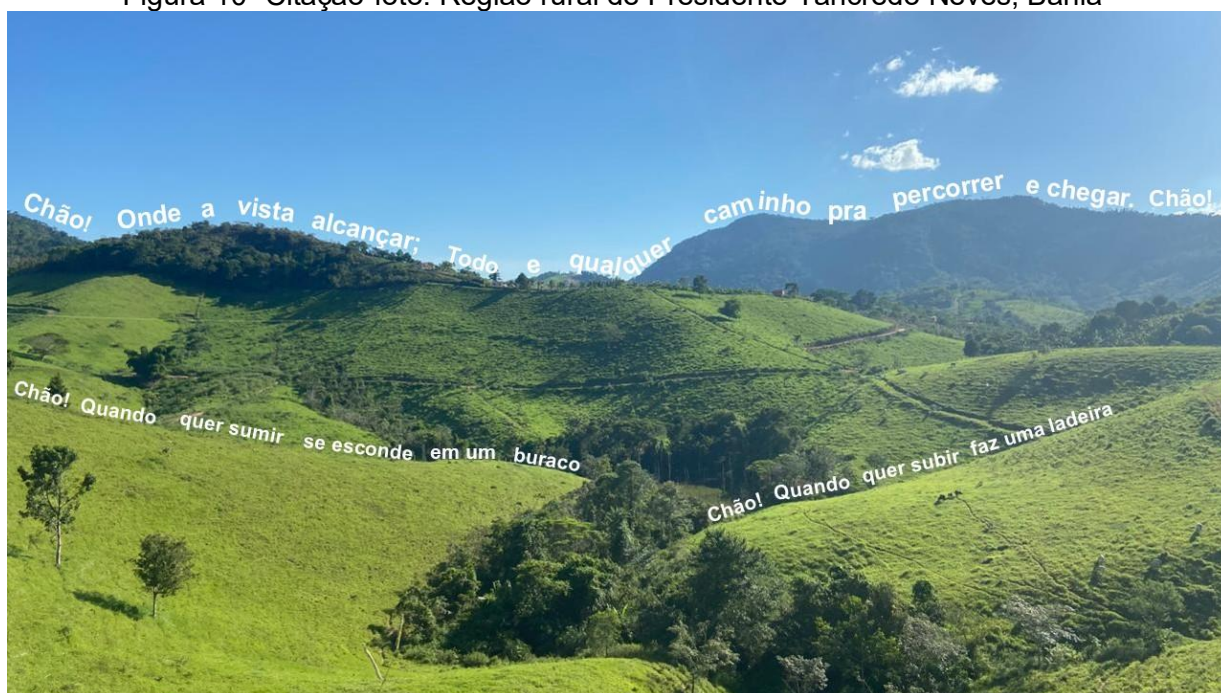
Fonte: Trabalho de campo (2023). Elaboração: A autora (2025). Alguns dos momentos com os estudantes participantes da pesquisa. Da esquerda para a direita, de cima para baixo: grupo focal com alunos do CEMXAR; grupo focal com alunos do CMAN; trabalho de campo com alunos e professores do CEMXAR; aula de campo com alunos e professores do CEMXAR; trabalho de campo com alunos do CETEP; trabalho de campo com alunos do CEMXAR e equipe da Secretaria de Planejamento Urbano e Meio Ambiente; caminhada com os alunos do CEMXAR; grupo focal com alunos do CMAN.



Iniciamos pela superfície, pelas estéticas do sólido (Bachelard, 1997), já que o conceito de bacia é tradicionalmente delimitado pela morfologia. Em seguida, avançaremos para as profundezas, explorando movimentos e símbolos. Apesar de compreender que na natureza tudo está interligado de forma sistêmica (Bertrand, 2007; 2010), optei por uma divisão temática como estratégia para estruturar e organizar o desenvolvimento da tese. Um certo exercício de desconstruir as coisas, para reconstruí-las, em outra base, vivida.

### 3.2 O CHÃO SOB NOSSOS PÉS

Figura 10- Citação-foto: Região rural de Presidente Tancredo Neves, Bahia



Fonte: Adaptação da música “Chão”, de Lenine, pela autora (2024). Fotografia: A autora (2025).

Na música *Chão*, Lenine traduz poeticamente a presença e o comportamento da superfície que pisamos, percorremos e vivemos. Apesar de interagirmos constantemente com as formas do terreno, nem sempre refletimos sobre elas de forma sensível, como fez Lenine em sua composição. Isso não quer dizer que a nossa experiência telúrica não nos ajude a percebê-las e compreendê-las.

Se observarmos as imagens da região Rural de Presidente Tancredo Neves (Figura 10 e 11), perceberemos a presença marcante de uma morfologia bastante irregular, cheia de curvas. Essas formas e elementos da paisagem não participam apenas esteticamente do nosso cotidiano, mas interagimos com elas. Pensando nisso, será por meio dessa, e de muitas outras paisagens da Bacia do Rio Una que exploraremos o modo como diferentes pessoas, que vivem nos diversos lugares da Bacia, percebem essas rugosidades.

Antes de adentrarmos nas percepções dos sujeitos, é importante destacar que a Geomorfologia é quem estuda a origem e a estrutura das formas de relevo (Ross, 2003a; Monteiro, 1999; Tricart, 1977; Ab'Saber, 1969). As formas da superfície são essenciais para este estudo, pois orientam as drenagens e delimitam as bacias hidrográficas (Guerra; Cunha, 1998). Por esse motivo, começaremos a explorar a Bacia Viva por meio das percepções das formas de relevo.

Cabe destacar também que, se existem estudos científicos sobre as formas, origens e estruturas de relevo, é porque há vida interagindo com elas, de modo que dessa interação surgem questões, curiosidades e necessidades que impulsionam o homem a investigá-las e resolvê-las. No entanto, muitas vezes as pessoas são deixadas de lado nos estudos, restando apenas o relevo; e o homem, quando muito, é reduzido à "ação antrópica". Esse termo, tão distante e sem vida, coloca o homem apenas como predador da terra. No entanto, essas formas, essas paisagens fazem parte da vida e dos sonhos das pessoas, e é isso que tento resgatar aqui.

Embora as morfologias sejam frequentemente verificadas por topógrafos e sensores artificiais, o corpo humano também é capaz de captar, por meio dos sentidos, as sensações relacionadas às altitudes, declividades, profundidades e formas (Merleau-Ponty, 2006; Tuan, 2013; Dardel, 2015). Durante a pesquisa, ao ouvir os relatos dos entrevistados, percebi que, ao descreverem as paisagens de seus lugares, frequentemente mencionavam as formas do terreno. Com o amparo e medida da Geomorfologia, recupero esses relatos para analisá-los. Ressalto que este texto não tratará da geomorfologia de maneira técnica, em vez disso, proponho o que nomeio geomorfologia viva - uma abordagem que busca compreender como as pessoas percebem, sentem e se relacionam com o chão sob os seus pés, a partir de suas experiências cotidianas, memórias e trajetórias nos lugares. Trata-se, portanto, de

uma leitura do relevo não apenas como estrutura física, mas como parte do mundo vivido, incorporado aos modos de habitar e significar a paisagem.

Figura 11- Ilustração aquarelada: As formas do campo.



Fonte: A autora (2025).



Para resgatar essas experiências, podemos fazer algumas perguntas simples: Que características o trajeto até o trabalho ou à escola revela sobre a superfície que percorremos? É irregular, acidentada, plana? Quais sensações essas trajetórias provocam no corpo – medo, cansaço, tranquilidade, encantamento? Se o deslocamento é feito de carro ou de moto, você precisa reduzir a marcha em determinadas subidas?

Além das perguntas, certas situações evidenciam as percepções do relevo. Por exemplo, ao sair de áreas próximas ao nível do mar e subir uma serra, é comum que o corpo apresente sintomas como incômodos nos ouvidos, aumento da frequência cardíaca, falta de apetite, dor de cabeça, náusea, vômitos, dificuldade para respirar, sangramentos nasais, além de uma sensação de frescor ou frio devido à redução da temperatura atmosférica. Quanto maior a altitude, maior a probabilidade desses sintomas se manifestarem.

Relatos desse tipo são frequentemente descritos por viajantes e revelam nossa relação íntima com as morfologias dos lugares pelos quais transitamos. Um exemplo clássico é o do geógrafo Alexander Von Humboldt, que, em uma de suas expedições pela Cordilheira dos Andes, registrou em seus diários as dificuldades físicas que a altitude impõe ao corpo (Figura 12).

Figura 12- Citação-foto: Viagem de Alexander von Humboldt ao Chimborazo, Equador, 1802

Ao atingir a altitude de 4.754 metros, os carregadores se recusaram a seguir adiante. Humboldt, Bonpland e Montúfar dividiram entre si os instrumentos e continuaram por conta própria. A nevoa envolvia o Chimborazo. Logo os homens estavam se rastejando ao longo de um alto espinhaço que se estreitava a ponto de formar uma borda de perigosos cinco centímetros, com íngremes penhascos a direita e a esquerda- de maneira apropriada[...]. Resoluto, Humboldt olhava para frente. Em nada ajudava o fato de que as mãos e os pés daqueles homens estavam congelados[...]. Aquela altitude, cada passo era feito chumbo. Nauseados e tontos por causa do mal das montanhas, com olhos vermelhos em consequência da dilatação dos vasos e as gengivas sangrando, os homens sofriam uma constante vertigem que, Humboldt mais tarde admitiria que “era muito perigosa”, dada a situação em que nos encontrávamos. (Wulf, p.137, 2016)

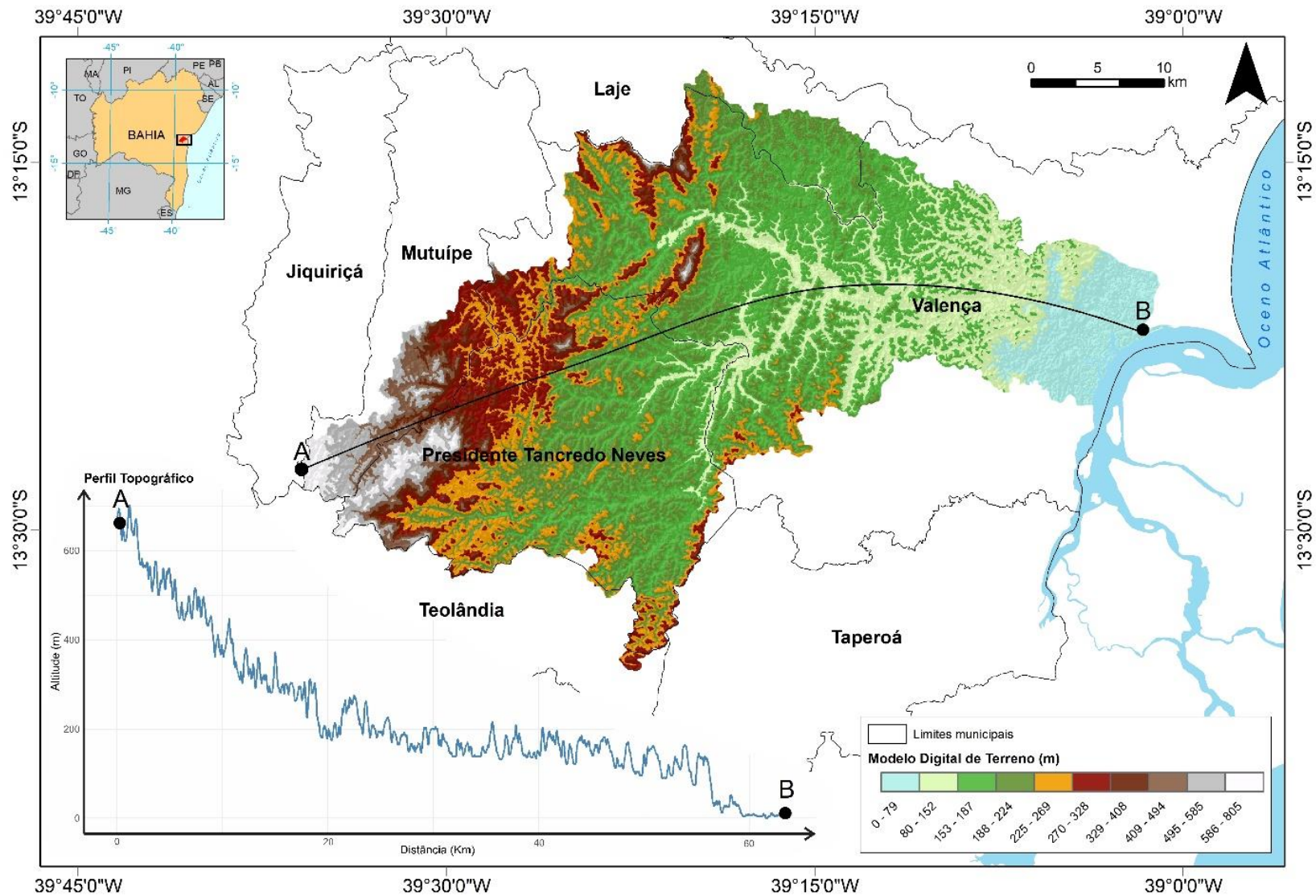


Fonte: Imagem e citação de Wulf (2016, p. 136-137). Elaboração: A autora (2024).

Obviamente que as paisagens vivenciadas por Humboldt na Cordilheira dos Andes se diferenciam das paisagens da Bacia do Rio Una, onde temos estruturas antigas, rebaixadas, datadas do período Pré-cambriano (Radambrasil, 1981; Ab'Saber, 2003). A BHRU transita do Planalto-Sul Baiano, onde está o seu curso superior, passa pelo Planalto Pré-litorâneo e tem seus rios desaguando na Planície Litorânea. Apresenta uma ampla variação altimétrica de 0m, em sua foz, até mais de 800m em suas cabeceiras, o que pode ser verificado no Modelo Digital do Terreno (MDT) e perfil topográfico da Bacia e relevo sombreado (Figura 13, p. 90).

Apesar das diferenças entre as paisagens dos lugares e situações descritas por Humboldt em comparação com a Bacia do Rio Una, podemos afirmar que as noções e sensações de altimetria são facilmente observadas nos relatos dos entrevistados. Esses, diferente de Humboldt, não são cientistas, mas seus conhecimentos vividos apontam para um saber telúrico, inerente à experiência de viver sobre este chão irregular e dinâmico. A altimetria é uma das noções primárias da geomorfologia vivida e, portanto, começamos por ela.

Figura 13- Modelo Digital do Terreno e Perfil topográfico da Bacia Hidrográfica do Rio Una, Bahia



Modelo Digital de Elevação: SRTM, com resolução espacial de 30 metros (NASA, 2000). Sistema de coordenadas: SIRGAS2000. Datum: SIRGAS2000. Referência geodésica e limites municipais atualizados conforme IBGE (2022)

Fonte: A autora (2025).

Na entrevista com Balbino Lino (2023), estávamos sentados na Praça da Feira de Presidente Tancredo Neves e, entre as frestas das construções no horizonte, era possível avistar os planaltos interioranos que se situam na porção oeste do município. É nesta direção que Balbino reside, em uma propriedade rural próxima ao Morro do Ipiranga. Enquanto conversávamos, e eu o indagava sobre o lugar onde morava, sem hesitar, ele recorreu ao recurso visual, apontando para seu lugar em meio aos morros que se desenhavam no horizonte. Ele refazia o caminho que percorre todos os dias, apontando e narrando:

Figura 14- Citação-foto: Vista do entorno paisagístico de Presidente Tancredo Neves, Bahia



[...] A estrada desce de lá pra cá, passa em Odilon, passa no Pau da Letra, vem descendo em baixo, passa ali em Bazar, passa em "Eustaqui", em Mané Nunes [...]. Cá já é a Tesoura, se eu olhar pra qualquer serra eu sei o que é ali [...]. A li mora Damásio Fagundes, no pé daquela mata. Aquele "taquin" limpo é o variante da Cachoeira Alta. Casa por casa que você me perguntar daqui eu sei dizer. [...] Aquela pedra ali é Lau de Basílio, ali por trás é Lucas, esse povo mora perto dessa pedra, onde eu passo em frente pra ir pra casa de tarde. Naquelas pedras os "crente" sobem... (Balbino Lino, 2023).

---

Fonte: A autora (2025).

As expressões "desce", "vem descendo", "no pé da mata", "sobem", que aparecem em seu relato, indicam uma percepção de altimetrias variadas. Por se tratar de uma experiência vivida, as métricas não são precisas ou podem até inexistir, mas há uma certeza sobre as elevações e os rebaixamentos dos relevos. Trata-se de um pensamento de correlação: aquilo está mais alto em relação a outro lugar.

Mesmo sem a utilização de uma carta topográfica ou GPS (*Global Positioning System*), Balbino conseguiu precisar que a região onde mora está em posição mais alta que a sede do município de Presidente Tancredo Neves, o que se confirma ao



observar as cartografias<sup>2</sup>. Da mesma forma, Katiele Santos (2023), ao descrever a comunidade da Tesoura 01, onde mora desde que nasceu, diz que:

Figura 15- Citação-foto: Fotografia da entrevistada e vista da comunidade de Tesoura 01, localizada em Presidente Tancredo Neves, Bahia

Minha casa é a última casa da região. De lá de casa "dá pra ver" aqui a cidade. "Dá pra ver" Corte de Pedra, Moenda, e a gente tenta diferenciar se é Gandu ou Teolândia, porque fica bem no cantinho, uma cidade, uma cidade que à noite tem muita iluminação.

**Katiele Santos, 21 anos, estudante, residente em Presidente Tancredo Neves, 2023**



Fonte: Fotografias - Katiele Santos (2024). Elaboração: A autora (2025).

A expressão "dá pra ver" e a definição do seu lugar como "o último da região", como se tudo terminasse ali, sinalizam que ela está em um ponto mais alto em relação aos demais lugares observados. Já Gildo Ramos (2023) utiliza outras terminologias para apontar o ponto mais alto de sua propriedade: "Aqueles cabeceiras daquelas matas lá, já estão no nosso terreno". Ao perguntá-lo sobre o significado do termo, ele me respondeu: "Cabeceira vem de quê? Vem de cabeça, ou seja, o ponto mais alto. Tem que olhar o sentido da palavra" (Gildo Ramos, 2023).

Trata-se, portanto, de um pensamento que parte das coisas mesmas (Husserl, 2000). Sua resposta revela também uma atenção fina à etimologia e ao sentido originário das palavras, evocando, ainda que de forma não intencional, uma postura heideggeriana: pensar o ser a partir da linguagem cotidiana, do vivido (Heidegger, 2012). Em seu gesto de nomear as formas da terra manifesta-se a filosofia de quem habita- e não apenas de quem conceitua.

---

<sup>2</sup> O local da conversa situava-se a 230 metros acima do nível do mar, enquanto a região descrita possuía altitudes que variavam entre 300 e 800 metros. Fonte: A autora (2024).

Para além dessas situações trazidas, não é raro ouvir as pessoas dos municípios estudados dizerem: “Eu vou ter que ir lá embaixo no Japão”, “Vou subir para o Ginásio”, “Vou lá em cima no Amparo” ou “Na região onde eu moro tem muita ladeira”. Essas expressões cotidianas revelam as sensações do corpo provocadas pelo comportamento do terreno. Em resumo, não é necessário muito esforço para que as noções de altitude apareçam.

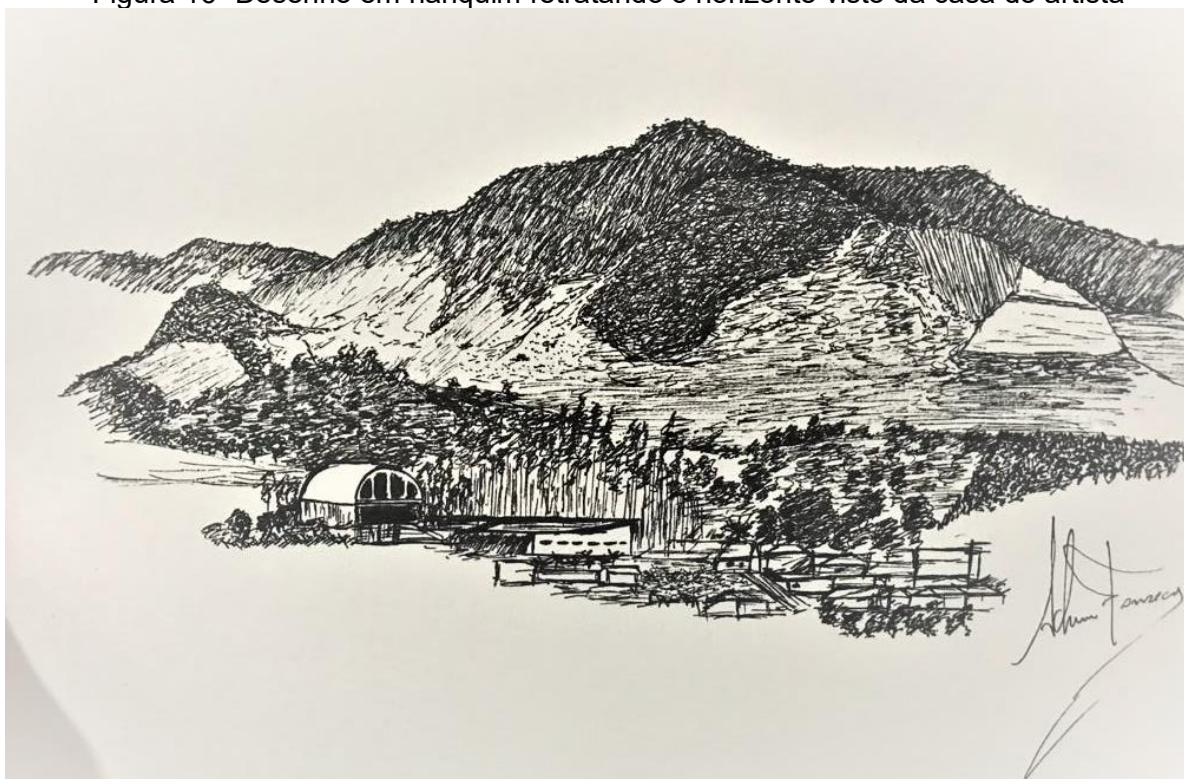
Além da altimetria, as noções de camadas e profundidade também aparecem e nos ajudam a recompor a geomorfologia a partir das percepções. Como observa Dardel (2015), o espaço geográfico é dotado de profundidade e espessura. Se retornarmos para a fala de Balbino (p. 91), as palavras “frente” e “atrás” denotam a capacidade do observador de compreender essas sobreposições: o que está no plano frontal, mais próximo, e o que se esconde atrás de algo.

Situações semelhantes à descrita podem ser notadas no cotidiano de pessoas citadinas e do campo. Ao observar o horizonte, é comum referir-se ao que está no plano frontal ou nas camadas que se desenham ao fundo – sejam morros ou um conjunto de prédios. A percepção dessas camadas aparece inclusive nos traços dos artistas locais. Por exemplo, na gravura em nanquim do artista visual Adriano Fonseca (2019). Na imagem visualizamos o entorno paisagístico do município de Presidente Tancredo Neves, onde é possível avistar o clube no Loteamento Nova Aurora, a Região da Pedra logo atrás, e as elevações no plano de fundo (Figura 16). As noções de profundidade e volume aparecem e nos revelam uma paisagem que se desdobra em camadas. Ao conversar com o artista sobre a imagem, ele relatou:

O processo criativo se inicia com a minha inquietude diante da paisagem observada no fundo de minha residência. Essa relação começa quando passei a morar nesta casa e contemplar o horizonte cotidianamente. Ao longo dos meses percebi o quanto essa paisagem se modificava a partir da ação humana e também pela ação do tempo. Um detalhe importante que destaco está na beleza das formações do relevo no horizonte. Uma certa vez, recebi a visita de um amigo o qual ele citou que nós estávamos diante de uma “cidade de horizonte muito bonito”. De fato, diversas vezes somos agraciados com verdadeiros espetáculos da natureza durante o pôr do sol. A partir daí, me senti cada vez mais seduzido e em êxtase ao olhar para esse horizonte. Diante disso resolvi experimentar instrumentos usados na técnica de Nanquim e iniciei a representação dessa paisagem. Durante essa aventura, lembrei dos grandes mestres da pintura de paisagem entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX, como Cezzane, Vincent Van Gogh e Claude Monet. Essa geração de artistas são grandes referências históricas no que diz respeito ao tratamento dado nas representações de temas de Natureza, nas quais são explorados diversos elementos da linguagem visual. Sendo assim, a experiência diante do olhar o horizonte esteve sempre presente o interesse em explorar o elemento “Linha” no processo ver e

perceber a paisagem (Adriano Fonseca, Artista visual, Professor de Artes, 2024).

Figura 16- Desenho em nanquim retratando o horizonte visto da casa do artista



Fonte: Fonseca (2024).

A experiência de profundidade e espessura das paisagens, atestada tanto pelo artista quanto pelo agricultor, ocorre não apenas pela visão, mas por meio do corpo. Para Merleau-Ponty (2006), os sentidos indicam a existência de um mundo que se dispõe ao redor do observador. Essa compreensão dialoga com a noção de circunvisão em Heidegger (2012), para quem o mundo se mostra a partir do estar-no-mundo, em que o corpo e sua posição no espaço são fundamentais para a apreensão do real. Quando caminhamos, é por meio do corpo que nos deslocamos, acessamos os lugares e as paisagens. O corpo nos permite mudar de posição para perceber, observar e explorar as diferentes camadas da paisagem. Para Merleau-Ponty (2006), alguns aspectos da paisagem só podem ser apreendidos quando os experimentamos espacialmente e multidimensionalmente com o corpo. Assim, em meu corpo:

A cada momento meu campo perceptivo é preenchido de reflexos, de estalidos, de impressões táteis fugazes que não posso ligar de maneira precisa ao contexto percebido e que, todavia, eu situo imediatamente no mundo, sem confundi-los nunca com minhas divagações (Merleau-Ponty, 1994, p. 5-6).

Além de experienciar a paisagem com o corpo, também apreendemos os movimentos da natureza. Como disse Mikel Dufrenne (1967, p. 39 *apud* Relph, 1979, p. 5-6), “[...] a experiência estética da natureza é distinta porque não é precisamente delimitada como uma obra de arte; não há moldura nem é fixa, a luz muda e as nuvens passam – ‘Aqui está o mundo real que é o espetáculo: presente e não representado’.”

Portanto, a experiência de paisagem possui profundidade, movimento, cheiros, texturas e as apreendemos com o corpo. Nesse sentido, Everton Santos (2023), comerciante e agricultor de 37 anos, ao descrever uma de suas experiências, diz:

[...] Eu estava no meio de uma ladeira, uma ladeira assim... um pasto, era um pasto. Olhava para cima e tinha uma subida; olhava para baixo e tinha uma descida. [...] Fui reto para me distanciar daquele lugar em que eu estava, para depois tentar ir a um lugar mais alto(Everton Santos, 2023).

Em seu relato, Everton não está parado; ele caminha sobre a superfície, e a paisagem vai se revelando em morfologias variadas e disposição de objetos. Aqui não temos apenas as noções de altimetrias e camadas, mas as formas se revelam a partir da declividade do terreno. As palavras “subida” e “ladeira” indicam não apenas a altimetria, mas acrescentam as inclinações da superfície ao relato.

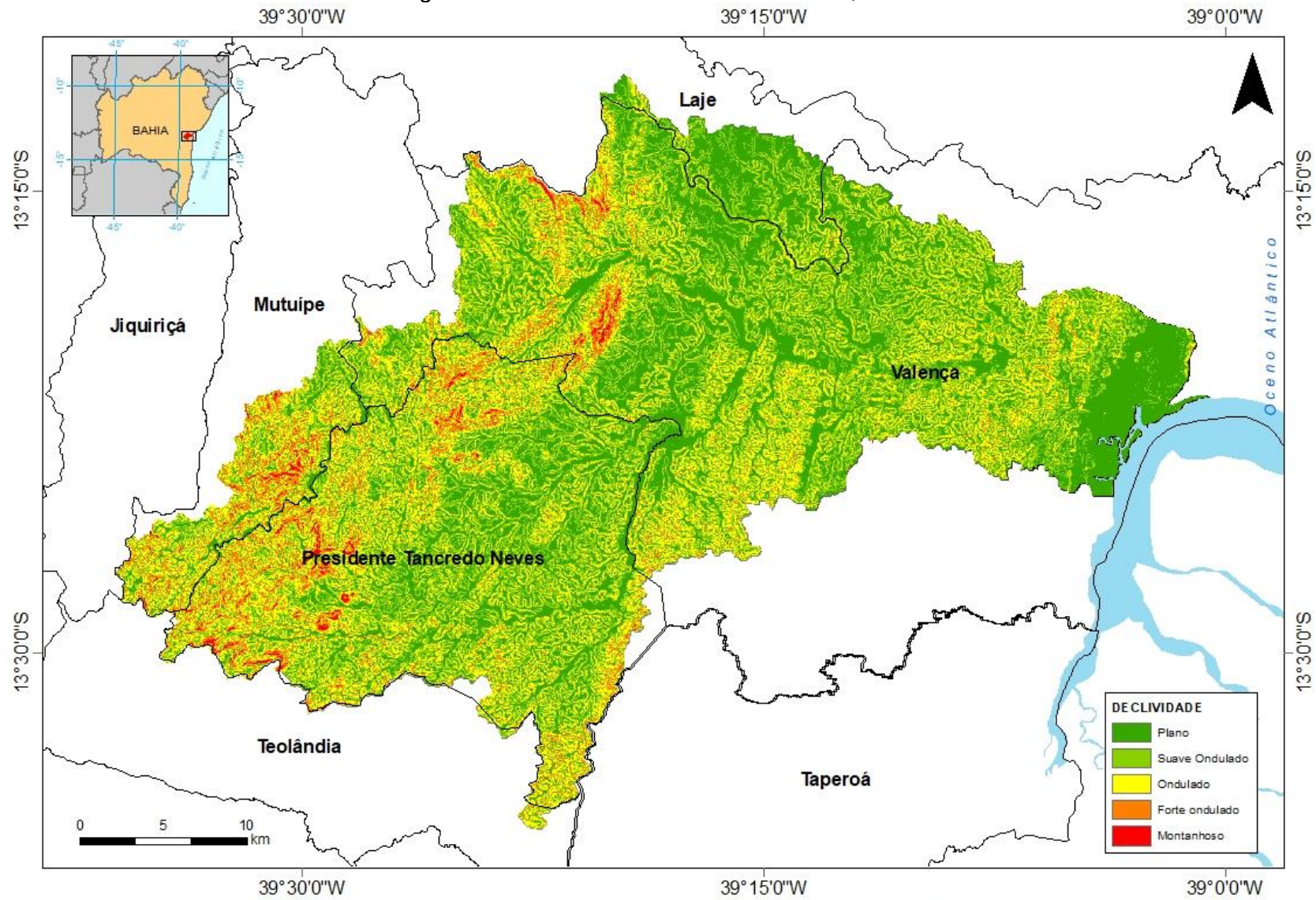
A declividade é fundamental para os estudos geomorfológicos e hidrológicos, pois influencia o movimento da água na superfície terrestre. Em geomorfologia, ela determina a velocidade e a direção do escoamento superficial, afetando a erosão, o transporte e a deposição de sedimentos (Chorley *et al.*, 1984). Na hidrografia, a declividade molda o curso dos rios, a formação das redes de drenagem e a capacidade dos rios de transportar sedimentos, além de impactar a infiltração da água e a ocorrência de inundações. Em áreas de alta declividade, a água escoar rapidamente, o que pode aumentar o risco de enchentes e deslizamentos (Costa, 1984). Assim, compreender a declividade é crucial para a análise dos processos geomorfológicos e a gestão dos recursos hídricos.

Alguns estudos, como os de Ross (1990; 1994; 2003a; 2003b; 2006), classificam o relevo com base na declividade para realizar estudos posteriores, como o de fragilidade ambiental (Figura 17). Essa classificação foi aqui aplicada para que o leitor tenha uma noção geral do comportamento dos modelados descritos pelos sujeitos de pesquisa.

Essas declividades interferem nos deslocamentos, nas construções, na agricultura, ou seja, na vida, a tal ponto que aparecem nos relatos mais corriqueiros, como o deslocamento de Everton Santos (p. 95).



Figura 17- Declividade da Bacia do Rio Una, Bahia



Declividade: SRTM, com resolução espacial de 30 metros (NASA, 2000). Sistema de coordenadas: SIRGAS2000. Datum: SIRGAS2000. Referência geodésica e limites municipais atualizados conforme IBGE (2022)

Fonte: A autora (2025).

Para observadores mais atentos, as declividades, camadas e altimetrias são sistematizadas e classificadas em formas, essas são apreendidas e, por vezes, nomeadas e descritas. Trata-se do que Marandola Jr. e Oliveira (2009) denominam de presentificação da geograficidade. Por exemplo, Gildo chama um anfiteatro de grota; Aurelino denomina um afloramento rochoso de cucuruto; Dalvina nomeia os vales alongados como covuada.

Assim, as pessoas vão nomeando as formas da superfície para explicar as paisagens dos lugares vividos.

Em outro relato de Everton Santos (2023), surge um conhecimento aplicado das formas da superfície, onde essas estruturas são nomeadas a partir da toponímia local:

Figura 18- Citação-foto: Relato de Everton Santos e imagem de Jonas Mascarello  
Trabalhando em relevo tabular no município de Pres. Tancredo Neves

Hoje o trabalho manual tá ficando caro, então o produtor tá sempre buscando trabalhar de forma mecanizada, e nos lugares acidentados não tem como trabalhar. E geralmente é onde estão as nascentes... então, "tipo assim", a área acidentada o pessoal tá deixando e tá trabalhando só no plano, que geralmente é no alto, **tabuleiro** e tal... então, cada vez mais o pessoal vai preservar essas áreas aí. Já era costume, porque o pessoal da zona rural é inteligente nesse ponto, e agora, com essa questão da tecnologia, mais ainda. Ninguém quer trabalhar em "**corgo**", só quer trabalhar nos tabuleiros. Uma região que tem muito tabuleiro é no Riachão do Meio, que é onde os paranaenses trabalham. Mas, você pode observar que as terras deles, eles só trabalham onde a máquina consegue ter um desenvolvimento bom. Por que não é lucrativo. Um trator, "tipo assim", numa **área plana**, ele trabalha indo e voltando, indo e voltando... e numa área acidentada, ele desce trabalhando e volta sem fazer nada, pra descer trabalhando novamente. Então, ele trabalha duas horas que vai valer uma só... aí não é lucrativo.

**Everton Santos, 37 anos, empresário, residente em Presidente Tancredo Neves, 2023.**



Fonte: Imagem- Jonas Macarello (2024). Elaboração: A autora (2025).

O relato de Everton revela uma compartimentação vivida da geomorfologia local. Ele sabe que, em uma dada porção do município, há formações mais tabulares, em contraste com outras mais declivosas, o que influencia o uso e ocupação dessas terras (discutiremos essa questão mais adiante). Como ele bem argumenta, “o

pessoal que vive no campo é inteligente e conhece a geomorfologia local” (Everton Santos, 2023). Isso pode ser atestado também no relato de Eliomar Café:

Você tem que olhar a posição do vento também. Por que as pessoas plantam banana da terra na montanha? Para justamente ficar protegido da parte do vento. Porque um lado o vento vai... vai atingir a montanha, né? E o outro não, o outro vai ficar protegido. Assim também como o sol, né? O sol, pela manhã, numa parte da montanha, na outra não vai pegar sol. Pela tarde vai pegar. Então o correto é pegar sol pela manhã e não pela tarde. Porque o sol da tarde sempre é o pior. É mais quente, né? E aí a gente pensar que ela (a bananeira) tem que ficar mais ou menos ali em 27 graus, né? Que a temperatura é propícia para o desenvolvimento da banana da terra. Aí no caso o bom era pegar o sol da manhã, achar uma área que pegue o sol da manhã (Eliomar Café, agricultor, 41 anos, 2024).

Nesse relato, podemos perceber uma compreensão não apenas do relevo, mas dos movimentos dos astros, do clima, tudo isso associado à prática agrícola. Neste relato aparece outra nomenclatura bastante utilizada pelos entrevistados que é a de nomear as elevações dos planaltos como montanhas e serras (Balbino, 2023; Pedro José, 2023; Katiele Santos, 2023, entre outros).

De acordo com os estudos mais recentes de geomorfologia, no entanto, essas formações não existem na Bahia (UGB, 2022). Em relação à terminologia de "serras", Suertegaray (2008, p. 143) menciona que é uma definição ampla e imprecisa da geomorfologia. Já o termo "montanha" é utilizado na própria classificação de Ross (2003), que se aplicado à área estudada aponta para relevos montanhosos, sobretudo no curso superior da Bacia (Figuras 19 e 20). Isso demonstra que a própria ciência não é consensual, além de evidenciar o distanciamento entre a ciência e as populações locais.



Figura 19- Relevo do alto curso da Bacia do Rio Una, caracterizado por elevados índices de declividade



Fonte: Nathielly Almeida (2024).

Figura 20- Entorno paisagístico da cidade de Presidente Tancredo Neves



Fonte: Amanda Felix (2024).



Embora as justificativas técnicas para essas classificações sejam compreensíveis, sua divulgação limitada dificulta a assimilação desses termos pela população e, conseqüentemente, a interpretação das legislações ambientais, que frequentemente empregam expressões ambíguas e distantes da realidade vivida.

Diante das observações sobre altimetrias, camadas, profundidades, espessuras, declividades e formas, me questionei: será que esses conhecimentos ajudam a construir a noção da delimitação de uma bacia hidrográfica? A pesquisa foi me mostrando alguns indícios que me aproximam dela.

Um deles apareceu durante as caminhadas na Fazenda Capixaba. Em meio ao trajeto em busca do percurso do Riacho do Lamarão, Tio Gildo me disse: “Esses morros vão até uma certa altura, é o que vai definir a contravertente”. Curiosa para saber do que se tratava, ele, para me explicar com maior didatismo as formas da Fazenda Capixaba, me fez um convite: “Vou te levar na cumeeira daqui”. Mas o que seria uma cumeeira? Indaguei-o, e como resposta ele me convidou a imaginar a cumeeira de uma casa e descrevê-la.

Uma cumeeira, no contexto da engenharia habitacional, é a parte mais elevada de um telhado, na interseção de duas águas-mestras, uma espécie de cavalete de telhado. As cumeeiras são muito presentes nas habitações das cidades que compõem a Bacia, o que torna a metáfora ainda mais interessante e ilustrativa para quem faz parte dela.

Após descrever uma cumeeira, ele disse: “É a mesma coisa que acontece aqui nesse relevo. Quando a água cai sobre a cumeeira, ela corre para os dois lados. No relevo, é a mesma coisa: a água segue os desníveis e vai convergindo para um só lugar”. Ou seja, ele me levou ao divisor de águas da Bacia do Riacho do Lamarão, afluente do Rio Jiquiriçá, o rio de sua infância, com a Bacia do Riachão, afluente do Rio Una.

Esse mesmo conhecimento dos divisores de água é explicitado nas entrevistas com Felinto Neto (2024) e Valdomiro Góis (2017), moradores da comunidade quilombola do Alto Alegre. No entanto, Felinto Neto utiliza outra expressão para caracterizar a geomorfologia e os divisores de água. Ao tentar me explicar o encadeamento dos rios do lugar onde mora, disse:

Figura 21- Citação-foto: Felinto Dias Neto na Comunidade Quilombola do Alto Alegre Da casa de Valdomiro, na parte alta, lá você tem espaço pra ver os rios tudinho... Aí você vê: aquele nasce em tal terreno, aquele nasce em tal terreno... aquele nasce em tal canto... Esses que eu falei são pra dentro da presa, que abastece a cidade, mas tem os do lado de lá também que não joga dentro da presa, esses jogam pra dentro do Rio do Braço, já pra Cachoeira da Roda d'água [...]. O rio de Elói também, estão tudo perto da comunidade, esses jogam pro lado de lá por conta da divisão da serra, e esses de cá, jogam pra dentro do rio [...]. A serra divide, o lombo da serra por cima divide os rios, entendeu? Aí joga uma parte da água pra dentro do Rio do Braço e da parte de cá pra represa da Embasa.

**Felinto Neto, Panela, pedreiro e agricultor, residente em Presidente Tancredo Neves, 2024.**



Fonte: Fotografia - Felinto Neto (2024). Elaboração: A autora (2024).

A palavra "lombo" deriva da parte alta das costas de qualquer quadrúpede, sendo bastante utilizada na região para nomear ou indicar esses divisores de água das bacias hidrográficas, portanto, sinônimo da expressão "cumeeira". Nos estudos das feições da terra, sob uma perspectiva científica, aparece um termo similar, "dorso" (Suertegaray *et al.*, 2008, p. 144).

À medida que a pesquisa avançava, fiquei impressionada com a percepção, precisão e sofisticação dos conhecimentos vividos. Diante dessa última constatação sobre a compreensão da divisão morfológica de uma bacia, perguntei a Gildo Ramos: “Será que outras pessoas conseguem compreender e/ou observar essas coisas (o relevo, as bacias)?” Ele afirmou: “Quem é daqui conhece e tem essa percepção também. Conhece o ambiente, né? Conhece as geografias de olhar, não é? Agora, não sabe didaticamente, cientificamente. É apenas o que eu vejo, mas não sabe o porquê” (Gildo Ramos, 2023).

A argumentação de Gildo é validada à medida que para explicar as formas dos lugares, muitos dos entrevistados me convidaram a ir ver e, por isso, a pesquisa é repleta de imagens. Outros gesticularam (Figura 22) para complementar o sentido que o vocabulário individual não alcançou, e alguns utilizaram massas de modelar ou desenhos para tentar explicar.

Figura 22- Outras linguagens para explicar a bacia hidrográfica



Fonte: A autora (2023; 2024).

Como já mencionado, nem tudo cabe na palavra. No entanto, a ausência de termos específicos não significa que as pessoas desconheçam, deixem de perceber ou compreender as morfologias das paisagens que vivenciam. Por isso, foi essencial estar atenta a outras formas de expressão, à maneira como comunicam seus saberes além das palavras.

Ainda assim, a linguagem desempenhou um papel fundamental na descrição desse relevo. Conforme a pesquisa avançava, percebi que os moradores utilizavam toponímias locais para caracterizar os relevos. Diante disso, elaborei o **Glossário da Bacia Viva** (p. 184), reunindo as expressões que emergiram ao longo deste trabalho.

Em síntese, a geomorfologia viva abrange as dinâmicas externas que atuam sobre os modelados, suas formas, microformas, análise do relevo aplicada às atividades cotidianas – trajetos, construções, agricultura – e a compreensão da fisiologia<sup>3</sup> da paisagem. A gênese e os processos internos de formação dos modelados não aparecem nos relatos.

Vale destacar que as formas registradas no glossário, assim como aquelas expressas por meio de gestos, desenhos e poemas não são percebidas de maneira isolada pelos sujeitos. Como orienta Ross (2003a), a compreensão da geomorfologia passa pela percepção da paisagem como um todo. Nos relatos e explicações sobre

---

<sup>3</sup> Fisiologia da paisagem é o campo de estudo que busca compreender a organização, funcionamento e dinâmica dos sistemas naturais e das interações com as ações antrópicas que compõem a paisagem. Integra aspectos como relevo, clima, vegetação, hidrografia e solos, enfatizando as relações e influências mútuas entre esses elementos e as transformações causadas pelas atividades humanas. Essa abordagem, introduzida por Aziz Ab'Saber (1969) no currículo de Geografia brasileiro, visa interpretar as paisagens tropicais como sistemas complexos, onde natureza e cultura coexistem e se moldam mutuamente (Conti, 2001).

seus mundos vivos, as pessoas associam a forma do relevo a outros elementos da paisagem e às dinâmicas que os interligam. Isso ocorre, porque

O relevo como os demais componentes da natureza não pode ser entendido de modo isolado. Na verdade, a setorização da natureza foi feita pelo homem pela dificuldade de entendê-la integralmente. As relações dos diversos componentes da natureza são na realidade de interdependência e uma não existe sem a outra. Não se pode pensar em geologia sem entender a geomorfologia e vice-versa, mas também não se conhece a tipologia e gênese de um determinado solo sem que se conheça a forma de relevo a ele associado e a litologia a partir da qual evoluiu. Por outro lado, fica impossível se conhecer a dinâmica geomórfica e pedológica sem que se conheça as características climáticas e assim sucessivamente. O que deve ficar claro é que na natureza nada está desarticulado nem mesmo o relevo que parece tão imutável (Ross, 2003a, p. 8).

A superfície da Terra se diferencia significativamente de um lugar para outro. A formação e a existência de paisagens singularizadas devem-se, em grande parte, à combinação resultante da união de múltiplos agentes naturais, como estrutura geológica, relevo, clima, solo, rios, vegetação e fauna. Dentre esses vários agentes naturais, responsáveis por estas diferentes paisagens terrestres, o clima possui uma importância expressiva na configuração externa da paisagem, visto que influencia e é influenciado por outros elementos.

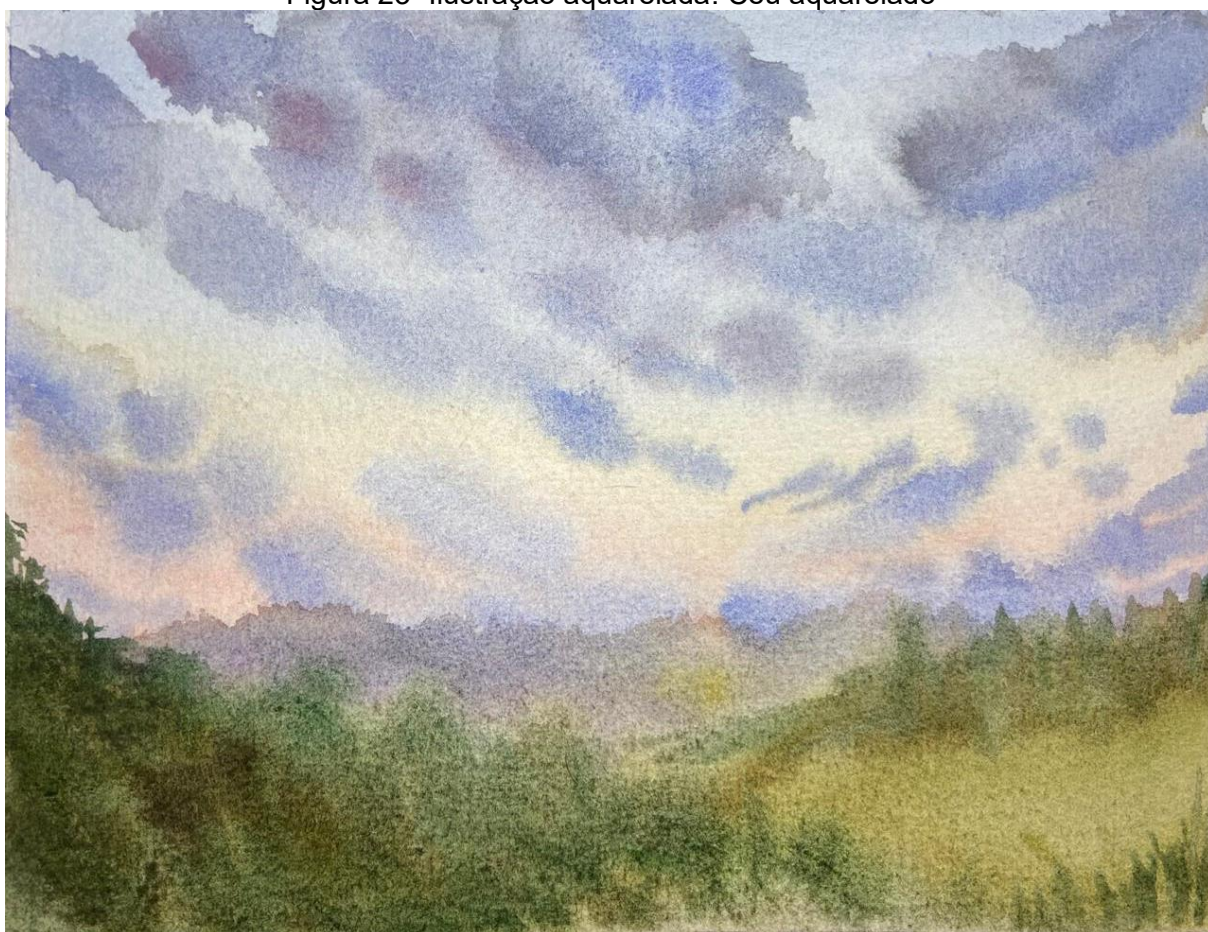
Por esse motivo, continuaremos a explorar a bacia a partir de suas características morfoclimáticas e fitogeográficas (Ab'Saber, 2003). Nosso objetivo é somar os aspectos já discutidos a outros que nos permitirão uma compreensão mais abrangente da bacia.

### 3.3 O TEMPO ATMOSFÉRICO E O TEMPO DA EXPERIÊNCIA

*A mulher olha o céu, é um jeito antigo e rural de ler esta grande página aberta sobre a nossa cabeça, agora a ver se estava aclarando o ar, e não estava, antes mais carregado de tinta escura, não temos outra tarde (José Saramago, Levantados do Chão, 2012, p. 17).*



Figura 23- Ilustração aquarelada: Céu aquarelado



Fonte: A autora (2025).

Em uma manhã de domingo, conforme combinado, cheguei às 9h no Bairro do Loteamento, no município de Presidente Tancredo Neves. A referência indicava que a casa ficava próxima ao posto de saúde. Ao procurá-lo, entrei em uma rua de terra, com casas espaçadas. Um letreiro em um barracão indicava que ali era casa da mulher que me aguardava: Adoiá, 67 anos, Mãe de Santo. No entanto, o barracão estava fechado.

Ao lado, uma casa repleta de plantas chamava a atenção. Uma criança, na varanda da casa vizinha, nos observava. Ao fundo, o som alto de um louvor evangélico ecoava, o que me fez duvidar se estava no local correto. Mas, diante das evidências, perguntei à criança: “Dona Adoiá mora aqui?” Ele rapidamente gritou: “Vovó, as meninas chegaram!”

Logo, Dona Adoiá apareceu à porta com um vestido amarelo brilhante (Figura 24) e nos convidou, a mim e à amiga que me acompanhava, a entrar. Começamos a entrevista enquanto passeávamos pelos cômodos da casa. O volume do louvor

evangélico foi reduzido ao girar o botão de um aparelho de som antigo. A casa era cheia de detalhes, adornada com quadros, fotografias e muitas plantas. Ela nos conduziu por um corredor até os fundos, onde acessamos o barracão. De um lado, estava a cozinha da casa; do outro, a cozinha do santo. Enquanto brincava com um gato que apareceu, ela me mostrava mais detalhes ao longo do caminho.

Figura 24- Dona Adoiá em seu Terreiro, no município de Presidente Tancredo Neves, Bahia



Fonte: A autora (2023).

Ao chegarmos ao barracão, dona Adoiá abriu as janelas, deixando a luz do dia ensolarado iluminar o amplo salão, dividido em áreas para ritos, festejos e consultas. Enquanto observávamos as plantas do lado de fora pela janela, Adoiá comentou:



Figura 25- Citação-foto: Assentamento do tempo no Terreiro Ilê Axé



Tem assentamento de tempo aí fora. A bandeira branca é assentamento de tempo. Sem tempo também nós não “pode” trabalhar. É ele que gira o terreiro, gira atrás das pessoas, atrás dos nossos clientes. Então nós temos que dar comida a ele. E ele come, ele bebe. Aí me perguntam: e tempo come? Come! Tempo bebe! Tempo é o vento. A gente tem que cuidar. Aí a bandeira conforme tá se movimentando, sua vida também está movimentando.

**Eunice Novaes Sampaio, Adoiá, Mãe de Santo, residente em Presidente Tancredo Neves, 2023.**

Fonte: A autora (2023).

O relato me chamou a atenção, pois, ao olhar pela janela, percebi que o assentamento de tempo indicava a direção dos ventos, semelhante a uma biruta, mas com uma aplicabilidade mais rica, repleta de significados e poesia. Muito além de uma simples observação atmosférica, o assentamento de tempo é um instrumento de observação da natureza usado para fins religiosos, que revela como o candomblé, através dos ritos, está atento às dinâmicas naturais.

Essa experiência contribui para a construção da ideia de que, no cotidiano, as dinâmicas atmosféricas são percebidas, observadas, sentidas e ressignificadas dentro das culturas. “Esse [...] elemento sutil e difuso em que se banham todos os aspectos da Terra” (Dardel, 2015, p. 23). Isso se aplica tanto a atividades práticas – como na agricultura e construção civil – quanto aos ritos religiosos, como o exemplo mencionado.

A situação descrita me fez refletir sobre como as percepções individualizadas e situadas podem nos revelar características do tempo e do clima de um lugar. Trata-se de uma climatologia vivida, onde o foco vai além da medição técnica de elementos climáticos. É sobre como as pessoas sentem e interagem com o clima, o que Mendonça (2021) destaca como a relação entre razão e emoção na cognição humana.

Para que essa climatologia vivida apareça, é necessário entender que a percepção do tempo, ou das variações climáticas habituais, exige uma vivência enraizada nos lugares (Sartori, 2014). No estudo das dinâmicas climáticas, há uma tendência à fragmentação dos temas. Contudo, na experiência vivida, o clima é percebido de maneira integrada. Variações de latitude, altitude, temperatura, umidade, pressão, precipitação, ventos e nebulosidade se entrelaçam com outros elementos da paisagem e da vida cotidiana.

Uma das formas de perceber essas dinâmicas atmosféricas é através do corpo, que retém essas experiências de maneira situada. Brito (2023) chama isso de "corpo-lugar". Quero destacar o corpo-lugar como um termômetro sensível, ainda que impreciso e sujeito a variações individuais. Mesmo sem instrumentos de medição, sentimos a queda de temperatura com a elevação da altitude ou o calor em áreas próximas ao nível do mar.

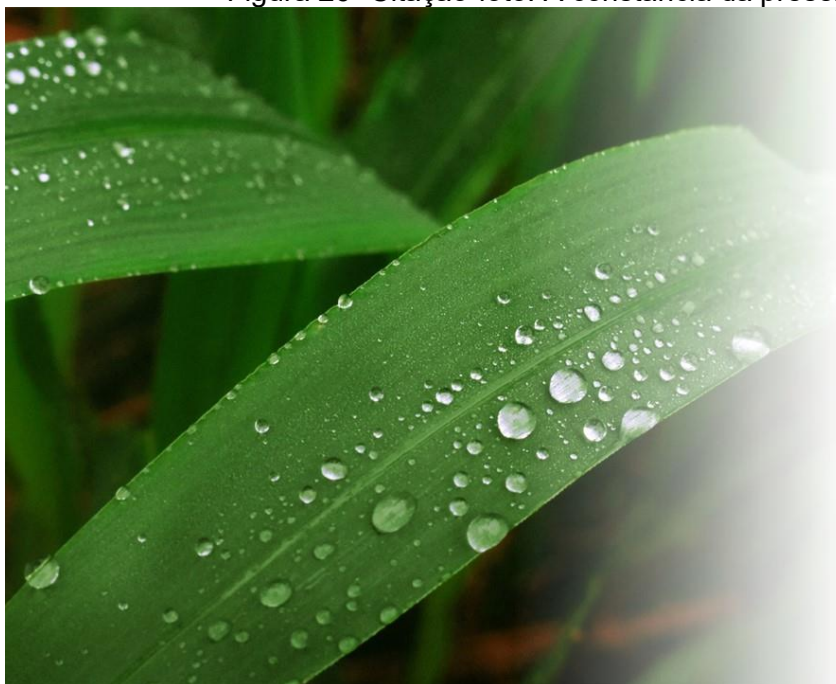
Durante as entrevistas, percebi que, ao descreverem seus lugares, as pessoas frequentemente mencionavam essas sensações. Katiele Santos (2024), por exemplo, ao descrever onde vive, disse: "Por ser um lugar alto e com muita mata, sempre faz mais frio em relação à cidade. As manhãs são sempre frias, até no verão". Ela percebe a relação entre altitude e temperatura, associando elementos da paisagem à sensação térmica em comparação com a cidade. Sem precisar de termômetros, Katiele conclui que a Mata Atlântica ao redor de sua casa proporciona um maior conforto térmico.

Segundo Andrade (2011), a Bacia do Rio Una apresenta temperaturas elevadas (25,1 °C). Ao correlacionar as observações de Katiele Santos aos dados térmicos, podemos ver que sua percepção é mais detalhada, vai além do microclima de sua casa rural, alcançando uma compreensão mais ampla, abrangendo o município.

Além da temperatura, a umidade – desde o orvalho até as tempestades – é um elemento crucial nos relatos. A distribuição das chuvas ao longo do ano impacta diretamente a vida, especialmente nas áreas rurais, onde a agricultura depende das condições climáticas. A sensibilidade à chuva é evidente no relato de Balbino:



Figura 26- Citação-foto: A constância da presença da água



No lugar que a gente mora, Ipiranga, Pau da Letra, Recôncavo, Julião e Cachoeira Alta, é o lugar que chove todo dia. Não tem um dia que não fique sem chover, ou um "serenininho" ou qualquer coisa, mas chove... É um lugar que tem muita água e a gente já mora nas cabeceiras das nascentes.

**Balbino Lino, 2023.**

Fonte: A autora (2024).

O depoimento de Balbino revela uma percepção sensorial aguçada da atmosfera, que vai além da chuva como um fenômeno visível, abrangendo também a umidade ambiente, manifestada no sereno ou orvalho. A capacidade de "sentir" o ambiente através do corpo, por meio da respiração e do tato, sugere uma íntima conexão com o entorno natural. Essa sensibilidade destaca como populações rurais, como a da Bacia do Rio Una, desenvolvem um conhecimento empírico do clima e de seus ciclos, baseando-se em sinais diretos da natureza. Esse tipo de percepção é fundamental em contextos em que a relação com o meio ambiente se torna essencial para atividades como a agricultura e o manejo dos recursos naturais.

A umidade do ar, que Balbino identifica através do sereno, também é um fator climático crucial em regiões tropicais úmidas, pois influencia não apenas o conforto humano, mas também o desenvolvimento de plantas e outros organismos. Segundo Ayoade (1991), a umidade relativa do ar tem um papel central na evapotranspiração e no ciclo hidrológico, regulando a quantidade de vapor d'água na atmosfera e, consequentemente, afetando a formação de orvalho e neblina. Essas condições são características do clima tropical úmido da Bacia do Rio Una, onde a elevada umidade atmosférica é um elemento constante ao longo do ano.

Além disso, a percepção da umidade por Balbino pode ser relacionada a uma compreensão mais profunda dos ciclos diários e sazonais do clima. O sereno e o

orvalho são particularmente importantes durante as madrugadas e manhãs, quando as temperaturas são mais baixas e a condensação da umidade no solo e nas plantas se torna visível. Estudos como os de Monteiro (1973) ressaltam a importância dos microclimas locais na formação de orvalho, mostrando como diferentes paisagens podem influenciar a distribuição de umidade e sua percepção sensorial. Assim, o depoimento de Balbino evidencia não apenas um entendimento prático do clima, mas também uma forma de conhecimento do lugar que pode complementar os dados climatológicos.

Tal percepção é respaldada pelos dados climatológicos da Bacia do Rio Una, que se encontra sob a influência de um clima tropical úmido, classificado como B4rA' segundo a classificação climática de Thornthwaite (1948). Este tipo de clima é caracterizado por elevados índices pluviométricos, que se distribuem de maneira relativamente uniforme ao longo do ano, com uma média anual de 2.082,8 mm (A autora, 2024)<sup>4</sup>. Além disso, a região é afetada por distúrbios atmosféricos como sistemas frontais e distúrbios de leste, que contribuem para o aumento da precipitação, conforme discutido por autores como Mendonça e Danni-Oliveira (2007), que destacam a influência dos sistemas meteorológicos na distribuição e intensidade das chuvas em regiões tropicais.

A necessidade de prever chuvas é mais acentuada em regiões semiáridas. No município de Quixadá, no Ceará, por exemplo, existem os "Profetas da Chuva", homens e mulheres que observam a natureza e, a partir de seus sinais, profetizam sobre a precipitação anual (Martins, 2006). Na Bacia do Rio Una, embora as chuvas sejam frequentes e abundantes, seus impactos, sobretudo os das chuvas intensas, acarretam uma série de problemas para as comunidades rurais. Ainda que a relação com a água seja diferente da das regiões semiáridas, também existem "profetas" locais, apesar de não nomearmos dessa forma.

Esses saberes se baseiam na observação atenta da natureza e de seus sinais, como o voo de pássaros e insetos, a floração de certas plantas e a formação das nuvens. Estudos antropológicos e etnobotânicos indicam que essas práticas tradicionais são fundamentais para a organização do cotidiano agrícola, influenciando decisões sobre plantio e colheita. Segundo estudos de Berkes *et al.* (2000), o

---

<sup>4</sup> Média extraída a partir dos dados da Agência Nacional das Águas (Hidro-Plu, ANA, 2023), Casa Familiar Rural (CFR/PTN, 2022) e Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (CEPLAC, 2022).

conhecimento ecológico tradicional, desenvolvido ao longo de gerações, é uma importante ferramenta de adaptação às variações climáticas, especialmente em regiões tropicais, onde o clima é mais instável.

A observação de animais, como o voo das tanajuras ou de insetos como a barata sempre ressaltados por meus avós, remete ao que Anderson (2003) descreve como indicadores biológicos, fenômenos naturais que servem de precursores de mudanças climáticas ou meteorológicas. Desde a minha infância também escuto relatos dos meus familiares sobre a floração de plantas, como o jasmim, café e a murta, associada à proximidade de chuvas em muitas regiões tropicais (Figura 27). Albuquerque e Andrade (2002) destacam a relevância das plantas como marcadores sazonais em comunidades agrícolas do Nordeste brasileiro.

Figura 27- Florada de espécies variadas



Da esquerda para a direita: Café, murta e laranjeira. Fonte: A autora (2024).

É evidente que a floração de algumas espécies é desencadeada por fatores como a umidade atmosférica, o estresse térmico ou hídrico, que influenciam tanto o florescimento quanto a mecânica das pétalas, facilitando sua abertura (Taiz; Zeiger, 2017). Apesar dessas explicações científicas, no contexto da experiência vivida, nem sempre se conhece a causa exata desses fenômenos. Entretanto, há uma correlação intuitiva entre os sinais da natureza e as dinâmicas atmosféricas.

Além disso, existe a prática de observar a origem e a formação das nuvens, como relatada por Dilma Matos (2023): "No verão, a chuva de trovoadas vem do fundo da casa, e eu já me preparo para fechar as janelas, senão molha tudo. Já no inverno, é diferente". É uma estratégia popular que ressoa com o conceito de meteorologia empírica, discutido por Wezel e Lykke (2006). Nesse contexto, a percepção local sobre a direção dos ventos e a tipologia das nuvens permite prever tempestades e tomar medidas preventivas. Qualquer alteração nos padrões esperados pode ser vista como um sinal de mudança no regime climático, gerando preocupação em comunidades que dependem de um clima regular para garantir sua subsistência.

A observação dos astros em determinados períodos do ano marca as estações. A aparência da lua, por exemplo, indica e marca momentos mais propícios para o cultivo de algumas espécies em detrimento de outras. Minha vó sempre plantava os alimentos respeitando os quadrantes da lua, argumentando que:

Figura 28- Citação foto: Colheita do inhame

Na lua crescente se planta aquilo que cresce pra fora, por exemplo, tomate, milho, feijão, arroz e outros... e na lua minguante se planta as coisas que "desce pra terra", com raízes, inhame, aipim, batata, cenoura, gengibre... quer dizer, eu tô dando só esses exemplos, mas é tudo que 'entra pra debaixo da terra'.

**Dalvina Farias, agricultora, residente em Presidente Tancredo Neves, 2023.**



Fonte: A autora (2024).

Essa relação com os ciclos lunares, como exemplificado por Dalvina Farias (2023), onde a lua crescente e a minguante determinam o que deve ser plantado, revela uma cosmovisão em que os ritmos da natureza não são apenas contemplados, mas integrados nas práticas cotidianas. As fases da lua guiam essas atividades agrícolas, conferindo um caráter quase ritual à produção alimentícia, em que a quebra

de tais práticas pode resultar em falhas no cultivo, de acordo com as crenças populares.

Além das fases da lua, o movimento aparente do sol também é observado:

[...] tem outras culturas como o maracujá, chuchu também, essa rama, o correto é pegar o sol da manhã e à tarde, então você planta na posição do sol, do movimento do sol. Por exemplo, leste está à direita, oeste está à esquerda, então ao invés de você plantar a cultura assim, atravessando, você planta ao comprimento, porque o sol nasce aqui e ela fica o tempo todo em cima dela. Se você plantar ao contrário, de manhã vai bater sol, porque são culturas de ramas, né? De manhã vai bater aqui, vai dar sol aqui e lá de cá vai dar sombra. Então a parte vai desenvolver porque o sol mais frio aqui da manhã e o sol mais quente a tarde. Vai dar complicação aí, né?! (Eliomar Café, 2024).

O cultivo de espécies agrícolas, como o maracujá e o chuchu, também demonstra uma ciência empírica, onde o sol da manhã ou da tarde influencia diretamente no desenvolvimento dessas plantas.

As chuvas na Bacia do Rio Una são bem distribuídas ao longo do ano, porém, no inverno é que se concentram os maiores volumes. Nesse sentido, a observação das estações do ano emerge como um elemento central nos relatos coletados, evidenciando a íntima conexão entre o homem e a natureza. Como pode ser atestado nos relatos de Eliomar Café:

[...] tem a questão também do tempo, da época do plantio. Primeiramente o pessoal planta, o correto é plantar no verão, né? Quem planta (banana) no verão é pra poder, justamente na fase do cacheamento, que é onde ela quer mais água, pra ela cachear no inverno. Ela demanda mais água. Mas aí também no inverno o preço cai. Tem a questão que todo mundo produz mais no inverno, mas tem outra questão também, porque a planta, no verão, um cacho leva em torno de 60 a 70 dias, no inverno é entre 90 e 100 dias. Então demora mais no inverno, e aí como demora mais, tem menos circulando no mercado, por isso que o preço agora está alto, porque ela demora muito para o desenvolvimento (Eliomar Café, 2024).

O ciclo de plantio, por exemplo, segue um calendário quase intuitivo, que associa as estações do ano ao conhecimento do regime das chuvas, a fase de cacheamento das plantas e até o comportamento do mercado agrícola, em que o preço dos produtos oscila conforme as mudanças sazonais. Tal conhecimento prático, oriundo de décadas, senão séculos de experiência, reflete uma geograficidade que não se limita ao território físico, mas expande-se para a observação dos astros e das dinâmicas naturais.

Os pescadores, como o deputado Raimundo Costa (2023), demonstram uma similar percepção das dinâmicas naturais. A chuva, o vento e as marés são fatores determinantes nas suas atividades de pesca, e, assim como os agricultores, eles se



orientam pela observação do comportamento da natureza para se adaptarem às suas alterações. No relato do Deputado Federal sobre os festejos do dia do pescador, ao me contar a história do rito, surgiu esse relato:

[...] foi um período que estava chovendo, e quando chove, as embarcações vêm tudo pro porto. Não é chuva, é vento que tira a atividade da pesca da estação. Não é chuva... E chuva, você bota um capote, uma capa boa, ela bate em mim e volta pro rio. Mas o vento muda toda a correnteza, muda tudo. Então você muda toda a corrente de marinha. Então você bota ali a rede e ela vai pra outro lugar. Você bota uma linha, que é a pesca linha, você bota um chumbo pra linha descer. Se a maré estiver correndo muito, ele bate lá na flor da água a “x” metros. Ela não vai profundo, a maré corre, puxa. E você não pesca, o peixe que tá lá embaixo. Você não pega o peixe. Então o que acontece, todas as embarcações vão pro porto para esperar o vento passar (Raimundo Costa, 2023).

Ao perceber como o vento altera as correntes marítimas e como a intensidade das chuvas afeta a pesca, vemos a formação de um conhecimento empírico que é constantemente posto à prova pela prática e pela sobrevivência. Esse conhecimento aparece em relatos situados, embora muitas das vezes os relatos aparentemente sejam desconexos com o tema.

Não apenas o pescador consegue observar tais alterações: o poeta, como tão bem disse Dardel (2015), consegue precisar uma descrição justa e luminosa dessa Geografia litorânea, abarcando elementos de ordem climatológicas, astronômicas, biológicas, da fauna, culturais e das relações socioeconômicas que envolvem “Homens e caranguejos” (Castro, 2001). A título de exemplo, o poema *Andada de Carangueijo* do Valenciano Otávio Mota (2023):

*Quando a maré é cabeça d'água  
Em cima da lua cheia  
O caranguejo anda  
O caranguejo tá na andada  
Anda para desovar  
Anda para acasalar  
Janeiro, fevereiro e março  
Depois da trovoadas  
O caranguejo anda  
O caranguejo tá na andada  
Mesa posta  
Mesa farta  
E come pai  
E come mãe  
Come filha  
E come filho  
Come toda a família  
Come o vizinho do lado  
E a comadre de outras bandas  
Quando a maré é cabeça d'água  
Em cima da lua cheia  
O caranguejo tá na andada  
E fica cheio de alegria todo lar ribeirinho*

*Todo verso da poesia Eco-dito de um balé:  
Mangue, gente e caranguejo  
Cestos  
Sacos  
E pedaços de pau  
Pés na lama adentram  
Corpo até o meio  
Pernas ágeis  
Mãos ligeiras  
Aleluia!  
É festa do mangue  
É festa da lua  
Aleluia!  
Caranguejo no prato  
Farinha na cuia.  
(Otávio Mota, 2023)*

A poesia de Otávio Mota, com seu retrato vibrante do caranguejo e a ligação com as fases da lua, reforça a trama entre natureza e cultura, onde cada maré, cada ciclo lunar reverbera nas tradições de celebração. A andada do caranguejo, sincronizada com as marés e o ciclo de vida do manguezal, não é apenas um evento natural, mas um marcador cultural que alimenta tanto a mesa quanto o espírito das comunidades marisqueiras.

Para além das previsões do tempo, os homens embebidos de geograficidade conseguem aplicar e observar os eventos climáticos, avaliando-os e se posicionando diante deles. Como relatou Pedro José (2023), em um determinado período de chuvas, ao observar a intensidade e duração das chuvas, o mesmo chamou outras pessoas para abrir parcialmente a barragem de sua propriedade para que ela não rompesse e afetasse aqueles que estavam a jusante. Eles conhecem os movimentos dos rios nos períodos de cheia e seca e se organizam em torno dessas dinâmicas.

Sem recorrer a terminologias técnicas, as comunidades rurais, com base na observação e na experiência, conseguem prever, após um determinado período e intensidade de chuva, o avanço dos rios e se as barragens podem se romper, tomando providências em função disso. Para tanto, o homem faz, a partir da observação, estimativas que se aproximam de cálculos de vazão, de área e até da associação de parâmetros morfométricos de bacias. Isso contrasta com as cidades, que, mesmo dispondo de aparato científico, continuam construindo nas margens de rios e áreas de risco, e não conseguem prever e/ou evitar catástrofes.

Podemos ver essa mesma percepção nos relatos de Katielle (2023):

Figura 29- Citação-foto: Cachoeira na Região da Tesoura 01, Presidente Tancredo Neves

[...] Em frente à minha casa tem uma cachoeira linda. Essa cachoeira não é acessível por conta de ter uma mata fechada e muita ladeira. Quando chove muito, pode acontecer a tromba d'água e isso dificulta nossa rotina. Impede que as pessoas saiam de casa e acessem à cidade, pois temos pontes submersas e as estradas com muita lama, o que dificultava para irmos para a escola, pois os transportes não conseguem chegar no local, nos deixando em pontos distantes da nossa casa. Muitas vezes andei mais de 3 km, a pé, com isso chegava bastante tarde, por volta das 9 horas da noite. Chegava molhada e com fome. Faltei muitas aulas por conta da chuva.

**Katielle Santos, 2023.**



Fonte: Imagem- Katiele Santos (2024). Elaboração: A autora (2024).

No relato de Katielle, pode-se perceber não apenas um conhecimento das dinâmicas da natureza, mas também uma análise crítica de como essas condições impactam diretamente a vida de muitos estudantes. Como professora do município de Presidente Tancredo Neves, observo que, nos períodos de chuvas mais intensas – junho, julho e agosto – há um esvaziamento das turmas matutinas, frequentadas majoritariamente por estudantes das áreas rurais. Essa evasão escolar é atribuída às intensas precipitações, combinadas com o relevo que apresenta elevadas declividades e a falta de manutenção adequada – ou mesmo a ausência de infraestrutura nas estradas locais. Esse quadro ilustra a intersecção entre elementos físico-naturais e questões governamentais de ordem estrutural.

A situação é ainda mais evidente em outro trecho de seu relato:



**Figura 30- Citação-foto: Consequências das fortes chuvas na Bacia do Rio Una, 2016**

Porque quando a cachoeira... Ela é bem fraquinha, mas quando chove muito, ocorre uma tromba d'água. Aí, com isso, os rios enchem bastante. Tem muitas pessoas que não saem de casa. Teve um morador que ficou mais de duas semanas sem sair, porque toda vez que construíam a ponte, a água levava. Agora tiveram que fazer uma ponte com 4 ou 5 metros de altura do rio. É uma ponte de madeira, sem manilhas, maior. E quando chove bastante, a estrada fica lisa. Os rios entram pelas valetas, e as estradas começam a ficar cheias de buracos. Indo pra minha casa, na Fazenda de Tonha da Roan, tem uma "presa" (barragem) que, quando chove, os peixes descem pela estrada. A força da água é tanta que as pessoas catam os peixes. A região não fica submersa completamente, mas os pontos mais baixos, como os cacauzeiros, ficam. Quando enche, os cacauzeiros ficam submersos, só se vê as folhinhas. E tem uma ponte ali, mas é baixa demais, e alaga tudo. Aí ninguém consegue passar até que a água baixe.



**Katielle Santos, 2024.**

Fonte: Fotografia- A autora (2016). Elaboração: A autora (2025).

O depoimento de Katielle revela não apenas a percepção da recorrência de chuvas intensas, mas também um entendimento de como as águas são drenadas para os córregos, aumentando rapidamente sua vazão e as consequências disso para a sua vida e da comunidade da Tesoura 01. Interessante notar que, ao falar das "valetas" formadas pelas chuvas, mesmo sem utilizar termos técnicos, Katielle demonstra conhecimento sobre os processos de erosão, associando as características morfológicas da região às questões climáticas. Ela continua:

Na ladeira perto de casa, eu caí de moto com uma colega. A moto entrou num buraco. O buraco era do tamanho da moto e ainda sobraram dois palmos. Eu entrei em pânico porque achei que minha colega tinha morrido. [...] Por causa da chuva, o buraco virou uma cratera de uns 50 metros. Ficou bem fundo. O acesso ficou muito difícil, principalmente porque a prefeitura não fez o reparo (Katielle Santos, 2024).

O relato de Katielle demonstra também como a população local vivencia os impactos diretos dos eventos meteorológicos intensos, como as chuvas torrenciais. Sua observação sobre as voçorocas formadas pelas enxurradas reflete um entendimento prático das consequências da erosão e das falhas na infraestrutura pública. O conhecimento empírico sobre esses processos naturais, aliado à falta de manutenção por parte das autoridades, revela a vulnerabilidade da comunidade frente aos desafios ambientais, destacando a importância de intervenções que minimizem os efeitos erosivos e garantam a segurança dos moradores.

Portanto, as práticas cotidianas dos agricultores e pescadores não são apenas modos de subsistência, mas também uma forma de entendimento profundo das dinâmicas climáticas e nos aproximam da compreensão do funcionamento de uma Bacia Hidrográfica de maneira situada. Essa geografia sensível, tal como descrito por Dardel (2015), incorpora elementos astronômicos, biológicos e culturais, e demonstra como o homem, imerso em seu ambiente, tece uma compreensão prática das dinâmicas naturais.

A geografia vivida por esses sujeitos revela um conhecimento ambiental construído na observação constante e na adaptação às variações naturais. Embora muitas dessas práticas careçam de fundamentação científica estrita, sua eficácia ao longo do tempo atesta a sabedoria incorporada em tais vivências.

Contudo, mesmo reconhecendo a poética dessas experiências e a sabedoria empírica nelas contida, é essencial ressaltar que a ciência também desempenha um papel crucial ao sistematizar e validar essas observações. A fragilidade da memória e a brevidade da vida humana impõem limites à nossa capacidade de compreender plenamente fenômenos de escala planetária, como o clima, que opera em ritmos muito maiores do que os ciclos observados localmente. Como Monteiro (1991) aponta, a ciência climática lida com sistemas amplos e dinâmicos, cujas variáveis são complexas e interconectadas em níveis que muitas vezes escapam à percepção cotidiana.

Ainda assim, não se pode negar que o conhecimento empírico acumulado ao longo das gerações tem sido um dos pilares fundamentais na construção de hipóteses científicas. A interação entre essas duas formas de saber – o saber popular e o saber científico – tem o potencial de gerar uma compreensão mais profunda e holística do ambiente, das suas dinâmicas e das formas como podemos nos adaptar às suas transformações. Como o ciclo da água que se repete infinitamente através da evaporação e condensação, o conhecimento também circula entre o empírico e o científico, enriquecendo nossa compreensão do mundo e das suas nuances.

Até aqui, exploramos como as formas da superfície e os elementos climáticos interagem de maneira dinâmica, moldando a paisagem e influenciando a vida cotidiana. As percepções dos lugares e os dados obtidos revelam índices pluviométricos acentuados, demonstram que a água presente na região não se manifesta apenas sob a forma de precipitação. A seguir, discutiremos a hidrografia

vivida, analisando como essa água circula pela paisagem, infiltrando-se nos solos, correndo pelos modelados e interagindo na vida das pessoas. Aos poucos, a bacia hidrográfica vivida vai tomando forma e movimento.

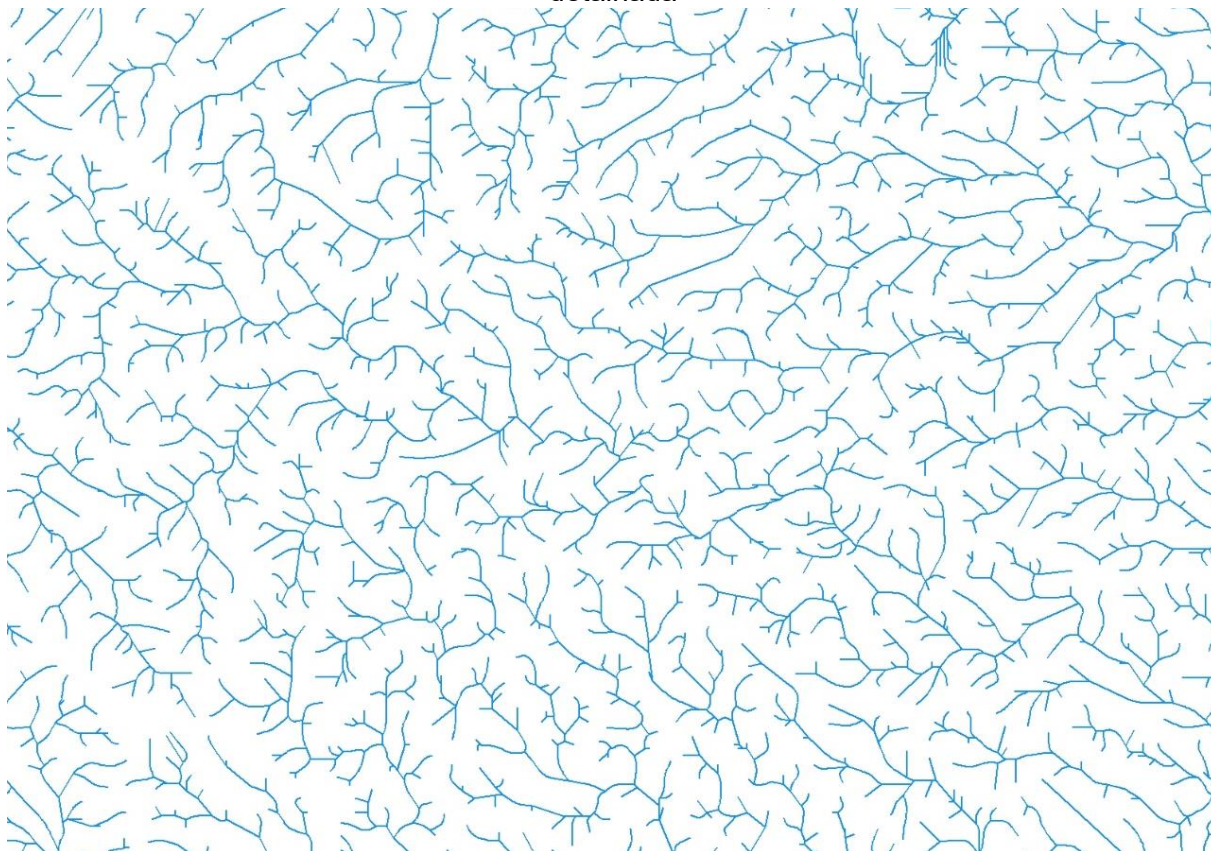
### 3.4 A PERCEPÇÃO VIVIDA DAS ÁGUAS

*Desde o começo do mundo água e chão se amam e se entram  
amorosamente e se fecundam.  
Nascem peixes para habitar os rios.  
E nascem pássaros para habitar as árvores.  
As águas ainda ajudam na formação dos caracóis e das suas lesmas.  
As águas são a epifania da criação.  
(Manoel de Barros, Menino do Mato, 2013, p. 25)*

*A fim de mostrar a aptidão da água para compor-se com outros elementos,  
estudaremos outras composições, mas deveremos lembrar que o  
verdadeiro tipo da composição é, para a imaginação material, a composição  
da água com a terra.  
(Bachelard, 1997, p. 15)*

Manoel de Barros e Bachelard narram com precisão do que se trata este tópico: o encontro das águas com o chão. Esse chão onde vivemos que é entremeado por uma trama de pequenos córregos, riachos e rios, que seguem até desaguar no mar (Figura 31). “O espaço aquático é um espaço líquido. Torrente, riacho ou rio, ele corre, ele coloca em movimento o espaço” (Dardel, 2015, p. 20). Essas águas carregam múltiplos simbolismos, além da sua função primordial para o desenvolvimento e manutenção da vida. Elas permeiam não apenas o chão, mas o imaginário e cotidiano das pessoas de diversas maneiras: seja domesticada em torneiras e chuveiros, imponente em rios e lagos, ora escassa, ora abundante. Na aridez, é objeto de desejo; nas enchentes, de temor. Em cada uma dessas dualidades, a água revela sua presença constante e indispensável, entrelaçando-se com a vida em todas as suas manifestações.

Figura 31- Trecho da rede de drenagem da Bacia do Rio Una e áreas adjacentes em escala detalhada



Fonte: SRTM (2000). Elaboração: A autora (2024).

Como já mencionado em seção anterior (O tempo atmosférico e o tempo da experiência), a Bacia do Rio Una localiza-se na porção leste do litoral brasileiro e possui um clima tropical úmido, que se caracteriza pelos altos índices pluviométricos bem distribuídos anualmente. Por esse motivo, a relação das pessoas com as águas não é de escassez, dada essas características regionais. Como será possível verificar nos relatos dos entrevistados, todos estão próximos das águas.

A Bacia do Rio Una apresenta uma configuração peculiar: sua rede hidrográfica é composta, majoritariamente, por pequenos córregos e riachos que se avolumam apenas próximo à foz, na cidade de Valença. Isso influencia diretamente a relação dos moradores com o ambiente hídrico, moldando uma percepção dos lugares que valorizam o fluxo constante e a distribuição das águas em rede, em vez de uma dependência de um grande rio central.

Parece desnecessário falar disso, mas a presença dessas águas pouco volumosas ajuda a construir, como apontou a pesquisa, outras experiências com a

hidrografia. As atividades de pesca, de navegação são diferentes e limitadas se compararmos com outros rios e bacias. Em estudos sobre rios, sob uma perspectiva humanista-cultural – como os realizados sobre o Araguaia (Gratão, 2002), São Francisco (Almeida, 1994; Vargas, 1999; Fernandez; Almeida, 2010; Silva, 2024), Rio de Contas (Chiapetti, 2009; Chiapetti; Gratão, 2010), Amazonas (Nogueira, 2014) e Rio Cauca (Bernal Arias, 2022) –, o foco recai sobre rios com vazões significativas, o que acaba por destacar a importância desses corpos hídricos para as dinâmicas econômicas e sociais das regiões.

No curso superior e médio da Bacia, o homem do campo não se reconhece enquanto ribeirinho, apesar de “morar sobre as águas”, como afirma Balbino Lino (2023). Além disso, em toda a extensão da Bacia do Rio Una há a presença da construção de represas para avolumar as águas, e assim criar peixes e irrigar lavouras. Essa relação com águas perenes e pouco volumosas me recorda Bachelard, que nos convida a estudar as águas comuns, “as águas que não têm necessidade de infinito para prender o sonhador” (1997, p. 16). Nesse sentido, esta pesquisa segue um pouco a metodologia de Manoel de Barros, na tentativa de pôr luz nas coisas “insignificantes” e “miúdas”.

Para entender essa trama hidrográfica vivida na Bacia do Rio Una, questiono: como os moradores dessa região hidrográfica percebem a dinâmica e os caminhos das águas? A partir daqui, seguiremos o trajeto das pessoas até chegar nas drenagens.

A pesquisa revelou que na vivência dos sujeitos, a hidrografia é narrada a partir de qualquer ponto dos córregos, riachos e rios, seja a montante, a jusante, dentro dos limites de um município ou de outro. O que importa é a experiência com o lugar, seja ele uma propriedade rural, um povoado, um distrito, uma cidade ou um mosaico de lugares. Como disse Krenak:

[...] então não importa se estamos acima ou abaixo do rio Grande; estamos em todos os lugares, pois em tudo estão os nossos ancestrais, os rios-montanhas, e compartilho com vocês a riqueza incontida que é viver esses presentes (Krenak, 2022, p. 11-12).

É a partir do lugar, como seres situados no mundo (Marandola Jr., 2008), que os moradores compreendem os caminhos das águas, em diferentes níveis de complexidade. Para facilitar essa compreensão, começaremos pela presença da água na atmosfera, passando pelas águas subterrâneas e nascentes, seguindo pelos



córregos e riachos, que se avolumam em forma de rios, transitando pelo rio-mar, até finalmente chegarmos ao mar.

Começamos por Balbino Lino (2024), pois ele aponta para um saber que evidencia a presença da água em um conjunto de lugares da Bacia. Ele percebe a dinâmica das águas para além de um aspecto visível, que flui em suas paisagens. Sua sabedoria espacial, construída ao longo de seus 71 anos de vida, conclui que a disponibilidade e a constância dessas águas são resultantes das chuvas bem distribuídas ao longo do ano, bem como da presença de grande umidade na atmosfera, quando ele diz que: “todo dia chove, nem que seja um sereninho” (Balbino, 2023). No decorrer da conversa, ele ainda acrescenta:

‘Nós mora’ nas cabeceiras, quase tudo de junto das nascentes, tem muita, muita, muita! Na roça da gente, aonde tu cavar tem água, o que bem tem é água. A gente mora, em cima da água... é um lugar que tem muita água e a gente já mora nas cabeceiras das nascentes (Balbino Lino, 2023).

Na fala de Balbino, é notória a percepção da presença e disponibilidade da água em seus lugares. A água está presente na superfície visível, mas também abaixo da terra, nas águas subterrâneas. Ele afirma com a precisão de quem vive no lugar que “qualquer lugar que cavar vai ter água” (Balbino, 2023), pois ele conhece e utiliza a possibilidade de construção de poços artesianos (Figura 32).

Figura 32- Poço artesiano em meio a lavoura de cacau na Rua Maria Rosa, Presidente Tancredo Neves, Bahia



Fonte: Trabalho de campo (2023).

Os sujeitos da pesquisa, assim como Balbino, possuem consciência da presença não apenas das águas superficiais, mas também das águas subterrâneas. Nessa mesma compreensão, Pedro José fala sobre a existência de “grutas” em sua propriedade situada no município de Presidente Tancredo Neves, Bahia:

Figura 33- Furna da fazenda da Pedra

[...]Aí tem uma gruta, que você anda, anda... um tanto bom por debaixo da terra e a água passando por cima. Uma gruta muito alta, bonita... mesma coisa daquela gruta da Lapa. Quem já foi lá pra Lapa e já viu, é a mesma coisa.

**Pedro José, Pedra 90, 2023.**



Fonte: A autora (2023).

Pedro José associa a cavidade encontrada no seu sítio ao formato que se assemelha geomorfologicamente a uma gruta. No entanto, cabe destacar que, na Bacia, existem algumas furnas formadas pelo desmoronamento ou acomodação de camadas de rochas, resultando em pequenas cavidades popularmente chamadas de cavernas e grutas (Guerra, 1987). Nessas furnas, como no caso citado, é comum encontrar nascentes, filetes de água que escorrem pelas rochas e até formam pequenos reservatórios. Ademais, o que interessa para nossa análise é que Pedro José confirmou tanto a água brotando dentro das furnas quanto fluindo sobre elas, o que indica uma percepção complexa do funcionamento da natureza.

Para além das águas subterrâneas, a fala de Balbino (p. 121) evidencia o encontro fecundo entre águas e chão (Barros, 2013) ao tratar das cabeceiras – termo amplamente difundido no vocabulário popular, glossário (p. 184) – ele se refere aos

pontos altos das morfologias da Bacia, de onde se inicia o correr das águas, ou como ele nomeia, as “nascentes”.

As nascentes, embora diminutas espacialmente, parecem assumir grande relevância para os habitantes da Bacia. Entre as nascentes mencionadas pelos entrevistados, muitas são utilizadas para coleta de água para consumo doméstico, visto que algumas delas são preservadas justamente para esse fim, o que demonstra, em primeiro momento, uma dimensão utilitária (Figura 34).

Figura 34- Nascentes da Bacia do Rio Una localizadas no município de Presidente Tancredo Neves



Fonte: A autora (2024).

Além dessa visão utilitária das nascentes, percebi um encantamento em torno desse brotar das águas (Bachelard, 1997). A visão de Jung (1964) contribui para compreender o encantamento de Balbino e Pedro José em relação às nascentes. Elas não são apenas uma fonte física de água, mas também evocam uma sensação de mistério e reverência, aproximando-se do sagrado. Esse sentimento é evidenciado nas especificações de Pedro José, ao comparar a gruta da sua propriedade a uma “gruta da Lapa”, destacando o fascínio e a quase sacralidade atribuída a esses lugares. Segundo Jung, essa percepção simbólica é fruto do inconsciente coletivo, onde imagens e símbolos ancestrais – como a nascente – evocam uma memória arcaica compartilhada por diferentes culturas e gerações. No relato percebemos o que Dias (2022; 2024) chama de dobra topológica, um enlaçamento entre referências espaciais vividas, uma marca no caminho.

No plano da representação simbólica, Bachelard (1997) sugere que a água carrega um valor arquetípico e poético, evocando sentimentos de pureza e início de vida. Jung (1964) identifica a água como um símbolo poderoso e universal e, na sua perspectiva, as nascentes representam o arquétipo do “início” ou da “origem”, um



ponto de conexão entre o mundo visível e o invisível, entre o consciente e o inconsciente, ligada à intuição e ao ciclo de renovação e transformação.

Ao conectar esses elementos ao conceito de arquétipo de Jung e Bachelar, percebe-se que a água e as nascentes na Bacia do Rio Una simbolizam mais do que simples recursos naturais; elas se tornam pontos de convergência entre o indivíduo e a coletividade, entre o mundo físico e a espiritualidade coletiva. Essa simbologia se manifesta nas memórias e narrativas dos moradores, que carregam significados profundos sobre o ambiente.

Durante as entrevistas também observei que, para muitas pessoas, as nascentes eram vistas “apenas” como o ponto de origem da água, o “olho d'água”. Em muitos relatos, as nascentes apareceram como um ponto isolado na paisagem, algo mágico, que existe de forma independente e não necessariamente interage com os demais elementos do ambiente.

Para o imaginário popular da Bacia, as nascentes são como uma folha em branco que tem uma história que é escrita à medida que a água começa a fluir sobre o chão. Em uma das visitas de campo, por exemplo, ao chegar ao Chafariz de Frizo, uma nascente localizada no perímetro urbano de Presidente Tancredo Neves, encontrei Dona Elenita de Jesus Santos (2023, Figura 35) bebendo água. Em meio à conversa sobre a sua percepção da qualidade da água daquele chafariz e possíveis ações de preservação e melhorias para o local, ela me relatou:

Figura 35- Elenita Santos bebendo água no Chafariz da cidade



Para melhorar isso aqui, podia tirar esses matos e cimentar tudo, pra essa área ficar limpa. Aí ficava bom.

**Elenita de Jesus Santos, dona de casa, residente em Presidente Tancredo Neves, 2023.**

Fonte: Trabalho de campo (2023).

A fala de Dona Elenita reforça a ideia de que a nascente é algo que existe apenas naquele ponto, além de se associar a uma perspectiva sanitária amplamente difundida no Brasil, que relaciona limpeza à impermeabilização e urbanização, como a pavimentação, tamponamento de rios e nascentes e supressão da vegetação ciliar. Essas mentalidades, que equacionam limpeza com cimentação, não são isoladas e foram reforçadas por muitos alunos entrevistados durante os trabalhos de campo (2023), que, ao serem questionados sobre como proteger as nascentes, sugeriram práticas semelhantes.

Isso reflete, por parte, a influência de políticas de conservação, como aquelas expressas no Código Florestal Brasileiro (Lei nº 12.651/12), que tendem a isolar as nascentes como pontos de proteção, sem considerar uma abordagem integrada que conecta outras áreas de preservação, resultando em mosaicos desconexos e não em corredores contínuos de proteção.

Para expandir a discussão sobre as nascentes com embasamento no ciclo hidrológico, é essencial compreender como essas características naturais estão integradas a um sistema maior de circulação de água. O ciclo hidrológico apresenta as nascentes como componentes fundamentais de um sistema maior. A água infiltrada no solo passa por camadas de rochas e solos, sendo armazenada em aquíferos (Guerra, 1987; Tucci, 2007). Em locais de grande permeabilidade, como as cabeceiras mencionadas por Balbino, a água acumulada retorna à superfície, formando nascentes que alimentam córregos e rios. Dessa forma, as nascentes representam não apenas o "início" simbólico, como discutido por Bachelard (1997) e Jung (1964), mas também uma fase de uma importante etapa do ciclo hidrológico.

Esse entendimento científico do ciclo hidrológico, associado aos saberes locais, como os de Balbino Lino e Gildo Ramos, Ivo Ramos, Maria Souza, Everton Santos e Pedro José, complementa a teoria científica ao oferecer uma perspectiva integrada do ciclo da água, onde os processos visíveis e invisíveis (como a presença de água no subsolo) são compreendidos como partes interligadas de um sistema maior, aliadas à vida que interage com esses ambientes na Bacia do Rio Una.

A sabedoria popular é invisibilizada na maioria dos estudos e, talvez por esse motivo, as soluções para a conservação, gestão dos recursos hídricos e da natureza não consigam ser efetivadas, pois estão descoladas de uma das partes mais

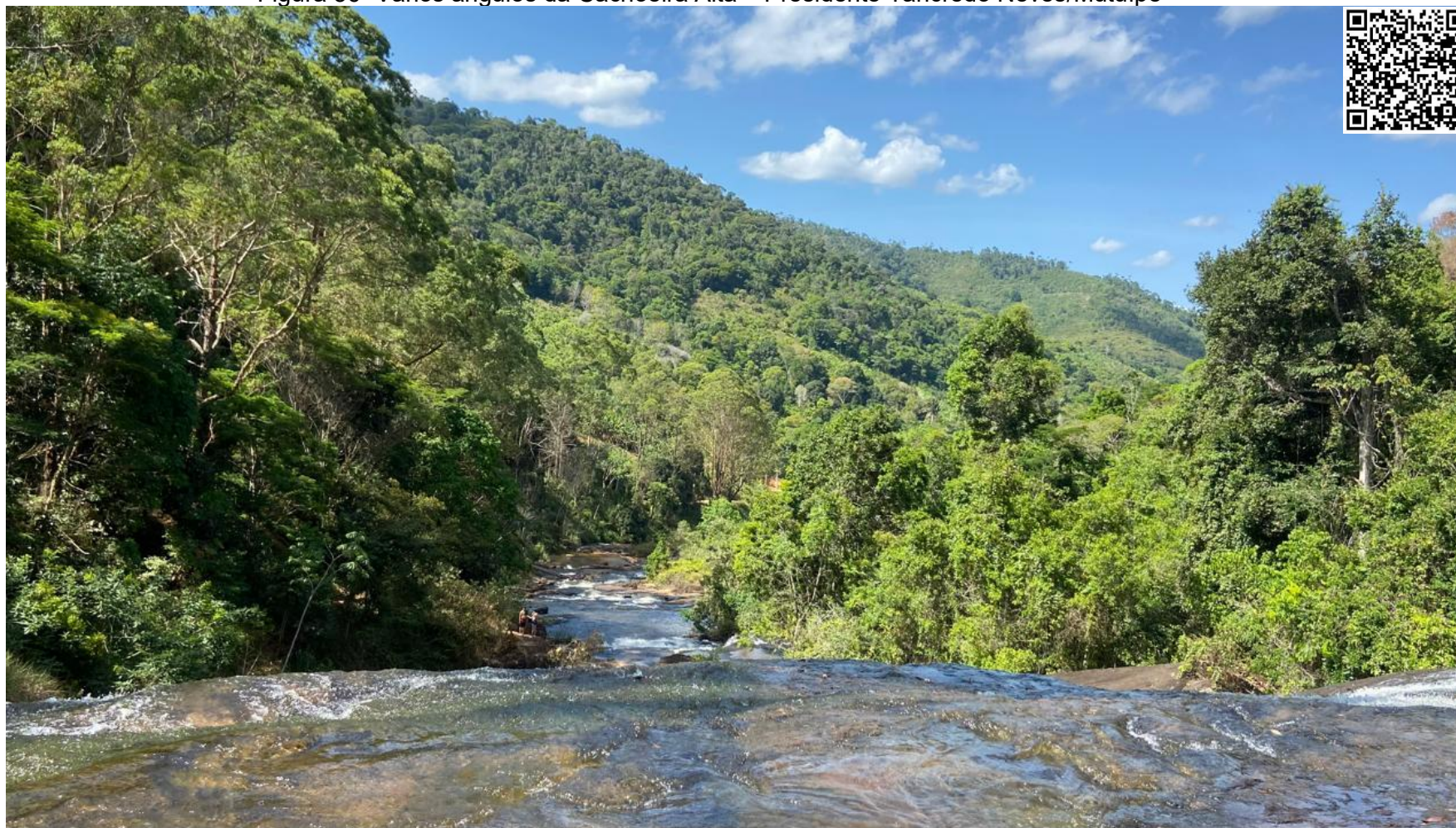
importantes e capazes de transformar a realidade: as pessoas conscientes e engajadas em seus lugares. Sem esse entendimento não há como elaborar políticas públicas eficazes. Essa afirmação não exime os governos, tampouco a indústria e a agricultura extensiva – os maiores usuários dos recursos hídricos (ANA, 2023; FAO, 2022) – de suas responsabilidades, que são, ou deveriam ser, substanciais.

Portanto, o conhecimento tradicional e o embasamento teórico se cruzam ao considerar as nascentes como pontos centrais de conexão no ciclo hidrológico e na vida dos moradores, que veem nelas tanto uma fonte de recursos quanto um elemento de pertencimento e preservação ambiental. Dito isso, sigamos o fluxo das águas.

As nascentes, como mencionaram Balbino Lino e Pedro José, são vistas como as "mães dos córregos", pontos de origem onde a água emerge da terra. A partir delas, a água flui lentamente pelas superfícies, e pequenos filetes d'água se unem, formando córregos, riachos ou rios (Figura 36), porque "a água procura naturalmente seus caminhos" (Gildo Ramos, 2023). O homem do campo, que mantém contato constante com a natureza, compreende essa dinâmica – uma rede de colaboração das águas, marcada por suas confluências.



Figura 36- Vários ângulos da Cachoeira Alta – Presidente Tancredo Neves/Mutuípe



QR Code com link para vídeo da cachoeira, registrado com enquadramento ascendente (de baixo para cima).Fonte: A autora (2025).

Na hidrologia, os corpos d'água são classificados em filetes, riachos e rios com base em características como tamanho, fluxo e volume (Tucci, 2017; Christofletti, 2011). Os filetes, geralmente efêmeros e intermitentes, são os menores cursos d'água, enquanto os riachos apresentam fluxo permanente, embora modesto. Já os rios, de maior porte, desempenham funções essenciais, como o abastecimento de água para consumo humano e agrícola.

Contudo, essa classificação técnica frequentemente entra em conflito com a percepção cotidiana das comunidades que habitam as bacias hidrográficas. Para os moradores locais, a distinção entre os corpos d'água é muitas vezes subjetiva, guiada por critérios como memória, afeto e a relevância prática dos cursos d'água no cotidiano e nas atividades econômicas. Por isso, um córrego pode ser visto como um rio, e um filete pode ser tratado como um córrego, pois as referências de grandeza e importância são determinadas pela vivência local e pelos usos atribuídos aos recursos hídricos.

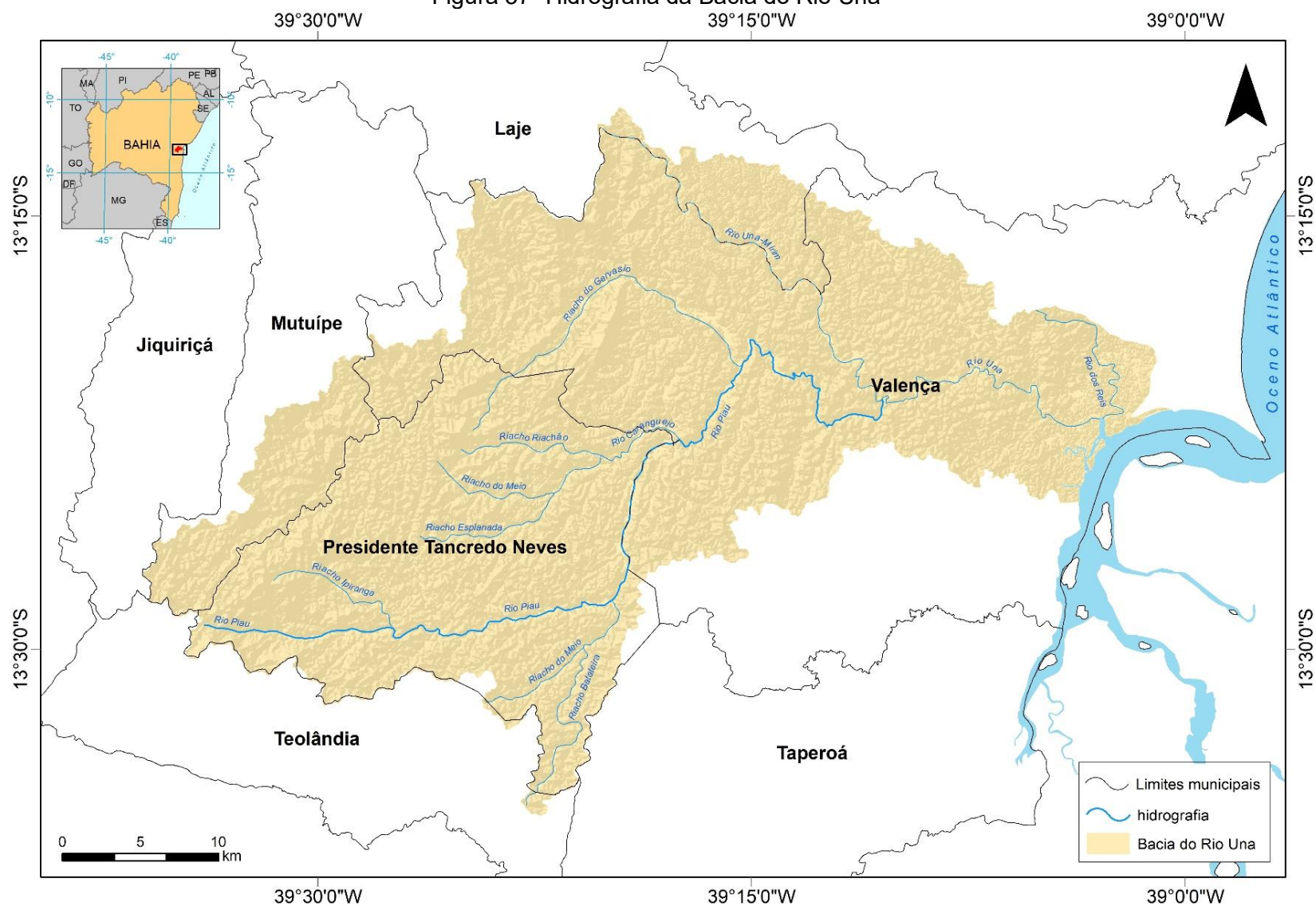
A Bacia do Rio Una, formada por centenas de rios e nascentes, é marcada por uma rede de drenagem dendrítica, resultado do embasamento rochoso (Figura 37).

Embora a maioria de seus cursos d'água seja perene, a exploração inadequada do solo, que desconsidera as especificidades ambientais, tem causado a intermitência de algumas nascentes e até mesmo a extinção de outras. Esse impacto prejudica diretamente a vazão e a qualidade da água, afetando a disponibilidade de recursos hídricos vitais para a região.

Em termos mais técnicos, o sistema de classificação proposto por Strahler (1952) organiza os rios em uma hierarquia de ordens, com base na complexidade dos canais. Nas sínteses cartográficas, filetes e pequenos córregos frequentemente são omitidos. De forma similar, durante as entrevistas, muitos moradores mencionaram apenas os rios de maior vazão, refletindo uma hierarquia subjetiva que dá ênfase ao tamanho e à relevância desses corpos d'água. No entanto, ao aprofundar as questões, ficou evidente a presença de numerosos canais menores nas propriedades, evidenciando a complexidade do sistema hídrico local.



Figura 37- Hidrografia da Bacia do Rio Una



Hidrografia: Agência Nacional de Águas (ANA, 2017). Sistema de Coordenadas: SIRGAS 2000. Datum: SIRGAS 2000. Referencial geodésico e limites municipais atualizados conforme IBGE (2022).

Fonte: A autora (2025).

Muitas vezes, córregos e riachos não possuem nem mesmo nomes, e podem ser ignorados em relatos. No entanto, suas dinâmicas são bem conhecidas por aqueles que habitam a região. Esse olhar particular sobre os rios também se reflete nos relatos das crianças locais, que, com uma perspectiva mais espontânea, demonstram um profundo conhecimento dos corpos d'água que permeiam seus lugares. Contudo, essa análise será abordada em um subcapítulo específico (As crianças e os rios).

Um exemplo claro dessa percepção subjetiva é o relato de Maria Sousa (2023), também conhecida como Lia, agricultora da região. Quando questionada sobre a existência de rios em sua propriedade, inicialmente respondeu que não havia nenhum. No entanto, ao ser indagada sobre a captação de água para consumo e irrigação, revelou a presença de pequenos córregos que utilizava para essas finalidades. Esse episódio ilustra como a categorização e a importância dos corpos d'água variam dependendo da perspectiva local, destacando a diferença entre a visão técnica e a experiência vivida pelas comunidades.

Figura 38- Citação-foto: Maria Sousa em sua propriedade

Ó, minha roça (no município de Valença) praticamente é quase rodeada de água, porque tem uma nascente e essa, no caso, essa nascente de um lado e outra a nascente do outro, e no fundo tem um riacho. Esse riacho vai jogar no Rio do Braço. Aqui, no caso, aqui em Tancredo. Aqui a gente tem é na verdade, uma nascente também. E também tem a Cachoeirinha, a nascente joga na Cachoeirinha.

**Maria Sousa, agricultora, residente em Presidente Tancredo Neves, 2023.**



Fonte: Maria Sousa (2024).

Essa fala evidencia uma hierarquização vivida das águas, onde alguns filetes e riachos não são mencionados nos relatos, mesmo sendo parte importante do cotidiano

e tendo relevância significativa para a vida dessas pessoas. Novamente, percebo a necessidade de formular perguntas melhores para que os conhecimentos sobre as hidrografias locais se revelem por completo.

A rede de drenagem, essa trama de águas, é conhecida detalhadamente pelo homem que vive nesses lugares, desde sua origem até o destino final. Como Balbino me explicou, em forma de samba de roda (Disponível para visualização por meio do QR Code):

*"Beira mar, é beira mar,  
Riacho que corre pro rio,  
O rio que corre pro mar,  
O mar que é morada do peixe,  
Lugar de peixe morar, é criou lá..."*  
(Samba de roda, Balbino, 2023)



A música cantada e tocada por Balbino Lino (2023), com o auxílio de um pandeiro para dar ritmo, junto aos seus relatos, reflete um conhecimento profundo e intuitivo de como as águas se interconectam, formando uma grande rede que flui, rumo a um destino comum: o mar.

A rede de drenagem é definida como o conjunto de cursos de água e as bacias de drenagem que eles delimitam (Strahler, 1952). No entanto, essa definição técnica ganha vida nas falas e vivências daqueles que habitam essas paisagens. Balbino (2023), por exemplo, narra com precisão e riqueza de detalhes o percurso das águas na bacia em que vive:

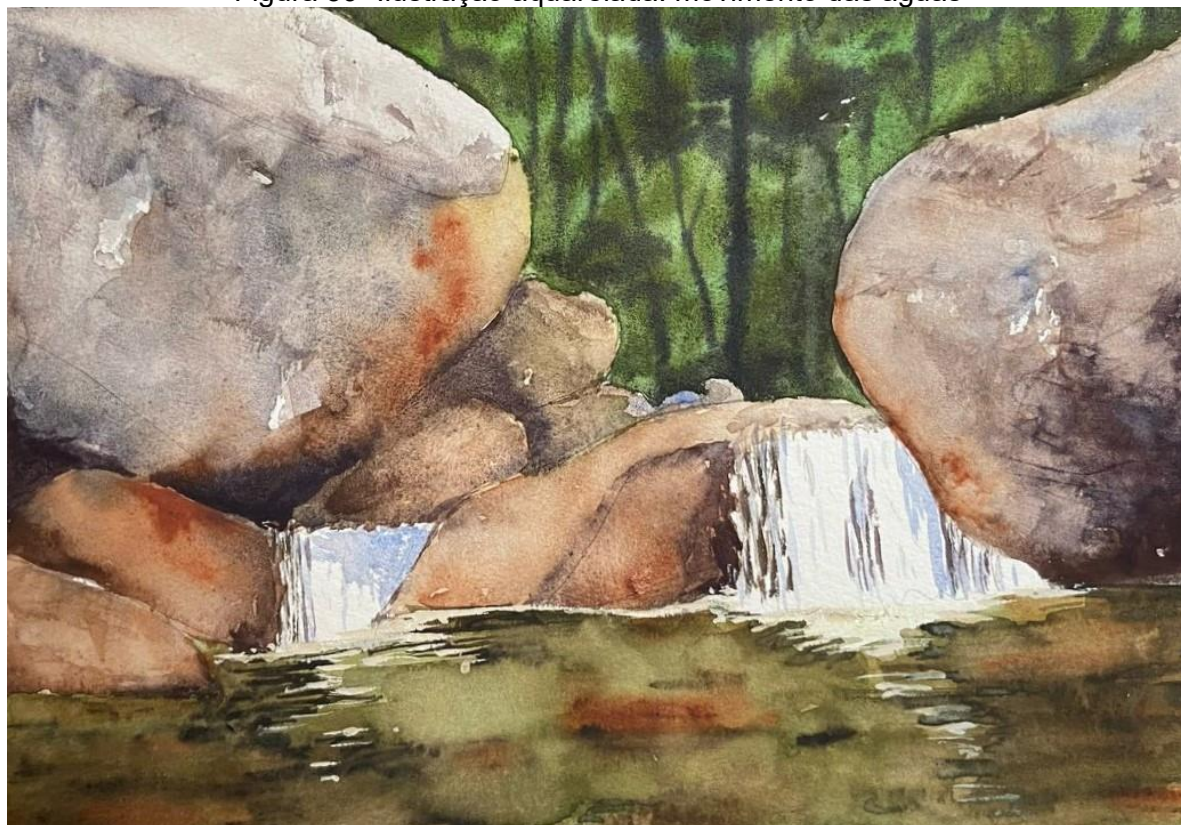
Cabeceiras é o final, pro lado das matas, como eu tô lhe falando, até a nascente do Piau, eu conheço todas as nascentes... é lá em 'Rafaé', perto de Teolândia. Desce de lá pra cá, passa em Odilon, no Pau da Letra, vem descendo embaixo, passa ali em Bazar, em 'Eustaqui', em Mané Nunes... Ou seja, a gente mora perto das nascentes desses rios, é por isso que a gente sabe de tudo. Lá tem o Rio Ipiranga. O Piau fica próximo, de dois a três quilômetros do rio. E tem o rio grande da Cachoeira Alta, que vem lá de Grande Val, de onde abastece a água aqui pra cidade de Tancredo Neves. O rio da Cachoeira Alta é o rio Ipiranga. O Ipiranga desce e vem desaguar aqui nesse 'mei' do rio do Rolo. Ele passa em Fonseca e vem caindo aqui pro lado da Bela Vista, se encontra na ponte que vai pra Corte de Pedra. É que o riacho só corre pro rio e todo rio joga na maré, tu sabe disso, né? O riacho pequeno abastece o rio grande, e o rio grande abastece a maré. Que nem o Piau e o rio de Jiquiriçá, em Valença. O Piau vai passando aqui perto de Corte de Pedra e vai descendo... lá adiante encontra outro rio, aquele que passa no entroncamento, que sai lá da região de vocês, da Várzea. Lá embaixo eles se juntam... um empurra a água pra lá, outro pra cá, e aí se juntam. [Gargalhadas] (Balbino Lino, 2023).

Na fala de Balbino, o encadeamento dos principais rios da Bacia do Rio Una é descrito com maestria, refletindo uma compreensão profunda e vivida da rede de drenagem. Esse conhecimento, embora não formalizado em mapas ou documentos



científicos, nasce de uma relação íntima com os lugares. Essa conexão se revela até na forma como os rios são localizados; eles não são apenas traçados por endereços, mas passam pelas pessoas – Rafael, Odilon, Manoel Nunes, Eustáquio, Fonseca – pois, como aponta Cavalcante (2021), as pessoas são também lugares (Figura 39).

Figura 39- Ilustração aquarelada: movimento das águas



Fonte: A autora (2025).

A percepção de Balbino ressoa de maneira semelhante nos relatos de outros entrevistados, como Pedro José (2023). Pedra 90, como é popularmente conhecido, ao caminhar pela sua fazenda, mostrava-me, com familiaridade, as origens das águas:

Aqui é as nascentes, as nascentes começam até aonde você tá vendo aí... Esses córregos vêm por aí... tudo isso é nascente. A água desce por aí, ó! Vai descendo e joga no Piau, lá embaixo. O Piau nasce em cima, é pequenininho lá em cima... Nasce no Julião. Tá forte cá embaixo porque vai pegando esses pequeninhos, vai pegando... Ele passa ali no Rolo, na BR 101, que 'treveça' ali, sai descambando, passando nas fazendas, e vai bater aonde? Valença! Bota lá na Maré em Valença (Pedro José, 2023).

As narrativas reforçam a ideia de que mesmo aqueles que não dominam a nomenclatura científica conseguem compreender a interligação das águas e a complexidade da rede de drenagem. Essa vivência foi evidenciada também na fala de Everton Souza (2023):

A gente sabe que o Piau é um rio que tem uma extensão boa. Eu sei que ele vai até meados de Valença, daí pra lá eu não sei se ele vai dar no mar. Mas eu sei que é um rio que tem uma extensão boa, porque as propriedades que estão à beira dele são bastante valorizadas, entendeu? Então, a gente sabe que, quando um rio é forte, as propriedades próximas a ele são bem valorizadas (Everton Souza, 2023).

Cada relato apresenta uma escala de detalhamento própria, a escala do vivido. Por isso, é natural que haja uma omissão coerente de determinados filetes e córregos, sem que isso comprometa a compreensão e a precisão dos dados transmitidos. Por outro lado, Maria Sousa (2023) traz um olhar menos exato, mas igualmente significativo, ao tentar explicar o encadeamento dos rios a partir de seu lugar:

E essa Cachoeirinha também acho que joga no Rio do Braço, que é esse Rio que passa aqui do Paraíso. Porque, na verdade, eu acho que esse Rio é o que passa lá. Eu acho que esse Rio é o Rio do Braço também. Eu Acredito que sim. Eu não tenho bem certeza que ele joga no Rio do braço. Que esse Rio da minha roça é o que que passa lá no Taboado, o do Braço, do Taboado para aqui é pertinho. Eu Acredito que joga, acho que joga... joga! Porque tem o Rio do Rolo também... eu acho que o Rio do Rolo, quer dizer, eu acredito que também é o mesmo Rio do braço, não é? Joga, joga! É já aqui para cima de Moenda, Corte de Pedra... Eu Acredito. E assim, eu não tenho bem certeza, mas eu acredito que sim, que vai, sim. E tem o Piau também, né, que passa aqui perto. Acho que o Piau passa mais em baixo. Passa mais para lá, é mais próximo do Rolo. Onde ele vai sair na pista, né? (Maria Sousa, 2023).

Embora Maria Sousa não apresente certezas, sua fala demonstra uma conexão íntima com as águas e a rede de drenagem, mesmo que de forma intuitiva. Ela conhece as águas, sabe dos seus encontros (Figura 40), consegue compreender que todos esses córregos que se situam em muitos quilômetros de distância estão interligados. Penso que compreender as coisas enquanto conjunto, rede, saber que os lugares são interligados é fundamental para o desenvolvimento de uma consciência ambiental para além do nosso lugar e dos nossos interesses.

A precisão das coisas pode aparecer com as cartografias científicas, nos livros didáticos e paradidáticos, a ciência pode ajustar o que o conhecimento vivido não consegue compreender completamente. No entanto, o conhecimento vivido pode sensibilizar à medida que interage diretamente com as coisas mesmas, que pode levar a enxergar coisas que a ciência com a sua rigidez não consegue abarcar. No conhecimento vivido, as águas são mais que recurso, é o lugar do lazer, dos ritos, é a paisagem contemplativa, é indispensável para o trabalho e para as atividades domésticas e confere valor à terra.



Figura 40- Encontro das águas com o homem



À direita, o Riacho do Ipiranga; à esquerda, o Rio Piau. Fonte: A autora (2017).

Essa vivência é compartilhada também por jovens, como Katiele Santos (2023), que descreve a dinâmica das águas próximas ao seu cotidiano:

No local onde nasce a cachoeira, tem tipo duas nascentes, mais uma entre o tanque de Tonha da Roan, aí ela desce. Quando chega perto da casa do meu tio, tem uma pequena nascente que ajuda ela novamente. Aí passa... quando chega no final da região, ela desce, aí tem um cacau que as pessoas usam pra facilitar o acesso e já sai na região do Junco, lá no Ipiranga. Aí acompanha o rio. Quando chega no Junco, junto da roça do meu tio, acho que tem umas três ou quatro pernas de rio de encontro, aí eles descem. Essa vai seguir o caminho.

Até mesmo as crianças demonstram uma compreensão impressionante das águas ao seu redor, o que foi verificado durante os trabalhos de campo realizados em 2023, em três escolas da Bacia. Essas narrativas revelam um conhecimento vivenciado que transcende a lógica científica. Enquanto a cartografia formal oferece precisão, o saber cotidiano sensibiliza e conecta as pessoas ao ambiente de maneira profunda e íntima (Dardel, 2015).

Os relatos indicam, em síntese, uma percepção coletiva e intuitiva sobre os rios. Como afirmou meu tio, Gildo Ramos (2023): "O que faz os grandes são os pequenos. O rio é, portanto, uma soma". Os rios, ora calmos, ora com a força de um mar, se movimentam e aumentam suas águas, formando, juntos, a Bacia do Rio Una. É em Valença que o Rio Una finalmente se revela em sua plenitude, convergindo as águas que percorrem e conectam toda a região.

O percurso descrito nos leva a compreender que os habitantes locais conhecem os caminhos das águas em diferentes níveis de detalhamento. Mas será que aqueles que vivem na foz, em Valença, conseguem visualizar o que acontece antes?

Movida por essa curiosidade, realizei grupos focais com estudantes do ensino médio do Centro Educacional do Leste Baiano (CEEP). Para minha surpresa, percebi um grande desconhecimento sobre os caminhos do rio que marca a paisagem da cidade. Entre as duas turmas participantes da pesquisa, apenas um aluno sabia que a água que abastece a cidade vem do Rio Piau, afluente do Rio Una.

Além disso, percebi que os estudantes não possuíam um vínculo significativo com o rio, apesar de ele compor a paisagem e ser um dos cartões-postais da cidade. Nos relatos, identifiquei uma certa aversão ao estado em que o rio se encontra, e nenhum estudante mencionou experiências de contemplação da paisagem. Essa percepção se repetiu em ambos os turnos, com narrativas marcadas principalmente

por sentimentos de indiferença e até mesmo de medo de determinados lugares – um fenômeno que pode ser associado à *topofobia*, conforme definido por Tuan (1980).

Além dos alunos, entrevistei pescadores e pessoas que vivem das águas do Rio. Ao questionar um pescador de Valença sobre a origem do rio, ele respondeu:

Eu tenho um irmão que sabia mais, mas é muita perna de rio que banha esse Rio Una, né? Pela Cachoeira, é como te falei, tem o Pitanguinha. Rio aqui, Rio da Dona também, vários rios despejam nele. Agora não sei todos assim, porque o meu canal é mar aberto, nada de doce, entendeu? (Jailton Batista, 62 anos, pescador, residente em Valença, 2023).

Essa fala revela um conhecimento profundo de que o rio que chega até ele é alimentado por muitos outros, embora ele não consiga precisar todos os nomes e origens. Se fosse solicitado a mapear os canais e rios dos lugares que conhece, ele provavelmente o faria. Da mesma forma, os entrevistados que residem nas regiões montante, mais distantes, não conhecem os caminhos dos canais, simplesmente porque não percorrem esses lugares.

O Rio Una, que se apresenta na cidade de Valença, se avoluma e permite outras formas de existência em suas margens e dentro dele. A partir dele, o homem se reconhece ribeirinho, como expressa em verso o poeta valenciano Otávio Mota (2023) na sua *Cantoria Ribeirinha*:

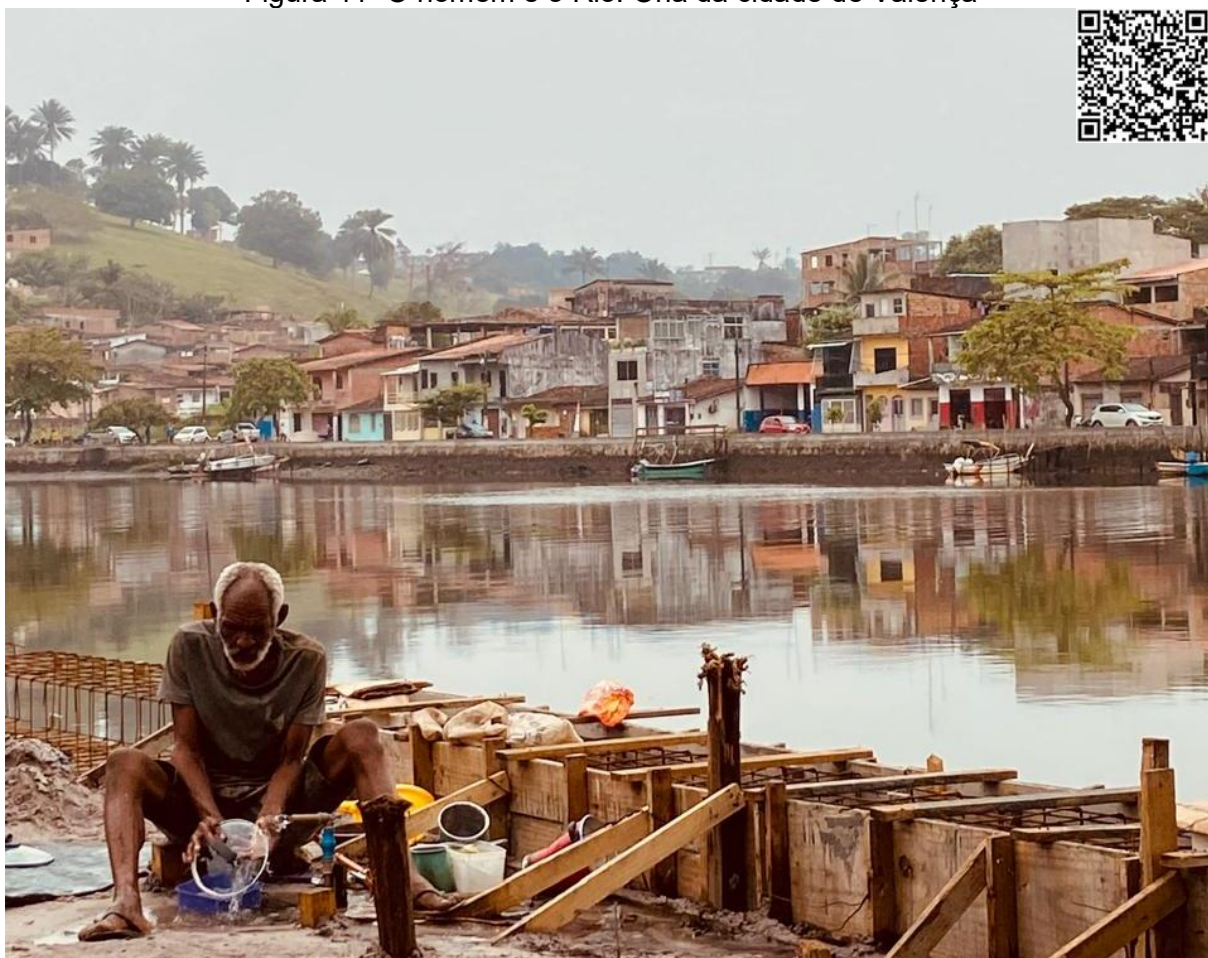
Meu poema é rédea  
Que toca cavalo em galope maneiro  
Meu poema é vento marisqueiro  
Que toca saveiro para a beira do mar.  
Meu andar é graúça, rápido e passageiro  
Minhas mãos são ágeis  
Como goiamuns e caranguejos.  
Meu poema é lua de luz brilhante  
E cheia de sabedoria  
Meu poema é noite sem qualquer luar  
E dia de pescaria.  
Sou ribeiro ribeirinho  
Com a mesma profissão do meu vizinho  
Pescar e mariscar são meus caminhos.  
Minha história pode servir  
Como prosa pra cantoria  
Do homem que conta vantagem  
Em tudo que se procria.  
A devoção à mãe d'água  
A idolatria, a fé e a imagem  
A vez de sentir na alma  
Mais perto o medo e a coragem.  
A terra à vista! Hora de chegar  
Abrir o peito e gritar da proa  
Trago o peixe que você mais gosta  
E muita sede feita de encomenda  
Felicidade que não se inventa.  
Terra ali! Perto do amor  
Vou com toda a sede



*À fonte da providência  
Repleta de tanta espera  
Cachaça e pimenta fresca  
Moqueca de beijupirá  
Depois nossos corpos juntos...  
Até se saciar.  
(Otávio Mota, 2023).*

Na Cantoria Ribeirinha, vemos um homem que transita entre a terra e a água, entre o rio, mar e o mangue. Um homem com suas religiosidades, que pesca e marisca, e cuja vida repercute nos sabores que chegam à mesa. Ele é retratado com toda a sua subjetividade e poesia (Figura 41).

Figura 41- O homem e o Rio. Orla da cidade de Valença



QR Code: A outra margem da orla da cidade de Valença. Fonte: A autora (2023).

Esse ambiente de transição é o que chamo de Rio-mar. Dona Adoiá descreve esse espaço da seguinte forma: "Assim, você já viu que tem praia que pega uma perna de praia e mar e a água se encosta? Do mar com o rio? Aí é o rio-mar". Portanto, o Rio-mar é uma área de confluência, de encontros das águas e das pessoas. É um



nome que aparece em lojas da cidade de Valença, um nome reconhecido pelo povo de santo, que compreende a importância dessa transição para os rituais. É um local impreciso, que não pode ser totalmente delimitado devido aos fluxos e movimentos da água – uma cartografia incerta, mas vivida e bem conhecida.

Esse Rio-Mar é lugar onde se desenvolve a pesca de camarão do canal, onde se desenvolve a carcinicultura e piscicultura e onde muitos homens e, sobretudo, mulheres mariscam e retiram desse ambiente o sustento e alimentação de suas famílias.

Esse movimento é bem retratado por Dona Maria, marisqueira e presidente da Colônia de Pesca Z-15, escritora e artista popular que participa de manifestações culturais da região. Ela, cuja vida está entrelaçada às águas do Rio Una, vive no vai e vem das marés, mesmo não sabendo nadar. Sua rotina é condicionada pelos ritmos das águas. Ela me contou a seguinte história, que exemplifica como as pessoas ligadas ao Rio-mar vivem:

Figura 42- Citação-foto: Dona Maria das Graças mariscando no mangue

No dia do meu aniversário, eu me piquei para dentro do mangue que eu não queria fazer comemorar nada. Eu estava muito chateada com esse negócio do banco. E aí me piquei. Quando eu cheguei do manguezal, quem estava na minha porta? O deputado. Toda suja de lama. Ele me encontra e diz: Você não sabia que eu sou pescador também, não? Você foi na Vazante, mas você não sabe o horário que a maré enche, não?! Eu também sei... risos. Porque o deputado, ele era pescador. Ele foi pescador, é filho de pescador, tem filho pescador... o filho também, o que é vereador. É, por que que ele não conhece? Aqui o barco deles, Antônio Costa. Mas hoje ele não vem mais. Hoje não, porque depois do acidente também essas coisas não têm mais. Teve acidente? Raimundo? Teve. Aquele andar dele foi um acidente com o carro, carro capotou, quase que a gente perde ele.

**Maria das Graças, Presidente da colônia de pesca Z-15, 2023**

Fonte: Maria das Graças (2023).



No relato de Dona Maria, o mangue para ela é mais do que um simples local de onde retira o sustento da família ou exerce sua profissão. O mangue é um espaço sagrado, um refúgio para se abrigar. Saber o movimento das marés orienta sua vida

e seu trabalho. É a natureza que dita o ritmo, os horários de partir e chegar. Apesar da fragmentação desse mundo, algumas atividades e formas de viver ainda são moldadas pela natureza.

Outros relatos também destacam esse lugar de transição para as pessoas que vivem na água. Como comentou Raimundo Costa (2023):

Figura 43- Citação-foto: Raimundo Costa pescando em embarcação da sua família

Não chegava a ir no mar. Porque, assim, você tem aqui o rio, você tem a parte ali de Gamboa, Morro de São Paulo, você tem todo esse estuário aqui dentro... Digo, o oceano tá no morro, da barra pra fora. Claro, meu pai de vez em quando ia, eu, "de logo cedo", não ia, não ia, porque é perigoso. Eu fui pescador de rio... Meu pai, ele... eu fui mais pra dentro de rio. Meu pai pescava também... Não era alto-mar, mas era na costa. Porque na costa você tem a praia, e você tem... um quilômetro, dois quilômetros, você "passa o seco" ali, e na própria praia você volta, encosta, vai puxar o lance. Porque você bota a rede, vai cortando, fazendo uma meia-lua, joga a rede, ele vai... o chumbo, pega lá embaixo, e depois os "homens na terra" vai puxando. Aí você fica encolhido, "rastrando" na areia, junta tudo e vê o que tá indo... dentro da rede. Antigamente você tinha cardume de bagre, enfim, hoje já não tem, né?

Raimundo Costa, 2023.



Fonte: Imagem cedida pela assessoria do Raimundo Costa (2024).

O depoimento mostra que a vivência das pessoas ligadas à pesca ultrapassa a delimitação da própria bacia, avançando para o mar, abrangendo outras compreensões. A narrativa também chama atenção para uma questão importante: as mudanças sofridas pelos ambientes costeiros ao longo dos anos. Isso é evidenciado pela fala do deputado, que atesta que, hoje, já não há a mesma disponibilidade de peixes como antes.

Ao conversar com ele sobre essas questões e as possíveis causas dessas transformações, ele menciona a crescente presença de grandes barcos, pescadores e pessoas na região. O relato remonta a uma Valença antiga, com menor densidade populacional e, conseqüentemente, menor intensidade na pesca, que, no passado, segundo ele, se restringia à pesca artesanal.

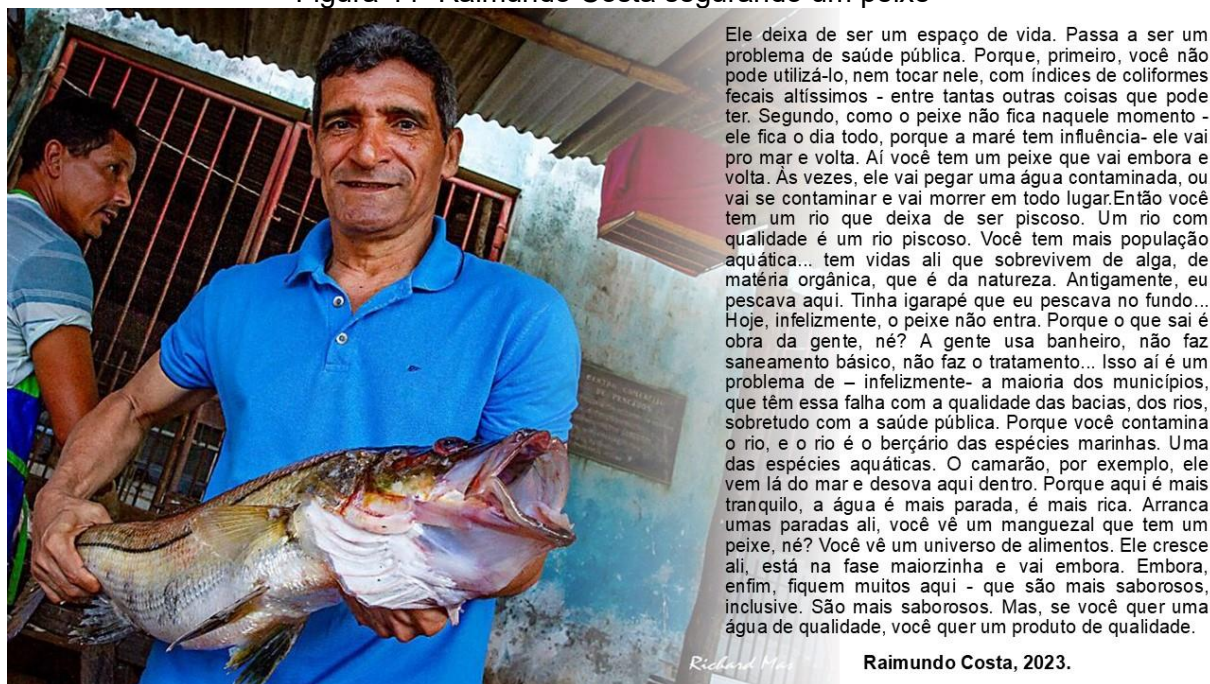


Ao discutirmos essas questões, retornamos ao Rio Una e às alterações na paisagem. Vale ressaltar que, quando o Rio adentra a cidade de Valença, os efluentes domésticos e hospitalares são lançados nele, afetando significativamente a qualidade de suas águas. Isso é consequência de inúmeras transformações no cenário urbano, como ele conta:

A praça da Bandeira. Quem vê assim pensa que era assim, que foi a natureza quem fez, mas foi a mão do homem. Foi Ramiro que interligou. Aqui tinha um rio que cortava...Apesar disso tem as manilhas que ainda passam, se bem que não é mais rio, já virou esgoto... (Raimundo Costa, 2023).

Diante desse relato, indaguei: "Mas quando o rio está poluído, ele deixa de ser um rio?" E ele respondeu:

Figura 44- Raimundo Costa segurando um peixe



Fonte: Imagem cedida pela assessoria do Deputado (2024).

O deputado demonstra plena consciência das problemáticas ambientais e, como representante do povo, especialmente nas questões relacionadas à pesca e às águas, afirma que há desinteresse na implementação de projetos de cunho ambiental, dizendo que essa pauta é pouco "eleitoreira". No entanto, ele expressa que, como "filho de Valença", tem interesse em buscar recursos junto às autoridades locais para o tratamento dos efluentes urbanos. Durante a conversa, ressaltai a importância de

pensar além do Rio Una, que marca a paisagem da cidade, e de adotar uma abordagem coletiva, considerando a Bacia Hidrográfica e além dela.

Essas alterações no ambiente do rio também foram acompanhadas pelo artista Nen Cardim, que conta sua história:

Figura 45- Citação-foto: Nen Cardim recebendo premiação no Museu de Arte da Bahia



Morava ali, bem no Tento, no estaleiro. Trabalhei num estaleiro na infância com meu tio. Foi lá que eu desenvolvi... assim, a prática de usar formão e conhecer as peças do barco. Só que até um certo período - até os 16 anos. Comecei a fazer artesanato com 13, mas até hoje continuo trabalhando. Quando surgiram os salões, em 92, foi quando comecei a ter uma visão diferente. Aí eu comecei a usar as peças como uma obra de arte. As peças encontradas no rio - e o próprio rio. Eu sempre pesquei também no rio, tomava banho no rio, aquelas brincadeiras de infância. Meu avô pescava muito ali... Eu gostava muito da pesca com tarrafa, e minha avó também fazia muitas redes para os pescadores do Tento. Ela fazia rede de pesca. Eu cresci nesse meio. Além da cultura da carpintaria e da pesca, meu pai também vendia muito pescado. Ele também era pescador e vendia, e depois passou a ser vendedor de peixes, deixando de ser pescador. Então sempre vivi muito próximo do estaleiro - e é por isso que uso muitos desses materiais nas minhas obras de arte.

**Nen Cardim, artista plástico, residente em Valença, 2023.**

Fonte: A autora (2024).

Essa vivência no Bairro do Tento, em Valença, às margens do Rio Una, e toda a riqueza das influências familiares e dos ambientes por onde transitava, fizeram com que Nen desenvolvesse sua sensibilidade e criasse uma arte única (Figuras 46, 47 e 48), utilizando materiais retirados do rio, do universo da pesca e da construção de barcos. Suas obras denunciam os maus-tratos ao rio e à natureza. Essa arte local, pela sua notoriedade, já conquistou diversos prêmios e foi levada para vários lugares do mundo<sup>5</sup>. São as águas do Rio Una correndo por outros lugares, através da arte de um descendente de indígena.

<sup>5</sup> Nen Cardim nasceu em Valença. Desde 1992, tem participado de diversos salões regionais e conquistado vários prêmios. Em 2002, foi vencedor do GP viajar Europa na Sexta Bienal do Recôncavo. No ano seguinte, passou uma temporada de 30 dias em Berlim, com direito a realizar uma grande exposição e da série "Articulações", na galeria do Instituto Cultural Brasileiro na Alemanha - ICBRA - Berlim e no Centro Cultural Dannemann Suíça, 2004.



Figura 46- Escultura utilizando restos de embarcações do Rio Una



Fonte: Nen Cardin (2023).

Figura 47- Obra Asa 1



Fonte: Nen Cardin (2023).

Figura 48 - Obra Asa 2



Fonte: Nen Cardim (2023).

O trabalho do artista Plástico Nen Cardim também denuncia e traz à tona as questões que envolvem não apenas o rio, mas a floresta, à medida que utiliza restos de madeira de embarcações e outros materiais encontrados no rio para transformá-los em obras de arte que denunciam o que fazemos com o rio e nos dão “asas” para imaginar outros rios possíveis.

Diante das histórias, imagens, esculturas e narrativas dos entrevistados sobre o trecho do Rio Una a partir da cidade de Valença, uma questão me pareceu curiosa: a diferença entre os canais e o rio que apareciam nos relatos. Afinal, como o homem pode diferenciá-los e classificá-los, se tudo está interligado? Nos relatos, essa distinção não ficava clara para mim, e decidi investigar mais a fundo.

Para o pescador Maior Jailton Batista (2023), o canal é a parte do rio que se conecta diretamente com o mar:

O canal tá limpo porque a água entra e sai. Então, ela mistura. E aqui não tem como a água salgada entrar de repente, entendeu? No caminho, quando tentamos fazer a água salgada entrar pela Boca da Barra de BoiPeba, ou pela Cova da Onça, que chamamos de Barra dos Carvalhos, a água da enchente entra e mistura com a água do canal. Mas na boca do Rio, aqui, a saída do Rio, não tem como a água salgada entrar, porque ela não tem força para vencer a enchente e chegar até aqui em cima. Isso acontece porque já tem a Cachoeira que deságua sempre para baixo. No verão, ainda ocorre um pouco



de mistura de água salgada aqui no Rio Una, mas é bem pouco. Entendeu como é? (Jailton Batista, 2023).

Diante dessa afirmação, perguntei: "Como o senhor sabe que a água está mais doce ou mais salgada? O senhor não experimenta, né?"

Ele respondeu:

Eu sei pela cor da água. A gente conhece porque, desde pequeno, mora aqui. Eu me criei pescando camarão pitu. Não é o pitu de Cachoeira, é o pitu casca grossa. Eu pescava o pitu perna seca, que é um camarão grande, mas não tem mais. Quando éramos meninos, a água era meio salobra, um pouco salgada e doce ao mesmo tempo (Jailton Batista, Maior, pescador, 2023).

A vivência e a permanência no local permitem uma experiência tão profunda que é possível identificar as alterações na composição das águas apenas observando. Para quem vive nas águas do Rio Una, o final da bacia é o mar, e não o ponto que vemos a partir de dados topográficos ou imagens de satélite. Maior vai além e afirma que o final do rio é até onde a água doce não recebe influência da água salgada que adentra pelos canais. Para ele, o rio-mar começa na Cachoeirinha:

Aí vem a água na enchente, a água entra e mistura com a água do canal, mas a boca do Rio, a saída do Rio, já não tem como a água salgada entrar, porque não tem força para correr com a enchente e chegar aqui em cima. Já tem a Cachoeira que deságua sempre para baixo, mas, no verão, ainda ocorre um pouco de mistura de água salgada com a água do Rio Una. Entendeu como é?"(Jailton Batista, 2023).

O mar é o "lá fora", o desconhecido, o perigoso. As águas abrigadas, os rios, rios-mares e canais estão dentro, guardados. Segundo Bachelard (2001), o "dentro" é um espaço de acolhimento, de proteção, de memória e intimidade. Ele nos fala sobre como os espaços interiores – as casas, as margens do rio, o abrigo do mangue – têm uma capacidade de formar a subjetividade humana, de nos definir e de nos conectar ao mundo. O "fora", por sua vez, é o vasto, o indeterminado, o que se estende para além do controle e do conhecimento imediato, como o mar, com sua imensidão imprevisível e suas águas turvas. No caso do pescador, do marisqueiro e do ribeirinho, o "dentro" é o rio e o mangue, onde as águas, embora em constante movimento, ainda preservam uma relação de proximidade, de identidade, de pertencimento. Já o "fora" é o mar, um território mais distante, com o qual o homem não possui a mesma familiaridade, onde o ritmo da natureza se torna mais desafiador e distante de suas vivências cotidianas. Assim, o espaço vivido por essas pessoas é construído por essas fronteiras fluidas e simbólicas, que entrelaçam o "dentro" e o "fora" em uma coexistência dinâmica e fundamental para suas existências (Figura 49 e 50).

Figura 49- De Valença ao mar, o Rio Una segue seu caminho fluido e contínuo



QR Code: O lado oposto da fotografia. Fonte: A autora (2025).

Figura 50- O peixe que vem de fora (do mar) até chegar à mesa.



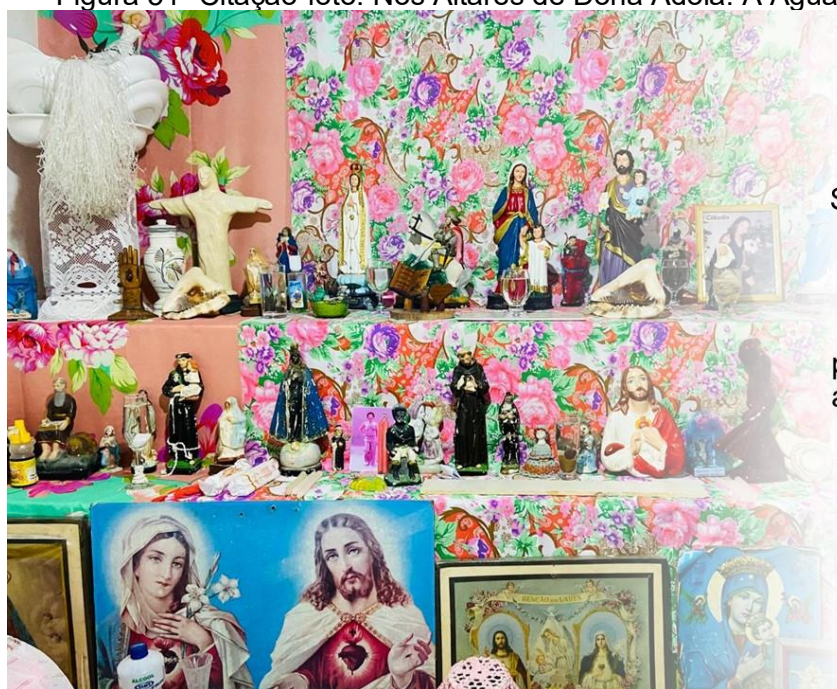
Fonte: A autora (2024).



Além desses relatos, cabe destacar algo que me chamou atenção: alguns depoimentos não se conectavam com nenhum lugar específico. Entrevistei uma mãe de santo, uma jovem candomblecista e uma protestante. Ao perguntar-lhes sobre os rios presentes nos ritos de suas religiões, as entrevistadas não conheciam os nomes das drenagens nem os caminhos que essas águas percorrem. Contudo, é notória a ligação dessas religiões com esse elemento – a água – que é carregado de simbolismos e de funções importantes nos rituais, como batismos e ritos de purificação. Percebi que, para as entrevistadas, a conexão com a natureza não se dá tanto por um nome ou identificação geográfica, mas pela forma com que a água se manifesta em sua presença. Uma ligação que começa com a água enquanto elemento isolado, utilizado em banhos, e que avança pelas cachoeiras e córregos até alcançar o rio-mar, o mar (Figura 49).

Candomblé, por exemplo, como me advertiu Dona Adoiá (2023), a "água" é chamada de "Amin" (Omi, em Iorubá) – um nome que carrega uma carga simbólica, diferenciando-a da água cotidiana. Ela está presente no barracão de Dona Adoiá não apenas nas torneiras, mas espalhada pelos compartimentos, em taças e quartinhas de barro (Figura 51). Como ela mesma relata, há a água "comum" e a "água benta". Essa água, ela explica:

Figura 51- Citação-foto: Nos Altares de Dona Adoiá: A Água como Elemento Sagrado



Serve para muitas coisas:  
para lavar, afastar  
entidades, para abrir os  
caminhos das pessoas.

Se alguém chegar  
perturbado, é só passar a  
água no "mutuê" e depois  
despachar na rua, que a  
pessoa fica bem.

**Adoiá, 2023**

Fonte: a autora (2023).

A água, enquanto elemento simbólico e ritualístico, se manifesta de maneiras distintas nas diversas religiões. No catolicismo, por exemplo, ela é essencial nos batismos por aspersão, sem o qual a pessoa permanece pagã e não pode participar plenamente dos rituais. Já no protestantismo, os batismos podem ocorrer em batistérios ou até mesmo em rios correntes, com a imersão nas águas, prática comum nas igrejas neopentecostais.

Em uma conversa com Beatriz Andrade, uma jovem protestante, e Clara Guerra, uma jovem iniciada no Candomblé, ficou evidente que, apesar das diferenças, ambas as religiões reconhecem a importância vital da água em seus rituais. Nos barracões de Candomblé, a água está espalhada em taças, e nas igrejas neopentecostais, nos batistérios. Ela também pode chegar até a casa dos fiéis, abençoada em cultos presenciais ou televisionados. Com isso, podemos extrapolar a máxima do Candomblé e afirmar que, para essas religiões, sem água, não há rito. Esse princípio ficou claro nos relatos de Dona Adoia:

Figura 52- Citação-foto: Dona Adoia e os Ritos de Candomblé à Beira-Mar

Nós estamos conectados com a água, com a terra e com a pedra. Então tudo que a gente pede ali, na cachoeira, acontece mais rápido. A gente tem que estar conectado com todas as partes... tem que estar ali, dentro da água mesmo. Se não tiver água, tem que procurar um carro pra ir atrás, porque tem que ter água mesmo, corrente... Não se faz nada com água parada. Porque nós queremos que nossa vida ande, não pare. Se a gente fizer numa água parada, a vida vai parar... Se ela tá parada, ela não vai andar, não é?! Pelas águas... Eu comecei a falar aqui e parei... Eu faço um trabalho aqui de limpeza do corpo. Se precisar "arriá", a gente vai "arriá"... Mas vamos passar pelas águas, porque a água é a vida... a água que dá o caminho pra gente caminhar pra frente. A água é prosperidade. Então, o que é que eu faço com essas pessoas que vêm aqui? Eu reúno, marco um dia, pego um carro e levo todo mundo, né, Mayara? Dezesesseis, dezessete pessoas, e levo todo mundo pra praia... Chegando lá, vou dar o banho. Vou batizar nas águas... Ali a pessoa tá pura, porque ela passou pelas águas... já fez a limpeza. Aqui é com as folhas que a gente faz os banhos, as limpezas e tudo. Depois a gente leva pro mar... é muito bonito, eu tenho no meu celular... Tudo pra batizar precisa do sal. E nos rios, lagoas, não tem sal. A gente precisa do sal, então a gente faz na praia. Aí tem a maré que leva e traz... Tem a primeira onda, que a gente pede pra tirar toda a energia negativa e vai limpando, deixando a pessoa leve, tranquila... A gente trabalha sempre com a terra, com a água, com a mata. Eu trabalho com cachoeira, pra levar presente pra Iemanjá, pra Oxum — que são de água doce —, pra Xangô, Marujo... Jesus foi batizado no Rio Jordão... Mas como o padre fala, a gente batiza na água doce, mas tem sempre uma coisinha que a gente bota na boca... que é o sal. Aí é o rio-mar.

Adoia, 2023.

Fonte: Adoia (2023).



A relação com a água e as peregrinações que ela inspira – seja para buscar águas doces ou salgadas – evidenciam um vínculo ancestral com os ambientes naturais, onde a conexão vai além do território imediatamente e alcança o “Cosmos”. Este conceito, como analisa Letícia Pádua (2013) em sua tese, representa uma

compreensão ampliada que entrelaça os espaços sagrados e o universo, transcendendo os limites da geografia convencional. Para Pádua, essa ligação com a natureza envolve não apenas a materialidade do espaço, mas também uma dimensão simbólica, capaz de abarcar simultaneamente o "dentro" e o "fora", revelando camadas profundas de significado e pertencimento.

Ao adentrar o barracão, fui lida por Dona Adoiá da seguinte maneira: "Você é filha de Iemanjá com Ogum. Isso significa que você tem uma entidade muito forte que lhe dá força para seguir o seu caminho". Apesar de não ser do Candomblé, achei essa interpretação significativa, especialmente no contexto da minha própria trajetória de pesquisa, imersa em águas e em natureza.

Neste percurso, explorei as falas das pessoas que vivem às margens dos muitos rios da Bacia do Rio Una, desde o alto curso, passando pelo médio, até chegar à foz, no encontro com o mar – o desfecho dessa bacia vivida. Para os moradores, um trecho específico do rio é simplesmente *seu* rio, o mundo que conhecem e vivenciam. Para eles, pouco importam as extensões em quilômetros dos cursos d'água ou da bacia, nem a posição a montante ou a jusante. O que realmente importa é a experiência cotidiana naquele lugar.

Os parâmetros morfométricos rígidos são essenciais para legisladores, cartógrafos e geógrafos na gestão e análise ambiental. Embora forneçam informações valiosas que reverberam nos espaços vividos, esses dados não são percebidos pelos moradores de forma numérica e precisa, mas sim por meio de uma acurácia construída pela experiência. Ao observar o rio, nadar ou estar em suas águas, as pessoas conseguem identificar variações na vazão, no nível de salinidade e na qualidade da água para consumo, além de prever inundações e tomar decisões baseadas em sua vivência. A ciência, por sua vez, pode contribuir para aprimorar e ajustar esses conhecimentos.

A Bacia vivida é um entrelaçamento de pessoas, memórias e natureza, que reflete uma geografia menos fragmentada, mais integrada. Essa geografia, que não se limita a parâmetros geométricos ou científicos, mas que se funde com as histórias de vida, ressurge em uma poesia que expressa um desejo profundo pela preservação dos rios e da natureza. Como o poeta Otávio Mota (2023) expressa em sua poesia "Una que te quero Una", que pode ser lida e escutada por meio do QR Code:

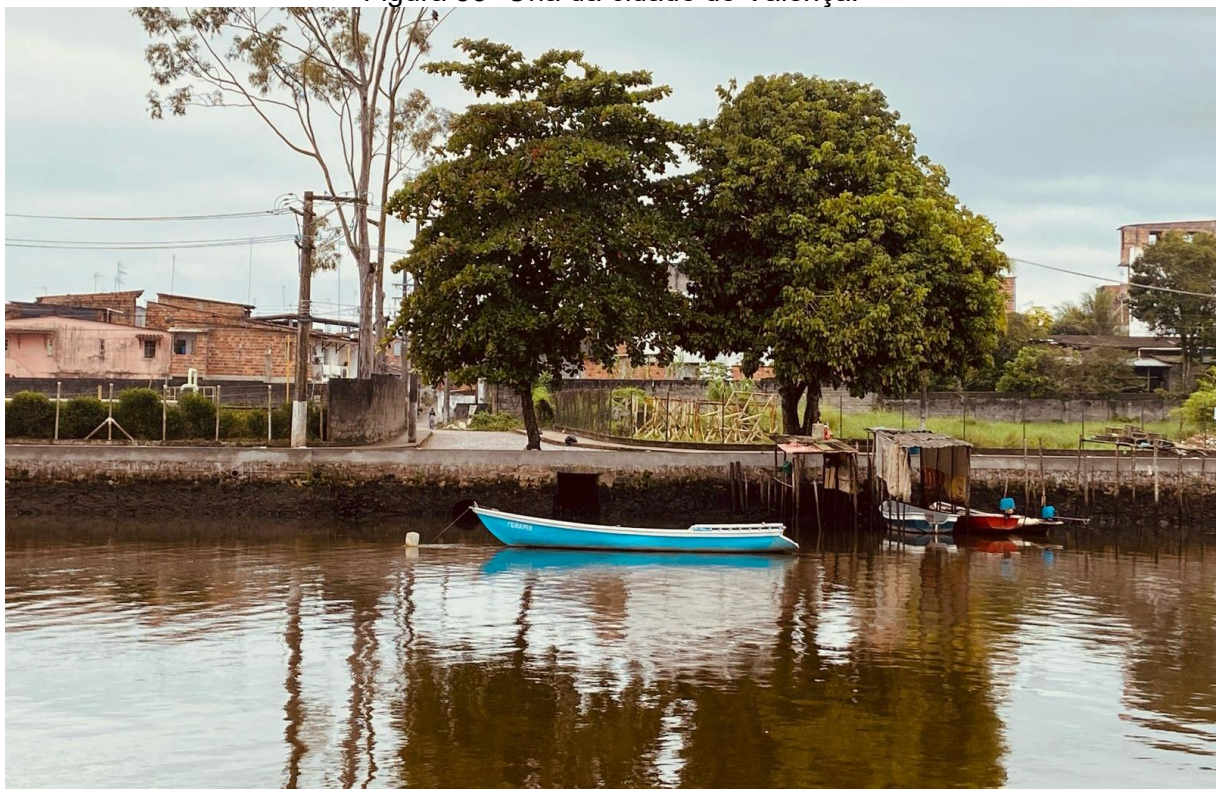




*Rio que te quero rio-perene... todo doce até o sal.  
Águas que te quero límpidas no teu leito de sonhos ao mar.  
De canções e poemas ao luar.  
Una coitadinho!  
Água que te quero vinho, que te quero abrigo, que te quero ninho...  
livre dos despejos dos esgotos da cidade e de tantos detritos da impunidade.  
Quero-te perenemente Una-Rio semente, tuas águas tuas marés  
grandes e pequenas, tão somente.  
Quero-te como mãe e pai como filho que a casa torna  
e te quer sorrindo-unindo meu eu ao teu meu rio  
meu bem querer que me viu crescer.  
Quero-te liberto  
do jugo impensado do homem e do progresso devastador.  
Tuas canoas  
de velas retintas de tintas de manguê marrom e as luas cheias, de luz que atina teu leito tão  
doce menino menina  
Meu rio do amor (Otávio Mota, 2023).*

A paisagem poética descrita por Otávio Mota revela uma integração de múltiplos elementos da natureza (Figura 53). A água da Bacia do Rio Una, tanto subterrânea quanto superficial, unifica os aspectos físicos da natureza com os usos e as ocupações humanas, gerando uma compreensão mais profunda e orgânica da relação entre o homem e o ambiente. Essa relação não só reflete a complexidade geográfica da região, mas também evidencia uma sabedoria ancestral sobre as águas e sua importância para a vida local.

Figura 53- Orla da cidade de Valença.



Fonte: A autora (2025).

De modo semelhante, o aluno Giuliano Santos (2023), ao final dos grupos focais realizados na Escola Estadual Maria Xavier de Andrade, no município de Presidente Tancredo Neves, expressou em versos uma percepção sensível e crítica da realidade ambiental. Sua poesia se apresenta como um verdadeiro diagnóstico, revelando, com precisão e emoção, o ciclo da água e os impactos das ações humanas sobre os rios. A seguir, o poema pode ser lido e escutado por meio do QR Code.

*Fiz-me entre folhas e árvores,  
Percorri caminhos,  
Desci, Subi, Subi, Desci,  
Virei à direita,  
Virei à esquerda.  
Em minhas veias nadavam peixes,  
Eles me acompanhavam,  
Fiz meus filhos e nêeis ao caminho.  
Subi, Desci, Desci, Subi,  
Esquerda, direita, Direita, esquerda.  
Matei a sede de pequenos animais,  
Matei a sede de grandes animais,  
Fiz deles meus filhos.  
Subi, subi, Desci, descí.  
Tirei a sede dos humanos,  
Mas me arrependi,  
Tentei fazer deles meus filhos,  
Mas morri,  
Não subo nem desço,  
Interromperam minha passagem,  
Jogaram-me veneno,  
Jogaram-me fezes,  
Não subo nem desço,  
Mudaram-me,  
Minha cor,  
Meu gosto,  
Ninguém mais se banha,  
Ninguém mais me bebe, pelo meu odor,  
Já fui feito de água,  
Hoje sou feito de dor,  
Dor, dor, dor,  
Quem eu tentei fazer de filho Me machucou,  
Eu choro baixo riacho,  
Eu choro grande cachoeira,  
Quem eu tentei fazer de filho Não cuidou,  
Agora sou isso,  
Dor, dor, dor,  
Lixo em minhas margens,  
Eu que era chamada de Rio Doce,  
Agora sou chamada de Córrego Esgoto,  
Choro, choro, choro,  
Porque não sei mais como pedir socorro.  
Mãe Água morreu,  
Mãe Água morreu.  
(Mãe água morreu, Giuliano Santos, 2023).*

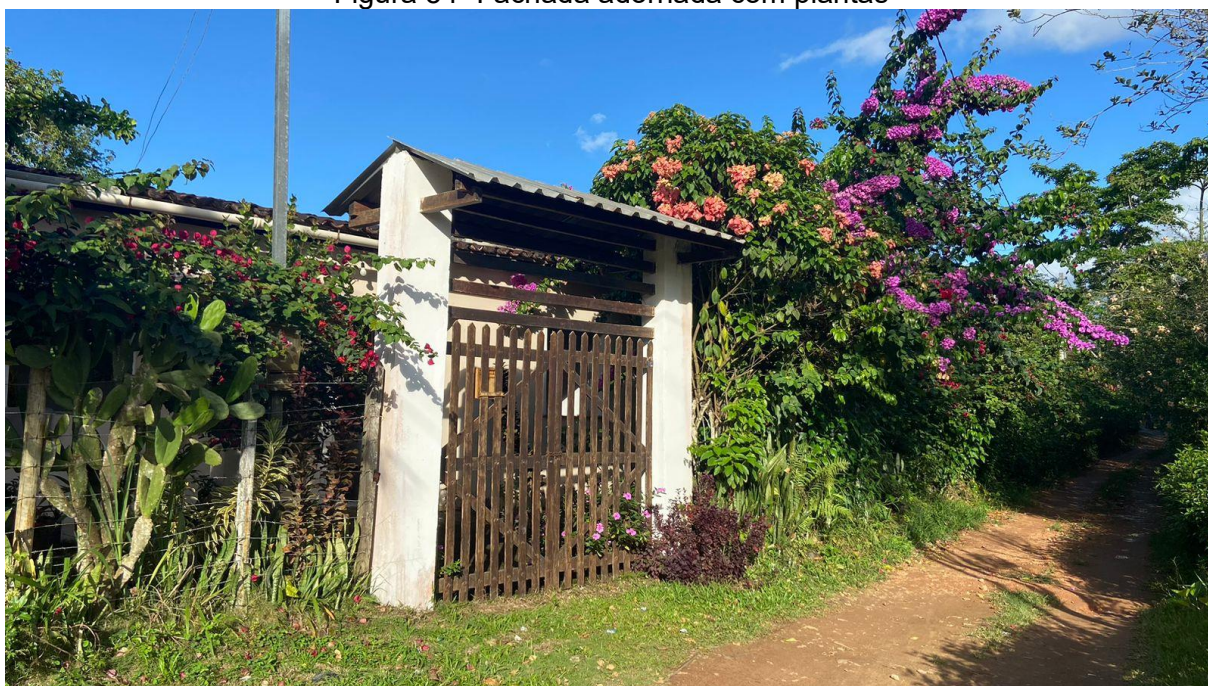


A relação entre as pessoas e os rios da Bacia do Rio Una revela uma geografia que transcende os parâmetros científicos e geométricos, emergindo como uma compreensão mais profunda e sensível do espaço vivido. A *Bacia Viva* é um entrelaçamento de memórias, saberes e práticas cotidianas que une o físico ao simbólico, o humano ao natural.

Ao valorizar a experiência empírica das comunidades, que percebem as águas em sua fluidez e mutabilidade, abre-se caminho para uma abordagem mais holística da preservação ambiental. As vozes locais enriquecem o entendimento das questões ecológicas e apontam para um futuro mais sustentável, onde a proteção dos rios não se limita à sua materialidade, mas inclui também sua conexão com a memória e a identidade dos lugares. Como bem expressa Otávio Mota (2023) em sua poesia, a água é ao mesmo tempo vida, abrigo e resistência – um elemento essencial que precisa ser preservado.

### 3.5 PLANTAS, ANIMAIS E GENTES

Figura 54- Fachada adornada com plantas



Fonte: A autora (2025).



Ao longo dos anos, especialmente nos municípios da Bacia do Rio Una, observei a presença constante de flores, plantas ornamentais e medicinais nas fachadas das casas e nos quintais. Independentemente do poder aquisitivo, é comum encontrar uma florzinha, um cacto, uma espada-de-são-jorge... As plantas estão sempre lá, seja para embelezar, curar ou proteger.

Essa observação me levou a três reflexões principais. Primeiro, o ser humano parece ter uma necessidade de trazer o belo para perto de si, e sua maior referência estética de beleza vem da natureza, com seus tons harmoniosos e formas únicas (Figura 55). Em segundo lugar, destaca-se o vasto conhecimento popular sobre as plantas, que vai além de suas propriedades medicinais e inclui usos simbólicos, religiosos e místicos profundamente enraizados nas culturas locais. Por fim, e de forma central para este capítulo, está a importância das plantas não apenas para a vida das pessoas, mas também para o equilíbrio da natureza.

Figura 55- Ilustração aquarelada: Flores do campo (*Viguiera*).

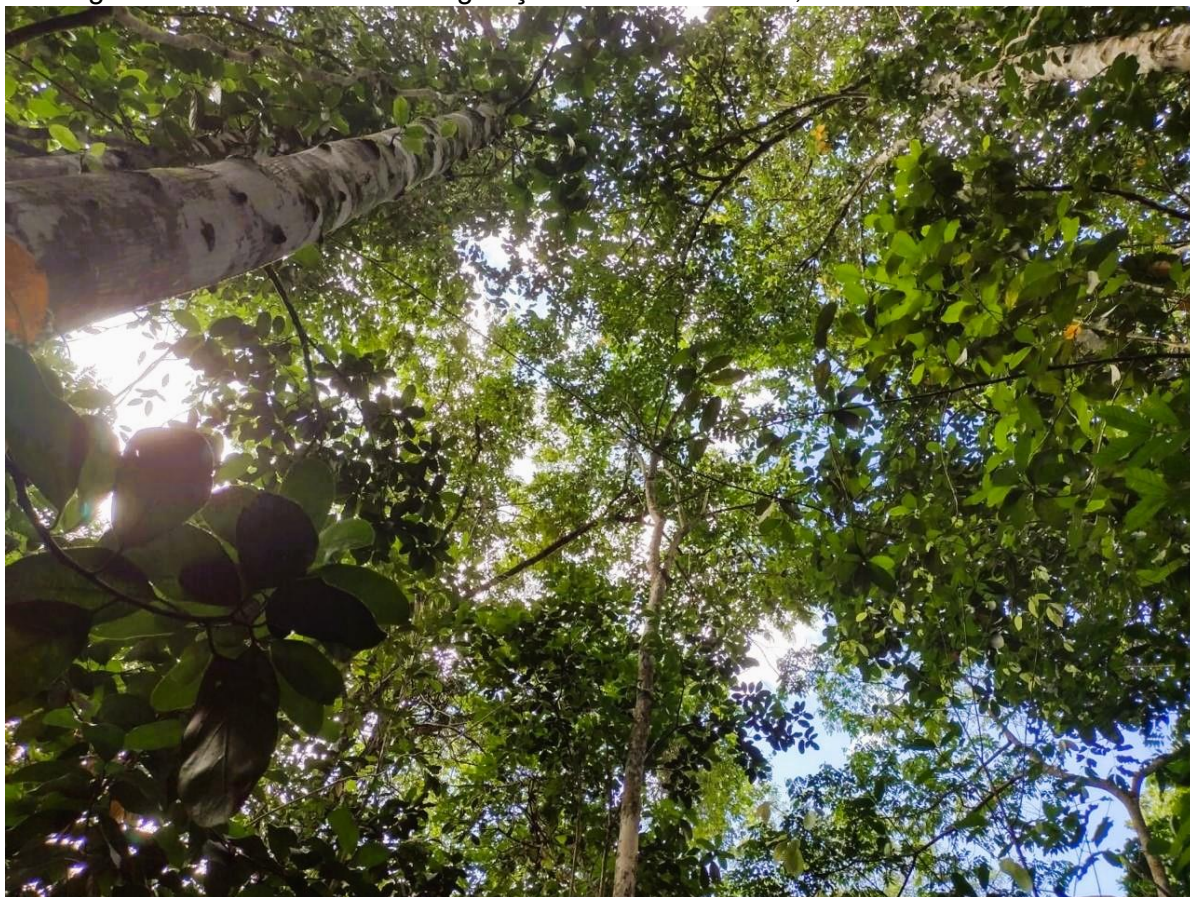


Fonte: A autora (2024).

As plantas estão em todos os lugares, desde os ambientes urbanos mais modernos até as áreas rurais. Mesmo quando artificiais, como os plásticos que decoram mesas de jantar, elas desempenham um papel simbólico. Na arquitetura, é extremamente reconhecido que a ausência de plantas torna os espaços frios, enquanto sua presença cria aconchego e vitalidade. Sem elas, parece que a vida humana se torna mais vazia, o que reforça a profunda conexão entre as pessoas, a vegetação e os outros seres vivos.

A paisagem reflete a essência do lugar, resultado da interação entre relevo, solos, clima e hidrografia. Na Bacia do Rio Una, essa riqueza se manifesta em uma diversidade (Figura 56) que inclui orquídeas, bromélias, cipós, samambaias, fetos (ou fetas), xaxins (*leptoesporangíados*), pteridófitas arborescentes e palmeiras (Arecaceae) como a juçara (*Euterpe edulis*). Também há árvores como jatobá (*Hymenaea courbaril*), murici (*Byrsonima crassifolia*), jacarandá (*Jacaranda*), calumbi vermelho (*Mimosa tenuiflora*), além de arbustos como louro (*Laurus nobilis*) e embaúba (*Cecropia*).

Figura 56- Visão interna da vegetação da Mata Atlântica, densidade e diversidade.



Fonte: A autora (2015).



A Bacia do Rio Una está localizada no litoral leste da Bahia, e originalmente toda a sua extensão era coberta pela Mata Atlântica (Ab'Saber, 2003). Como é amplamente reconhecido, a Mata Atlântica foi um dos ecossistemas brasileiros mais degradados, restando atualmente apenas 30% de sua área original (MAPBIOMAS, 2022). Contudo, ainda é possível encontrar mosaicos isolados dessa vegetação na Bacia (Figura 57).

Figura 57-Fragmentos de Remanescente de Floresta Atlântica



Fonte: Jainan Santos (2024).

A Floresta Atlântica inclui formações botânicas como a Floresta Ombrófila Densa, Floresta Ombrófila Mista, manguezais, restingas, campos de altitude, brejos interioranos e outros ecossistemas do Nordeste (Decreto Federal nº 750/93). A exuberância dessa vegetação, que cobre toda a superfície com suas cores, texturas e diversidade de estratos e seres vivos, é uma fonte de riqueza não apenas estética, mas também cultural. Apesar da introdução de variedades de cultivo na região, a relação entre as pessoas e o habitat permanece forte, manifestando-se nas fachadas, nos quintais e, sobretudo, no imaginário popular e nos saberes tradicionais. Isso é evidente nos relatos de Dona Adoiá enquanto caminhávamos pelos seus canteiros:

Sem as '*insaba* (folhas e ervas usadas em rituais de matriz africanas), nós não pode' trabalhar, então tem que plantar, tem que conhecer as folhas, 'que é a *insaba*', pra banho... Eu pego as folhas do meu quintal e todo lugar que



eu vou e conheço uma planta, eu trago e planto no quintal pra quando precisar. Eu mexo muito no quintal, vou plantando folha de banho... assim: pé de acocô... Aqui na frente, aí embaixo é meu... Tem horas que a gente vai pra mata, tem horas que a gente não vai. Aí na frente eu deixo só a mata. No fundo da casa também tem. Tem outra casa minha aqui do lado, que tem um quintalzinho bom, que eu planto tudo... Eu planto: quebra-pedra, traçagem, peão roxo, peão branco, alecrim, capim-santo, cada planta... Pega tal planta pra fazer um chá, pega tal planta... Esse pelegun tem muita gente que tem e não sabe pra que serve. Esse pelegun serve pra fazer um banho quando a pessoa tá com um 'adcessor' no corpo. Aí a gente faz um banho pra afastar esse 'adcessor'. Tem muita gente que não conhece, pensa que é um pé de árvore, mas não é! Esse aqui é um pelegun. Eu tenho um grandão lá... Aqui é comigo ninguém pode macho e fêmea (Adoiá, 2023).

O vasto conhecimento de Dona Adoiá sobre as plantas revela não apenas seus saberes ancestrais, mas também sua profunda conexão com a biodiversidade da Mata Atlântica, um dos ecossistemas mais ricos do mundo. Estima-se que existam cerca de 20.000 espécies vegetais na região, representando aproximadamente 35% das espécies vegetais do Brasil, muitas das quais são endêmicas e ameaçadas de extinção (Ministério do Meio Ambiente, 2017).

No candomblé, a presença de plantas é essencial, como ilustra o provérbio africano: "*Kosi ewê, kosi Orixá*", que significa "sem folha, não há Orixá". Dona Adoiá demonstra, na prática, como essa máxima se aplica, mostrando que as plantas são fundamentais para os rituais religiosos e a medicina popular. Ela também revela que as plantas vão além do simples uso medicinal ou comercial, adquirindo status de entidade, como o Pelegun, que assume um status para além de uma planta, pois possui poder para expulsar obsessores. Isso forma uma relação simbiótica entre o ser humano e a natureza, remetendo à visão dos povos tradicionais sobre a interdependência entre todos os seres vivos.

Além de seu conhecimento sobre as plantas locais, Dona Adoiá compartilha uma visão de mundo mais ampla, conectada a outras regiões e culturas, ampliando ainda mais o significado de sua sabedoria botânica, quando ela fala de espécies oriundas de outros lugares como o Orobô ou Orobó (em iorubá: *orogbo*, nome científico *Garcinia kola*), e a cola (*Cola acuminata*), uma árvore nativa da faixa equatorial africana que pertence à família do cacau.

Passou uma menina por mim e me 'arrupiou'. Ela tava com espírito 'abcessor'. Aí preparei um banho, não pode cozinhar senão perde toda a força... 'Amassi' (nome do banho), mas o banho pra tirar o 'abcessor' se chama 'Abô'. É um banho muito forte, porque dentro desse banho tem 'Obi' ou 'Orubo'. Mas quando a gente precisa fazer, tem que comprar fora, porque é muito difícil encontrar por aqui. época que eu cheguei 'praqui', não tinha, mas agora, pro lado de lá da minha terra tem. Tem pé mesmo do 'Obi' e do 'Orubu' Hoje em

dia muita gente não quer plantar, porque o Obi e o Orubu tem segredo pra plantar. Se a pessoa não tiver plantar direito, quando o pé começar a crescer, a pessoa 'cufa' (morre) (Adoiá, 2023).

Esse conhecimento sobre as plantas revela uma sabedoria que transcende a simples utilização de espécies locais, conectando-se a uma rede mais ampla de saberes e práticas espirituais. Para Dona Adoiá, como para muitos outros, a natureza é um elemento vital, indispensável à vida e à prática religiosa: "A natureza é muito importante. Tudo que a gente faz é com a natureza. A gente precisa da terra, a gente precisa da mata. A gente mexe muito com a mata, com as insabas, sem as insabas a gente não pode fazer nada" (Adoiá, 2023).

Ela continua:

Eu faço um trabalho aqui, aí a gente vai pra 'encruza', precisa de 'encruzar' pra colocar o trabalho. Aí o que é que a gente faz, se a gente mora aqui, a gente não faz aqui pra não sujar, 'nós' quer limpar a cidade, não sujar. Aí a gente procura uma mata e 'nós arreia' as obrigações dentro de uma mata. Porque se 'nós arriá' uma obrigação aqui na rua, numa encruza, aí eu tô sujando a cidade e além de sujar, eu tô botando um peso dentro da cidade. 'Nós' quer tirar. Então nós vamos pra uma mata, que a mata é só pureza, né? vai quebrar. Vai ter respeito. E bota uma coisa na encruza na cidade, a pessoa chega com um pé e pá! Não quer nem saber o que vai acontecer. E lá dentro da mata não, faz o trabalho direitinho, com cuidado. no verão pra não pegar fogo... com muito cuidado. Dentro da mata nós trabalhamos com caboclo da mata, cabocla Jurema, com a Caipora... e o candomblé é o que eu digo, é muita responsabilidade (Adoiá, 2023).

O relato de Dona Adoiá nos permite compreender a "mata" em sua polissemia: a mata enquanto um local seguro para a realização de rituais, mas também enquanto um encontro de elementos naturais, uma paisagem viva e, simultaneamente, um espaço místico, uma terra incógnita, quando diz:

A Caipora já me pegou, sumiu comigo dentro da mata, mas também errada fui eu que entrei na mata sem levar oferta para a Caipora. Me deixou perdida. Quando eu fui encontrar a casa, que eu lembrei o caminho, isso já ia dar quatro horas da tarde... de nove hora do dia 'Aonde' os cachorros 'latia' eu ia, quanto mais eu andava atrás desses cachorros, mais eu me perdia dentro da mata... como eu fumo, aí eu lembrei Primeiro ela! me fez sofrer dentro da mata, depois ela me fez lembrar que eu tinha peguei um pouco de fumo, abri uma folha, peguei uma palha, fiz um cigarro, acendi o cigarro, na mesma hora o caminho da casa apareceu, mas primeiro. ela me fez perder dentro da mata pra eu aprender, agora quando eu entrar na mata eu já sei (risadas) (Adoiá, 2023).

A Caipora, uma entidade da mitologia tupi-guarani (Navarro, 2013), é descrita como "habitante do mato", e está associada à proteção dos animais da floresta. Essa figura mítica, apresentada no imaginário popular em diversas regiões do Brasil, especialmente entre os povos tradicionais, simboliza a sacralidade da natureza. Ao imbuir a floresta com uma presença protetora e respeitável, ela promove a ideia de

que não podemos adentrar certos espaços sem o devido respeito, ajudando a construir uma sacralização da natureza.

É notória a ligação íntima das religiões de matriz africana com a natureza, assim como a dos povos tradicionais. No entanto, essa conexão também está presente e difusa, de alguma forma, em nossa sociedade miscigenada, que carrega os traços culturais de povos africanos, indígenas e de outros grupos que se desenvolveram para formar nossa gente. Como exemplo, temos os chás, as infusões, os banhos de assento e as práticas alimentares, todos reveladores da fusão dessas culturas e da nossa ligação com a vegetação. Porém, com a urbanização e a globalização, esses hábitos vêm se tornando cada vez mais fragmentados e homogeneizados (Santos, 2000).

Além do povo de santo, o relato de Pedro José (2023), um agricultor, também ilustra essa conexão profunda com as plantas, animais e a paisagem:

É por isso e não é! Porque eu acho bonito. Quem não gosta de uma paisagem? Eu adoro esse tipo de coisa, é por isso que eu vivo na fazenda. Eu adoro ver uma árvore bonita. O povo me diz: 'Peda', por que você não derrubou esse pé de pequi 'Peda', por que você não tira essa sapucaia. Aí você morre e larga pros filhos, e os filhos vão acabar com tudo... Eu digo: 'É problema deles!' Tá ouvindo Bacurau, um bichinho, passarinhozinho... É problema deles, tá entendendo? Eu não vou tirar, porque adoro isso aqui! (Pedro José, 2023).

Nesse depoimento, Pedro não fala apenas de uma espécie específica, mas utiliza os termos "paisagem" e "natureza" para se referir ao conjunto de elementos que formam o ambiente, destacando a importância das árvores de grande porte, que quase desapareceram na região. Em seu relato, ele também observa a presença dos pássaros, reforçando a ideia de que a paisagem não deve ser dissociada de seus habitantes. Essa ligação entre os elementos naturais é fundamental para compreender a complexidade da relação entre as pessoas e a natureza em sua totalidade.

Na mata Atlântica presente na Bacia do Rio Una, que compreende desde a mata densa até os ambientes costeiros, há uma diversidade de animais que habitam esses ecossistemas. Em entrevistas de campo (2023), foi relatada a ocorrência de uma gama de espécies (Figura 58, 59 e 60): raposas (*vulpídeos de porte médio*), tamanduás (*Myrmecophaga tridactyla*), Ouriço-cacheiro (*Erinaceus europaeus*), cutia (*Dasyprocta*), tatu (*Dasypodidae*), paca (*Cuniculus paca*), catitu (*Pecari tajacu*), capivaras (*Hydrochoerus hydrochaeris*), guará (*Chrysocyon brachyurus*), veado

(*Cervidae*), papa mel (*Eira barbara*, este último foi avistado em trabalho de campo), várias espécies de aves, abelhas, cobras – pico de jaca (*Lachesis muta*), cobra cipó (*Chironius*), jiboia (*Boidae*), coral (*Elapidae*, da tribo *Calliophini*), jaracuçu (*Bothrops jararacuçu*), cascavel (*Crotalus*, *Sistrurus*). Encontram-se nos rios pitu (*Macrobrachium carcinus*), camarões (*palemonídeos*, *atiídeos* e *sergestídeos*), traíras (*Hoplias malabaricus*), piau (*Leporinus piau*) e alguns peixes de pequeno e grande porte.

Figura 58- Ilustração aquarelada: Sabiá-laranjeira (*Turdus rufiventris*)



Fonte: A autora (2025).

Figura 59- Piau (espécie do gênero *Leporinus*, da família Anostomidae)



Fonte: A autora (2025).



Figura 60- Plantas, animais e gente.



Na imagem, Pedro José cuidando do Gado, Presidente Tancredo Neves. Fonte: Pedro José (2025).



Esses animais habitam as paisagens, e os seres humanos mantêm uma relação estreita com eles. Durante o trabalho de campo, encontrei diversas crianças pescando camarões de água doce e acarís, além de homens e mulheres que se alimentavam de caças locais, como pacas, tatus e peixes da região. Um menino, em especial, me relatou que "toma banho com uma capivara". Assim, a floresta, suas plantas e seus habitantes se entrelaçam em diversas formas de interação.

Essa sociobiodiversidade se reflete nos sabores únicos de cada lugar (Rigo, 2024). A culinária, rica e complexa, é profundamente marcada pelas influências indígenas, africanas e portuguesas, proporcionando uma riqueza de texturas e sabores que dão a vida em um ambiente tão exuberante (Figura 61).

Figura 61- Sabores da Bacia



Da direita para a esquerda, de cima para baixo: mariscada, carne de sol com farofa d'água, pratos típicos da Semana Santa — caruru, vatapá, moquecas e farofa —, cuscuta de inhame cará, lambreta e moqueca de camarão. Fonte: A autora (2025).

Minha mãe sempre contou sobre os sabores das comidas preparadas pela minha tia Mercedes durante sua infância. Ao pedir a receita do Caruru de folha, percebi como ela reflete a criatividade e a biodiversidade dos lugares:

Dai, eu já me esqueço de muitas coisas. Às vezes, falo algo hoje e, amanhã, já não me lembro mais. Mas, conforme você quiser, vai me lembrar. Quanto ao caruru, como se sabe, o ingrediente principal é o quiabo, mas ele é temperado com camarão ou bacalhau. Só que, como nós não temos esses ingredientes, mamãe fazia o caruru cortando folhinhas de língua-de-vaca, de ora-pro-nóbis e, às vezes, até brotinhos e folhas novas do quiabo, além de folhas de taioba. Todo esse material serve para o caruru, que ela preparou

com bastante azeite de dendê. E não era nenhum azeite; era um azeite que ela mesma fazia, cuidadosamente escolhido, muito gostoso. Então, ela fez o caruru para substituir a carne ou, às vezes, até o feijão, e assim nos alimentávamos bem. Quanto ao palmito de dendê, quando derrubávamos um dendê, o palmito era muito grande. Aqui, as pessoas geralmente não entendem muito bem o que é palmito, que é a parte nova ou a formação das folhas da palmeira. O povo está mais acostumado com o palmito de pupunha ou de açaí, mas a maior parte das palmeiras dá um palmito muito bom. O do dendê, por exemplo, era cortado em cubinhos pequenos, fervido, a água era descartada, e depois ele era temperado com azeite de dendê, coentro-largo – também chamado coentro da Índia ou coentro de peixe –, uns tomatinhos, cebola, alho... Ficava, e ainda fica, uma delícia! Da mesma forma, às vezes, fazíamos com o palmito do coqueiro. Papai tinha plantado alguns coqueiros; dois deles estavam aqui, mas não sei por que razão não produziram. Então, acabou sendo cortado, e aproveitamos o palmito. Mas, de qualquer forma, o palmito do dendê é muito mais saboroso do que o do coqueiro. Nós comíamos realmente muita verdura. Fazíamos os cortadinhos de caramoela, ou seja, inhame figo, para substituir a batatinha, que era muito cara, já que papai não tinha dinheiro nenhum. Fazíamos também os cortadinhos de fruta-pão temperado com charque. Mas era tempero mesmo, não é que colocamos uma grande quantidade de charque. Cortávamos pedacinhos bem pequenos e temperávamos a fruta-pão. Ficava muito gostosa; nós achávamos boa, e até hoje eu tenho saudade (Mercedes Andrade, 2023).

Esse relato reflete a conexão entre o ser-no-mundo e a paisagem. Os ingredientes utilizados, muitos deles provenientes diretamente do cultivo local, ilustram como a biodiversidade molda não apenas os sabores, mas também as práticas culturais e as memórias afetivas das famílias locais.

Para além das espécies-ingredientes citadas, na bacia do Rio Una, a presença do cacau é marcante, permitindo a produção de ingredientes potentes de sabor como mel de cacau, polpas e doces derivados, não só dessa fruta, mas também de outras (Figura 62), como da abundante graviola. Outro elemento tradicional são as casas de farinha, onde fazem beijus, bolos de folha e mingaus perfumados com cravo-da-índia, típicos da região, além de uma gama de variedades de bananas e seus derivados – chips, doces, entre outros. Mais próximo à foz, destaca-se a produção de café, guaraná e de azeite artesanal de pilão, extraído do dendê por famílias locais. Esse azeite, geralmente feito em pequena escala para consumo próprio, enriquece uma variedade de receitas, como as que minha tia Mercedes refere.

Essa exploração sensorial revela uma paisagem que vai além do visual: ela é apreciada e acessada também pelo sabor, um sentido que ultrapassa os limites da visão, pois envolve uma implicação entre o saboreado e o saboreador (Marandola Jr., 2024). O sabor torna-se, assim, um elemento essencial na construção e no reconhecimento das identidades locais e regionais (Gratão, 2014).

Figura 62- Ilustração aquarelada: Frutas da Bacia e do mundo à mesa: banana, limão e maçã.



Fonte: A autora (2025).

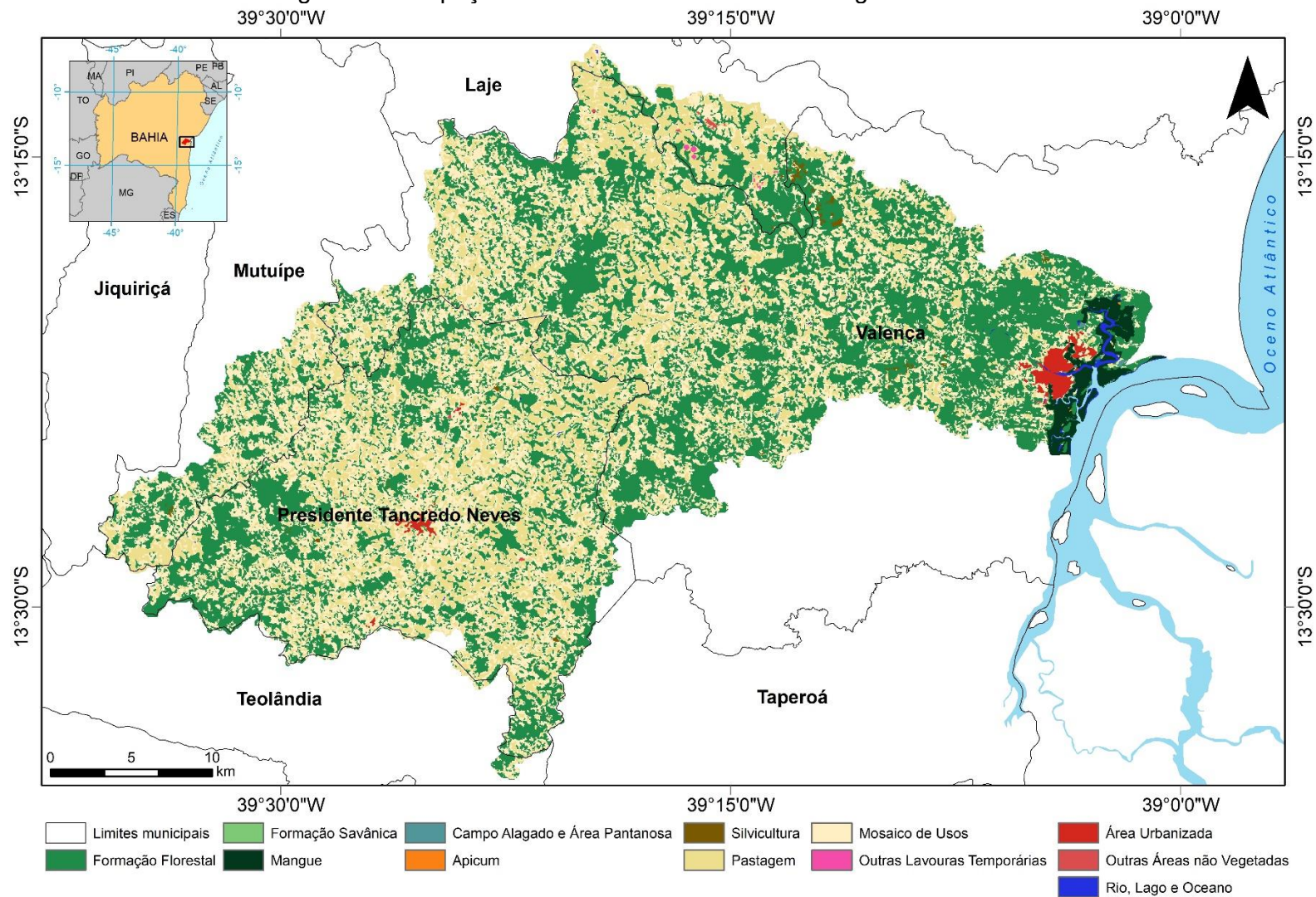
A comida, portanto, é uma forma multissensorial de vivenciar a paisagem, um “deixar-se embeber por ela” (Onfray, 2009). Contudo, apesar da riqueza de ingredientes e sabores, é evidente a redução das áreas florestadas na Bacia do Rio Una. A mesma mata que propicia uma rica variedade de saberes e vivências, ligadas não apenas às plantas individualmente, mas à paisagem como um todo, também nos empobrece na sua ausência. As áreas que antes eram ocupadas por matas agora cederam lugar a cultivos temporários, como banana e mandioca, além de pastagens, ocupando 61,8% da área do bioma (MapBioma, 2022, Figura 63).

A agricultura, por muito tempo, esteve intrinsecamente ligada à mata por meio das *cabruças* – sistema em que o cacau é cultivado sob o sombreamento da floresta – e das agroflorestas. No entanto, novas formas de cultivo e diferentes maneiras de se relacionar com a terra vêm ganhando espaço.

Apesar das inúmeras transformações, ainda há homens e mulheres que permanecem vigilantes, garantindo a preservação da floresta nos diversos territórios que compõem a Bacia do Rio Una. No próximo tópico, exploraremos mais profundamente as práticas e a atuação dessas pessoas que vivem, cuidam e compartilham as paisagens e os lugares da Bacia, cujas ações continuam sendo fundamentais para a manutenção desse patrimônio natural.



Figura 63- Ocupação e uso das terras da Bacia Hidrográfica do Rio Una



MapBiomas, Coleção 9 (2025). Sistema de Coordenadas: SIRGAS 2000. Datum: SIRGAS 2000. Referencial geodésico e limites municipais: Atualizados conforme IBGE (2022).

Fonte: A autora (2025).

### 3.6 VIVER, CUIDAR E COMPARTILHAR A TERRA

É nos lugares onde vive e através do manejo dos campos, rios e pradarias, no curso de sua vida e no movimento de coisas e pessoas, que o homem externa sua relação fundamental com a Terra". É o mundo-vivido geográfico que tem inspirado gerações de pintores de paisagens; os arquitetos, construtores de cidades e engenheiros têm procurado modificá-la; os fazendeiros cultivam-no e inúmeras pessoas têm sentido uma necessidade de contemplá-lo, nele viajar e explorar na escala de vizinhança ou na expedicionária (Relph, 1979, p. 7).

Conforme argumenta Relph (1979), os espaços vividos não são apenas cenários físicos, mas lugares carregados de significado, moldados pela experiência cotidiana e pelas interações humanas com a paisagem. Essa relação fundamental entre o ser humano e a terra é evidente nos discursos dos sujeitos entrevistados, que revelam um conhecimento profundo e detalhado dos lugares e paisagens que habitam( Figura 64).

Figura 64- Ilustração aquarelada: Casa no campo.



Fonte: A autora (2025).

A estrutura fundiária da Bacia do Rio Una é marcada pela predominância de minifúndios, que representam 93,8% dos estabelecimentos agropecuários



(GEOGRAFAR, 2025). Pequenas propriedades como essas demandam maior proximidade e conhecimento detalhado do espaço cultivado, intensificando a relação dos moradores com a terra.

Durante a pesquisa, ao perguntar sobre seus lugares, sobretudo para aqueles que vivem no campo, os entrevistados demonstraram um domínio notável sobre a extensão de suas terras, suas características morfológicas e a organização dos cultivos. Nas visitas às propriedades, a conexão dos entrevistados com o espaço vivido se tornava ainda mais evidente. Muitos me conduziam aos pomares ou cultivos para provar frutas específicas, identificando entre os pés de cacau, ingá, jaca, coco, laranja e outras espécies aqueles que produziam os frutos mais doces. As pessoas, com precisão surpreendente, apontavam árvores frutíferas capazes de oferecer o equilíbrio ideal entre acidez e doçura, além de revelar a biodiversidade local (Figura 65).

Figura 65- Diversidades de frutos da Bacia



Da direita para a esquerda, de cima para baixo: seriguela, cacau, manga papo de rola, biri-biri, jambo e laranja. Fonte: A autora (2025).

Essa intimidade com a terra revela como, por meio da vivência e da experimentação, é possível conhecer profundamente um lugar, a ponto de distinguir, em meio a centenas ou milhares de pés de cacau, aquele que dá frutos singulares. Tal conhecimento local, acumulado por gerações, não apenas fortalece o vínculo entre os moradores e suas terras, mas também evidencia uma dimensão cultural e ecológica do espaço vivido.

Em um mundo cada vez mais marcado pela urbanização, preservar o conhecimento tradicional não é apenas vital para a identidade das comunidades rurais, mas também para a sustentabilidade das práticas agrícolas, essenciais para toda a sociedade. Para quem reside em sítios, roças ou fazendas, a terra não é apenas uma fonte de subsistência; ela é uma extensão de suas vidas e identidades.

A lida diária com a terra e os animais leva os moradores a testarem e aprimorarem continuamente seus conhecimentos, como exemplificado no relato de Pedro José:

Faça o que você gosta, por que se botar eu na frente de um computador, eu vou fazer o que? Eu não sei manusear um computador, mas eu te garanto, que pode botar cem bicho no curral e eu pego um pedaço bom de madeira e eu vou entrar lá dentro e vou dá nele... o que precisar de vacinar, de medicar, eu tô aí! Tem muitos que é formado e não tem essa coragem de ir pra lá pra dentro se melar de bosta. Vai? Não vai! Eu colho cacau, eu podar, eu adubo, eu planto laranja, eu tenho cravo, mandioca... lá em baixo eu crio peixe. Aqui tem de tudo. Então, eu faço o que eu gosto. Eu chego na rua, aquelas motos pocando, acabando com tudo, aí eu volto logo pra roça. A gente fica aqui sossegado. (Enquanto caminha ele aponta para as coisas e diz) Aqui eu vou plantar tudo, de rosa, de graxa, arborizar. É bonito! Olha os coqueiros anão, bota é no chão... (Pedro José, 2023).

O depoimento de Pedro José destaca a relação orgânica entre o agricultor e o espaço que habita, contrastando com a alienação que ele sente em ambientes urbanos. Ele revela uma ligação visceral com o trabalho no campo, onde cada ação – desde a colheita até o manejo dos animais – está profundamente conectada ao ambiente e ao prazer em viver da terra.

Um agricultor sabe onde cada coisa foi colocada e para onde deve ir, mapeando sua propriedade com base em atributos que transcendem as convenções cartográficas tradicionais. Esse mapeamento prático organiza a vida no campo, adaptando o trabalho às características naturais da paisagem. Nos lugares por onde transitei, cada agricultor tinha um jeito único de lidar com a terra e cultivar diferentes tipos de plantações. A forma do relevo muitas vezes determina os cultivos mais adequados, seja para facilitar o trabalho da colheita, seja pela estabilidade do terreno.

Além disso, as variações de temperatura ao longo do ano guiam escolhas específicas de plantio. Por exemplo, durante os meses mais quentes, os agricultores priorizam espécies que demandam menos água, enquanto nas estações mais amenas aproveitam a fertilidade acumulada nos terrenos mais baixos para cultivar variedades de maior exigência. Esse planejamento, que parece instintivo, é fruto de uma ordem prática desenvolvida ao longo de gerações.

Essa abordagem empírica foi evidenciada no relato de Everton Santos:

Assim, no cotidiano da gente, quando a gente olha qualquer terreno, a gente já enxerga. Geralmente, as áreas mais baixas têm uma fertilidade maior, porque os materiais vão se aglomerando ali, entendeu? Então, a gente que é agricultor, a gente valoriza bastante essas áreas, por causa disso (Everton Santos, 2023).

A fala de Everton Santos ilustra o conhecimento intuitivo do agricultor sobre a associação entre relevos e solos, algo que a pedologia estuda de forma técnica e sistemática. No entanto, o homem do campo adquire esse saber pela observação e pela experiência acumulada, ocasionalmente complementada por pequenos cursos ou assistências rurais esporádicas.

Na Bacia Hidrográfica do Rio Una predominam seis classes de solo (Figura 66). Contudo, na “escala vivida” – a percepção prática e detalhada do agricultor – o solo é reconhecido como um mosaico de microcaracterísticas. Textura, cor, drenagem e fertilidade são percebidos de maneira intuitiva, orientando diretamente as decisões no campo.

Para além da identificação e seleção de solos para cada atividade agrícola, os agricultores que vivem diretamente da terra desenvolvem uma relação íntima com o solo, capaz de revelar algumas de suas carências. Como destaca Eliomar Café (2024):

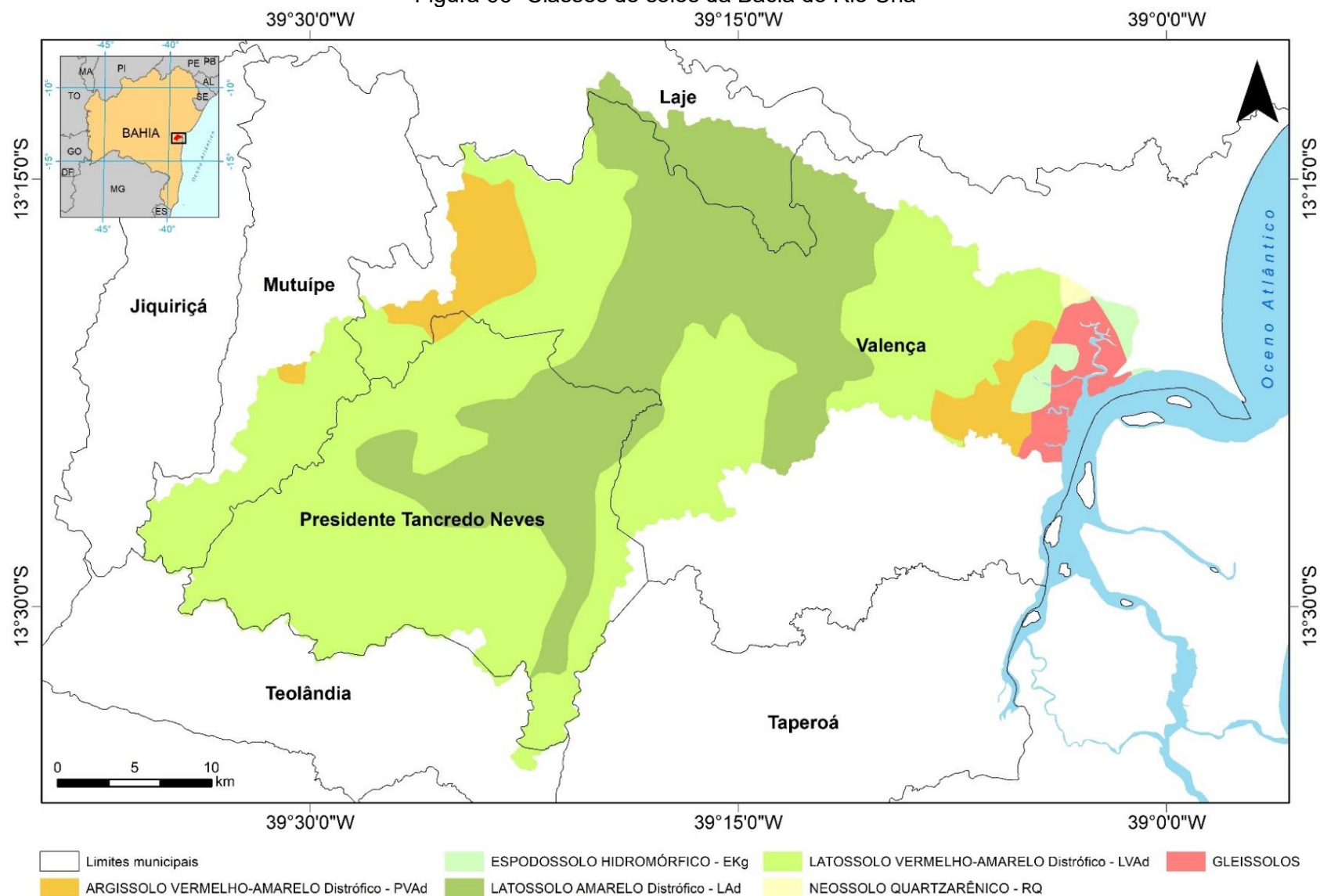
À medida que a acidez do solo vai mudando, vão nascendo tipos de matos diferentes, né? Quando a acidez diminui, aparecem matos mais úmidos, que gostam de lugares assim. Isso indica que o solo está melhorando. Já matos mais rústicos, como feto e sapé, mostram que a terra ainda está ácida.

Essas observações empíricas, embora valiosas, podem estar sujeitas a erros e exageros. Isso reforça a importância da assistência técnica rural e do estudo científico para promover maior efetividade e economia nas práticas agrícolas. Ainda assim, reconhecer e valorizar esse conhecimento tradicional é essencial para a construção de um modelo agrícola mais sustentável. A integração entre saberes locais e práticas modernas não apenas fortalece a identidade rural, mas também promove um equilíbrio necessário entre natureza e demandas contemporâneas.

Esse conhecimento tradicional, moldado pela convivência íntima com a terra, vai além da funcionalidade prática. Ele constitui um verdadeiro patrimônio cultural e ecológico, indispensável para um futuro mais equilibrado e sustentável.



Figura 66- Classes de solos da Bacia do Rio Una



Tipologia de Solos: Plano Estadual de Recursos Hídricos (PERH, 2004), Sistema de Coordenadas: SIRGAS2000, Datum: SIRGAS2000. Referencial geodésico e limites municipais atualizado conforme IBGE( 2022).

Fonte: A autora (2025).

Apesar da predominância de práticas agrícolas rudimentares em algumas áreas, observa-se na Bacia do Rio Una uma crescente adoção de tecnologias modernas, como a mecanização e o uso de insumos químicos. Pedro José (2023), ao me apresentar os espaços de sua fazenda, destacou os utensílios e maquinários que utiliza em seu cotidiano e refletiu sobre como a modernização tem transformado suas práticas:

Hoje a gente já tem maquinário pra cavar buraco, 500, 800 buracos por dia, depende do cara...buraco de estaca. Antigamente era com cavaleiro, um atraso. Aqui é a tal da roçadeira, uma cabra boa corta uma tarefa no dia. E aqui é a bomba de pulverizar as laranjas... os técnicos mandam a gente comprar os remédios. As laranjas agora estão caindo tudo, eu tô vendo que no são João não vai ter laranja (Pedro José, 2023).

Além do uso de pequenos maquinários por pequenos produtores, as visitas e observações na Bacia evidenciaram a presença de equipamentos mais avançados (Figura 67), como tratores, drones para pulverização de produtos químicos e pivôs de irrigação ou molhação<sup>6</sup>. Esses recursos são especialmente empregados no cultivo de frutíferas, como a banana, destacando a coexistência entre a modernização agrícola e as práticas tradicionais.

Figura 67-Mecanização da agricultura na Bacia do Rio Una



Fonte: Jonas Mascarello (2024).

<sup>6</sup> Nome dado à técnica rudimentar de irrigação sem controle de fluxo e horários. Essa técnica amplamente utilizada na Bacia explora os recursos hídricos para além da necessidade dos cultivos, o que compromete não apenas a lavoura, como os mananciais.

As roças de cacau (Figura 68) dos entrevistados e de boa parte da região são predominantemente clonadas. Os agricultores utilizam técnicas para preservar os frutos e evitar bichos, bem como para manter uma aparência adequada para o mercado consumidor.

Figura 68-Illustração aquarelada: Cacau.



Fonte: A autora (2025).

Foi notória a presença de cultivos consorciados e algumas lavouras em curvas de nível, respeitando a morfologia acidentada da região. Para além disso, muitos relatos sobre o uso de agrotóxicos e defensivos.

Não se produz sem agrotóxico, porque nada dá. Cada dia é um agrotóxico diferente, cada dia as pragas ficam resistentes a um agrotóxico e o cara só produz se tiver agrotóxico. Tem algumas situações que a gente não consegue explicar por que algumas frutas que eram nativas daqui hoje não produz: caju, que antigamente tinha de monte e hoje não produz, manga e outras e outras culturas...que só vai com agrotóxico. Aí o agricultor não sabe o que fazer, eu

que tenho um pouquinho mais de escolaridade, não sei, e o agricultor que não tem escolaridade que tá lá na roça, que não tem nada. Tipo assim, se o cara me perguntar eu não sei responder, eu não tenho a quem perguntar...é só seguir... é efeito manada...e até alguns técnicos a gente pergunta eles indicam um produto, mas não sabem dizer o porquê está acontecendo aquilo. [...]Banana mesmo é um agrotóxico violento, banana a gente não come. A gente come a que a gente planta no fundo da casa. Mas na roça meu tio planta um monte de banana. 'Aonde' que a gente come uma? Até o gosto é diferente, pô! (Everton Santos, 2023).

Os relatos e as observações revelam uma transição preocupante: de uma agricultura familiar diversificada, baseada em policultivos e em maior harmonia com a natureza, para uma agricultura familiar comercial, orientada por monocultivos e guiada pela especulação de mercado, com pouco comprometimento com o equilíbrio ambiental. Essa constatação me entristece, pois acredito que, em breve, enfrentaremos sérios problemas decorrentes dessa superexploração da terra. Como bem disse Nêgo Bispo (2023), no título do seu próprio livro: *A terra dá, mas a terra quer*. Os efeitos desse desequilíbrio já são visíveis, como a redução da produtividade agrícola e a dificuldade de cultivar espécies endêmicas, conforme relatado por Everton Santos (2023).

Essas mudanças na forma de lidar com a terra evidenciam a inserção do agricultor em um mundo cada vez mais globalizado, como analisa Santos (2000). Esse mundo em constante transformação tem impactado significativamente o espaço agrário. As consequências são notáveis na natureza: processos erosivos, assoreamento de rios, poluição de lençóis freáticos, desmatamento, esgotamento de recursos naturais e redução da segurança alimentar. Além disso, a agricultura comercial intensiva contribui para o aquecimento global, intensificando a vulnerabilidade ambiental e humana (Ross, 1994; Marandola, 2011).

Em alguns contextos, como nos latifúndios, a terra é reduzida a uma mercadoria (Oliveira, 2004). Nesse cenário, não se trata apenas de usar a terra, mas de explorá-la. Essa visão mercantilista ignora as dimensões afetivas e culturais que a terra carrega para aqueles que nela habitam e constroem suas vidas. Contrastar essas perspectivas evidencia o profundo abismo entre a vivência e a exploração da terra. Enquanto alguns enxergam a terra como parte de sua identidade, história e espiritualidade, outros a veem apenas como um recurso a ser consumido.

Esse contraste ressalta a urgência de reavaliar nossas relações com a terra, buscando um equilíbrio que respeite tanto o meio ambiente quanto as pessoas que



dependem dele. Os agricultores familiares, por exemplo, têm um conhecimento único sobre a natureza. Esse saber local, aliado a práticas sustentáveis, é uma peça-chave para um futuro mais equilibrado e justo.

Para além das percepções humanas sobre o funcionamento da natureza nos lugares em que vivem, as narrativas dos entrevistados revelaram constantemente a ideia de um espaço compartilhado. Há uma noção clara de que ninguém vive isolado; todos dividimos os lugares. Como diria Nego Bispo (2023),

Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluência, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente- a gente rende (Nêgo Bispo, 'A terra dá, a terra quer', 2023, p. 15).

Portanto, somos compartilhantes. Nesse mesmo sentido, de acordo com Serpa (2019, p. 31), a paisagem, no sentido sartriano, é um ser-com, pois “sempre se realiza e se constitui na presença do outro, assim como também na ausência”. Dentro dessa perspectiva existencialista, a paisagem é uma relação de ser-a-ser; eu não existo sem o outro, sou-com-o-outro.

Ao observar imagens de satélite da Bacia do Rio Una, a predominância de áreas rurais salta aos olhos. Duas manchas cinzas aparecem timidamente em meio ao verde predominantemente. Essas manchas correspondem às cidades de Presidente Tancredo Neves e Valença. Juntas, suas populações somam cerca de 125 mil habitantes (IBGE, 2020). É importante lembrar, contudo, que os limites da bacia não coincidem com os limites políticos. Assim, somam-se a essa parte áreas rurais de Teolândia, Mutuípe e Laje, que também estão dentro da Bacia.

O fato é que esse espaço é compartilhado por muitos – não apenas números, mas pessoas, cada uma com seu nome e CPF. Estejam na cidade ou no campo, todos dependem de água. A preservação da água pressupõe a conservação da natureza como um todo, para além dos limites do Código Florestal, das bacias, dos municípios e dos Estados. Ela exige a preservação do planeta como um único corpo, no qual todas as partes estão interligadas.

Nas minhas vivências com o povo da bacia, sobretudo nas comunidades rurais, aprendi o verdadeiro significado de compartilhar. Compartilhar não apenas o que sobra, mas o que se tem. Pequenos agricultores, mesmo com seus limites, muitas vezes sem cercas ou cadeados, deixam suas propriedades abertas quando o vizinho



precisa. A casa, a comida, os remédios, os frutos, as festas e os rios são compartilhados constantemente.

A tradição dos *adjuntos*, por exemplo, é uma dessas práticas. Como contou Balbino Lino (2023):

E aí é o seguinte, meus pais ‘nasceu’ dessa geração que samba e ‘adjunte’. Naquele tempo faziam adjunto convidava 300, 400 pessoas limpava a roça de um, depois ia para de outro, depois ia para de outro e aí a gente fica no mundo com essa cultura. ‘Adjunte’ era aquele grupo, em que seria hoje o mutirão, hoje ‘eles trocou’ de língua e chama mutirão. Sim, vamos dizer que tu é fazendeira e aí tu diz assim: ô Seu Balbino, tu leva 5 pessoas na minha roça hoje, ‘nós limpa’, amanhã é dele, seu Ivo, amanhã é de outra, de Carlos César, de Cesinha... aí a gente continua aqui. Aí lá nego comia, se o cara fosse dizer não precisa levar comida, que eu resolvo lá, se não, cada um levava sua comida...Lá eles cantavam boi o dia todo. Levava litrozin de caninha de ouro. Era: tomava uma e vamos embora trabalhar, vamos embora trabalhar... e assim que era a vida daqui do nosso bate chão.... isso era a gente no Ipiranga e Pau da Letra (Balbino Lino, 2023).

Essas tradições culturais e comunitárias continuam existindo de diferentes formas na região, como nas aberturas coletivas de barragens para pesca e no uso comunitário das casas de farinha. Além disso, há a formação de cooperativas, como a Cooperativa de Produtores Rurais de Pres. Tancredo Neves (COOPATAN), Associação de Doceiras e Artesãos do Distrito de Moenda (ADAM), Associação de Produtores Rurais da Comunidade do Novo Horizonte (ASCON), Cooperativa Feminina da Agricultura Familiar (Comafes) e Colônia de Pesca Z-15 e outras iniciativas que fortalecem o senso de coletividade e promovem a sustentabilidade local, como relatou Alvino Santos (2024), Agricultor e Presidente da ASCON. Essas práticas não apenas favorecem o trabalho em comunidade, mas também se entrelaçam com a cultura regional, originando festejos, ritmos e brincadeiras que se fundem à rotina, como o samba de roda e o samba de coco.

Na Bacia do Rio Una, muitos festejos estão diretamente ligados às colheitas e ao trabalho, a exemplo das festas juninas, que celebram ciclos agrícolas, e o Zambiapunga (Figura 69), uma herança africana trazida pelos negros bantos durante o ciclo da cana-de-açúcar. Essa expressão é caracterizada por um grupo de mascarados que utilizam instrumentos rústicos, como enxadas, tambores, repiques e cuícas. O Zambiapunga ganha as ruas na madrugada do dia 2 de novembro, proporcionando um espetáculo vibrante que mistura música, tradição e ancestralidade (Maria das Graças, 2023). Essas manifestações não apenas celebram a identidade cultural local, mas também reforçam os laços entre os membros da comunidade.

Figura 69- Zambiapunga Valença e Maricoabo



Fonte: Instagram da Associação Cultural de Valença e Maricoabo- @Zambes2019 (2025).

Outros eventos tradicionais são a Festa de Nossa Senhora do Amparo (Figura 70), a celebração de Iemanjá, ambas em Valença, bem como a Festa de São Roque, Padroeiro de Presidente Tancredo Neves.

Figura 70- Festa e lavagem do Amparo- Valença- BA



Fontes: Redação Bahia (2023); Dendê News (2025).

Os festejos populares são algumas das formas mais belas de compartilhamento cultural, mas a solidariedade também se manifesta em práticas cotidianas. Uma dessas práticas é "a meia", na qual o agricultor divide os lucros com quem planta ou colhe em sua propriedade, promovendo a cooperação entre trabalhadores e proprietários. Outra forma de partilha solidária é a doação temporária de terras, como

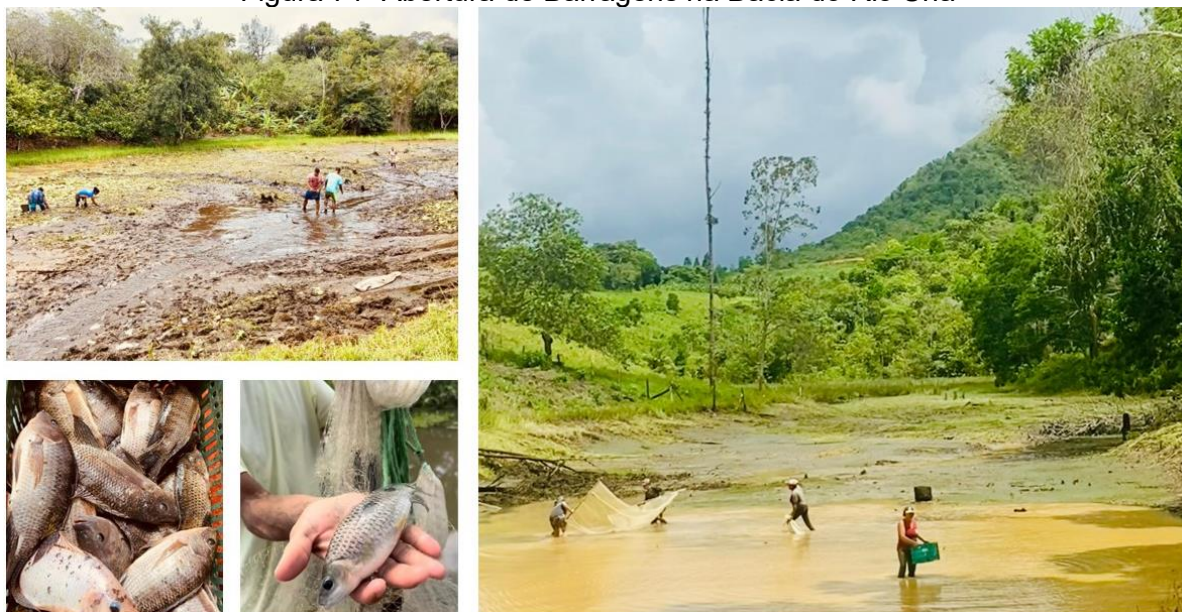


ocorre com Pedro José, que, durante a Semana Santa, abre suas barragens para que a comunidade possa compartilhar o pescado. Essas ações exemplificam como as relações comunitárias continuam a ser fundamentais para a vida na região.

Aqui, Daiana, eu dou terra de graça. Eu te mostro onde. Eu dou terra pra plantar mandioca, pra fazer farinha de comer, pra não comprar farinha. Porque a maioria aqui tem terra pequenininha e tá toda ocupada. E eu que tenho terra em abundância, eu dou a tarefa pra plantar de mandioca e não é de meia não, eu dou dada... Se quiser plantar 500 pés de banana, eu dou, não é de meia não. Eu acho que é por isso que o Senhor abre as portas pra mim, que ninguém fecha... Quero um cabo de enxada, eu não tenho, mas lá na fazenda de Pedra tem e ele dá... um cabo de enxada, um cabo de enxadeta, uma vara de podão, por quê? Porque aqui é uma 'mei' dia, viu, Daiana?! Uma 'mei' dia que você tá passando, ninguém é dono de nada! E na hora que o homem manda buscar, o poderoso, vai e não leva nada. Não leva carreta de dinheiro, não leva o pasto cheio de boi... não leva nada! Deixa de besteira que aqui é uma 'mei dia' que se tá passando!

O interessante é que esse relato surge a partir da abertura da barragem da sua propriedade. Além do depoimento, ele me mostra os peixes do tanque que foram pescados e serão repartidos na semana santa, pois ele não gosta de peixe de água doce. Esse é um exemplo, mas que se repete em vários lugares da Bacia, tanto no município de Presidente Tancredo Neves, quanto em Valença, Teolândia, Mutuípe e para além. Em trabalho de campo passei por várias barragens que foram abertas coletivamente (Figura 71).

Figura 71- Abertura de Barragens na Bacia do Rio Una



Fonte: Trabalho de campo (2023).

Em Valença, por exemplo, Luciene Argolo (2023), em uma conversa corriqueira, me contou a história de um rapaz que vive da criação de peixes, no entanto, devido

ao seu adoecimento, a comunidade do entorno fez o trabalho da pesca, tratamento e distribuição do pescado, já que o agricultor não teve condições de fazê-lo. Há, portanto, um sentido, um prazer em compartilhar, colaborar. Essas histórias revelam modos de viver que subvertem as lógicas capitalistas, embora se tornem cada vez mais raros, como relata Raimundo Costa,

Naquela época quando você pescava, havia muita fatura. As canoas vinham com 300, 500, 600 quilos, às vezes até toneladas. Às vezes a rede ficava lá com peixe, voltava para o porto para descarregar e depois voltar para pegar outra carga. Essa fatura já não tem mais tanto hoje. Então chegava aqui e não só vendia, não, ele dava. Hoje ninguém dá mais nada. Se sobra, o que faz? Vai para a salga. Salga ali, pra depois vender na feira livre, onde for, mas vai ter que fazer um dinheirinho. Hoje pra dar, tem que ser muito bonzinho pra entregar (Raimundo Costa, 2023).

Essas tradições e práticas solidárias demonstram como a cultura e o trabalho se entrelaçam à natureza da bacia, criando uma identidade regional particular. Em um mundo cada vez mais globalizado, essas manifestações representam uma resistência cultural e um testemunho da força dos laços comunitários. Preservá-las é essencial para manter viva a memória e a história da Bacia do Rio Una.

Essa prática é frequentemente contrastada com o que se observa nas grandes propriedades, onde cerca de altas e muros criam distâncias. Ali, a lavoura funciona como uma empresa, gerenciada por alguém distante. O proprietário geralmente não está presente, e a terra é escolhida por seus benefícios econômicos, não por uma ligação afetiva.

Nas cidades, onde muitos vivem aglomerados em poucos quilômetros, compartilhar torna-se ainda mais raro. Muros, barreiras e cercas elétricas aumentam à medida que se tem mais dinheiro e a vida se torna mais isolada. Aos poucos, os moradores urbanos perdem o contato com a vizinhança e até com a natureza que os sustenta. Paga-se uma conta de água, e ao abrir uma torneira, ela escoar sem cor ou cheiro, e sua origem é ignorada.

Procurei evidenciar como o homem modifica a paisagem de forma que transcende dados e categorias técnicas. Trata-se de um ser que sente, que vive, e que, ao longo do tempo, toma decisões que resultam em uma paisagem em constante transformação. Essa mutabilidade traz consigo a esperança de que tais modificações possam ser cada vez mais conscientes, considerando as características intrínsecas da paisagem e do espaço que, sendo compartilhado, precisa ser cuidado por todos.

Portanto, o homem e o trabalho na terra são muito mais do que um mosaico de polígonos georreferenciados e agrupados por classes. O homem não pode ser limitado às alterações que provoca na paisagem. Isso não significa que as classificações de uso da terra não sejam importantes – são, e tanto são que as utilizo aqui. No entanto, essas classificações frequentemente empobrecem e obscurecem as histórias e os motivos que levam ao uso da terra.

Para muitas pessoas a relação com a terra vai muito além do simples “uso”. Eles *vivem* na terra. Essa vivência modifica completamente o significado dos polígonos que criamos para representar e compreender a ocupação das terras. O que procuramos abordar aqui não pode ser medido em milhas quadradas, nem possui bordas definidas. Trata-se de algo profundamente subjetivo, intersubjetivo e enraizado nas experiências e percepções das pessoas, e por isso exige cuidado.

Por esse motivo, neste trabalho tento perceber essa relação do homem que não apenas usa e ocupa as terras, mas que tem a terra como um lar (Tuan, 1980). Homens e mulheres que vivem em contato com a natureza, ou mesmo aqueles citadinos, mas dotados de uma sensibilidade maior, desenvolvem a seu modo pensamentos ambientais populares e de cunho conservacionista e os colocam em prática nas suas ações cotidianas. Como são os casos apresentados a seguir:

Aqui eu plantei bambu pra fazer uma contenção. Sobre a reserva florestal da fazenda, sabe que é necessário para o equilíbrio da natureza, o ecossistema tem que ser completo. Segundo que nós sabemos que é um provimento de madeira, é uma questão da manutenção da biodiversidade e da interação da flora com a fauna, que um depende do outro (Gildo, 2023).

A prática de plantar bambu para estabilizar o solo e preservar a biodiversidade reflete uma compreensão holística da interdependência ecológica. Embora o bambu não seja uma espécie nativa e a literatura aponte outras opções mais adequadas para essa finalidade, Gildo demonstra consciência de que o equilíbrio entre flora e fauna é essencial para a saúde do ecossistema.

Sua fala também evidencia que a conservação não é apenas uma responsabilidade ética, mas também uma estratégia de autossuficiência, garantindo o provimento de recursos como a madeira. Além disso, Gildo se orgulha de preservar árvores centenárias em sua propriedade e de colecionar diferentes espécies, reafirmando seu compromisso com a manutenção da biodiversidade.



Já Pedro José apresenta um entendimento prático e respeitoso do conceito de reserva legal. Ele não apenas preserva a vegetação ao redor das nascentes, mas entende que há limites necessários para a ação humana.

Olha, Daiana, as tal das reserva legal que eu lhe falei é aqui... é por que aqui é as nascentes, as nascente começam até aonde você tá vendo aí... Ai, Daiane, na minha concepção, eu só posso roçar até aqui, porque eu quero fazer um mangueiro. Daí pra lá, eu não posso bulir porque é a reserva legal que eu deixei, onde vem as nascentes e eu não bulo. Aqui Também, essa capoeirão<sup>7</sup> bonita eu não quero tirar, quero deixar numa reserva aí, já tem até madeira grossa pra tirar...eu não tiro (Pedro José, 2023).

Essa atitude mostra uma visão de longo prazo, evidenciando o impacto positivo do respeito às áreas de proteção ambiental para a manutenção dos recursos hídricos. Outro caso similar é o de Katielle:

Mas tu sabe porque tu anda na região e da vegetação ali tem muita Mata Atlântica ainda. Essa parte mesmo da cachoeira ninguém desmata porque é muito difícil acessar. É a parte mais ampla. Já para o lado assim de Grande Val é bem desmatado. Até que o Ibama anda de vez quando os helicópteros baixinho. É difícil passar um mês e o helicóptero do Ibama não passar. Gente, mesmo assim tem desmatamento. Tem. Um vizinho da gente comprou 40 hectares da mata e desmatou. Onde foi a parte de Eloy, do falecido Eloy. Que Eloy faz divisa com a gente. Aí o cara comprou e desmatou totalmente. E embaixo tinha nascente. Acho que o Ibama deve estar atrás dele. A gente tinha duas nascentes no local que ele desmatou. Ele achou que deixando uns 5 metros sem desmatar não afetaria, mas afetou. Diminuiu a água. Na divisão do meu pai tem uma nascente. Aquela que eu lhe falei que o irmão do meu pai desmatou e ela sentiu. Agora que está chovendo, a gente vai começar a plantar jasmim. Para ver se consegue reagir ela novamente. Mas ela germina. Aí ela desce um pouquinho. Chega numa pedra. [...] As nascentes de lá antigamente tinha aquelas piabinhas, hoje não tem mais por que de tanto Roundup (*herbicida*). E a irrigação também afetou bastante no nível do rio. Tem um vizinho da gente que tem quatro bombas de água pra irrigação de banana. O IBAMA já mutou ele, três vezes por mil, ele não tá nem aí pra ele. A lei não é pra ele. Não significa nada, né? (Katiele, 2023, Grifos meus).

O relato de Katielle traz um cenário mais complexo, que reflete a tensão entre conservação e degradação ambiental. A destruição de áreas de mata atlântica por vizinhos e os impactos diretos na redução de nascentes e biodiversidade revelam os desafios enfrentados na região. A tentativa de recuperação das áreas degradadas, como o plantio de jasmim, demonstra esperança e resiliência, enquanto a denúncia de práticas predatórias expõe a necessidade de maior fiscalização e conscientização.

Na conversa com os políticos Edvânio Mendes (vereador) e Edilene Santos (ex-vereadora e atual secretária da Educação municipal), ambos atuantes no município de Presidente Tancredo Neves, foram discutidas as questões ambientais locais, com

---

<sup>7</sup> Remanescente de Mata Atlântica, um cassengue já antigo.

destaque para os desafios na articulação do plano diretor urbano. O crescimento desordenado da cidade tem gerado preocupações, especialmente no que se refere à ausência de uma infraestrutura de saneamento adequada e à degradação dos mananciais urbanos, comprometendo a qualidade da água e o equilíbrio ambiental.

Edvânio Mendes, autor do “Projeto Conservador das Águas” (Lei municipal de Produção de Água – Lei nº 001/2013), demonstrou amplo conhecimento sobre a degradação dos recursos hídricos locais. Em seu relato, resgatou memórias sobre as mudanças nos cursos d'água e a deterioração da qualidade ambiental ao longo dos anos. Mendes também destacou o impacto da agricultura na região, alertando que o desmatamento para plantio tem reduzido a cobertura vegetal, agravando a erosão do solo e prejudicando os mananciais. Para ele, a solução passa por incentivos públicos que estimulem práticas agrícolas sustentáveis e por uma fiscalização ambiental mais rigorosa. Foi com essa preocupação que propôs essa legislação, visando conciliar a atividade agrícola com a preservação dos recursos naturais essenciais para o município.

Além disso, Raimundo Costa (2023) ressaltou, por meio de diversos relatos, sua preocupação com as mudanças não apenas na paisagem, mas também na qualidade ambiental. Segundo ele, essas transformações afetam diretamente a vida de marisqueiras e pescadores, evidenciando a necessidade de políticas públicas eficazes para proteger os recursos naturais e promover o desenvolvimento sustentável na região.

Da nascente à foz, o pensamento conservacionista aparece nas atitudes, bem como na poética e artes de seus habitantes. Como, por exemplo, a poesia escrita e declamada por dona Maria (acessível por QR Code), que denuncia a degradação dos manguezais:

*Hoje é um dia feliz com as vizinhas vou pescar  
Chegando no mar nada encontro  
O peixe para me alimentar  
Saio do mar vou ao mangue  
E logo “vouto” a me decepcionar  
O sururu ostras carangueijo e siri  
Vejo que também não estavam lá  
Depois de muita alegria após vem grande tristeza  
Até na colônia fui reclamar  
Não encontrei resposta “concerteza”  
Secretaria do meio ambiente  
Falei o que estava acontecendo  
Logo escutei uma resposta  
Nosso manguezal está morrendo*



*Se isto mesmo acontecer  
Aos filhos o que vamos explicar o alimento quando ele pedir nada encontro para mariscar  
A natureza pede socorro  
Comunidade e poderes vamos trabalhar  
Temos que salvar o Rio Una com água limpa e ar puro  
Os peixes vão se multiplicar.  
(O lamento - Maria das Graças Silva Santos, 2023).*

A poesia de Maria das Graças Silva Santos traz uma dimensão emocional e crítica para a discussão ambiental. Seu lamento pelos manguezais mortos não é apenas um apelo pessoal, mas uma denúncia coletiva da degradação que compromete a sobrevivência de comunidades inteiras. Ao descrever a escassez de peixes e mariscos, ela conecta a devastação ambiental com o impacto direto na vida cotidiana, reforçando a urgência de medidas para salvar o Rio Una e seus ecossistemas associados.

O manguezal, enquanto berçário de várias espécies e como fonte de retirada de alimento para muitos, ainda hoje, no Brasil, é um ambiente que sofre diretamente com a retirada de vegetação, avanço de fazendas de carcinicultura, e degradação do rio como um todo, que modifica a qualidade da água e dos sedimentos que chegam até lá. Isso repercute na qualidade do marisco, nas doenças de pele que acometem as marisqueiras.

Nas citações, poesias, esculturas e imagens, aparecem pessoas sensíveis e cuidadosas com a natureza e pessoas que a enxergam para além de um recurso. De todo modo, nesses e muitos outros relatos que poderiam ser coletados, é possível verificar o chamado da Terra:

Da Terra parte um imperativo de cuidar dela, ou seja, de tratá-la bem. Em alemão, o cuidar (Schonem) possui um parentesco etimológico com o belo (Schöne). O belo nos obriga e até mesmo nos ordena a cuidar dele. Deve-se lidar com o *belo de modo cuidadoso*. É uma tarefa urgente, uma obrigação da humanidade *cuidar* da Terra, pois ela é bela, *magnífica* (Byung-Chul Han, 2023, p. 11).

O texto eleva o cuidado com a terra a uma obrigação ética e estética. A ideia de que o belo nos impõe a responsabilidade de preservá-lo sugere que o cuidado com o meio ambiente não é apenas uma questão de sobrevivência, mas também de reverência àquilo que nos é dado de forma grandiosa e magnífica.

Os relatos demonstram que, mesmo em meio a desafios como o desmatamento e a degradação e exploração de terras, há uma consciência sobre a necessidade de cuidar da natureza. Esse cuidado se manifesta tanto nas ações práticas quanto na poética e nas reflexões filosóficas, mostrando que a conexão com a terra é tão diversa

quanto vital. A narrativa dos entrevistados reforça o chamado urgente para que a humanidade se engaje em um esforço coletivo de preservação, reconhecendo a terra como fonte de vida, beleza e equilíbrio.

Acredito que seja por conta deste imperativo de cuidar que o homem cuide das plantas do seus jardins e canteiros, bem como do pé de pequi, peleguns, caiporas, acaris...

### 3.7 GLOSSÁRIO DA BACIA VIVIDA

Apesar de valorizarmos a multiplicidade de linguagens e códigos, sabemos da importância da palavra para pensar as coisas verdadeiramente, como tão bem sinalizou Berque (2023). Nesse sentido, a pesquisa apontou para a existência de um vocabulário geomorfológico popular e, devido à alta ocorrência desses termos, decidi catalogá-los em uma espécie de glossário das formas das superfícies da Bacia do Rio Una. Uma forma linguística encontrada pelo homem que vive nos muitos lugares da Bacia para explicá-las. Este vocabulário possui verbetes e neologismos que diferem dos manuais de geomorfologia, mas em muitos termos é impressionante a proximidade semântica e gráfica.

Como nos faz pensar Manoel de Barros (2022) em *Gramática expositiva do chão*, a natureza é uma força impossível de ser contida pela linguagem e, portanto, desafia o pensamento utilitário e a própria racionalidade, por esse motivo os homens e mulheres da Bacia utilizam, adaptam e criam seus próprios vocábulos para explicar o mundo circundante.

As pessoas da BHRU utilizam algumas dezenas de arcaísmos em seus dialetos geomorfológicos. “Uma sintaxe se esboça livremente e é inútil qualquer tentativa erudita para obstar que o povo vá moldando os rigores da língua às exigências ambientais” (Câmara Cascudo, 2009, p. 67). Influências indígenas e africanas? A ausência de plural na língua falada, mas uma precisão, rigor e criatividade na elaboração de toponímia e neologismos.

No vocabulário popular, o sentido das coisas está expresso nas palavras e nos mostra que é simples pensar e compreender o mundo ao nosso redor. Estas

terminologias nos ajudam a perceber que o homem compreende, classifica e nomeia os elementos das paisagens vividas informalmente, mas de forma muito sofisticada e precisa. Ele

[...] transgride o léxico, cria palavras, trata a língua como coisa dinâmica, 'em estado de ebulição', por que não transgredir a realidade geográfica? Assim como a língua não fica desfigurada por que o seria a coreografia? Contudo há aqueles que, obcecados pela objetividade e o real, insistem nesta pesquisa (Monteiro, 2020, p. 46).

As observações de Monteiro são sobre o escritor, mas aplico-as aqui aos conhecimentos vividos, pois, de modo semelhante, as pessoas inscrevem no dialeto popular a forma de explicar o mundo vivido.

Em resumo, as noções vividas da Bacia, neste trabalho, dividem-se em duas partes: as sensações provocadas no corpo ao transitar por esses modelados e a percepção e, sobretudo, a diferenciação das feições dos relevos e suas camadas. A análise dos relatos indicou que os sujeitos não apenas conseguem identificar, nomear e comparar as formas a partir da experiência vivida, mas também perceber que as formas desses relevos direcionam os fluxos, formando assim a ideia de bacia hidrográfica. Embora nem todos os entrevistados consigam, só de olhar, atestar as divisões de uma bacia, os relatos aqui descritos ajudam a comunicar essa noção de forma menos técnica e, portanto, mais acessível. Isso foi atestado por mim enquanto também escrevia e dialogava com os alunos e entrevistados.

Ao final do trabalho, depois de buscar essas palavras, percebi que a maioria delas se referem ao relevo, o que reforça a importância da morfologia para as definições de bacias hidrográficas, mesmo as vividas.

À medida que sistematizava o glossário popular, fazia trabalhos de campo nas escolas e, em minha prática docente, percebi que, ao utilizar as terminologias vividas e seus exemplos, somados com as imagens, gestos e deslocamentos, os alunos passaram a se interessar mais pelos conteúdos escolares, que geralmente são mnemônicos e repetitivos. Essa forma de explicar o mundo aproxima o pesquisador, professor e legislador das pessoas. Esse pode ser um caminho bastante profícuo para os comitês de bacias hidrográficas, bem como, já sinalizado, para um ensino contextualizado e atualizado. Se utilizados de forma estratégica, esses elementos podem ajudar a aproximar o entendimento das camadas mais populares da sociedade dos conhecimentos científicos.





#### **BAIXADA**

**COMPREENSÃO VÍVIDA:** "Uma área plana e baixa" (Jainan Santos, 2024).

**COMPREENSÃO CIENTÍFICA:** Área deprimida em relação aos terrenos contíguos. Geralmente se designa assim às zonas próximas ao mar, algumas vezes usa-se o termo como sinônimo de zona de planície. (Guerra, 1987, p. 49)

Fotografia: Jainan Damasceno (2024)



#### **BRAÇO**

**COMPREENSÃO VÍVIDA:** "Um corgo que se soma a um rio" ( Balbino Lino, 2023)

**COMPREENSÃO CIENTÍFICA:** Termo frequentemente usado como sinônimo de canal pequeno ou afluente. (Guerra, 1987)



#### **BURACO**

**COMPREENSÃO VÍVIDA:** "Um morro ou uma pedra em formato de cabeça" (Aurelino Matos, 2024)

**COMPREENSÃO CIENTÍFICA:** Cavidade rasa ou profunda, natural ou artificial, numa superfície. (Guerra, 1987)



#### **CABECEIRA**

**COMPREENSÃO VÍVIDA:** Relativo a Cabeça. O que está no alto. A fonte ou origem de um rio ou córrego, muitas vezes localizada nas partes mais altas dos modelados. "A cabeceira é o ponto final, o ponto mais alto. Cabeceira vem de cabeça, ponto mais alto. Tem que olhar o sentido da palavra..." ( Gildo, 2023)

**COMPREENSÃO CIENTÍFICA:** [...]área onde os olhos d'água que dão origem a um curso fluvial, é o oposto de foz. Não se deve pensar que a cabeceira seja um lugar bem definido. Por vezes ela constitui uma verdadeira área [...]. As cabeceiras são também denominadas de: nascente, fonte, minadouro, mina, lacrimal, pantanal, manancia, etc. (Guerra, p.64, 1987)



#### **CASSENGUE**

**COMPREENSÃO VÍVIDA:** "É uma vegetação que ela tá no meio termo, ela tá tipo. Era uma plantação de alguma coisa, uma pastagem e ela ta bem deteriorada, tá em ponto de virar floresta novamente" ( Everton Santos, 2023)

**COMPREENSÃO CIENTÍFICA:** O termo não foi encontrado nos dicionários consultados. No entanto, uma palavra próxima, "cassange", foi identificada, e pode remeter a diferentes três contextos: um estado pré-colonial, um bairro de Salvador ou um dialeto crioulo. No que se refere ao estado pré-colonial, que pode ser entendido como uma fase de transição, essa interpretação parece se aproximar do significado popular atribuído ao termo. Considerando que muitos africanos habitaram a região do Baixo Sul da Bahia durante o período escravocrata, é possível levantar a hipótese de que essa palavra tenha sido adaptada para outros contextos ao longo do tempo. Além disso, a variante "caçanje" é reconhecida como um dialeto crioulo do português falado em Angola. O termo também pode ser utilizado como adjetivo, inferior algo errado ou sem qualidade.



### **CORGO**

**COMPREENSÃO VIVIDA:** "Um rio pequeno, com pouca água" ( Balbino Lino, 2023) ou "Um buraco fundo."( Pedro José, 2023) . Exemplo: "Hoje o trabalho manual tá ficando caro, então o produtor tá sempre buscando trabalhar de forma mecanizada [...]ninguém quer trabalhar em **corgo**." (Everton Santos, 2023)

**COMPREENSÃO CIENTÍFICA:** O termo não foi encontrado nos dicionários consultados. No entanto, com base em seu uso popular e com significado atribuído no contexto vívido, a palavra é considerada sinônima de "córrego" e "buraco".



### **COVUADA**

**COMPREENSÃO VIVIDA:** "Uma cova entre dois morros, sem rio." (Dalvina Farias, 2024)

**COMPREENSÃO CIENTÍFICA:**O termo não foi encontrado nos dicionários consultados. No entanto, com base em seu uso popular, corresponde a um anfiteatro. O Anfiteatro é a formação de colinas de topo arredondado e encostas policonvexas de declividades em forma de **anfiteatro**. (Guerra, 1987, p. 64)

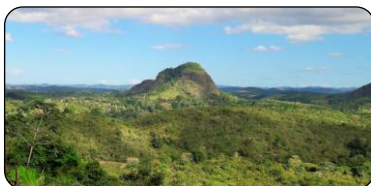
Fotografia: Dalviana Farias (2024).



### **CRATERA**

**COMPREENSÃO VIVIDA:**"um buraco grande"(Pedro José, 2023)

**COMPREENSÃO CIENTÍFICA:** Boca do vulcão ( Guerra, 1987, p. 110). Um **buraco profundo** em uma superfície, como em ruas ou terrenos, também usado figurativamente para descrever grandes falhas ou danos. ( CRATERA, 2025)



### **COCURUTO**

**COMPREENSÃO VIVIDA:** "Pedra ou morro com formato de cabeça" ( Aurelino Matos, 2025)

**COMPREENSÃO CIENTÍFICA:**Topo da cabeça; ponto mais alto da cabeça ao redor do qual estão os cabelos.Calombo; parte inchada e saliente que aparece na superfície do corpo.Vértice; a parte mais alta ou elevada de alguma coisa; o ápice de algo. (COCORUTO, 2025)



### **CUMMEEIRA**

**COMPREENSÃO VIVIDA:** "Uma cumeeira é a parte mais alta de um telhado. Quando água cai sobre a cumeeira ela caminha para dois lados. Aqui é a mesma coisa, a água que cai desse lado, só pode correr para este lado, a água que cai naquele lado, só pode correr para lá. E assim a água segue os desníveis do terreno e vai convergindo para um só lugar". ( Gildo Ramos, 2023)

**COMPREENSÃO CIENTÍFICA:** Sinônimo de divisor de água. Linha separadora das águas pluviais. (Guerra, 1987, p.139)



#### ESCONSO

**COMPREENSÃO VIVIDA:** Lugar escondido ou de difícil acesso. (João Victor, 2024)

**COMPREENSÃO CIENTÍFICA:** Inclinado, escorregadio.[Figurado] Que não é reto; parcial; dissimulado.Escondido, oculto, escuso; absconso .( ESCONSO, 2025)



#### GROTA

**COMPREENSÃO VIVIDA:** "A gruta é esse tipo de depressão do terreno. Ai você pode ver aqui, vem plano aqui, pra lá também, aqui atrás já sobe, e você está vendo que tem essa parte meio baixa, com inclinações dos lados. Porém, lá atrás tem outro morro e uma parte que dá desnível para a água correr. Numa chuveirada que cair, se houver uma erosão, normalmente a água vai correr ali. Não é dizer que tem riacho aqui, tu entendeu?! Essa aqui é uma gruta pequena, mas existem gruta muitas vezes maiores, 10x maiores, não chega a ser um vale, né? A gruta é um vale pequeníssimo." ( Gildo, 2023)

**COMPREENSÃO CIENTÍFICA:** Uma pequena depressão ou vale estreito, geralmente formado pelo desgaste da água corrente ou um anfiteatro.Anfiteatro- Uma estrutura arquitetônica ou geológica semelhante a um teatro em formato de arena, com assentos dispostos em semicírculo ao redor de uma área central. (Guerra, 1987, p. 139)



#### GRUTA OU CAVERNA

**COMPREENSÃO VIVIDA:** "Aí tem um gruta, que você anda, anda... um tanto bom por debaixo e a água passando por cima. Uma gruta muito alto, bonita... mesma coisa daquela gruta da Lapa.Quem já foi lá pra Lapa e já viu, é a mesma coisa." ( Pedro José, 2023)

**COMPREENSÃO CIENTÍFICA:** Cavidade de formas variadas que aparecem mais frequentemente nas rochas calcárias ou em arenitos de cimento calcário. Estes buracos são realizados pela dissolução do carbonato de cálcio produzida pelo ácido carbônico, pela erosão mecânica e também pela pressão hidrostática. (Guerra, 1987, p. 224)

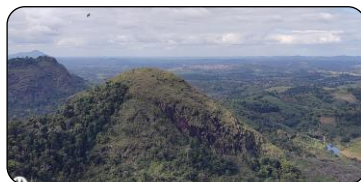
Fotografia: Pedro José, 2023.



#### LADEIRA

**COMPREENSÃO VIVIDA:** Uma estrada alta, inclinada.( Dalvina Farias, 2024)

**COMPREENSÃO CIENTÍFICA:** Termo descritivo usado, com pouca frequência, em geomorfologia para designar terreno inclinado de uma encosta, ou melhor, de uma elevação do relevo. (Guerra, 1987, p. 249)



#### LOMBADA DA SERRA

**COMPREENSÃO VIVIDA:** O rio de Elói também, estão tudo perto da comunidade, esses jogam pro lado de lá por conta da divisão da serra, e esses de cá, jogam pra dentro do rio[...]. A serra divide, **o lombo da serra por cima divide os rios**, entendeu? Aí joga uma parte da água pra dentro do Rio do Braço e da parte de cá pra represa da embasa. (Felinto, 2023)

**COMPREENSÃO CIENTÍFICA:** Sinônimo de divisor de água. Linha separadora das águas pluviais. (Guerra, 1987, p.139)



#### **NASCENÇAS**

**COMPREENSÃO VIVIDA:** "Nós mora nas cabeceiras, quase tudo junto das nascentes. Aonde tu cavar tem água.( Balbino Lino, 2023)

**COMPREENSÃO CIENTÍFICA:** O mesmo que cabeceira de um rio. Geralmente não é um ponto, mas uma zona considerável da superfície. ( Guerra, 1987, p.301).



#### **MORRO**

**COMPREENSÃO VIVIDA:** "Esses cocurutos que você tá vendo aí."( Balbino Lino, 2023)

**COMPREENSÃO CIENTÍFICA:** Monte pouco elevado, cuja altitude é aproximadamente de 100 a 200 metros. Termo descritivo para o geomorfólogo, e muito usado pelos topógrafos. (Guerra, 1987, p. 299)



#### **PÉ DE MATA, PÉ DE MORRO**

**COMPREENSÃO VIVIDA:**

**COMPREENSÃO CIENTÍFICA:** Sinônimo de FALDA ou SOPÊ - denominação usada nas descrições das paisagens acidentadas referindo-se, apenas, à parte da base das montanhas ou das colinas, ou mesmo das serras, distinta, no entanto, de aba (vide). São termos puramente descritivos e correspondem ao que chamamos, às vezes, de talude, ex.: falda da montanha, sopé da ser-ra, etc. O termo sopé é também usado para designar a parte baixa de um abrupto, ex.: sopé da falésia. ( Guerra, 1987, p. 178)



#### **PEDRA**

**COMPREENSÃO VIVIDA:** "Material usado para construção, calçamento." ( Alvino Santos, 2024)

**COMPREENSÃO CIENTÍFICA:** Denominação genérica usada para qualquer pedaço de rocha. (Guerra, 1987, p.316, )



#### **PERNA**

**COMPREENSÃO VIVIDA:** "Uma parte de um rio". ( Aurelino Matos, 2024)

**COMPREENSÃO CIENTÍFICA:** Parte dos membros inferiores (no corpo humano) compreendida entre o joelho e o pé. Haste de uma coisa bifurcada: as pernas do compasso.( Perna, 2025)



#### **PIRAMBEIRA**

**COMPREENSÃO VIVIDA:** Declive muito acentuado, quase vertical. ( João Victor Santos, 2024)

**COMPREENSÃO CIENTÍFICA:** Perambeira-Abismo, precipício, despenhadeiro, Var. de pirambeira. ( Pirambeira, 2025)

Fotografia: Natielly Almeida (2024)





#### **RIBANCEIRA**

**COMPREENSÃO VIVIDA:** Uma encosta. Um Lugar acidentado. ( João Victor Santos, 2024.)

**COMPREENSÃO CIENTÍFICA:** Grande rocha saliente que fica à beira dos rios; barranco. Grande precipício vertical; despenhadeiro: ônibus caiu de uma ribanceira de 20 metros de altura depois de bater num caminhão. Margem mais elevada de um rio; riba. Rampa muito inclinada. ( Ribanceira, 1975).



#### **SERENINHO**

**COMPREENSÃO VIVIDA:** Não tem um dia que fique sem chover, ou um sereninho ou qualquer coisa, mas chove.( Balbino Lino, 2023.)

**COMPREENSÃO CIENTÍFICA:** Sinonimo de orvalho. O orvalho é um fenômeno físico que ocorre quando o vapor de água do ar se condensa em gotas. É mais comum no inverno, quando as noites são mais longas e as temperaturas caem mais.( ORVALHO, 2025)



#### **TABULEIRO**

**COMPREENSÃO VIVIDA:** Terreno plano e alto. "[...]a área acidentada o pessoal tá deixando e tá trabalhando só no plano, que geralmente é no alto, **tabuleiro** e tal...( Everton Santos, 2023).

**COMPREENSÃO CIENTÍFICA:** forma topográfica de terreno que se assemelha a planaltos, terminando geralmente de forma abrupta. No Nordeste brasileiro os tabuleiros aparecem de modo geral em toda a costa . Paisagem de topografia plana, sedimentar e de baixa altitude também aparece na zona costeira da Bahia e do Espírito Santo. (Guerra, 1987, p. 404)

Fotografia: Rafael Sacramento (2024)



#### **TEMPO**

**COMPREENSÃO VIVIDA:** Tempo é o vento. ( Dona Adoiá, 2023)

**COMPREENSÃO CIENTÍFICA:** Se aproxima da ideia de Tempo atmosférico. O estado momentâneo da atmosfera em um determinado local, ou seja, as condições meteorológicas que prevalecem naquele momento.( TEMPO ATMOSFÉRICO, 2025)



#### **TOBORONGO**

**COMPREENSÃO VIVIDA:** Lugar com grande deformidade, uma espécie de barranco alongado com grande altitude. (Eliete Santos, 2024.)

**COMPREENSÃO CIENTÍFICA:** escavamento feito pelos agentes naturais, como o das águas ou provocado pelo homem, num trecho de uma encosta, próximo da base. O termo barranco é

um tanto vago, e usado mais na linguagem popular, ou de engenheiros construtores de estradas ou de edifícios do que propriamente pelo geomorfólogo ou geólogo. ( Guerra, 1987, p. 52)





### TROMBA D'ÁGUA

**COMPREENSÃO VÍVIDA:** É quando um rio enche rápido e sai carregando tudo pelo caminho. ( Katiane Santos, 2024)

**COMPREENSÃO CIENTÍFICA:** Tromba d'água ou cabeça d'água. Termos populares, mas não o mais correto, utilizado para descrever o aumento rápido e repentino do nível de um rio, quando chove nas cabeceiras (nascentes) ou em trechos mais altos de seu percurso.( TROMBA D'AGUA, 2025)

Fotografia: Google , 2025.



### TOVOADA

**COMPREENSÃO VÍVIDA:** Uma tempestade com raios que ocorre no verão( Dilma Matos, 2023).

**COMPREENSÃO CIENTÍFICA:** Trovoada ou tempestade elétrica é a situação meteorológica caracterizada pela presença de raios e seu efeito acústico na atmosfera terrestre conhecida por trovão. (TROVOADA, 2025)

Fotografia: Google,2025.



### VAGE

**COMPREENSÃO VÍVIDA:** Área plana, entre lugares mais altos, coberta de vegetação aquática. Exemplo:"Eu não desci em momento nenhum pro rio, pq eu imaginei que eu não ia conseguir passar, digo, eu vou descer e não vou conseguir passar, porque tá chovendo, porquê da vegetação, então provavelmente ali ou vai ser um rio ou vai ser uma **vage** e vou ter que voltar" ( Everton Santos, 2023).

**COMPREENSÃO CIENTÍFICA:** Sinônimo de Vargem- Grande extensão de terra plana; planície, várzea.Área plana sem desníveis, usada para cultivo; veiga.Vale localizado na margem de rios. ( Vage, 2025)



### VALETA

**COMPREENSÃO VÍVIDA:** "E quando chove bastante, a estrada fica lisa. Os rios entram pelas valetas, e as estradas começam a ficar cheias de buracos."( Katielle Santos, 2024)

**COMPREENSÃO CIENTÍFICA:**Os termos 'sulcos' e 'regos' são frequentemente usados como sinônimos de 'valeta', embora este último apareça de forma recorrente nos dicionários sem uma definição precisa. Em contraste, a palavra 'ravina' possui uma definição clara, referindo-se a um sulco ou depressão acentuada no terreno, resultante do processo erosivo provocado pelas águas de escoamento, conhecido como ravinamento. (Guerra, 1987, p. 349)

Fotografia: Laiana de Jesus, 2024.



### VARIANTE:

**COMPREENSÃO VÍVIDA:** "Estrada de chão." ( Alvino Santos, 2024).

**COMPREENSÃO CIENTÍFICA:** Caminho alternativo que pode ser usado no lugar do principal, falando especialmente de vias e estradas. (Variante, 1975)

### 3.8 AS CRIANÇAS E OS RIOS

*O mundo meu é pequeno, Senhor.  
Tem um rio e um pouco de árvores.  
Nossa casa foi feita de costas para o rio.  
Formigas recortam roseiras da avó.  
Nos fundos do quintal há um menino e suas latas  
maravilhosas.  
Seu olho exagera o azul.  
Todas as coisas deste lugar já estão comprometidas  
com aves.  
Aqui, se o horizonte enrubesce um pouco, os  
besouros pensam que estão no incêndio.  
Quando o rio está começando um peixe,  
Ele me coisa  
Ele me rã  
Ele me árvore.  
De tarde um velho tocará sua flauta para inverter os  
ocazos.*

*(Manoel de Barros, 2018, p. 86)*

Tudo começava com uma pequena caixinha de som. De dentro dela, ecoavam barulhos d'água: pingos de chuva, o correr dos rios, o estrondo das tempestades e o vai e vem das ondas do mar. Eu convidava as crianças a ouvirem com atenção e tentarem adivinhar sobre o que iríamos conversar. Como eu já imaginava, uma enxurrada de palavras ligadas à água invadiu as salas, cada uma trazendo lembranças de tempos e lugares diferentes.

Essa atividade foi realizada em duas escolas: uma localizada na cidade de Presidente Tancredo Neves e a outra, numa escola do campo do município de Valença. Na primeira, a turma do 5º ano do Centro Educacional Mundo Infantil (CEMI) contou com a parceria da professora Denise Argolo. Na segunda, com os alunos do 3º ano da Escola Manoel José Farias Campos, do subsistema do Entroncamento de Valença (SEEVA), tive o apoio da professora Telma Argolo (Figuras 72 e 73). As duas professoras foram fundamentais para o andamento desta pesquisa.

Figura 72- Alunos e professora do SEEVA, Valença.



Fonte: Trabalho de campo, 2023.Figura

Figura 73- Alunos e professora do CEMI



Fonte: Trabalho de campo (2023).

Por se tratar de crianças com idades entre 8 e 13 anos, considerei que iniciar a conversa a partir da água – especialmente dos rios – seria a abordagem mais fértil para acessar suas experiências com o meio hídrico. A intenção era compreender como percebiam os caminhos da água, suas conexões, e, assim, aproximá-las gradualmente da noção de bacia hidrográfica.

Essa parte da pesquisa é apresentada separadamente, não apenas pelas especificidades dos sujeitos participantes, mas porque suas vivências exigiram uma escuta atenta, sensível e diferenciada. Por isso, optei por reservar esses relatos para o final, onde a voz das crianças pode emergir com mais liberdade e destaque.

Retomando a experiência sonora: em ambas as salas, juntos, chegamos à conclusão de que falaríamos sobre a água. Para explorar as percepções sobre os rios e a bacia hidrográfica, fiz uma primeira pergunta: “O que é um rio?”

Uma menina respondeu com a convicção de uma cientista, de forma objetiva e certa. Levantou a mão e gritou: “Essa é fácil! É um buraco cheio de água no meio!” O tom da sua resposta comunicava que aquilo era óbvio, quase natural. O pensamento infantil, nesse sentido, é sempre um retorno às próprias coisas. É como se as crianças fossem capazes de realizar, o tempo todo, uma espécie de redução fenomenológica (Husserl, 2000). Com esse olhar, desvendam o mundo, desconstroem-no e o reconstroem – sobretudo por meio da fantasia e da imaginação. Haja vista que:

Espaço é também estruturado pela projeção da imaginação. O espaço psíquico interior tem uma forma topográfica, como Gaston Bachelard (1969) habilmente demonstrou. Nossa imaginação conhece lugares seguros- como espaços, espaços miniatura, espaços de imensidade íntima que são transmitidos dentro de formas físicas; o sótão torna-se um cenário para devaneios, recordações e armazenamento de memórias, enquanto o porão é parte das raízes de uma casa- escuro e cheio de forças subterrâneas. A imaginação pode até transcender o espaço físico. O escultor renascentista Benevenuto Cellini, abatido, com uma perna quebrada, num úmido e escuro calabouço, era capaz de escapar em espírito de seu confinamento através da leitura devotada de sua bíblia (Cellini, 1927, 251-265). Similarmente, embora mais mundanamente, muitas vezes devaneamos e trilhamos além dos limites de uma escrivaninha ou biblioteca. Sartre observou que muito da nossa consciência é indeterminado e nebuloso, e certamente temos pouca compreensão do espaço em si mesmo. Nós o conhecemos em relação a seu contexto- as montanhas, árvores ou construções que o limitam (Relph, 1979, p. 9).

Além da imaginação – elemento essencial para compreender e acompanhar as descrições e representações infantis –, o mundo das crianças, assim como o do poeta Manoel de Barros, é geralmente pequeno, íntimo, reduzido ao que está ao alcance do

olhar e do toque. Yi-Fu Tuan (2013) acrescentaria a esse olhar o adjetivo “confuso”, por não ser sustentado pelas estruturas da experiência consolidada nem do conhecimento conceitual.

Durante as conversas, ficou evidente que a concepção de rio está diretamente relacionada a características como volume, continuidade e extensão. No entanto, essas medidas são sempre subjetivas, ancoradas em referências pessoais. Como expressaram as crianças do 5º ano do CEMI: “Um riacho é pequeno, e o rio é grande”. Essa classificação reflete a relação que estabelecem com os lugares que habitam.

De modo similar, as crianças do 3º ano da SEEVA, ao observarem a paisagem a partir da varanda da escola, identificam como riacho o curso d’água que serpenteia o morro onde a instituição está localizada. Já o Rio do Braço, com seu maior volume de água, é reconhecido como rio – ele atravessa a ponte e segue em direção à cidade de Valença.

Quando buscamos estabelecer hierarquias, percebemos que, para o mundo infantil – tal como no mundo adulto –, características como volume, continuidade e extensão são observadas. No entanto, essas medidas são sempre subjetivas, baseadas em experiências corporais e memórias afetivas.

Segui a conversa perguntando: “Quem aqui conhece algum rio?”. Houve um alvoroço de respostas – nomes e experiências com rios locais e, em alguns casos, distantes. Diante dos relatos, pedi que desenhassem os rios que conheciam, para que eu também pudesse vê-los a partir dos seus olhares.

É a partir dessas representações visuais, somadas aos relatos orais e às minhas próprias observações da experiência, que tento compreender como se estruturam essas vivências com a água, para essas crianças, nesses lugares da Bacia do Rio Una.

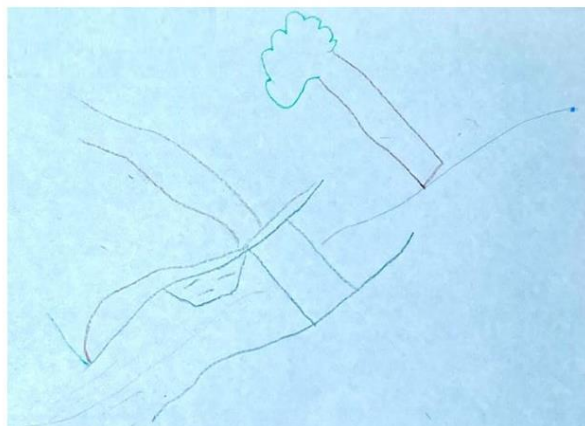
Alexandre de Jesus, aluno do 5º ano do CEMI (2023), ao falar sobre os rios conhecidos por ele, relatava com encantamento, enquanto gesticulava e desenhava:



#### Figura 74- Citação-foto: O rio que conheço

O rio que eu conheço é um Rio que eu já vi, que fica perto da casa da minha avó. É um Rio bem pequeno, e tem tipo uma ponte em cima dele. É um rio bem fino, bem fininho. Água dele é bem Cristalina. Dá para ver tudo no fundo. Só que não tem nenhum peixe, nenhum peixe. Eu pensei que era para ter algum peixe, mas eu nunca vi. [...] Aí em cima tem uma ponte com uma madeira, assim... ela tem bastante liminho, umas coisas em cima dela. Aí dentro desse Rio tem tipo umas pedras nele, eu acho que é desse tamanho aqui, mais ou menos, então as pedras estão em cima e também tem umas pedras embaixo, só que embaixo ele é mais areia. Bastante areia, é arejada, bastante areia. De vez em quando eu vejo tipo uns peixinhos bem pequenininho, desse tamanho, tipo uma piabinha. É bem pequenininho.

**Alexandre Riquelme Oliveira de Jesus, 5º ano, Centro Educacional Mundo Infantil, Pres. Tancredo Neves.**



Fonte: A autora (2023).

As contradições entre a ausência e a presença dos peixes podem ser facilmente percebidas pelos adultos: a imprecisão dos fatos, os intervalos de memória e a oscilação entre o real e o imaginado. No entanto, é justamente no encantamento infantil que encontramos uma acurácia singular – uma capacidade de descrever a granulometria das rochas, a largura dos rios, suas transparências e movimentos, com uma riqueza que geralmente não aparece nas descrições dos adultos. Apesar das águas diminutas, aquele córrego fazia parte do imaginário afetivo de Alexandre. Ele não apenas conhecia o curso d'água; ele sentia aquele lugar.

A representação de Alexandre sobre o rio é incompleta do ponto de vista técnico. O rio não possui nome, nem coordenadas geográficas precisas, mas a experiência vivida e a admiração pela beleza estão presentes com força. Ele relata: “O rio vem de algum lugar após a cerca. Nunca fui lá, tem uma floresta ali. O rio aparece na plantação e some após a outra cerca”.

Há poucas referências espaciais, e o local da casa da avó é também impreciso. Ainda assim, há uma forte dimensão simbólica, marcada pelo encantamento e pela ligação com a natureza.

Essa mesma percepção incompleta – ou melhor, não-cartográfica – dos rios, espaços e lugares, também aparece nas representações das crianças das duas escolas, tanto na cidade quanto no campo (Figuras 75 e 76). As turmas do 5º ano do CEMI e do 3º ano da SEEVA revelam, por meio de seus desenhos e falas, o mundo que conhecem: fragmentado, afetivo e sensorial.

Figura 75- Os rios que conhecemos- alunos do SEEVA



Da esquerda para direita, desenhos dos alunos: Ruan, Micael e Jade. Fonte: Trabalho de campo (2023).

Figura 76- Os rios que conhecemos- alunos do CEMI



Da esquerda para direita, desenhos dos alunos: Gustavo, Israely e Hiago. Fonte: Trabalho de campo (2023).

Os desenhos atestam o mundo infantil como um território íntimo, muitas vezes restrito. Isso acontece, sobretudo, porque a própria existência das crianças no mundo contemporâneo é limitada a poucos espaços e sempre supervisionada.

Limitada no sentido literal do termo, pois o espaço vivenciado efetivamente pela criança se limita ao espaço existencial mais íntimo daqueles que cuidam de seu bem-estar e de seu aprendizado. Evidentemente, este horizonte limitado, sob o ponto de vista do adulto, envolve um espaço de descobertas no qual a criança valoriza os menores objetos, seja uma formiga que atravessa o seu caminho, todas as suas experiências referem-se à casa ou ao quintal que a rodeia (Holzer; Holzer, 2013, p.100-101.)

Como apontam Holzer e Holzer (2013), o universo infantil é tecido a partir do olhar para o detalhe, para o que pulsa ao redor. Por esse motivo, os rios aparecem sem suas conexões e continuidades. O que existe é aquilo que conheço.

Retornando à experiência do aluno Alexandre, com seu rio "cortado" pelas cercas, ao ser questionado sobre bacias hidrográficas, respondeu prontamente que sim – conhecia as maiores do mundo: a Amazônica e a do Nilo, além dos principais rios que deságuam no mar. No entanto, ao ser perguntado se achava que ele próprio vivia em uma bacia, respondeu que não.

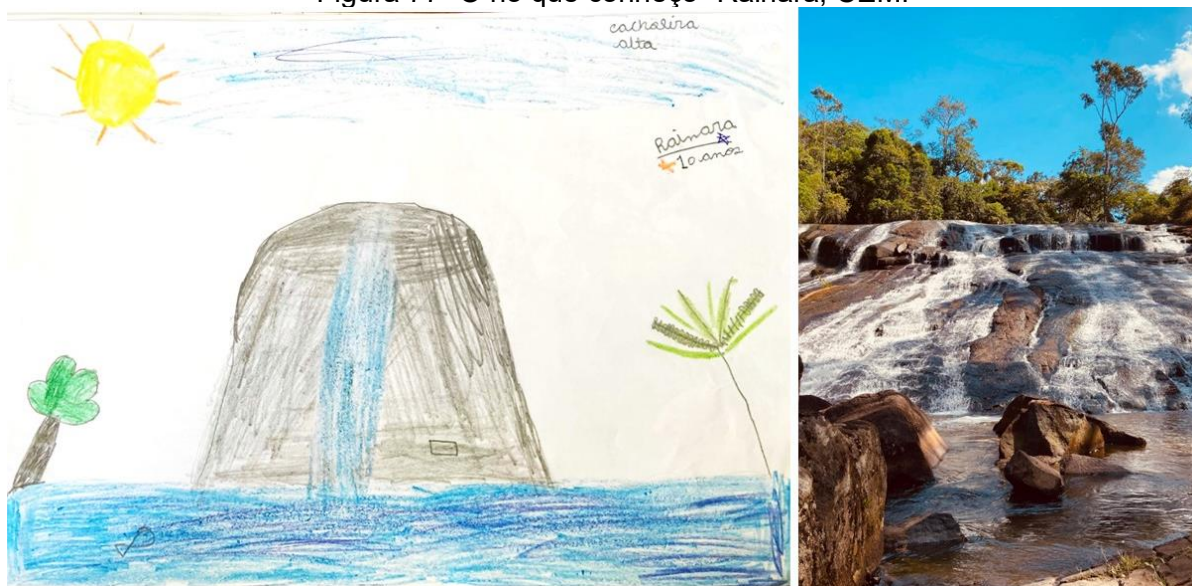
Foi nesse momento que mostrei a ele o mapa da Bacia do Rio Una e o desafiei a descobrir o endereço da casa da avó, bem como o curso do seu rio. Queria que ele pudesse compreender que sua experiência, seus lugares vividos, também fazem parte da geografia do mundo.

Essa vivência me levou a refletir que a escolarização oferece repertório para conhecer o mundo, mesmo que de forma superficial – lugares distantes, conceitos abstratos –, mas muitas vezes não permite ler o próprio lugar, nem compreendê-lo dentro desse mundo maior (Callai, 2005). Aqui voltamos à pedagogia freiriana: devemos partir do concreto, do que é vivido e conhecido, para alcançar o abstrato e o distante. Partir da água, dos riachos, das águas vistas da varanda da escola, para chegar às bacias hidrográficas locais – e, então, ao mundo.

Nos desenhos dos outros alunos, os rios conhecidos foram representados com surpreendente fidelidade. Isso demonstra o poder de observação dessas crianças, que, apenas recorrendo à memória, foram capazes de ilustrar com precisão elementos geográficos marcantes.

Alguns exemplos: a Roda d'Água e a Cachoeira Alta são rios localizados na região rural do município de Presidente Tancredo Neves (Figuras 77 e 78). As crianças relataram que visitaram esses lugares poucas vezes. Mesmo assim, impressiona a riqueza visual das representações – curvas, quedas d'água, afloramentos rochosos, vegetação ao redor, e até estruturas como pontes ou pequenas construções.

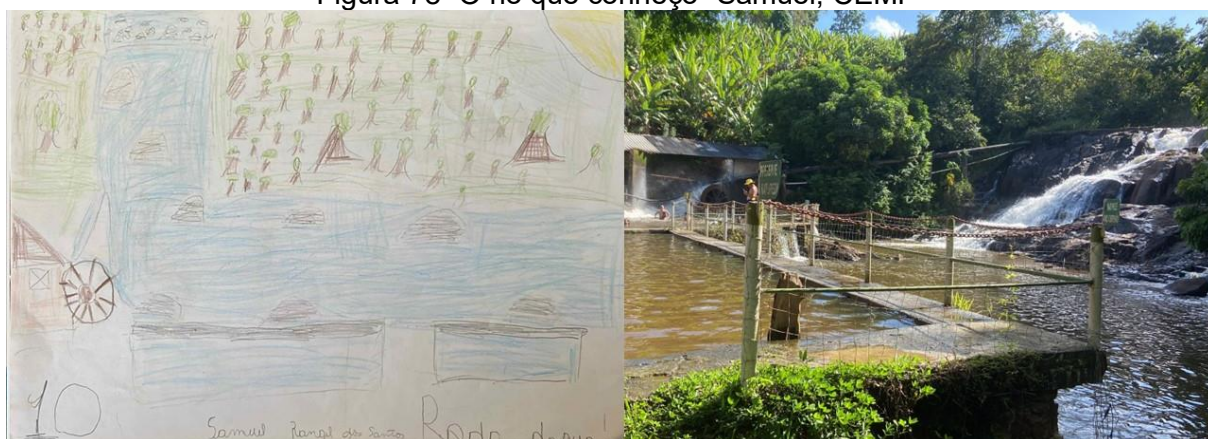
Figura 77- O rio que conheço- Rainara, CEMI



Fonte: Trabalho de campo (2023). Fotografia: A autora (2025).



Figura 78- O rio que conheço- Samuel, CEMI



Fonte: Trabalho de campo (2023). Fotografia: A autora (2025).

Apesar da riqueza de detalhes, esses rios aparecem como pontos isolados, sem conexão com outros elementos. Não há indicação do que vem antes ou depois deles, embora essa questão tenha sido observada e solicitada nos desenhos.

Chamou-me a atenção uma aluna que mora às margens do Rio do Braço, no povoado do Entroncamento de Valença, e que não traçou o rio em seu desenho. Ao apresentá-lo para mim e para sua professora, Telma Argolo, ela desenhava com riqueza de detalhes sua casa, a rua, objetos e contava diversas histórias do cotidiano, mas o rio, ainda que volumoso e presente, não aparecia. Mesmo ao ser questionada diretamente sobre o rio, ela evitava incluí-lo, retornando sempre aos outros elementos do desenho. Somente após muita insistência, o rio foi finalmente representado – quase fugindo da página, desenhado com águas de tonalidade amarronzada(Figura 79).

Figura 79- O rio que conheço- Julia, SEEVA



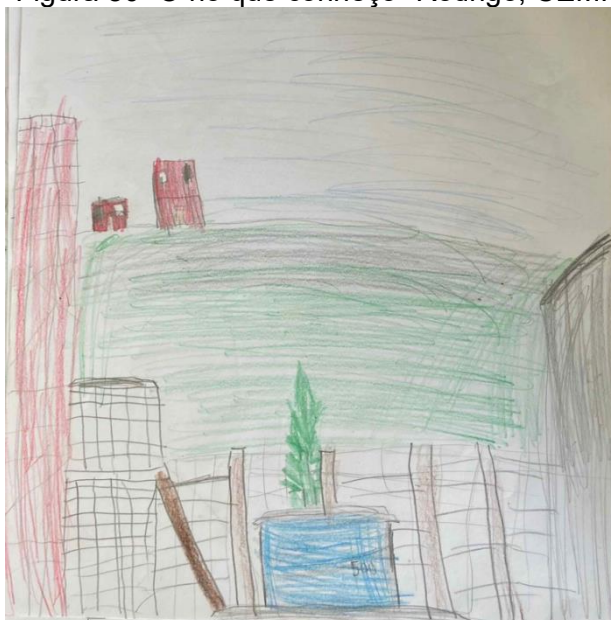
Fonte: Trabalho de campo (2023).

O fato de a aluna retratar o rio com águas marrons, por um lado, demonstra uma observação objetiva da realidade: o Rio do Braço, naquele momento, realmente apresentava essa coloração. No entanto, ao comparar com os desenhos e relatos de outros alunos, percebi que as águas amarronzadas apareciam com mais frequência nos desenhos de crianças que mantinham uma relação mais distante – e, em certos casos, até topofóbica – com o rio. Era o caso dessa menina.

Apesar de o rio passar literalmente no quintal de sua casa, sua relação com ele era marcada por medo e incômodo. O trecho em que vive é frequentemente atingido pelas cheias, que invadem casas e causam transtornos. Além disso, os mosquitos e a poluição lançada nesse trecho do rio tornam-no, aos olhos da comunidade, um espaço impróprio para uso.

Outra experiência que me chamou a atenção foi a de um aluno que, ao ser solicitado a desenhar um rio, respondeu que não conhecia nenhum. Em vez disso, desenhou uma caixa d'água (Figura 80), como forma de representar sua experiência com a água. Esse gesto simples e simbólico revelou o quanto o acesso à natureza tem se tornado restrito para muitas crianças.

Figura 80- O rio que conheço- Rodrigo, CEMI



Fonte: Trabalho de campo (2023).

Essa situação, curiosamente, evidencia o distanciamento crescente entre as crianças e o ambiente natural, resultado direto da forma como estruturamos nossas

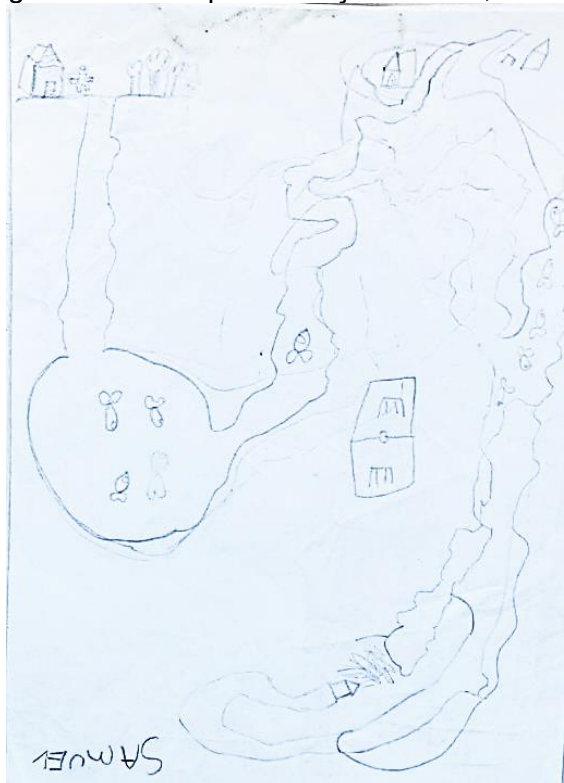


idades e nossas vidas. A ausência de áreas verdes, de parques acessíveis e de espaços seguros para brincar ao ar livre limita drasticamente a vivência com a natureza. Essa carência de contato prejudica não apenas a compreensão dos fenômenos naturais, mas também enfraquece o vínculo afetivo necessário para o cuidado com o mundo – aquele cuidado que nasce da convivência, da observação, do encantamento.

Mas nem todas as experiências são restritas. Algumas poucas crianças possuem mais liberdade para explorar espaços mais amplos ou são estimuladas por pais e responsáveis a viajar, caminhar, descobrir. Com isso, acabam completando um cenário mais amplo e complexo de seus lugares. Ainda que a experiência infantil do mundo, em geral, seja limitada, essas exceções revelam formas de vivência mais autônomas e, por vezes, mais próximas do concreto.

O aluno Samuel, estudante do 5º ano do SEEVA, desenhou sua casa e o rio que passa ao lado dela (Figura 81). O resultado foi um espaço desprojetado, no sentido espacial clássico: o que está "em cima" e "embaixo", "ao lado" e "em frente" não ficam totalmente claros. A imagem remete à gravura *Relativity*, de Escher, que brinca com nossa percepção ao sugerir múltiplas orientações possíveis do olhar.

Figura 81- O rio que conheço- Samuel, SEEVA



Fonte: Trabalho de campo (2023).

A casa em que Samuel mora foi posicionada no topo da folha, enquanto o rio passa ao lado, mas para representar todo o seu percurso, a cena acaba sendo "virada", como se o espaço se redesenhasse conforme a necessidade de representar o vivido. Sua assinatura aparece de cabeça para baixo em relação à casa – o que demonstra a maneira fluida com que as crianças constroem suas representações espaciais.

Esse tipo de construção é bastante comum e nos lembra que elas estão ainda no processo de formulação concreta do espaço, experimentando com escalas, sentidos e orientações (Almeida, 2007).

Além disso, no desenho de Samuel, percebe-se um curso de rio mais extenso e uma familiaridade maior com esse corpo d'água. Isso pode estar diretamente ligado ao fato de que o aluno mora na região rural de Valença, próximo ao Rio do Braço. Sabemos que viver no campo, com menos barreiras e maior contato com o ambiente natural permite às crianças um mundo vivido mais amplo: os "cortes" espaciais são menos frequentes, as cercas são simbólicas e o olhar alcança mais longe.

Essa mesma ampliação do olhar aparece no desenho de Uemerson, colega de classe de Samuel, também aluno do 5º ano do SEEVA (Figura 82).

Figura 82- O rio que conheço- Uemerson, SEEVA



Fonte: Trabalho de campo (2023).

Seu desenho é marcado por um rio que ocupa quase toda a folha, com curvas largas e fluxo contínuo. O rio não é cortado por margens ou construções. Ainda que ele não conheça sua origem, ele me explicou: “A folha não coube o rio, mas ele continua descendo”. Esse comentário revela não apenas um domínio espacial, mas também uma consciência da continuidade – daquilo que vai além da página, daquilo que não cabe, mas existe.

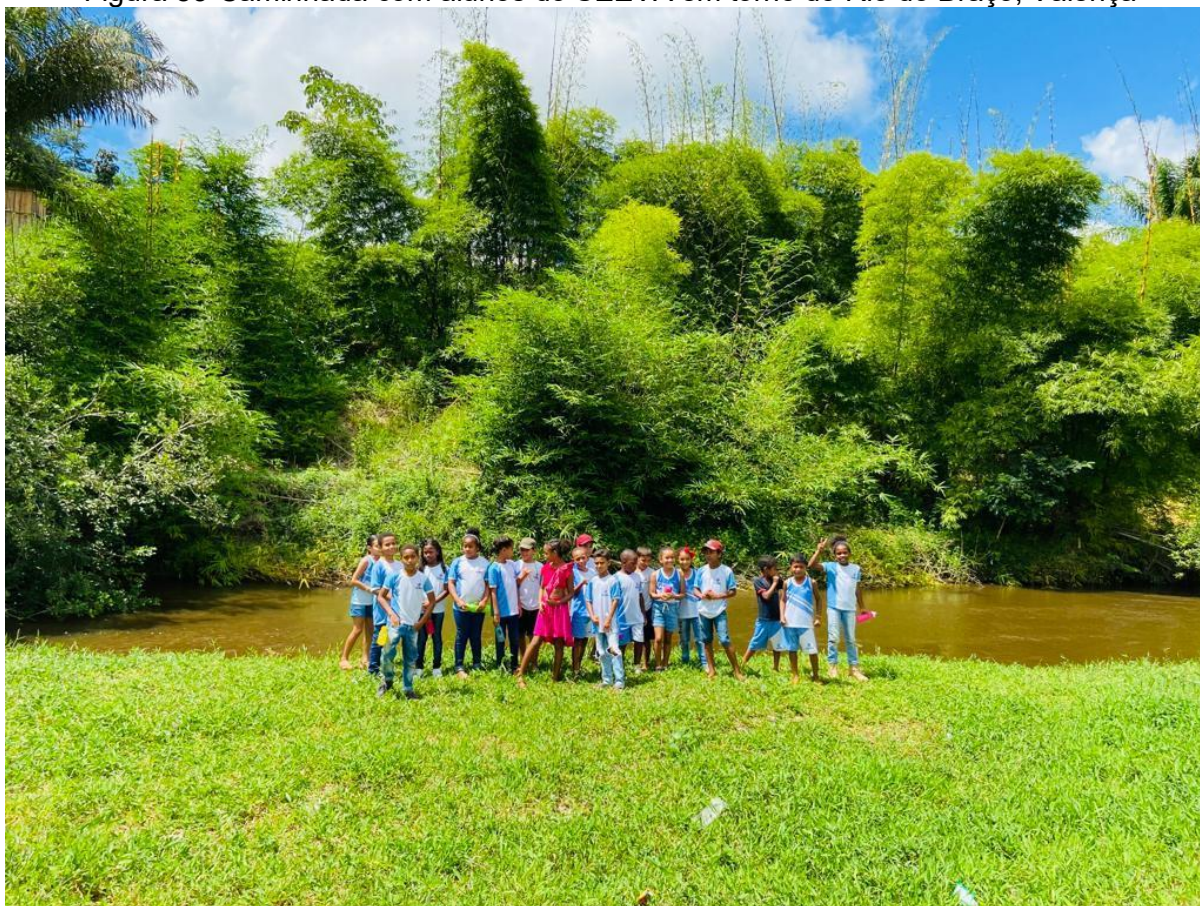
Mais do que o desenho, a experiência de vida de Uemerson com o rio é rica e cheia de significados. Ele compartilhou, junto a seus colegas, uma situação que o ajudou a compreender melhor o Rio do Braço: Uemerson e seus colegas estavam jogando bola às margens do rio. A bola caiu na água e foi levada pela correnteza. Seu pai pegou a moto foi em busca dela, margeando o rio. Ao mesmo tempo, Davi, seu colega que mora à jusante, já estava no rio brincando, como de costume. A bola chegou até a cachoeira dele. Davi pegou a bola, reconheceu que era de Uemerson, e logo depois o pai dele chegou, recuperando o brinquedo.

Uma brincadeira semelhante aconteceu de forma espontânea durante a caminhada realizada com os alunos do SEEVA. Após o encerramento do grupo focal, propus uma pequena atividade de campo para que os estudantes me mostrassem o encontro do riacho – que abraçava o morro onde a escola está situada – com o Rio do Braço, também visível da janela da sala de aula.

Ao atravessarmos a ponte por onde passa o Rio do Braço, que dá acesso ao povoado do Entroncamento de Valença, os alunos, com entusiasmo, começaram a arrancar pequenos galhos e folhas. Lançavam-nos de um lado da ponte e corriam para o outro, rindo e observando qual deles surgiria primeiro na correnteza. Como se, naquele gesto leve, experimentassem o tempo do rio e sua continuidade. A caminhada foi encerrada em um campo às margens do Rio do Braço (Figura 83).

A brincadeira espontânea realizada pelos alunos durante a travessia da ponte revelou, de maneira sensível e concreta, a presença de importantes elementos geográficos, especialmente relacionados à dinâmica da rede de drenagem. Ao lançarem folhas e galhos de um lado da ponte e correrem para o outro a fim de observar qual elemento surgiria primeiro, os estudantes experienciaram, na prática, o **sentido do escoamento fluvial** – do montante para a jusante.

Figura 83-Caminhada com alunos do SEEVA em torno do Rio do Braço, Valença



Fonte: Trabalho de campo (2023).

Essa vivência lúdica proporcionou a percepção direta do movimento das águas, permitindo compreender que os rios seguem um curso orientado, moldado pelo relevo e pelas características do terreno.

Além da percepção do sentido da drenagem, a atividade ativou noções de localização e orientação espacial, já que os alunos precisaram reconhecer os dois lados da ponte e compreender a direção do fluxo para prever onde seus objetos emergiriam. Esse deslocamento corporal no território, associado à observação do curso d'água, contribuiu para a construção de uma imagem mental da paisagem fluvial, fortalecendo vínculos afetivos e cognitivos com o espaço vivido.

A observação do encontro do riacho – que “abraça” o morro onde a escola está situada – com o Rio do Braço também permitiu a identificação de diferentes formas do relevo e sua influência sobre a rede hidrográfica local. Esse momento evidencia como a relação sensível entre corpo, movimento e paisagem é fundamental na formação do pensamento geográfico, especialmente quando se considera o olhar infantil sobre o lugar.



Podem parecer experiências simples, mas elas estão embebidas de geograficidade. Como aponta Piorsky (2016), trata-se de uma toponímia da brincadeira – o conhecimento toponímico adquirido no ato de brincar. Essa pequena aventura revela uma compreensão real do curso do rio, do sentido da correnteza, da dinâmica fluvial e da conexão entre os lugares e atesta que a brincadeira também é uma forma de conhecer o mundo.

De maneira similar, Davi, o colega que encontrou a bola, demonstra uma relação intensa com o rio. Não apenas o enxerga: ele o hiperdimensiona. Seu desenho ocupa quatro páginas, coladas com cuidado, e transbordadas por curvas, detalhes e habitantes aquáticos (Figura 84).

Figura 84- Meu Rio do Braço- Davi, SEEVA



Fonte: Trabalho de campo (2023).

Para alguns observadores apressados, poderia parecer um problema de escala. No entanto, afirmo com segurança: essa dimensão é diretamente proporcional



à importância do rio na vida de Davi. Como já alertava Manoel de Barros (2010, p. 109), o poeta-criança:

A importância de uma coisa não se mede com fita métrica,  
nem com balanças, nem com barômetros etc.  
A importância de uma coisa há que ser medida  
pelo encantamento que ela produz em nós.

Por “estudá-lo” com tamanha constância e intimidade, a escala de análise de Davi é ao mesmo tempo micro e macro: tão ampla que precisa de quatro páginas para representar tudo. Tão minuciosa que ele sabe por onde as formigas atravessam uma pedra. Ele cataloga o rio com a precisão de quem compreende que aquele corpo d’água não é apenas geográfico – é também poético, afetivo e vital.

De maneira curiosa e encantadora, Davi contava à sua professora, Telma, que sempre via uma capivara em seu rio. Prometeu que um dia tiraria uma foto da capivara para mostrar a ela (Figura 85). Tempos depois da pesquisa, Telma me enviou a imagem registrada pelo aluno e relatou, com alegria, outras vezes em que ele compartilhou suas pescarias e aventuras no Rio do Braço.

Figura 85- Capivara as margens do Rio do Braço e Davi brincando com o/no rio



Fonte: Davi (2023).

Faz-se digno de nota que, após a defesa desta tese, ao reencontrar Telma — como de costume quando a vejo - perguntei pelas crianças e, principalmente, pelo menino do rio, Davi. A professora disse que ele continua apaixonado pelo Rio do Braço e contou que, recentemente, Davi falou com entusiasmo que uma das capivaras que costumava aparecer por ali estava grávida. Dias depois, para a surpresa de todos, a capivara surgiu com seus filhotes bem perto da casa - e Davi interpretou essa aproximação como um gesto de confiança, “como se a capivara quisesse mostrar os filhotes pra ele”.

Davi conhece os afluentes do rio, associa suas águas a pessoas, sabe onde o curso corre mais rápido e onde se acalma, onde vivem os peixes e repousam as pedras grandes. De onde vem o lixo que prejudica o seu rio e que de tempos em tempos ele precisa limpá-lo. A experiência de lugar também ensina a importância da consciência crítica. “Crescer em contato com a terra (ou o rio), exige perceber como nossas ações impactam os outros e o futuro” (Lyle *et al.*, 2025, p.174). Seu corpo e sua memória estão mergulhados nessa paisagem. Como tão bem observou sua mãe em uma conversa com sua professora: “Davi vive dentro do rio. Acho que, em qualquer tempo, ele pode virar um peixe.”

Para Davi, o rio parece ser quase uma extensão de si mesmo, como se fosse uma propriedade sua. Ele inclusive sinaliza isso em seu desenho (Figura 84), e seus colegas também o reconhecem como “dono” daquele trecho do rio. Ao ser questionado sobre a origem do seu rio, ele mencionou diversos lugares. Contou que seu pai o havia levado para conhecer uma das nascentes, localizada no município de Laje, mas também acreditava que o rio vinha de Presidente Tancredo Neves. Mesmo sem apresentar uma explicação geográfica precisa, Davi compreendia que o rio não tinha uma única fonte. Essa percepção revela uma noção intuitiva da complexidade de uma rede hidrográfica.

Ao ser perguntado sobre o trajeto do rio após passar por sua casa, ele respondeu prontamente: “O rio passa em minha casa, depois faz uma curva e volta pra minha casa. O rio fica rodando” (Davi, 2023). Apesar de parecer cômico à primeira vista, esse relato testemunha a maneira particular com que as crianças compreendem e organizam o espaço – uma construção marcada pela sensorialidade, pela repetição das experiências e por um olhar ainda em desenvolvimento. Como afirma Tuan

(2013), o mundo das crianças pode ser tanto confuso quanto profundamente sensível, e por isso precisa ser escutado com atenção e respeito.

Depois de escutar o relato do “rio que rodava”, questionei Davi se ele acreditava que o rio passava por outras casas além da sua. Imediatamente, ele começou a citar as casas dos vizinhos, rio abaixo:

Esse rio desce, aí na casa do outro vizinho tem um dividido. Um que desce pro lado do entroncamento, aí é o primeiro rio que chega lá, aí tem o primeiro rio que ninguém pesca e depois tem o meu. todo mundo toma banho. Aí tem o terceiro, por que o meu é um pouco grande... o meu desce e vai pro rio da vizinha, aí cai no rio, depois cai na cachoeira, cai no do avô de Gustavo, depois vai pra ponte lá da casa da minha bisavó, depois passa pela represa e depois vai reto... (Davi, 2023).

A experiência de Davi exemplifica que o mundo das crianças pode ser mais amplo e complexo do que as representações simplificadas de drenagens ou dos próprios desenhos infantis dos rios que os circundam, por isso ter espaço para pensar e narrar suas vivências é fundamental para completar o raciocínio geográfico. A título de exemplo, a simples pergunta que o fez reconstruir o caminho do rio depois da sua casa fez com que ele pensasse sobre a afirmação de que o rio ficava rodando. Não foi necessário dizer que ele estava errado ou que a afirmação dele era absurda. Depois de algum tempo, enquanto conversava com os seus colegas, ele veio apressado e sobressaltado com a seguinte afirmação: “Pró, eu tô achando que o meu rio não fica rodando não, eu tô desconfiando que ele vai parar lá em Valença!”.

Esse relato rico e espontâneo mostra que o conhecimento geográfico das crianças pode ser muito mais abrangente e articulado do que as representações lineares ou simplificadas sugerem. Para isso, é essencial que elas tenham espaço para pensar, narrar e reconstruir suas vivências.

Esse momento foi gratificante. Estimulá-lo a pensar e formular hipóteses com liberdade permitiu que ele próprio chegasse a uma nova compreensão do espaço. Minha preocupação naquele momento era não destruir a imagem poética que ele havia construído. Aquilo me remeteu imediatamente à experiência do poeta:

O rio que fazia uma volta  
atrás da nossa casa  
era a imagem de um vidro mole...  
Passou um homem e disse:  
Essa volta que o rio faz...  
se chama enseada...  
Não era mais a imagem de uma cobra de vidro  
que fazia uma volta atrás da casa.  
Era uma enseada.

Acho que o nome empobreceu a imagem.  
(Manoel de Barros, 2016, p. 20).

Preservar a poesia no olhar da criança é respeitar o modo como ela constrói o mundo. A vivência de Davi mostra que, quando escutamos suas narrativas com abertura, revelam-se geografias afetivas que vão muito além do espaço físico. Sua experiência vai além do ambiente imediato. O contato constante com a natureza e o incentivo dos pais para explorar outros lugares e paisagens resultaram em uma visão ampliada da Bacia do Una – sem que isso retirasse a leveza, o encantamento e a poesia próprias do olhar infantil.

As experiências observadas ao longo dessa investigação suscitaram reflexões profundas sobre os modos como as crianças percebem, representam e se relacionam com os rios e suas paisagens. Pelo fato de o mundo da criança ser, muitas vezes, reduzido ao espaço do vivido imediato – o quintal, a casa, a rua – sua capacidade de compreender as conexões maiores das drenagens e a lógica das bacias hidrográficas tende a ser limitada. Ainda assim, essa limitação não anula a riqueza de sua percepção nem a potência de sua imaginação.

Entre todos os relatos e desenhos, a experiência de Davi foi a que mais se aproximou da ideia de bacia hidrográfica. Isso se deve, em grande parte, ao estímulo contínuo dos familiares, à sua vivência direta com o Rio do Braço, e ao forte vínculo afetivo que construiu com ele. Nos demais casos, observamos variações: algumas crianças conseguiam descrever com precisão o lugar conhecido, mas deixavam de fora o entorno e o curso dos rios; outras, mesmo tendo uma visão mais ampla da natureza e do mundo, ainda não compreendiam com clareza os encadeamentos das drenagens – suas origens e destinos.

Uma tendência clara pôde ser observada: quanto maior a proximidade com a natureza, mais ricos em detalhes e sentidos eram os desenhos e os relatos. Nesse sentido, os alunos do SEEVA, residentes no campo, apresentaram representações mais extensas e sensíveis, enquanto os alunos do CEMI, embora mais urbanos, demonstraram um olhar contemplativo e uma capacidade conceitual refinada, mesmo com pouca vivência direta. Ambos os grupos, a seu modo, revelaram encantamento e curiosidade – elementos centrais para o aprendizado geográfico em sentido amplo, para além da geografia escolar.

É importante lembrar que o conhecimento infantil não se restringe ao que é familiar: ele também é tecido pela imaginação, pela escuta atenta e por informações compartilhadas. O caso de Alexandre, por exemplo, que desconhecia o caminho do rio na casa da avó, revela que a ausência de certos saberes pode estar menos na criança e mais na falta de provocação, de estímulo e de mediação por parte dos adultos ao seu redor. Em muitos contextos, as crianças crescem em meio a paisagens que lhes são pouco explicadas, pouco exploradas em conjunto, o que limita sua possibilidade de compreender os encadeamentos do mundo.

Como nos lembra Paulo Freire (2005), é fundamental partir do chão, do vivido, do lugar – e só então, por meio de analogias e deslocamentos, alcançar outras dimensões do mundo. Essa reflexão dialoga diretamente com o que afirma Edward Relph (1974), ao destacar que os significados originais do mundo vivido estão constantemente sendo obscurecidos por conceitos científicos e convenções sociais. Ainda que estejamos imersos nesse mundo, ele não é imediatamente acessível ou evidente: seus sentidos precisam ser descobertos, construídos com cuidado e atenção.

O desafio, portanto, é criar condições para que a criança possa olhar, escutar e perceber com sensibilidade – para que os significados do mundo vivido emergjam em sua complexidade, sem serem empobrecidos ou substituídos por fórmulas prontas, como a enseada da poesia de Manoel de Barros (2016).

As experiências alcançadas com grupos focais apontam caminhos possíveis: caminhadas exploratórias, desenhos, mapas afetivos e brincadeiras mostraram-se formas potentes de contato com o mundo. Essas práticas ativam o corpo, a memória e a emoção, permitindo que a criança se relacione com a paisagem de maneira ativa, criativa e situada. Em vez de reduzir o mundo à lógica das convenções, essas vivências revelam sua beleza, sua diversidade e seus sentidos profundos, nutrindo, assim, uma geograficidade sensível, capaz de reconhecer tanto a concretude quanto o encantamento daquilo que nos cerca.

Sim, o mundo da criança pode ser pequeno, fragmentado, restrito ao imediato. Mas sua capacidade de observar, imaginar, explorar e compreender vai muito além do visível e varia conforme os estímulos, as vivências e os vínculos que estabelece com os lugares. Ao final desse percurso, a beleza das descobertas e das narrativas foi tanta que se impôs não como teoria, mas como poesia. Assim, para dar conta da



leveza, da profundidade e da ludicidade dessas experiências, escrevi uma crônica – mesclando exemplos reais e ficcionais – como forma de síntese e homenagem à geopoética da infância.

### **Davi e o rio que rodava**

Davi era um menino que morava às margens do Rio do Braço, na Bahia. Desde bem pequeno, mergulhava nas águas fresquinhas, conversava com os peixes e tinha uma amiga muito especial: Capy, uma capivara sábia e tranquila, que ouvia todos os seus segredos. Quando o sol nascia, Davi pulava da cama direto para o rio e só ia pra escola porque estudar era importante. Mas assim que voltava... Tibum! Lá estava ele de novo, brincando entre pedras coloridas e nadando como se fosse um peixinho.

Ele amava tanto aquele rio que até ficava triste quando via lixo descendo com a correnteza. “Como pode alguém sujar um lugar tão bonito?”, perguntava. Sua mãe, às vezes, brincava dizendo que, de tanto amor, Davi um dia viraria peixe de verdade. Ele ria com a ideia e pensava que: “se virasse peixe, poderia nadar ali para sempre!”.

Todos na vizinhança já o conheciam como “o menino do Rio do Braço”. Ele falava tanto do rio que acabou achando que ele era seu. E ninguém discordava, nem os amigos da escola, nem os peixes, nem a própria Capy. Para Davi, o rio era dele porque o conhecia com o coração.

Um dia, a professora Telma pediu aos alunos que escolhessem algo que amassem muito para pensar e conversar sobre. Davi, é claro, escolheu o rio. E começou a se perguntar: “Por que será que ele se chama Rio do Braço? Será que parece um braço de verdade?”. Ele se imaginou um passarinho vendo o rio lá do alto, cheio de curvas, comprido como um braço. Depois pensou melhor: “E se o rio for parte de um corpo gigante? Um corpo feito só de rios, cheios de bracinhos de água?”. Riu sozinho. “Acho que devia se chamar Rio do Polvo, com tantos braços assim!”.

Enquanto refletia, Davi lembrava: o rio andava! Às vezes rápido, às vezes devagar. Ele já tinha visitado uma nascente com o pai, perto de Tancredo Neves, e sabia que a água vinha de muitos cantinhos, como se o rio fosse ficando mais forte à medida que caminhava. Compartilhou tudo isso com os colegas, cheio de entusiasmo.

Mas aí veio a pergunta de um amigo:

— Davi, pra onde vai o seu rio?

Davi respondeu, sem pensar:

— Ué, ele passa na minha casa, depois gira e gira, e volta pra lá de novo!

— Mas o rio passa na minha casa depois da sua! – disse Júlia, com uma risadinha.

Davi ficou quieto. Lembrou de quando estavam brincando e sua bola foi levada pela correnteza até a casa de Maria, bem longe dali. Algo não estava certo...

Naquele dia, em vez de mergulhar, Davi sentou na beira do rio e ficou só olhando. Queria muito descobrir onde aquele rio terminava. Teve então uma ideia: mandaria o Trairão, seu peixe amigo, nadar até o fim do rio e voltar para contar! Dias passam, mas o Trairão não voltou. Decidiu tentar mais uma vez com o Chupa-pedra, um peixinho Acari, mas ele também não retornou.

Foi aí que Capy, a capivara, percebeu a tristeza do amigo. Sentou-se ao seu lado, bem devagar, e disse com voz mansa:

— Davi, se o rio desse voltas em torno do mesmo lugar, seus amigos já teriam voltado, não acha?

Ele ficou pensando.

— Lembra da bola? A correnteza levou até Júlia. O rio vai pra frente, Davi. Sempre pra frente.

Com um sorriso tímido, Davi entendeu. Talvez não precisasse nadar até o final do rio pra conhecê-lo. Bastava escutar as histórias que o rio contava.

No dia seguinte, foi conversar com Júlia, depois com Uemerson, e por fim com o avô de Samuel. Cada um contava um pedaço do caminho do rio, como peças de um quebra-cabeça. Até que Davi compreendeu: o Rio do Braço não girava em círculos. Ele seguia em frente, encontrando outros rios, ficando maior e mais forte, até virar mar.

Sentado outra vez à beira da água, Davi olhou para o horizonte e sorriu. O rio, assim como ele, tinha um mundo inteiro para explorar. E mesmo sem virar peixe, ele já se sentia parte da correnteza.

#### 4 A BACIA, POR FIM, VIVIDA

A partir do momento em que consegui tirar a venda dos olhos e observei o ambiente ao meu redor, tentei... é... é... tipo assim, buscar ajuda, sabe? Procurar algum lugar. Quando tirei a venda e olhei, pá: eu estava no meio de uma ladeira. Uma ladeira assim... era um pasto, um cassengue! Olhei pra cima: uma subida. Olhei pra baixo: uma descida. Só que eu estava com medo, claro, de ir para um lugar aberto e ser visto por alguém. Mas, quando olhei pra baixo, na descida da ladeira, tinha uma vegetação bem alta, e do outro lado dava pra ver que havia outra ladeira. Então, imaginei que ali devia haver um rio ou uma “vage” (várzea), e que não daria pra atravessar, porque o período estava muito chuvoso. Eu pensei: “Pô, não vou conseguir passar por ali!” Então fui, tipo assim, pelo meio da ladeira, seguindo em linha reta — sem subir muito —, só pra me afastar daquele lugar onde eu estava. A ideia era, depois de estar mais distante, tentar subir pra um lugar mais alto, onde eu pudesse buscar ajuda, mas sem ser visto pelas pessoas das quais eu queria me esconder, né? Eu não desci em momento nenhum em direção ao rio, porque imaginei que não conseguiria atravessar. Pensei: “Vou descer e não vou conseguir passar, por causa da chuva, da vegetação... provavelmente ali vai ser um rio ou uma vage, e vou ter que voltar.” Na minha cabeça, eu não tinha nenhuma dúvida. E mesmo que não estivesse chovendo... como tô te falando... nem sei se realmente tem um rio ali, mas, pra mim, era certo que tinha alguma coisa. Hoje eu sei que estava na região do Gereba, no município de Valença. De um lado, era mata. Do outro, onde eu estava, era pastagem. Eu estava em uma espécie de... você já ouviu falar em cassengue? É uma vegetação intermediária, tipo... era uma plantação, uma pastagem já bem deteriorada, quase voltando a ser floresta. Então, tipo assim, a vegetação era um cassengue — dava pra caminhar de boa. Tinha animais, cavalo... era tipo um pasto. Eu não subi com medo de ser visto, e também não desci, porque, se eu visse alguma movimentação, a tendência era me esconder em uma vegetação mais densa. Então, fui por esse caminho. Mais à frente, quando já estava distante daquele primeiro ponto, subi para procurar ajuda, porque achei que estaria longe do perigo (Everton Santos, 2023).

Everton Santos, nos momentos que antecederam o fato narrado, estava vendado e amarrado. Ele não sabia onde estava, tampouco o que se dispunha ao seu redor. Tudo o que pôde deduzir foi elaborado a partir das sensações que o corpo lhe oferecia: sabia que o tempo era chuvoso, sentia os cheiros, ouvia os sons, tateava o que conseguia alcançar. Ao conseguir se desprender das amarras e desvendar os olhos, passou a observar a paisagem circundante e a analisá-la com base em seus conhecimentos espaciais, construídos em outros sítios, distantes dali.

Essa descrição foi compartilhada generosamente comigo e, agora, com quem lê estas palavras que dão início ao final desta tese. Trata-se do relato de um triste período em que Everton foi sequestrado e mantido refém por bandidos. Trago este trecho não para causar comoção, tampouco para abordá-lo de forma sensacionalista, mas para chamar atenção à **geograficidade** de sua narrativa. A geograficidade não se revela apenas quando falamos de temas estritamente geográficos — ela é constitutiva do ser-no-mundo e, por isso, manifesta-se nas formas mais inusitadas.

Mas retornemos ao relato. Qualquer pessoa que o leia poderá concluir que Everton estava em um relevo acidentado, marcado por declividades, lugares altos e baixos. Ele percebia a presença de vales que, embora não estivessem visíveis diretamente, eram sugeridos pela fisionomia da paisagem. E por conhecer ambientes similares, sabia das dificuldades que enfrentaria para atravessá-los.

O interessante é que esse relato parece responder à indagação final de Dardel: a geografia não é um modo particular de sermos inspirados pela terra, pelo mar, pela distância, de sermos dominados pelas montanhas, guiados por direções e tornada real pela paisagem? (Dardel, 2015).

O conhecimento geográfico de Everton orientou sua fuga – que, felizmente, foi bem-sucedida a ponto de possibilitar que esse relato existisse em primeira pessoa. Ao longo da pesquisa, busquei chamar atenção não apenas para circunstâncias excepcionais ou curiosas, mas também para as sabedorias cotidianas, embebidas de geograficidade, que nos orientam e nos conduzem na construção do conhecimento sobre o mundo.

Guardei esse relato para o final, pois ele integra tudo o que foi “compartimentado” até então. Nele estão presentes o relevo, as dinâmicas climáticas, a vegetação, o uso da terra, o conhecimento sobre o funcionamento da paisagem e, acima de tudo, o ser humano com toda a sua complexidade de ser-no-mundo, transitando por paisagens e lugares com suas subjetividades.

Além disso, esse relato é precioso para esta pesquisa porque me apontou uma possibilidade de compreensão vivida do funcionamento de uma bacia hidrográfica. Foi um dos primeiros relatos identificados como possibilidade de construir esse conceito. Quando observo que Everton, ao se deparar com um ambiente desconhecido, apenas olhando a paisagem em sua multiplicidade de objetos e sensações – sem se deslocar até os vales –, foi capaz de atestar, com a acurácia de um geógrafo experiente, a presença de água nos pontos mais baixos, percebo que ali se revela uma geografia vivida, atestando que todo homem é geógrafo.

A experiência de Everton me ensinou que a bacia vivida não se revela apenas nos momentos de contemplação, mas também nas situações-limite, em que o corpo precisa rapidamente interpretar o espaço ao redor para agir. O reconhecimento da água sem vê-la, a leitura das formas do relevo, a percepção da vegetação como sinal e obstáculo, tudo isso mostra que a bacia está presente não apenas como unidade

física, mas como uma totalidade sensível, onde o saber emerge da relação concreta com o ambiente. É nesse gesto de “ver com o corpo” que se revela uma geograficidade encarnada, intuitiva, construída nas trocas contínuas com o lugar.

Para a construção destas linhas, cerca de 180 pessoas participaram das etapas da pesquisa. É evidente, no entanto, que muitas outras, residentes nos lugares aqui mencionados e em suas adjacências, também poderiam ter contribuído – e muito – com seus saberes sobre a Bacia do Rio Una. Essa constatação, longe de ser uma limitação, é precisamente o convite: que todos reconheçam em si ou nos outros a capacidade de ensinar e de conhecer profundamente o lugar que habitam. A geograficidade é imanente à existência humana; todos vivemos no espaço e com ele nos relacionamos de formas complexas, o que nos habilita, sim, a falar com propriedade sobre o mundo em que vivemos.

Esse conhecimento da paisagem, que aponta para as noções vividas de bacia, foi abordado até aqui a partir dos relatos dessas diferentes pessoas. Por meio das narrativas, caminhamos pelas superfícies irregulares da bacia, observamos as dinâmicas da atmosfera e como isso repercute na expressão da vegetação, para desembocarmos numa análise integrada das paisagens. As paisagens do Rio Una que nos foram apresentadas mostram que, na bacia do Rio Una, há mais chão do que água. Diferente de outros trabalhos que partem do rio, este parte das experiências terrestres para chegar às águas. Esta é a foz desta tese: o exultório que tenta revelar e delinear essas muitas bacias vividas.

A **bacia vivida** é uma construção espacial tecida por um conjunto de **lugares** vivenciados e significados pelos sujeitos em sua relação cotidiana com o espaço. Diferente das delimitações técnicas e cartográficas, ela se revela a partir das práticas, afetos, saberes e memórias que entrelaçam natureza, cultura e imaginação. Nos relatos de quem habita esses lugares, nenhum elemento da paisagem aparece isolado: mesmo quando um aspecto se destaca, ele está sempre em relação com outros – como o relevo, os riachos, os cultivos, os bichos, as festas, o trabalho, os encontros entre pessoas e rios. São essas conexões que atribuem sentido aos lugares, que por sua vez se associam a outros – próximos ou distantes, reais ou imaginados – ativando uma rede de referências que situa a bacia no mundo.

Essa experiência resulta em uma **vivência multidimensional**, que abarca tanto conhecimentos sobre a morfologia, os solos, as dinâmicas atmosféricas e



hidrológicas, quanto sobre os modos de vida, os vínculos afetivos, os sentidos estéticos e as subjetividades que animam a paisagem. É uma bacia sensível, presente nos olhares de poetas, artistas, crianças, trabalhadores – uma paisagem em constante movimento, plural e compartilhada.

A opção por utilizar o lugar como chave de leitura da bacia não é apenas terminológica, mas epistemológica. O lugar, na geografia, pressupõe vínculo, experiência e intimidade com o espaço. Ele é a base da vivência sensível, da memória e das relações afetivas. Como ressalta Tuan (1977), o espaço se torna lugar quando é conhecido e dotado de valor. Ao trazer o lugar para o centro da análise, amplia-se a compreensão da bacia como uma construção coletiva, plural e sensível, enraizada nas práticas e percepções de quem a habita.

A bacia vivida, portanto, não se limita às linhas topográficas nem aos limites da drenagem; ela se expande para além do visível e do mensurável. É mais que medir vazão, pensar em termos estatísticos- embora tudo isso seja importante. Ela é formada por um conjunto de lugares, onde as relações entre pessoas, águas, solos e paisagens se entrelaçam no cotidiano. Essa perspectiva permite captar a profundidade da relação entre sujeitos e espaço, abrindo caminho para leituras mais próximas da realidade vivida e menos distantes das formas de vida que dão sentido à paisagem.

Ainda que a gestão da bacia exija articulações institucionais complexas – que atravessam fronteiras político-administrativas –, é no lugar que os sujeitos vivem, interagem com o espaço e dão sentido à bacia. Afinal, ninguém mora em uma bacia; as pessoas moram em lugares. Ou seja, as pessoas não se localizam no cotidiano com base na delimitação de uma bacia hidrográfica, mas por meio de referências afetivas, culturais e espaciais ligadas às cidades, bairros, vilarejos, rios, serras e comunidades que habitam, como evidenciado ao longo desta tese. Portanto, a bacia hidrográfica é, antes de qualquer conceito, um conjunto de lugares vividos. E, como as águas, os vínculos e os afetos, ela escapa aos limites rígidos dos mapas, traçando regiões que pedem não apenas governança, mas escuta, cuidado e convivência.

Deste modo, a bacia vivida é **transfronteiriça**, conectada ao mundo, e pode – e deve – ser cuidada por todos, mesmo por aqueles que estão fora de seus limites visíveis. Com esses relatos, ficou evidente que há vivências dessa bacia que são incartografáveis e imensuráveis – uma Bacia do Rio Una incógnita, que, mesmo diante

das cartografias, das análises e de tudo o que foi apontado ao longo desta pesquisa, ainda abriga territórios por descobrir.

Como afirmou John Wright (2014), “as mais fascinantes *terrae incognitae*, entre todas, são aquelas que ficam dentro das mentes e corações dos homens”. E é precisamente nesse território interior, subjetivo e íntimo, que se delineia uma outra dimensão da Bacia do Una – aquela que escapa aos mapas, mas se revela nos afetos, nos sentidos, na memória e na imaginação de quem a vive. É nesta bacia sensível que residem os mistérios, as intuições e as formas poéticas de se orientar no mundo. Uma bacia que pulsa nos sonhos, nas crenças, nos silêncios e nas palavras, e que só pode ser apreendida através do encontro com o outro e com a paisagem, em sua totalidade viva e compartilhada. Afinal, a bacia vivida é compreendida a partir dos laços que ligam o homem a terra- aos lugares.

Essa perspectiva é fundamental para os comitês de bacia hidrográfica e demais instâncias de gestão ambiental, sobretudo em um país onde a desigualdade se manifesta também no uso inadequado da água, com rios, em sua maioria, degradados. Nos contextos urbanos, muitos rios encontram-se tamponados, invisibilizados na vida cotidiana das pessoas, permanecendo apenas por sua ausência. Essa invisibilidade reflete não apenas o descaso ambiental, mas também o afastamento das populações urbanas da relação direta com os corpos hídricos, o que dificulta a construção de vínculos afetivos e responsabilidades compartilhadas. Nesse cenário, integrar a Bacia Vivida ao planejamento torna-se essencial, pois fortalece a participação social e amplia o diálogo entre diferentes formas de conhecimento, possibilitando a construção de políticas públicas mais eficazes, sensíveis e contextualizadas.

Ademais, o saber vivido pode contribuir para ações de educação ambiental, reforçando o sentimento de pertencimento e o cuidado com o meio ambiente. Reconhecer a bacia como espaço vivido, compartilhado e experienciado permite que as estratégias de gestão/educação se aproximem da realidade das comunidades, promovendo práticas sustentáveis e decisões que valorizem tanto o conhecimento técnico quanto a sabedoria construída no cotidiano.

A educação geográfica, nesse sentido, pode oferecer o “amparo e a medida” para esse saber intuitivo e vivido (Dardel, 2015). Ela pode ser a ponte que permite que os saberes cotidianos se encontrem com o saber escolar, acadêmico, ampliando os

modos de ler o mundo e despertando outras formas de pertencimento e cuidado. Por outro lado, a Bacia Viva, ao reunir narrativas plurais, sensíveis e situadas, revela-se como uma chave potente para pensar uma educação a partir da geograficidade – uma educação que, como propõe Marandola Jr. (2021, p. 26), possa “criar novas esperanças para aqueles que amam o homem e a terra”. Pois, como tão bem disse Bachelard (1997, p. 69), “quando se ama, logo se admira, se teme, se conserva”. Assim, os saberes vividos e os saberes da Geografia escolar podem se complementar.

Encerrando este percurso, deixo ecoar os versos de Manoel de Barros (1996, p. 53), que apontam para os limites do saber formal e a força do sensível, do vivido, do encantamento:

*A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá  
mas não pode medir seus encantos.  
A ciência não pode calcular quantos cavalos de força existem  
nos encantos de um sabiá.  
Quem acumula muita informação perde o condão de adivinhar: divinare.  
Os sabiás divinam.*

Há saberes que não cabem nas planilhas, mas que pulsam no chão, nas águas, nas falas – e que, por isso, também merecem lugar na ciência. Esta tese é, portanto, uma tentativa de escuta dessas paisagens que se expressam pelas vozes daqueles que vivem, trabalham, cuidam e atravessam a Bacia do Rio Una. Uma bacia que, mais do que uma unidade geomorfológica, revela-se como um organismo vivo, tecido por histórias, práticas, afetos e resistências. Que saibamos ouvir os sabiás e os saberes que cantam fora das páginas dos livros, mas que conhecem profundamente o mundo – porque o vivem.

A seguir, apresento uma proposta de delimitação poética – talvez a única possível para abarcar a existência de uma Bacia Viva.

#### **A DELIMITAÇÃO POÉTICA DA BACIA DO RIO UNA**

Fui em busca dos limites da bacia e da minha compreensão dela. Deixei a porta entreaberta. Procurei seus começos, suas bordas. Com um GPS, fui até os pontos mapeados, pra não errar. Queria validá-los em campo. Lá onde as modelagens, pontos cotados, curvas de nível indicavam o seu começo-fim. Encontrei as

coordenadas, mas, ao chegar lá, só avistei um contínuo. Um corpo que se estende. Se comunica com outros.

Fui em busca de suas águas, querendo medir a extensão e a vazão dos seus rios e córregos. Para além das geometrias que buscava, encontrei crianças brincando em um rio que falava alto. Elas davam nomes a peixes, deixando a velocidade da água levar os seus corpos rio abaixo, numa brincadeira que não tinha fim. As crianças não me apontaram medidas em metros ou metros cúbicos, mas uma desmedida de encantamento, sentido, motivo para querer que as águas continuem correndo forte – para que a brincadeira não pare nesta geração. Em busca das águas, encontrei mais chão.

A água corre pelo chão tortuoso. Há mais chão do que água na bacia. Nesse chão vivem muitas pessoas, onde eu vivo. Em meio a tanta gente, encontrei pessoas que se comunicam, trabalham, lidam com a terra, entendem suas linguagens e as dinâmicas da natureza de modo diferente da ciência. Os padrões com os quais nomeiam e classificam essas vivências – os rios, as plantas e os peixes – seguem convenções das experiências cotidianas, onde siglas e manuais não representam nada.

As pessoas, ao viverem lá, criam nomes locais que podem ser entendidos no mundo inteiro. Um dos meninos que brincava no rio, por exemplo, pegou um peixe que se agarrava com a boca às rochas. Ele veio rindo me mostrar o peixe. Disse que a boca do peixe simulava um sorriso e que, por ficar preso às rochas pela boca, chamou o peixe de "chupa pedra". Eu sorri. Desde então, o peixe Acari mudou de nome para mim. Agora é o Chupa Pedra.

O andar dessas pessoas na terra é preciso, forte. Direccionam, apontam com a acurácia da experiência. Conhecem as muitas possibilidades e ângulos de ver os começos, os sentidos das drenagens, os encontros dos rios, as intermitências. Me apresentam outras toponímias, formas de olhar e compreender aquilo que chamo de bacia, sub-bacia, microbacia. Mapeiam mentalmente plantas, sabem por onde voam os pássaros.

Onde as miniaturas possuem valor de grandeza. Uma sabedoria de vivência que possui uma precisão que nem o mapa, nem os livros comportam. Tudo isso se aprende caminhando, experimentando, ouvindo o outro, sentindo os cheiros, os gostos, observando o céu. Em meio a tantas buscas para validar mapeamentos e

delimitações, acabei por me aprofundar nos rios, nas gentes, nas coisas belas que vi. Quanto às tristezas, que também estão presentes, me motivaram a construir uma ponte – essa ponte – do vivido para o escrito, para, quem sabe, ajudar a transformá-la em alegria, fazer escoar as águas daqui em outros rios.

Depois de toda a travessia, da "invalidação" das cartografias formais, percebi que ainda restava um ponto, que talvez fosse mais fácil de precisar. Para isso, era necessário ir à foz, em busca do ponto final desses muitos rios que se fizeram um. O final, de fato, dessa Bacia.

Fui em busca. Queria ver onde ela acaba, continuamente. No cais, entrei em um barquinho, como quem parte para nunca mais voltar do mesmo jeito. Um pescador me levou. Pedi a ele que me levasse onde o rio acaba. Ele riu. Seguimos. Naquele momento, o rio se balançava calmamente. As águas do rio, que em outros pontos eram claras, transparentes, se fizeram escuras e espelhavam o céu e a cidade que margeava.

Mais adiante, uma vegetação que se esticava, como se tentasse fugir do solo. Fui atenta. Estava no rio, tinha jeito de rio. Observava a variação de profundidade, cor, salinidade... Estava certa de que ia achar o seu fim. Quando menos pensei, estávamos em meio ao mar. Pedi para retornar um pouco.

Procurei um limite, uma divisão, um ponto. Não achei. O pescador me disse que não se pode ser só um – por isso o rio se faz mar, o mar se faz rio. Acrescentou que, na natureza, as coisas se misturam, se movimentam, como as pessoas, mudam de lugar constantemente.

Me convenci de que não era possível delimitar a Bacia. Que ela se revela num movimento eterno de descoberta. Que o interior, o exterior e as fronteiras da Bacia Viva são incertos. A bacia está sempre entreaberta. Diante disso, olhei para a água e também me vi nela. Fazia parte da paisagem, que ali, ao final da travessia, se revelou, numa tela líquida: Una. Maior, mais extensa, mais complexa do que os SIGs podem representar.



Figura 86- Ilustração aquarelada: a paisagem espelhada.



Fonte: A autora (2025).

## REFERÊNCIAS

AB'SABER, A. N. **O domínio dos mares de morros no Brasil**. São Paulo: USP Geomorfologia, 1966.

AB'SABER, Aziz Nacib. Um conceito de geomorfologia a serviço das pesquisas sobre o quaternário. **Geomorfologia**, n. 18, p. 1-23, 1969. Disponível em: [https://biblio.fflch.usp.br/AbSaber\\_AN\\_1348929\\_UmConceitoDeGeomorfologia.pdf](https://biblio.fflch.usp.br/AbSaber_AN_1348929_UmConceitoDeGeomorfologia.pdf). Acesso em: 05 abr. 2025.

AB' SABER, A. N. **Os domínios da natureza no Brasil: Potencialidades Paisagísticas**. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.

AB'SABER, A. N. **Do Código Florestal para o Código da Biodiversidade**. São Paulo: Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência, 2010. Disponível em: <http://www.sbpcnet.org.br>. Acesso em: 06 ago. 2016.

AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS E SANEAMENTO BÁSICO (ANA). **Conjuntura dos recursos hídricos no Brasil 2023**. Brasília: ANA, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/ana> . Acesso em: 15 nov. 2024.

ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 16, n. 3, p. 273-285, 2002.

ALMEIDA, M. G.. Transposição do Rio São Francisco: Água e Desenvolvimento Em Velhos Discursos. **Propostas Alternativas N3**, Fortaleza, IMOPEC/ADUFC, n. 23, p. 4-7, 1994.

ALMEIDA, R. D. **Cartografia escolar**. São Paulo: Contexto, 2007.

ALVES, E. J.; PEREIRA, J. S. Conservação ambiental da Bacia Hidrográfica do Rio Una no Estado da Bahia, Brasil, 2019. *In*: IV CONGRESSO BRASILEIRO DE EUCALIPTO – 07 a 08 de agosto de 2019, Salvador/BA. **Anais [...]**. 2019. Disponível em: <http://congressoeucalipto.com.br/20.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2022.

ANDERSON, D. G. The Politics of Proximate Predictions: Indigenous Ecology, Climate Change, and Scientific Knowledge. **Current Anthropology**, v. 44, n. 5, p. 679-702, 2003.

ANDRADE, H. O. **Estudo agroclimatológico do feijão *Phaseolus vulgaris* aplicado à Bacia Hidrográfica do Rio Una-BA**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

ANDRADE, I. M.; SANTOS, C. J.; MOTA, L. H. S. Paisagem, cultura e percepção: um estudo na cidade de Presidente Tancredo Neves, Bahia. *In*: VIII ENCONTRO BAIANO DE GEOGRAFIA/X SEMANA DE GEOGRAFIA DA UESB. **Anais [...]**. 2011. ISSN: 2179-4774.

ANFITEATRO. In: **Michaelis** – Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, [s.d.]. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/anfiteatro>. Acesso em: 13 abr. 2025.

ARAGÃO, R. F.; OLIVEIRA, C. D. M.; CAVALCANTE, T. V. Fotograficidade: A Paisagem Humana no Imaginário Poético do Círio de Nazaré em Belém do Pará – Brasil. **Revista Sociedade & Natureza**, n. 33, p. 1-14, ago., 2021. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/view/61610/32411>. Acesso em: 12 ago. 2024.

ARAÚJO, C. M. de; OLIVEIRA, M. C. S. L. de; ROSSATO, M. O Sujeito na Pesquisa Qualitativa: Desafios da Investigação dos Processos de Desenvolvimento. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, n. 33, p. 1-7, 2017.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – ABNT. **NBR 10520:2023** – Citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2023.

AUGUSTO, J. **O mapa de casa**. Círculo de Poemas. São Paulo: Editora Fósforo, 2023.

AYOADE, J. O. **Introdução à climatologia para os trópicos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

BACHELARD, G. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BACHELARD, G. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 2-15.

BACHELARD, G. **A Poética do Espaço**. Tradução Maria de Lourdes Teixeira. 5. ed. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2001.

BARROS, José Simão de Paula. **Cabeceiras e morros**: o poder da água e as águas do poder. Rio de Janeiro: E-papers, 2013.

BARROS, M. de. **Menino do Mato**. Rio de Janeiro: Editora Alfaguara, 2013.

BARROS, M. **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro : Alfaguara, 2016.

BARROS, M. **Meu quintal é maior que o mundo**. São Paulo: Editora Reviravolta, 2018.

BARROS, M. de. **Gramática expositiva do chão**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2022.

BENSUSAN, Nurit. **Do que é feito o encontro**. Ilustração Ana Cartaxo. Brasília: Editora Mil folhas do IEB, 2019.

BERKES, F.; COLDING, J.; FOLKE, C. Rediscovery of Traditional Ecological Knowledge as Adaptive Management. **Ecological Applications**, v. 10, n. 5, p. 1251-1262, 2000.

BERNAL ARIAS, D. A. **Río sensible**: topología de la tierra-vida [Rio sensível: topologia da terra-vida]. 2022. 1 recurso online (300 p.). Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, SP, 2022. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/5393>. Acesso em: 5 nov. 2024.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.). **Geografia cultural**: uma antologia, v. 1. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012. p. 84-91.

BERQUE, A. **O Pensamento-Paisagem**. São Paulo: Edusp, 2023.

BERTRAND, G. Itinerario en torno al paisaje: una epistemología de terreno para tiempos de crisis. **Eria**, v. 81, p. 5-38, 2010.

BERTRAND, G.; BERTAND, C. Paisagem e geografia física global, 1968. *In*: BERTRAND, G.; BERTAND, C. **Uma Geografia transversal e de travessias**. Tradução Messias Modesto dos Passos. Maringá-PR: Editora Massoni, 2007. p. 141-152.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra**: Seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 2006

BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo**: exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2014.

BIGARELLA, J. J. *et al.* **Estrutura e origem das paisagens tropicais e subtropicais**. Florianópolis: Ufsc, 1994.

BISPO, A. S. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/Piseagrama, 2023. 112 p. ISBN 978-85-7126-105-1.

BORGES, Mavistelma Teixeira Carvalho. **A construção de conceitos no ensino de Geografia por meio do trabalho de campo em bacia hidrográfica**. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Estudos Socioambientais - IESA (RG) Programa de Pós-graduação em Geografia (IESA), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/9093>. Acesso em: 02 jan. 2022.

BOURDIEU, P. (coord.). **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

BRASIL. Decreto nº 750, de 10 de fevereiro de 1993. Dispõe sobre o corte, a exploração e a supressão de vegetação primária ou nos estágios avançado e médio de regeneração da Mata Atlântica, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, seção 1, Brasília, DF, 11 fev. 1993.

BRASIL. **Lei Federal nº 9.433, de 8 de janeiro de 1997**. Institui a Política Nacional de Recursos Hídricos, cria o Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos, regulamenta o inciso XIX do art. 21 da Constituição Federal e altera o art.

1º da Lei 8.001, de 13 de março de 1990, que modificou a Lei 7.990, de 28 de dezembro de 1989. Brasília, 1997.

BRASIL. **Lei n. 12.651, de 25 de maio de 2012.** Dispõe sobre a proteção da vegetação nativa. Brasília, DF, 2012. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12651.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12651.htm) Acesso em: 13 jun. 2024.

BRASIL. Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos: 59-62. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2013.

BRASIL. Resolução Nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais: 44-46. **Diário Oficial da União**, seção 1, Brasília, DF, 2016.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Mata Atlântica.** Brasília, DF: MMA, 2017. Disponível em: <https://antigo.mma.gov.br/servidores/item/273-mata-atl%C3%A2ntica.html>. Acesso em: 5 abr. 2025.

BRASIL. Lei Nº 13.709, de 14 de agosto de 2018. Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD): 59-64, **Diário Oficial da União**, seção 1, Brasília, DF, 2018.

BRITO, M. S. **Narrativas cartográficas: teatro e experiencias urbanas.** Salvador: Edufba, 2023.

CAERI, F. **Caminhar e parar.** Tradução Aurora Fornoni Bernardini. Campinas: Editora Gustavo Gili, 2017.

CALLAI, H. C. O estudo do Lugar como possibilidade de construção de identidade e pertencimento. In: VII CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, Coimbra, 2004. **Anais [...].** 2004.

CALLAI, H. C. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005.

CAMARGO, E. P. Saberes docentes para a inclusão do aluno com deficiência visual em aulas de física [online].. SciELO Books, São Paulo: Editora UNESP, 2012. p. 39-55. ISBN 978-85-3930-353-3.

CANTANHEDE, V. P. P.; MARIANO, M. F. Atividade prática no ensino de geografia física com alunos cegos e baixa visão: um modelo tátil de uma bacia hidrográfica. **Para Onde!?** n. 2, v.12, p. 73-80, 2019. Disponível em :[https://rnp-primo.hosted.exlibrisgroup.com/permalink/f/vsvpiv/TN\\_cdi\\_crossref\\_primary\\_10\\_22456\\_1982\\_0003\\_97342](https://rnp-primo.hosted.exlibrisgroup.com/permalink/f/vsvpiv/TN_cdi_crossref_primary_10_22456_1982_0003_97342). Acesso em: 12 fev. 2022.

CARDOSO, M. L. M. Desafios e potencialidades dos comitês de bacias hidrográficas. **Cult.**, São Paulo, v. 55, n. 4, p. 40-41, Dezembro de 2003. Disponível em: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252003000400022&lng=en&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252003000400022&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 21 maio de 2024.



CARERI, F. **Walkscapes**: walking as an aesthetic practice. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2009.

CARMO, V. A. A etnopedologia e o retorno ao mundo-da-vida: experiência na comunidade da Galileia, entorno do Parque Nacional do Caparaó. *In*: XIII ENANPEGE, 2019. **Anais** [...]. 2019. Disponível em: [http://www.enanpege.ggf.br/2019/resources/anais/8/1561745246\\_ARQUIVO\\_etnopedologia\\_retornoaomundodavida\\_ENANPEGE\\_final.pdf](http://www.enanpege.ggf.br/2019/resources/anais/8/1561745246_ARQUIVO_etnopedologia_retornoaomundodavida_ENANPEGE_final.pdf). Acesso em: 06 jun. 2021.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Viajando o Sertão**. 4. ed. São Paulo: Global Editora, 2009. 102 p. ISBN 978-8526010802.

CASSENQUE. *In*: **Michaelis** – Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, [s.d.]. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/cassengue>. Acesso em: 13 abr. 2025.

CASTELLAR, Sônia Maria Vanzella. Educação geográfica: formação é didática. *In*: MORAIS, Eliana Marta Barbosa de, MORAES, Loçandra Borges de. **Formação de professores**: conteúdos e metodologias no ensino de Geografia. Goiânia: Vieira, 2010.

CASTRO, I. E. **O problema da escala**. *In*: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia**: conceitos e temas. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. p. 117-140.

CAVALCANTE, T. V. Geografia, insurgência e pesquisa de um ponto de vista humanista cultural. **Geograficidade**, v. 11, n. 1, p. 98-105, 31 jan. 2021.

CAVALCANTE, T. V.; SILVA, Cristina Maria da Silva. **Rachel, Rachéis**: Travessias entre saberes. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2022.

CHIAPETTI, R. J. N. **Na beleza do lugar, o rio das Contas indo... ao mar**. 2009. 216 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Rio Claro, São Paulo, 2009.

CHIAPETTI, R. J. N.; GRATÃO, L. H. B. A poética n'as curvas do rio: a imaginação geográfica no rio Cachoeira. **Geografia**, Rio Claro, v. 35, n. 2, p. 275-289, maio/ago. 2010.

CHORLEY, R. J.; SCHUMM, S. A.; SUGDEN, D. E. **Geomorfologia**. Londres: Routledge, 1984. eBook. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9780429273636>. Acesso em: 5 abr. 2025. ISBN 9780429273636.

CHRISTOFOLETTI, A. **Geomorfologia**. 2. ed. São Paulo: Edgard Blücher, 1980.

CLAVAL, P. A Paisagem dos Geógrafos. *In*: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Paisagens, Textos e Identidade**. Rio de Janeiro: UERJ, 2004. p. 13-75.

COCORUTO. *In: Michaelis* – Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, [s.d.]. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/cocoruto>. Acesso em: 13 abr. 2025.

Conti, J. B. **Resgatando a "fisiologia da paisagem"**. Revista do Departamento de Geografia, São Paulo, v. 14, p. 59–68, 2001. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rdg/article/download/47313/51049/57089>. Acesso em: 12 jul. 2025.

COSTA, N. M. C. Geomorfologia estrutural aplicada aos maciços litorâneos do Rio de Janeiro: uma análise preliminar. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA*, 33, 1984, v. 4. **Anais** [...]. Rio de Janeiro, SBG, 1984, p. 411-425.

CRATERA. *In: Michaelis* – Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, [s.d.]. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/cratera>. Acesso em: 13 abr. 2025.

DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Oficina de Textos, 2015.

DIAS, Juliana Maddalena Teófilo. Direitos de aprendizagem em Geografia: o lugar em sua Potência. **Educ. Foco**, Universidade Federal de Juiz de Fora, Edição especial, p. 203-220, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/19679/10579>. Acesso em: 24 mar. 2021.

DIAS, J. M. T. **Lugar geopsíquico: contribuições da psicanálise para uma epistemologia da geografia**. 2019. 277 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

DIAS, J. M. T. **Lugar geopsíquico: onde a psicanálise e a geografia se encontram**. Goiânia: C&A Alfa comunicação, 2022. p. 222.

DIAS, J. M. T. Geografia da escuta: a possibilidade de caminho com as palavras no fazer geográfico. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, [S. l.], v. 14, n. 24, p. 05-25, 2024. DOI: 10.46789/edugeo.v14i24.1374. Disponível em: <https://revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/1374>. Acesso em: 30 nov. 2024.

DIAS, Juliana Maddalena Trifilio; DAL GALLO, Priscila Marchiori. A educação geográfica à margem da ciência goetheana: a prática do diário da natureza. **Revista Eletrônica da Graduação/Pós-Graduação Em Educação UFG/REJ**, n. 2, Volume 14, p. 01-20, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/rir/article/view/51568/25809>. Acesso em: 23 mar. 2021.

DIEGUES, A. C. **Etnoconservação: novos rumores para a proteção da natureza nos trópicos**. São Paulo: Hucitec, 2000.

ENCONTRO. In: **Oxford Languages and Google**. 2025. Dicionário Oxford da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://www.oxfordlingualns.com/>. Acesso em: 07 mar. 2024.

ESCHER, Maurits Cornelis. **Relatividade**. Litografia. Dez., 1953.

ESCONSO. In: **Michaelis** – Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, [s.d.]. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/esconso>. Acesso em: 13 abr. 2025.

FERNANDEZ, P. S. M.; ALMEIDA, M. G. Geografias e imagens de viagem: o território do rio São Francisco e algumas territorialidades vaporzeiras. **Geografia**, Londrina, v. 19, p. 145-161, 2010.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FRÉMONT, A. **A região, espaço vivido**. Tradução António Gonçalves. Coimbra: Livraria Almedina, 1980. 275 p.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. 3. ed. São Paulo: Editora Fundação Peirópolis Ltda., 2000.

GEOGRAFAR. **Estrutura fundiária**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2023. Disponível em: <https://geografar.ufba.br/estrutura-fundiaria>. Acesso em: 5 abr. 2025.

GLEIZER, J. de A. **Abordagem fenomenológica da seca: experiências de vulnerabilidades e atitudes ambientais no povoado de Cachoeira das Araras, Vitória da Conquista-BA**. 2018. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/29291>. Acesso em: 30 mar. 2025.

GOERGEN, P. L. Ética em Pesquisa. **Práxis Educativa**, n. 10, p. 301-315, 2015.

GORAYEB, A. (Org.). **Geografia Física e as Mudanças Globais**. Fortaleza: Editora UFC, 2019, v. 1.

GOTO, T. A. Fenomenologia, Mundo-da-Vida e crise nas ciências: a necessidade de uma geografia fenomenológica. **Geograficidade**, v. 3, n. 2, p. 33-48, inverno 2013.

GRATÃO, L. H. B. Sabor e paisagem – o que revela o pequi nesta imbricação de ser e essência cultural / Taste and Landscape – What reveals the pequi in this imbrication of being and cultural essence. **Geograficidade**, v. 4, n. Especial, p. 4-15, 11 fev. 2014.

GRATÃO, Lúcia Helena B. **A Poética d'”O RIO” - ARAGUAIA! de cheias... & vazantes... (à) luz da imaginação! 2002**. 354 f. Tese (Doutorado em Geografia Física) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

GUEDES, L. S.; JESUS, K. P. Estratégias de manejo e recuperação da Bacia Hidrográfica do Rio Una – Valença, BA. *In*: SEMINÁRIO ESTUDANTIL DE PESQUISA E EXTENSÃO, Faculdade Maria Milza, FAMAM, 2019. **Anais** [...]. 2019.

GUERRA, A. J. T. **Geomorfologia**: uma atualização de bases e conceitos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987.

GUERRA, A. J. T.; CUNHA, S. B. **Geomorfologia**: uma atualização de bases e conceitos. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. 472 p.

GUERRA, A. T.; GUERRA, A. J. T. **Novo dicionário geológico-geomorfológico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

HAN, Byung-Chul. **Louvor à Terra**: uma viagem ao jardim. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2022. 216 p. ISBN 978-6557133941.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Tradução Marcos Silva. 10. ed. São Paulo: Editora Vozes, 2012.

HOLZER, Werther. **A geografia humanista**: sua trajetória de 1950 a 1990. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

HOLZER, W. O Lugar na Geografia humanista. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano IV, n. 7, p. 67-78, jul./dez. 1999.

HOLZER, W. O Conceito de Lugar na Geografia Cultural-humanista: Uma Contribuição Para a Geografia Contemporânea. **GEOgraphia**, Ano V, n. 10, p. 113-123, 2003.

HOLZER, Werther. Mundo e Lugar: Ensaio de Geografia Fenomenológica. *In*: MARANDOLA JR.,; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (orgs.). **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 281-303.

HOLZER, W.; HOLZER, S. Cartografia para crianças: qual o seu lugar? **Geograficidade**, Niterói, Universidade Federal Fluminense, v. 3, n. esp., p. 93-104, 2013. Disponível em: <http://www.uff.br/posarq/geograficidade>. Acesso em: 6 abr. 2024.

HOMEM, M. **Lupa da alma**: Quarentena-revelação. São Paulo: Todavia, 2020. 80 p.

HUSSERL, E. **A ideia da fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 2000.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2020**: resultados preliminares. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 5 abr. 2025.

INSTITUTO FEDERAL BAIANO – CAMPUS VALENÇA. **IF Baiano – Campus Valença implanta a primeira ecobarreira na Bacia do Rio Piau/Una**. 2023.

Disponível em: <https://www.ifbaiano.edu.br/unidades/valenca/2023/11/28/if-baiano-campus-valenca-implanta-a-primeira-ecobarreira-na-bacia-do-rio-piau-una/>. Acesso em: 30 mar. 2025.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016.

KITZINGER, J. Focus groups with users and providers of health care. *In*: POPE, C.; MAYS, N. (Org.). **Qualitative research in health care**. 2. ed. London: BMJ Books, 2000.

KOLLER, S. H. (Org.). **Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenção no Brasil**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 51-66.

KOLLER, Silvia Helena; CERQUEIRA-SANTOS, Eliane. Pesquisa com crianças: desafios metodológicos e éticos. *In*: KOLLER, Silvia Helena (org.). **Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2008. p. 111-128.

KRENAK, A. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das letras, 2022.

LABBUCCI, A. **Caminhar, uma revolução**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

LACOSTE, Y. **A Geografia serve, antes de mais nada para fazer a guerra**. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1977.

LACOSTE, Y. A pesquisa e o trabalho de campo: Um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. **Boletim Paulista de Geografia**, v. 84, p. 77-92, 2006.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LAVAGEM do Amparo 2024 Valença. [S. l.: s. n.], 2024. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Avisa Logo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MV0-Y2bLiG8>. Acesso em: 23 mar. 2025.

LYLE, E.; AGUIAR, F. C.; MOURA, J. D. P. **Pedagogias de Lugar/Geografias da Experiência**. *Geograficidade*, v. 15, n. 1, p. 171-177, 29 jan. 2025.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MAINARDES, J. Contribuições da perspectiva ético-ontoepistemológica para a pesquisa do campo da Política Educacional. **Education Policy Analysis Archives**, n. 30, p. 1-20, 2022.



MAPBIOMAS. **Projeto MapBiomias Bosque Atlântico Trinacional- Colección [VERSÃO] de los Mapas Anuales de Cobertura y Uso del Suelo en el Bosque Atlântico Trinacional**, accedido en [FECHA] a través del enlace: [ENLACE].

Disponível em:

[https://plataforma.bosqueatlantico.mapbiomas.org/qualidade?activeBaseMap=9&layersOpacity=100&activeModule=coverage\\_quality&activeModuleContent=coverage\\_quality%3Acoverage\\_quality\\_main&activeYear=2022&mapPosition=-18.979026%2C-46.450195%2C4&timelineLimitsRange=1985%2C2022&baseParams\[territoryType\]=1&baseParams\[territories\]=1%3BLimite%20del%20Bosque%20Atl%3%A1ntico%3B1%3BLimite%20del%20Bosque%20Atl%3%A1ntico%3B0%3B0%3B0%3B0&baseParams\[activeClassTreeOptionValue\]=default&baseParams\[activeClassTreeNodeIds\]=1%2C7%2C8%2C9%2C10%2C2%2C11%2C12%2C13%2C14%2C15%2C16%2C3%2C17%2C18%2C23%2C24%2C25%2C26%2C27%2C19%2C20%2C4%2C5%2C21%2C22%2C6&baseParams\[activeSubmodule\]=coverage\\_main&baseParams\[yearRange\]=1985-2022](https://plataforma.bosqueatlantico.mapbiomas.org/qualidade?activeBaseMap=9&layersOpacity=100&activeModule=coverage_quality&activeModuleContent=coverage_quality%3Acoverage_quality_main&activeYear=2022&mapPosition=-18.979026%2C-46.450195%2C4&timelineLimitsRange=1985%2C2022&baseParams[territoryType]=1&baseParams[territories]=1%3BLimite%20del%20Bosque%20Atl%3%A1ntico%3B1%3BLimite%20del%20Bosque%20Atl%3%A1ntico%3B0%3B0%3B0%3B0&baseParams[activeClassTreeOptionValue]=default&baseParams[activeClassTreeNodeIds]=1%2C7%2C8%2C9%2C10%2C2%2C11%2C12%2C13%2C14%2C15%2C16%2C3%2C17%2C18%2C23%2C24%2C25%2C26%2C27%2C19%2C20%2C4%2C5%2C21%2C22%2C6&baseParams[activeSubmodule]=coverage_main&baseParams[yearRange]=1985-2022) Acesso em: 20 mar. 2024.

MARANDOLA JR., E. Mapeando “londrinas”: imaginário e experiência urbana. **Geografia**, Rio Claro, v. 33, p. 103-126, 2008.

MARANDOLA JR., E.; OLIVEIRA, L. Geograficidade e espacialidade na literatura. **Geografia**, Rio Claro, v. 34, p. 487-508, 2009.

MARANDOLA JR., Eduardo. Humanismo e arte para uma geografia do conhecimento. **Geosul**, Florianópolis, n. 49, p. 7-27, Jan./jun. 2010.

MARANDOLA JR., E. Vulnerabilidade do lugar: construção de um objeto e de uma metodologia em população e ambiente. **Textos NEPO**, UNICAMP, v. 62, p. 13-22, 2011.

MARANDOLA JR., E. Lugar enquanto circunstancialidade. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 227-247.

MARANDOLA JR., E. Prefácio In: TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Londrina: Eduel, 2013. p 7-10.

MARANDOLA JR., E. **Habitar em risco**: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana. São Paulo: Blucher, 2014.

MARANDOLA JR., E. Morte e vida do lugar: experiência política da paisagem. **Pensando**: Revista de Filosofia, v. 8, p. 33-50, 2017.

MARANDOLA, JR., E. **Fenomenologia do ser situado**: crônicas de um verão tropical urbano. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

MARANDOLA JR., E. Sabores geográficos para uma poética terrestre. In: GRATÃO, Lúcia Helena Batista. **Poética da Terra**: Saborear o cerrado pelo pequi goiano. Teresina, Cancioneiro, 2024. p. 13-16.

MARTINO, L. C. De qual comunicação estamos falando? *In*: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. (Org.). **Teoria da comunicação**: conceitos, escolas e tendências. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 11-25.

MARTINS, K. P. H. (Org.). **Profetas da Chuva**. Fortaleza: Tempo d'imagem, 2006.

MATOS, D. A. Avaliação da fragilidade potencial e emergente da sub-bacia do Riacho do Ipiranga. **Cadernos de Geociências**, v. 20, n. 1, p 1-23, 2025. DOI: 10.9771/geocad.v20i1.62610. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgeoc/article/view/62610>. Acesso em: 30 mar. 2025.

MATOS, D. A.; HADLICH, G. M.; TORRES, A. P. Hipsometria, declividade e rede de drenagem da Sub-Bacia do Riacho do Ipiranga, Presidente Tancredo Neves, Bahia. *In*: X JORNADA DE EDUCAÇÃO EM SENSORIAMENTO REMOTO NO ÂMBITO DO MERCOSUL E V SEMINÁRIO DE GEOTECNOLOGIAS, 2015, Lençóis. **Anais [...]**. 2015.

MATOS, D. A.; LIMA, E. M.; TORRES, A. P. Espacialidades, uso e gestão das águas do Riacho do Ipiranga no município de Presidente Tancredo Neves-Bahia. *In*: XI ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE, 2015, Presidente Prudente. A Diversidade da Geografia brasileira: Escalas e dimensões da análise e da ação. **Anais [...]**. 2015, p. 6222-6222.

MATOS, D. A.; TORRES, A. P. Avaliação da cobertura e uso da terra da sub-bacia do Riacho do Ipiranga, Presidente Tancredo Neves-BA. *In*: X SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SENSORIAMENTO REMOTO - SBSR, 2017. **Anais [...]**. 2017, p. 3814-3821.

MATOS, D. A.; TORRES, A. P. Uso conflitivo das Áreas de Preservação Permanentes (Código Florestal brasileiro, 2012) na Sub-bacia do Riacho do Ipiranga, Presidente Tancredo Neves, BA. 2019.

MENDES, E. **Projeto Conservador das Águas**: Lei Municipal de Produção de Água (Lei nº 001/2013). Presidente Tancredo Neves – BA, 2013. Documento cedido pelo vereador a autora em 2023.

MENDONÇA, F. A. Clima e percepção em geografia: Fundamentos teóricos – A percepção climática e a bioclimatologia humana. **Revista Brasileira de Climatologia**, [S. l.], v. 15, p 240-241, 2021. DOI: 10.5380/abclima. v15i0.40917. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/rbclima/article/view/13797>. Acesso em: 5 abr. 2025.

MENDONÇA, F.; DANNI-OLIVEIRA, I. M. **Climatologia**: noções básicas e climas do Brasil. 2. ed. São Paulo: Oficina de Textos, 2007.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Conversas** – 1948. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004b.

MONTEIRO, C. A. de F. **Análise rítmica em Climatologia**. São Paulo: USP/IGEOG, 1971. n. 1.

MONTEIRO, C. A. de F. **Teoria e clima urbano**. São Paulo: USP, Instituto de Geografia, 1973.

MONTEIRO, C. A. F. **Clima e excepcionalismo**: conjecturas sobre o desempenho da atmosfera como fenômeno geográfico. Florianópolis: EDUSC, 1991.

MONTEIRO, C. A. F. **O Estudo Geográfico do Clima**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1999.

MONTEIRO, C. A. F. **Geossistemas** - História de uma procura. São Paulo: Contexto, 2001. v. 1. 154 p.

MONTEIRO, C. A. F. **A geografia neste agora e num certo outrora**. Florianópolis: IIR/GCN/CFH/UFSC, 2020.

NAVARRO, E. A. **Dicionário de tupi antigo**: a língua indígena clássica do Brasil. São Paulo: Global, 2013

NOGUEIRA, A. R. B. **Percepção e representação gráfica**: a "geograficidade" nos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas. Manaus: Edua, 2014.

NOTÍCIAS DO DENDÊ. **A Lavagem do Amparo atrai milhares de pessoas em Valença**. Disponível em: <http://www.dendenews.com/2015/10/lavagem-do-amparo-atrai-milhares-de.html>. Acesso em: 20 jan. 2025.

OLIVEIRA, A. U. Geografia Agrária: perspectivas no início do Século XXI. In: OLIVEIRA, A. U.; MARQUES, M. I. M. (Org.). **O Campo no Século XXI**. São Paulo: Paz e Terra/Casa Amarela, 2004. p. 29-70.

OLIVEIRA, L. Os estudos de percepção do meio ambiente no Brasil. **OLAM**, Rio Claro, v. 4, p. 22-26, 2004.

OLIVEIRA, L. O sentido de lugar. In: MARANDOLA JR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 193-225.

OLIVEIRA, L. Orelha de livro. In: DARDEL, É. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Editora Perspectiva, 2015.

ONFRAY, M. **Teoria da viagem**: poética da geografia. Tradução Paulo Novaes. Porto Alegre: L&PM, 2009.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A ALIMENTAÇÃO E AGRICULTURA (FAO). **AQUASTAT - Sistema global de informação sobre água e agricultura**. Roma: FAO, 2022. Disponível em: <https://www.fao.org/aquastat> . Acesso em: 15 nov. 2024.

ORVALHO. *In*: **Michaelis** – Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, [s.d.]. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/orvalho>. Acesso em: 13 abr. 2025.

PADUA, Leticia Carolina Teixeira. **A geografia de Yi-Fu Tuan**: essências e persistências. 2013. Tese (Doutorado em Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: doi:10.11606/T.8.2013.tde-09122013-114313. Acesso em: 25 nov. 2024.

PERNA. *In*: **Michaelis** – Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, [s.d.]. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/perna>. Acesso em: 13 abr. 2025.

PINDER, F. S. P. **Geo-foto-grafia**: narrativas espaciais nas imagens de Sebastião Salgado. Salvador: Edufba, 2019. 293 p.

PIORSKY, G. **Brinquedos do chão**: a natureza, o imaginário e o brincar. São Paulo: Periópolis, 2016. 156 p.

PIRAMBEIRA. *In*: **Michaelis** – Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, [s.d.]. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/pirambeira>. Acesso em: 13 abr. 2025.

PRADO, A. **Bagagem**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.

RADAMBRASIL. **Mapa de Vegetação e Mapa de Geomorfologia** - Folha SD 24 - Salvador - Escala 1:1.000.000. Brasil, 1981.

RADAMBRASIL. **Levantamento de recursos naturais**. Rio de Janeiro: Projeto RADAMBRASIL, 1983. v. 32. 775p.

REDAÇÃO BAHIA. **Festa de Nossa Senhora do Amparo 2023 de Valença (Bahia) está no calendário de eventos do Ministério do Turismo do Governo Federal**. Disponível em: <http://redacaobahia.com.br/2023/11/07/festa-de-nossa-senhora-do-amparo-2023-de-valenca-bahia-esta-no-calendario-de-eventos-do-ministerio-do-turismo-do-governo-federal/>. Acesso em: 20 jan. 2025.

RELPH, E. As bases fenomenológicas da geografia. **Geografia**, v. 4, n. 7, p. 1-25, abr. 1979.

RELPH, E. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. *In*: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 17-32.

RIBANCEIRA. *In*: **Michaelis** – Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, [s.d.]. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ribanceira>. Acesso em: 13 abr. 2025.

RIGO, Neide. **Comida comum**. São Paulo: Ubu editora, 2024.

RISSO, L. C. A paisagem como ancestralidade: convocação do sagrado. *In*: MARANDOLA Jr., E.; HOLZER, W.; BATISTA, G. S. **Portais da Terra**: contribuições dos estudos humanistas para a Geografia Contemporânea, Teresina: EDUFPI, 2023. p. 383-415.

ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 84-91.

ROSS, J. L. S. Reflexões sobre o ensino de geografia nos níveis fundamental e médio. *In*: X SIMPÓSIO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, 2003, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. 2003. v. ii. p. 03-18.

ROSS, J. L. S. A fragilidade dos ambientes naturais e antrópicos. *In*: ROSSI, M. (Ed.). **Geomorfologia**: uma atualização de bases e conceitos. São Paulo: Ed. USP, 1990. p. 345-370.

ROSS, J. L. S. Análise empírica da fragilidade dos ambientes naturais e antropizados. **Revista do Departamento de Geografia**, v. Especial, p. 63-74, 1994.

ROSS, J. L. S. **Geomorfologia, ambiente e planejamento**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003a. 85 p.

ROSS, J. L. S. **Os fundamentos da geografia da natureza**. Geografia do Brasil. São Paulo: EDUSP, 2003b.

ROSS, J. L. S. **Ecogeografia do Brasil**: subsídios para planejamento ambiental. São Paulo: Oficina de Textos, 2006.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996a.

SANTOS, M. Da paisagem ao espaço: uma discussão. *In*: II ENEPEA. Universidade de São Marcos/FAUUSP, São Paulo, 1996b. **Anais** [...]. 1996, p. 33-42.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SARAMAGO, J. **O conto da ilha desconhecida**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.



SARAMAGO, J. **Levantado do chão**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. *In*: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. (Coord.). **Crianças e miúdos**. Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto: Asa, 2004. p. 9-34.

SARTORI, M. G. B. **Clima e percepção geográfica**. Santa Maria: Palotti, 2014.

SARTRE, J. P. **O ser e o nada**: Ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução Paulo Perdigão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

SATO, M.; PASSOS, L. A. Pelo prazer fenomenológico de um não texto. *In*: GUIMARÃES, Mauro (Org.). **Caminhos da educação ambiental**: Da forma à ação. Campinas, SP: Papirus, 2006. p. 17-30.

SERPA, A. O trabalho de campo em Geografia: Uma abordagem teórico-metodológica. **Boletim Paulista de Geografia**, v. 84, p. 7-24, 2006.

SERPA, A. **Cidade Popular**: Trama de relações sócio-espaciais. Salvador: Edufba, 2007, p. 306.

SERPA, Angelo. Paisagem, lugar e região: perspectivas teórico-metodológicas para uma Geografia Humana dos espaços vividos. **GEOUSP** – espaço e tempo, São Paulo, n. 33, p. 168-185, 2013.

SERPA, Angelo. Ser lugar e ser território como experiências do ser-no-mundo: um exercício de existencialismo geográfico. **GEOUSP**, v. 21, p. 586-600, 2017.

SERPA, Angelo. **Por uma Geografia dos Espaços Vividos**: Geografia e Fenomenologia. São Paulo: Contexto, 2019.

SILVA, C. B. **Pela terceira margem do rio**: urdiduras do vivido e permanências socioculturais em espacialidades ribeirinhas no Baixo Rio São Francisco. 2024. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2024.

SORRE, M. **Les fondements de la Géographie Humaine**. Les fondements biologiques. Essai d'une écologie de l'homme, Tomo I. Paris: Armand Colin, 1951. 616p.

SOUZA, Hanilton Ribeiro de. **A cidade que não habita em mim!** Diversas ruralidades, múltiplas territorialidades e narrativas de alunos da roça sobre a cidade. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) – Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Salvador, 2018.

SOUZA, J. A. X. **Caminhar, Horizonte de Poesias**. Curitiba: CRV, 2020.

STRAHLER, A. N. Quantitative analysis of watershed geomorphology. New Halen: Transactions. **American Geophysical Union**, v. 38, p. 913-920, 1957.

SUERTEGARAY, D. M. A. **Terra: Feições Ilustradas**. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

TAIZ, L.; ZEIGER, E. **Fisiologia vegetal**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.

TEMPO ATMOSFÉRICO. *In: Michaelis* – Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, [s.d.]. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/tempo%20atmosf%C3%A9rico>. Acesso em: 13 abr. 2025.

THORNTHWAITE, C. W. An Approach Toward a Rational Classification of Climate. **Geographical Review**, v. 38, n. 1, p. 55-94, 1948.

TOMASONI, M. A. **Análise das transformações socioambientais com base em indicadores para recursos hídricos no cerrado baiano: O caso da Bacia hidrográfica do Rio de Ondas/BA**. 2008. 295 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2008.

TRAD, L. A. B. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis: Revista De Saúde Coletiva**, v. 19, n. 3, p. 777–796, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312009000300013>.

TRICART, J. **Ecodinâmica**. Rio de Janeiro: SUPREN – IBGE, 1977.

TROMBA D'ÁGUA. *In: Michaelis* – Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, [s.d.]. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/tromba%20d%27%C3%A1gua>. Acesso em: 13 abr. 2025.

TROPMAIR, H. **Biogeografia e meio ambiente**. Rio Claro: Graffset, 1999. 205p.

TUAN, Yi-Fu. **Space and place: the perspective of experience**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1977.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Londrina: Eduep, 2013. 248 p.

TUCCI, C. E. M. **Hidrologia: ciência e aplicação**. 2. ed. Porto Alegre: ABRH/Editora da UFRGS, 1997. (Col. ABRH de Recursos Hídricos, v. 4).

TUCCI, C. E. M. **Hidrologia: ciência e aplicação**. 4. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

TUNDISI, J. G. A bacia hidrográfica como laboratório experimental para o ensino de ciências, geografia e educação ambiental. *In: SCHIEL, D. et al. (Orgs.). O estudo de*

**bacias hidrográficas:** uma estratégia para educação ambiental. 2. ed. São Carlos: Rima, 2003. p. 3-8.

UGB, União Brasileira de Geomorfologia. **Sistema brasileiro de classificação do relevo- 2022**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9rfk4iPLpfY&t=4852s>. Acesso em: 19 ago. 2024.

VAGE. *In: Michaelis* – Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, [s.d.]. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/vage>. Acesso em: 13 abr. 2025.

VARGAS, M. A. M. **Desenvolvimento regional em questão:** o Baixo São Francisco revisitado. Aracaju: UFS, NPGeo, 1999. v. 500. 279p.

VARIANTE. *In: Michaelis* – Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, [s.d.]. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/variante>. Acesso em: 13 abr. 2025.

VAZ, C. B. N. **Reflexões sobre a rua:** tensões entre memória e imaginação em experiências nas ruas soteropolitanas. Tese (Doutorado) – Instituto de Geociências, Programa de pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

WEZEL, A.; LYKKE, A. M. Woody vegetation change in Sahelian West Africa: Evidence from local knowledge. **Environment, Development and Sustainability**, v. 8, p. 553-567, 2006.

WRIGHT, J. K. Terrae incognitae: o lugar da imaginação na geografia / Terrae incognitae: the place of the imagination in geography. **Geograficidade**, v. 4, n. 2, p. 4-18, 9 nov. 2014.

WULF, A. **A invenção da natureza:** a vida e as descobertas de Alexander von Humboldt. 2. ed. São Paulo: Crítica, 2016.